

RENATA BRAZ GONÇALVES

LIVROS E LEITURA NA CIDADE DE PELOTAS-RS NO FINAL
DO SÉCULO XIX:
um estudo através dos jornais pelotenses (1875-1900)

Tese apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em
Educação da Universidade
Federal de Pelotas, como
requisito parcial à obtenção do
título de Doutor em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Peres

Pelotas, 2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635l Gonçalves, Renata Braz
 Livros e leitura na cidade de Pelotas–RS no final do século xix:
 um estudo através dos jornais pelotenses (1875-1900) / Renata Braz
 Gonçalves. – 2010.
 235 f.

 Orientador: Eliane Teresinha Peres. Tese (Doutorado) –
 Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação,
 Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

 1. História da Educação. 2. História da Leitura. 3. Pelotas.
 I.Título.

 CDU: 37 (091) (816.5)

Catalogação na Publicação: Renata Braz Gonçalves CRB 10/ 1502

Banca examinadora:

Profa. Dra. Eliane Teresinha Peres (Orientadora)

Prof. Dr. Elomar Antonio Callegaro Tambara

Prof. Dr. Eduardo Arriada

Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, ao destino e à vida, pela oportunidade de compor a primeira turma do Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Pelotas.

Agradeço por ter sido orientada por uma pessoa admirável, a professora Eliane Peres, companheira e amiga, que acreditou, investiu e trabalhou comigo nesta pesquisa, sempre trazendo questionamentos e considerações que me fizeram crescer como pesquisadora e pessoa.

Agradeço por ter convivido com colegas e amigos, professores e estudantes do PPGE que compartilharam ricos momentos de ensino e aprendizagem, dos quais saliento as reuniões do Grupo de Pesquisa Hisales. Hisalenses, muito obrigada!

Agradeço aos parentes e amigos por torcerem por mim e entenderem minhas ausências, sempre incentivando o término deste trabalho.

Agradeço aos professores Maria Helena Camara Bastos, Cláudio Omar Iankhe Nunes, Elomar Tambara e Eduardo Arriada, que compuseram a banca do exame de qualificação e fizeram importantes contribuições para a finalização deste trabalho. Agradeço à professora Maria Teresa Santos Cunha e ao professor Artur Emilio Alarcon Vaz por aceitarem participar da avaliação do trabalho final e pelas contribuições que trarão.

Agradeço aos colegas e alunos do Curso de Biblioteconomia e do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da FURG, pela compreensão em relação às minhas dificuldades, por conta de fazer um curso e escrever uma tese de doutorado sem afastamento das atividades do trabalho.

Agradeço às amigas professoras Taiçara Farias Canêz Duarte e Helena de Araújo Neves, pela leitura atenta do texto; e à amiga Adriana Santos pela elaboração do abstract.

Agradeço às estudantes Roberta Medeiros Correa, Maria Inês Piva Penteado, Suelen Farias, Suelen Silveira e à professora Andrea da Silva Barboza, que me ajudaram na cópia e transcrição de textos.

Agradeço à Sra. Sônia Tavares Garcia, funcionária do Museu da Bibliotheca Pública Pelotense, pelo auxílio na localização de documentos e pela troca de conhecimentos.

Agradeço ao meu amor, Régis, por todo apoio, carinho e paciência, ao escutar todos os “não posso, pois tenho que estudar”, desses últimos quatro anos.

Agradeço à minha mãe, Jandira, e ao meu pai, Renato, por me contarem muitas “historinhas” na infância, por serem meus grandes amigos e incentivadores com quem compartilhei medos e sonhos durante essa caminhada.

RESUMO

A partir de uma abordagem qualitativa, esta pesquisa documental teve por objetivo identificar representações de leitura registradas pela imprensa da cidade de Pelotas-RS no final do século XIX. Compuseram o *corpus* de análise notícias, anúncios, comentários e textos literários publicados nos jornais (comerciais, literários, políticos, noticiosos ou humorísticos) em circulação em Pelotas, entre 1875 e 1900, bem como estatutos e atas de sociedades literárias e da Bibliotheca Pública Pelotense. Para dar suporte a pesquisa, buscou-se abordar as noções e metodologias utilizadas e difundidas por historiadores da leitura que trabalham sob a perspectiva da História Cultural, com ênfase em Roger Chartier, que apresenta como noções centrais a representação e a apropriação. A partir da análise dos jornais, foram identificados aspectos da produção e circulação de materiais de leitura – livrarias, tipografias, autores e editores – em Pelotas, no século XIX. Também foram constatadas representações de leitores, os quais poderiam ser classificados por gênero, mulheres e homens, e por faixa etária, crianças e adultos. A análise ainda permitiu descrever os espaços e eventos de leitura, como a Bibliotheca Pública Pelotense, as associações literárias e os saraus realizados nesses locais. Além disso, foram identificadas as representações de leitura nos discursos escritos nos jornais, a partir dos quais foi possível perceber a leitura como instrução, necessidade, perigo e salvação bem como verificar uma direta relação com a alfabetização.

Palavras-Chave: História da Educação. História da Leitura. Pelotas.

ABSTRACT

Based on a qualitative approach, this documental research has had as an objective to identify reading representations that were registered by the press from Pelotas-RS, in the end of the XIX century. The corpus analysis has been composed by news, ads, comments and literary texts, all published in the newspapers (commercial, literary, political, news-like or ludicrous) circulating in Pelotas between 1875 and 1900, as well as regulations and minutes from literary groups and from the Pelotense Public Library. In order to provide support for this research, we have tried to approach the concepts and the methodologies used and spread by the reading historians who work under the perspective of Cultural History, emphasizing Roger Chartier, who presents the Representation and the Appropriations as central concepts. In order to do so, aspects of production and circulation of reading pieces - typography, libraries, authors and editors - have been identified in Pelotas, in the XIX century. Readers' representation that could be classified by gender: men and women, age, children and adults have also been stated. The analysis has also allowed the description of reading events and spaces as: The Pelotense Public Library, literary associations and the "saraus" (musical and literary gatherings) that happened in these places. Apart from that, the reading representations in the newspapers written speeches (in which it was possible to understand reading as instruction, need, danger and salvation, as well as to verify a straight relation with literacy), have been identified.

Key-Words: Education History. History of Reading. Pelotas.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - QUADRO POPULAÇÕES URBANAS E RURAIS EM PELOTAS (1872)	27
FIGURA 2 - QUADRO POPULAÇÕES URBANAS E RURAIS EM PELOTAS (1890)	27
FIGURA 3 - QUADRO JORNAIS CONSULTADOS NA ORDEM EM QUE FORAM PESQUISADOS	39
FIGURA 4 - FOTOGRAFIA DO AVISO NO ACERVO DE JORNAIS DO MUSEU DA BPP	40
FIGURA 5 - FOTOGRAFIA DO ACERVO DE JORNAIS DO MUSEU DA BPP	40
FIGURA 6 - IMAGEM DA CAPA DO JORNAL CORREIO MERCANTIL (1878)	44
FIGURA 7 - IMAGEM DE MEIA PÁGINA DO JORNAL LITERÁRIO PROGRESSO LITTERARIO (1888)	45
FIGURA 8 - IMAGEM DA CAPA DO JORNAL ALBUM LITTERARIO (1875)	46
FIGURA 9 - IMAGEM DA CAPA DO JORNAL LITERÁRIO A PENNA (1884)	47
FIGURA 10 - IMAGEM DA CAPA DA FOLHA ILLUSTRADA E HUMORÍSTICA A VENTAROLA (1881)	48
FIGURA 11 - PÁGINA DE ROSTO DO LIVRO FLAMARANDE (1875)	56
FIGURA 12 - IMAGEM DA PÁGINA DE ROSTO DE FOLHETIM O DIABO NA CORTE (1882)	60
FIGURA 13 - IMAGEM DAS PÁGINAS DO FOLHETIM NO JORNAL (1882)	61
FIGURA 14 - CARICATURAS DOS JORNAIS PELOTENSES (1887)	63
FIGURA 15 - CAPAS DE LIVROS EDITADOS EM PELOTAS NO FINAL DO SÉCULO XIX – LIVRARIA AMERICANA E TYPOGRAPHIA DO CORREIO MERCANTIL	68
FIGURA 16 - ANÚNCIO DA LIVRARIA AMERICANA – VENDA DE DIVERSOS PRODUTOS (1884)	69
FIGURA 17 - CIRCUITO DAS COMUNICAÇÕES.	73
FIGURA 18 - ANÚNCIOS DE LIVRARIAS (1892)	79
FIGURA 19 - PROPAGANDA NOVEAUTE (1887).	87
FIGURA 20 - PROPAGANDA L' INDÉPENDANCE (1887).	89
FIGURA 21 - LIVROS DOADOS PARA A BIBLIOTECA (1884)	92
FIGURA 22 - ANÚNCIO OBRAS DE PAULO DE KOCK E LIVRO LE REVÊ (1889).	94
FIGURA 23 - FOLHINHA BLOC (1899)	95
FIGURA 24 - ANÚNCIO DO LIVRO O PROPHETA INFALLIVEL (1893)	97
FIGURA 25 - ANÚNCIO DO JORNAL LA SAISON (1889)	110

FIGURA 26 - ANÚNCIO ALMANACK DAS SENHORAS (1889).....	111
FIGURA 27 - PÁGINA DE ROSTO DA OBRA LE REVÊ. PARIS: G. CHARPENTIER, 1888.	115
FIGURA 28 - ANÚNCIO DO LIVRO A MÃE E O FILHO (1893).....	117
FIGURA 29 - CAPA DE "O ROMANCE DE UM HOMEM POLÍTICO" DE BRANCA DE CARVALHO (1909).	118
FIGURA 30 - ANÚNCIO DO LIVRO "AS BOAS DONAS DE CASA" (1891)	120
FIGURA 31 - PÁGINA DE ROSTO DO LIVRO LA FEMME FORTE	124
FIGURA 32 - COLABORAÇÃO DE MULHERES NO JORNAL PROGRESSO LITTERARIO, 01 JUL. 1888.....	130
FIGURA 33 - CARTA DE JULIETA SARA TAVEIRA (1882).	131
FIGURA 34 - ANÚNCIO BIBLIOTECA PICANTE (1882).	134
FIGURA 35 - TRADUÇÕES DO LIVRO GERMINAL NO BRASIL	137
FIGURA 36 - ANÚNCIO LIVRARIA AMERICANA - LEITURA PARA HOMENS (1882).....	139
FIGURA 37 - CAPA DO LIVRO PAULO DE KOCK.....	141
FIGURA 38 - ANÚNCIO AOS CHEFES DE FAMÍLIA (1891).	142
FIGURA 39 - QUADRO BIBLIOTECAS PÚBLICAS BRASILEIRAS FUNDADAS NO SÉCULO XIX.....	148
FIGURA 40 - FOTOGRAFIA DOS ESTATUTOS DAS ASSOCIAÇÕES LITERÁRIAS (1876); (1882)	165
FIGURA 41 - CONVITE SARAU NA BIBLIOTHECA (1882).....	168
FIGURA 42 - LEITURA PÚBLICA DO JORNAL (1888).....	171
FIGURA 43 - CARICATURA LEITURA EM CASA (1888).....	176
FIGURA 44 - CARICATURA LEITURA NA CAMA(1880).....	177
FIGURA 45 - ANÚNCIO DO COLLEGIO SILVEIRA (1880).	193

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 HISTÓRIA DA LEITURA: MULTIPLICIDADE DE FONTES E DE ABORDAGENS	15
2 CONTEXTO, FONTES CONSULTADAS E PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	26
2.1 A cidade de Pelotas no final do século XIX	26
2.2 O uso de jornais como fonte de pesquisa: coleta de dados	34
2.3 Características dos jornais pelotenses no final do século XIX	42
3 LEITURAS DIFERENTES, EFEITOS DIFERENTES: MATERIAIS PARA LEITURA QUE CIRCULAVAM EM PELOTAS NO FINAL DO SÉCULO XIX	52
3.1 Periódicos	52
3.2 Livros anunciados nos jornais	64
3.2.1 Livros Franceses	85
3.3 Livros doados para a Bibliotheca Pública Pelotense	89
3.4 Outros materiais para leitura e escrita	95
4 OS LEITORES REPRESENTADOS: ENTRE O REAL E O ESPERADO	100
4.1 Leitura para mulheres	101
4.2 Leitura para homens	133
4.3 Leitura para crianças	143

5. ESPAÇOS E EVENTOS DE LEITURA EM PELOTAS NO FINAL DO SÉCULO XIX	147
5.1 A Bibliotheca Pública Pelotense	147
5.2 As Associações Literárias	158
5.3 Recitais e Saraus de Leitura	167
5.4 Eventos privados de leitura	174
6 O LIVRO E A LEITURA REPRESENTADOS NOS JORNAIS PELOTENSES DO FINAL DO SÉCULO XIX	179
6.1 Alfabetização e leitura: uma necessidade	181
6.2 O livro: entre o “sagrado” e o “profano”	189
6.3 A leitura poderia ser perigosa e improdutiva	194
CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
REFERÊNCIAS	207
ANEXOS	218

INTRODUÇÃO

A leitura tem sido uma temática do meu interesse desde que ingressei como aluna da graduação no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em 1997. O primeiro projeto de pesquisa em que trabalhei foi sobre a História da Feira do Livro da FURG (GONÇALVES; MIRANDA, 2003). No entanto, durante a participação no projeto e em toda a graduação, não tive a oportunidade de conhecer as diferentes abordagens de estudo sobre a leitura e, menos ainda, de trabalhar com a História da Leitura. Foi durante a realização do curso de Mestrado em Educação na UFPEL, entre os anos de 2003 e 2005, que pude constatar, através de revisão de literatura, que a produção bibliográfica dos cursos de pós-graduação brasileiros, nas três últimas décadas, teve um grande aumento de pesquisas cujo objeto de estudo era a leitura.

Verifiquei, ainda, por meio de consulta a trabalhos sobre o estado da arte de pesquisas relacionadas à leitura, como o de Norma Sandra Ferreira (2001), que essa consolidação aconteceu em diferentes áreas do conhecimento, como Letras, Sociologia, Biblioteconomia, História, Psicologia e, principalmente, na área da Educação. De acordo com Ferreira (2001, p. 83), o aumento do número de investigações sobre leitura é uma resposta bastante concreta dos pesquisadores e professores universitários aos desafios da educação no Brasil e às perspectivas de mudanças, trazidas tanto pelas importantes alterações políticas do início da década de 1980 quanto pelas mudanças de paradigmas nas Ciências Humanas.

Miriam Zappone (2001), ao analisar a produção acadêmica sobre leitura em âmbito mais amplo, afirmou que, em linhas gerais, as pesquisas estão fundamentadas em quatro matizes, as quais a autora designou como *Linha Estruturalista-funcionalista*, *Linha Sócio-política*, *Linha Cognitivo-processual* e *Linha*

Discursiva (ZAPPONE, 2001, p. 46). Esses dois trabalhos me ajudaram sobremaneira na pesquisa que desenvolvi no curso de Mestrado em Educação, a qual teve por objetivo investigar a existência de uma política sistematizada de incentivo à leitura no município de Pelotas no final do século XX (GONÇALVES, 2005). Utilizei as matizes definidas por Zappone para identificar as concepções de leitura apresentadas pelas professoras que desenvolviam propostas de incentivo à leitura nas escolas.

Em um processo de pesquisa, como se sabe, algumas opções precisam ser feitas, e, por conta dessas escolhas, alguns temas e referências que também nos interessam precisam ser descartados. Como na prática historiográfica não utilizamos todas as fontes primárias para compor o *corpus* da pesquisa, alguns referenciais teórico-metodológicos também ficam de lado, porém não esquecidos. Sendo assim, embora tenha, durante a realização do Curso de Mestrado, identificado como grande potencial de estudo a área da História da Leitura e a cidade de Pelotas no século XIX como objeto/lócus a ser estudado, não foi possível incorporar esse tema aos meus estudos, visto que o meu trabalho já estava em andamento, as escolhas já tinham sido feitas. Mas a vontade de trabalhar com a História da Leitura permaneceu.

Esta tese, portanto, que foi desenvolvida na linha de pesquisa Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, é o resultado de um trabalho sobre História da Leitura de Pelotas.

Considerando a leitura uma prática cultural e Pelotas um dos berços da cultura do Rio Grande do Sul, e entendendo que toda sociedade em momentos distintos possui representações e discursos próprios sobre uma determinada prática cultural, esta pesquisa busca identificar que discursos e representações sobre a leitura foram registrados pela imprensa pelotense no final do século XIX, período caracterizado pela “opulência e cultura” da cidade (MAGALHÃES, 1993; PERES, 1995; LONER, 2002).

Nessa perspectiva, os objetivos específicos consistem em identificar indícios do que era lido, de quem lia e de onde se lia em Pelotas no final do século XIX. Para tanto, foram selecionados como fonte de pesquisa jornais publicados em Pelotas no século XIX. O conjunto desses periódicos é formado por títulos que se denominavam

de diferentes formas, como, por exemplo, comerciais, literários, políticos, noticiosos ou ilustrados e humorísticos.

Para dar suporte a esta pesquisa, buscou-se abordar as noções e metodologias utilizadas e difundidas por historiadores da leitura que trabalham sob a perspectiva da História Cultural, com ênfase naquelas propostas por Roger Chartier, que apresenta como noções centrais a representação e a apropriação.

A noção de representação pode ser empregada no estudo dos textos dos periódicos, uma vez que a fonte não apresenta o passado tal como ele ocorreu, deixando de ser um reflexo ou cópia do real. Logo, é possível afirmar que a análise dos jornais, isto é, da imprensa da época, permite interpretar como a realidade social foi construída e transmitida através de uma visão de mundo, ou seja, como aquele grupo de indivíduos – jornalistas, leitores, correspondentes – percebia a leitura e as atividades relacionadas a ela, no final do século XIX, e como essas percepções eram comunicadas aos leitores, de acordo com suas intenções, posições e interesses.

Dessa forma, os textos podem ser tomados como representações do passado vinculadas à visão da imprensa, a qual exprime posicionamentos e opiniões dos jornalistas, colaboradores e leitores.

Espera-se que este estudo possa, além de contribuir para a compreensão das representações de leitura no final do século XIX, provocar uma reflexão sobre o desenvolvimento dessa prática e sobre o que a cerca até os dias de hoje. Para tanto, o presente texto está organizado em cinco capítulos, conforme se especifica a seguir.

O primeiro capítulo - História da leitura: multiplicidade de fontes e de abordagens - compreende uma revisão de literatura que apresenta e discute conceitos e métodos que foram adotados como referenciais para execução da pesquisa.

No segundo capítulo - Contexto, fontes consultadas e percurso metodológico da pesquisa - é demonstrada detalhadamente a metodologia desenvolvida para coleta e análise dos dados. Nesse capítulo, são identificadas as fontes analisadas para formação do *corpus*, além de ser realizada uma discussão sobre a utilização dos periódicos como fonte de pesquisa para a história da leitura.

No terceiro capítulo - Leituras diferentes, efeitos diferentes: materiais para leitura que circulavam em Pelotas no final do século XIX - são abordadas características dos suportes e dos textos de materiais de leitura citados nos jornais pelotenses da época.

O quarto capítulo - Os leitores representados: entre o real e o esperado - discorre sobre os leitores que são representados nos jornais. Em um conjunto de textos selecionados, procurou-se, nos jornais, evidências sobre as características dos leitores, bem como de algumas de suas práticas de leitura.

Já o quinto capítulo - Espaços e eventos de leitura em Pelotas no final do século XIX - apresenta os locais e eventos públicos de leitura, dos quais se destacam a Bibliotheca Pública Pelotense e as Associações Literárias. São evidenciados aspectos de sua criação, seus objetivos e formas de funcionamento.

No sexto capítulo - Concepções de livro e de leitura representadas nos discursos publicados nos jornais pelotenses do final do século XIX - são destacadas algumas representações do livro e da leitura nos discursos reproduzidos nos jornais que trazem a leitura e a educação como foco.

Nas considerações finais da tese, procura-se realizar uma síntese das conclusões a que se chegou durante o desenvolvimento da pesquisa, bem como uma avaliação da mesma, tendo por base os questionamentos iniciais da investigação.

1 HISTÓRIA DA LEITURA: MULTIPLICIDADE DE FONTES E DE ABORDAGENS

Segundo Zilberman e Silva (1999), enquanto prática, a leitura associa-se, desde seu aparecimento, à difusão da escrita, à fixação do texto à matéria livro (ou em uma forma similar a essa), à alfabetização das populações e à adoção de um comportamento mais pessoal e menos dependente dos valores tradicionais e coletivos, veiculados por meio oral através da religião e dos mitos.

Após analisar o Estado da Arte das pesquisas sobre História da Leitura, percebe-se uma grande produção de textos sobre essa temática, entre os quais se verificam estudos que têm como foco a história cultural do ocidente.

Segundo Lyons (1999a), a História da Leitura pode ser definida como o estudo da maneira como leitores inserem-se no mundo da cultura escrita. Diz o autor que “o historiador aqui se torna um estudante dos primeiros passos no letramento, avaliando de que forma práticas pedagógicas do passado iniciaram crianças na leitura e na escrita” (LYONS, 1999a, p. 8).

De acordo com o mesmo autor, antes de qualquer coisa, a História da Leitura é o estudo das normas e práticas que determinam as respostas dos leitores àquilo que leem. Lyons afirma que certos modelos de leitura, que incorporam materiais de leitura recomendados bem como regras e tabus, têm sido promovidos pelas igrejas, sindicatos de trabalhadores, educadores e outros grupos interessados em dirigir ou mobilizar o leitor.

Galvão (2006) argumenta que estudar a história da leitura possibilita diversificar o entendimento sobre os processos educativos na história, pois, segundo a autora, esse entendimento até bem pouco tempo estava limitado às políticas

educacionais e ao pensamento pedagógico. A autora afirma, em estudo recente, que “muito pouco se tem produzido/escrito/publicado sobre processos educativos não escolares” (GALVÃO, 2006, p. 19), embora se saiba que eles, até um momento histórico muito próximo de nós, tenham exercido força, às vezes muito maior do que a escola, na inserção das pessoas em mundos culturais específicos, como é o caso de alguns lugares no Brasil.

Para subsidiar pesquisas cujo foco é a História da Leitura, têm sido utilizadas diversas fontes: obras de ficção; relatos autobiográficos; cartas; bibliografias; catálogos das feiras de livros; documentos de empresas tipográficas; registros alfandegários, notariais e de direito do livro; inventários; lista de assinantes; registros de empréstimos nos arquivos das bibliotecas; iconografias; periódicos; e equipamentos utilizados para a leitura, como mobiliários, por exemplo (DARNTON, 1992).

Assim como a leitura de um modo geral, a “História da leitura” enquanto área de conhecimento abriga pesquisas de orientação e natureza diversificadas. Como se observa, os autores não se limitam a estudar apenas os usos da leitura e da escrita, mas abordam também os lugares onde elas se desenvolvem (sala, quarto, biblioteca, escritório, jardim), as obras mais lidas, os gêneros favoritos dos leitores, o significado desses atos para o leitor (descanso, meditação, reflexão, oração), as ocasiões de leitura e escrita (em família, durante uma viagem, em uma reunião social, etc.) (CHARTIER, 1994, p. 16).

Trabalhos sobre História da Leitura podem ser desenvolvidos a partir do uso de teorias de diferentes áreas, como Filosofia, Sociologia, Linguística, Antropologia e Literatura. Essa forma de pesquisar parte de uma percepção da leitura como uma prática plural e permite que, de certa forma, articulem-se aspectos de diferentes abordagens teóricas sobre a leitura, fazendo com que surja uma forma diferente de pensar o conceito de leitura que é então disseminada pela História Cultural.

De acordo com Peter Burke (2005, p. 43):

O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar).¹

Atualmente, no Brasil, percebe-se uma grande adesão à fundamentação teórica e metodológica da História Cultural no desenvolvimento de pesquisas que têm como foco não só a leitura no passado, mas também a leitura na contemporaneidade.

A História Cultural pode ser considerada como uma tendência historiográfica que propõe uma nova forma de interrogar a realidade, vislumbrando “identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16). Para isso, lança mão de novos princípios de inteligibilidade, salientando o papel das representações na criação, manutenção e recriação do mundo social.

Para Chartier, pensar de outro modo a cultura e, por consequência, o próprio campo da história intelectual “exige concebê-la como um conjunto de significações que se enunciam nos discursos ou nos comportamentos aparentemente menos culturais”. Para referendar, o autor cita Geertz (1973 apud CHARTIER, 1990, p. 67):

O conceito de cultura ao qual adiro [...] denota um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida.

A História Cultural tem sua origem associada à Escola dos *Annales*, movimento que se contrapunha ao paradigma da historiografia tradicional e que surgiu na França, em 1929, com a publicação do periódico *Annales d'histoire économique et sociale*. A primeira geração, representada por Marc Bloch e Lucien Febvre, preocupava-se com o problema do método no campo das ciências sociais e pretendia ser a difusora de uma abordagem nova e interdisciplinar da história, bem como exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica.

¹ Optei por conservar a grafia original dos textos transcritos para possibilitar futuros estudos por outros pesquisadores.

A segunda geração dos *Annales* foi protagonizada por Fernand Braudel, que sucedeu Febvre como diretor da referida revista. Segundo Braudel, a contribuição especial do historiador às ciências sociais é a consciência de que todas as "estruturas" estão sujeitas a mudanças (BRAUDEL apud BURKE, 1991, p. 55).

A terceira geração da Escola dos *Annales*, iniciada em 1960, é marcada por um crescente interesse dos historiadores por temas pertencentes ao domínio da cultura e pelo questionamento sobre a primazia, até então, conferida ao estudo das conjunturas econômicas ou demográficas.

De acordo com Pesavento (2005), [a História Cultural] envolve pesquisadores com posturas diferentes, entretanto todos trabalham sobre o que se considera instância cultural, ou a produção de sentidos sobre o mundo construído pelos homens do passado. Segundo a autora (PESAVENTO, 2005, p. 7), a história cultural correspondia, em 2005, a cerca de 80% da produção bibliográfica nacional, expressa não só nas publicações especializadas, sob a forma de livros e artigos científicos, como nas apresentações de trabalhos em congressos e simpósios, ou ainda nas dissertações e teses, defendidas e em andamento, nas universidades brasileiras.

Grande parte dos trabalhos sobre leitura desenvolvidos sob a influência dessa corrente historiográfica remete aos estudos do historiador francês Roger Chartier, que se tornou referência mundial para o estudo da cultura escrita, indicando um novo olhar científico para as pesquisas sobre a História do Livro e da Leitura. Estudar a História da Leitura sob a perspectiva de Chartier ajuda a pensar no percurso realizado pelo texto até se transformar em livro, ou, ainda, em outro suporte de leitura; levando-nos a evidenciar os diferentes significados atribuídos não só pelos seus autores, mas também pelos leitores.

José Sérgio Leite Lopes (1994), ao analisar a produção acadêmica de Chartier, afirma que sua obra contempla quatro grandes linhas. A primeira delas seria a análise histórica das instituições de ensino e das sociabilidades intelectuais, em que se destaca o livro *L'éducation en France du XVI au XVIII e siècles*, de R. Chartier, M. M. Compère e D. Julia, publicado em 1976.

A segunda linha de pesquisa em que a produção de Roger Chartier também se notabiliza é a da análise da cultura política nas suas várias configurações, dos

círculos cortesãos aos meios populares. Esta linha inclui os estudos críticos das concepções dos historiadores em torno da cultura popular, dos quais se destaca a análise da coleção da *Bibliothèque Bleue* (coleção de livros acessíveis - romances de cavalaria, contos de fadas, livros de devoção - vendidos por ambulantes na França do Antigo Regime) (CHARTIER, 2001, p. 100).

Chartier recusa o pressuposto de que os contrastes e as diferenças culturais estejam forçosamente organizados em função de um recorte social previamente constituído. Uma de suas primeiras recusas se dá em relação ao “primado quase tirânico do social” (CHARTIER, 1990, p. 45), que sustentou a produção de uma história social da cultura, preocupada em caracterizar culturalmente os grupos sociais (erudito x popular) ou caracterizar socialmente os produtos culturais (elite x povo). Segundo a teoria de Chartier, não importa saber se é possível chamar de popular aquilo que é criado pelo povo ou aquilo que lhe é destinado, mas, sim, “identificar a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, se cruzam e se imbricam diferentes formas culturais” (CHARTIER, 1990, p. 56).

Uma terceira linha de pesquisa desenvolvida pelo autor é a reflexão sobre a prática historiográfica, em que Chartier examina as condições de produção dos historiadores, incluindo a discussão dos conceitos e formas discursivas que fundam essa mesma prática. Salienta a necessidade de se pensar em outros termos a relação entre recortes sociais e as práticas culturais, propondo o deslocamento de uma História Social da Cultura para uma História Cultural da Sociedade. Para o autor:

Uma sociologia retrospectiva, que durante muito tempo fez da distribuição desigual dos objetos o critério primeiro da hierarquia cultural, deve ser substituída por uma outra abordagem, que centre a sua atenção nos empregos diferenciados, nos usos contrastantes dos mesmos bens, dos mesmos textos, das mesmas idéias (CHARTIER, 1990, p. 136).

Ao que tudo indica, a linha de pesquisa considerada central no conjunto da obra de Chartier é a quarta linha, que trata da História da Leitura e das práticas de leitura e de escrita.

A ênfase desta linha se dá tanto no estudo das práticas da leitura do passado, como, por exemplo, as pesquisas sobre a leitura na França do Antigo Regime; quanto nas práticas do presente, com as reflexões sobre a relação entre a leitura e o mundo digital. Por ser esta uma preocupação permanente na produção de

Chartier, aparentemente suas obras nessa linha é que têm atingido maior repercussão no Brasil.

Suas investigações procuram reconstituir as diferentes maneiras de praticar a leitura, cujos modos e modelos variam de acordo com a época, o lugar e a comunidade estudados. Para tanto, trabalha com noções centrais como a apropriação e a representação.

Ao trabalhar com a noção de apropriação, Chartier utiliza-se do conceito criado por Michel de Certeau, que diz que a apropriação é definida como o consumo cultural, ou seja, como uma operação de produção que, embora não fabrique nenhum objeto, assinala a sua presença a partir de maneiras de utilizar os produtos que lhe são impostos. De Certeau (1994, p. 104) afirma que a leitura se insere dentro das práticas cotidianas dos consumidores, assim como habitar, circular, falar, comprar, cozinhar. Para o autor, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas. Parafraseando Certeau, Chartier afirma que:

As estratégias supõem lugares e instituições, produzem objetos, normas e modelos, acumulam e capitalizam; As táticas, desprovidas de lugar próprio, sem controle sobre o tempo, são "maneiras de fazer" ou, melhor, "maneiras de fazer apesar de". (CHARTIER, 2003, p. 53)

De acordo com Chartier, as práticas de apropriação (táticas) são o contraponto às operações (estratégias) que visam disciplinar e regular o consumo cultural.

A outra noção central trabalhada por Chartier é a de representação, que tem várias formas de interpretação e significação. O conceito foi desenvolvido por autores de diferentes áreas, como a Sociologia, as Artes e a História, tornando difícil determinar um sentido único, permanente e universal, para tal conceito.

Para Chartier (2009, p. 49), o conceito de representação "veio designar, praticamente por si mesmo, a nova história cultural". De acordo com o autor, essa noção permite vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais. Segundo o autor:

As representações coletivas, na maneira como são definidas pela sociologia de Durkheim e Mauss, incorporam nos indivíduos, sob a forma de esquemas de classificação e juízo, as próprias divisões do mundo social.

São elas que transmitem as diferentes modalidades de exibição da identidade social ou da potência política tal como as fazem ver e crer os signos, as condutas e os ritos. Por último, essas representações coletivas e simbólicas encontram, na existência de representantes individuais ou coletivos, concretos ou abstratos, as garantias de sua estabilidade e de sua continuidade (CHARTIER, 2009, p. 49).

Para o autor, “as representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é efetivamente, o que dizem que é” (CHARTIER, 2009, p. 51).

Dessa forma, o autor afirma que conduzir a história da cultura escrita dando-lhe como pedra fundamental a história das representações, é, pois, vincular o poder dos escritos ao das imagens que permitem lê-los, escutá-los ou vê-los, com as categorias mentais, socialmente diferenciadas, que são as matrizes das classificações e dos julgamentos (CHARTIER, 2009, p. 52)

Segundo o autor:

Não existe prática que não se articule sobre as representações pelas quais os indivíduos constroem o sentido de sua existência – um sentido escrito nas palavras, nos gestos, nos ritos. São por essa razão que os mecanismos que regulam o funcionamento social, as estruturas que determinam as relações entre os indivíduos devem ser compreendidos como o resultado, sempre instável, sempre conflituoso, das relações instauradas entre as percepções opostas do mundo social (CHARTIER, 2004, p. 18).

Por esse motivo é que se considera importante conhecer aspectos da história da leitura em Pelotas no final do século XIX a partir de representações, mesmo que esse conceito, por vezes, não seja fácil de trabalhar e possa apresentar alguma fragilidade.

Pierre Bourdieu acredita que a palavra leitura pode ser substituída por uma série de palavras que designam toda espécie de consumo cultural (BOURDIEU; CHARTIER, 2001, p. 231). Para o autor, as representações devem ser tomadas a partir das variações entre a posição e os interesses dos agentes no mundo social e seu *habitus*, ou seja, “as estruturas mentais através das quais eles aprendem o mundo social” (BOURDIEU, 1990, p. 158). Sendo assim, uma realidade pode ser representada por imagens, textos, etc. No entanto, vale salientar a ideia de Peter Burke, que diz que estes não devem ser tomados como “um reflexo da realidade

social”, mas como testemunhas, “pelas quais indivíduos ou grupos vêem o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação” (BURKE, 2004, p. 232).

Para Pesavento (2005, p. 17), “o conceito de representação não é formal e claramente assumido por todos [autores]”. Entretanto, ela entende que, de uma forma geral, todos trabalham com a mesma ideia do “resgate de sentidos” conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas.

Burke (2005, p. 95) apresenta uma crítica ao conceito de representação como conceito central da Nova História Cultural. Segundo o autor, a noção de representação parece significar que imagens e textos simplesmente refletem ou imitam a realidade social e que, no entanto, vários adeptos da Nova História Cultural há muito se sentem desconfortáveis com essa implicação. De acordo com o autor:

Em decorrência, tornou-se comum pensar e falar em “construção” ou “produção” da realidade (de conhecimento, territórios, classes sociais, doenças, tempo, identidade, e assim por diante) por meio de representações. O valor e as limitações dessa ideia de construção cultural merecem ser discutidos em detalhe (BURKE, 2005, p. 99).

Dessa forma, foi lançada a dúvida sobre a suposição de que uma representação “correspondesse” ao objeto representado. Nas palavras do autor: “a suposição de transparência, cara aos acadêmicos tradicionais, foi posta em questão. As fontes históricas agora parecem mais opacas que o que costumávamos pensar” (BURKE, 2005, p. 110).

Nessa direção, Jean Hébrard (2004, p. 17) afirma que:

As “representações” foram longamente mantidas em suspenso pelos historiadores da cultura que criticavam as perigosas ilusões. Elas retomam seu lugar na investigação no fim dos anos de 1980. É verdade que, nessa época, os trabalhos dos especialistas da linguagem foram suficientemente divulgados, de modo que, afora as disciplinas relativas, compreendeu-se melhor os mecanismos de representação e se fez um objeto legítimo de pesquisa.

Chartier (1999, 2001, 2004), em relação aos estudos sobre a leitura, além de trabalhar as noções de apropriação e representação, afirma que, para as obras adquirirem sentido, é preciso reconstituí-las, estabelecendo relações entre três pólos: o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática de quem dele se apodera. Entende-se que, ao propor a análise desses três pólos, assume-se a opacidade das fontes históricas, pois se considera sua produção e apropriação.

Ao estabelecer uma relação entre a forma (suporte da escrita) e o sentido (interpretação) de um texto, Chartier (1999, 2001, 2002a) propõe uma abordagem que estabelece diálogos com diferentes áreas, rompe fronteiras disciplinares e busca outras possibilidades de inteligibilidade da leitura. Sem a pretensão, contudo, de instituir modelos, e contrapondo-se às formas de pesquisa que visam ao estabelecimento de parâmetros, à identificação de relações de causa-efeito, ou à produção de hierarquias.

De acordo com a proposta de Chartier (1999, 2001), estudar os textos compreende analisar criticamente os mesmos, independentemente de esses textos serem literários ou não, canônicos ou esquecidos. Além da leitura, importa a historicização do literário, ou seja, a verificação de como acontecem as variações, no tempo e espaço, entre o que é considerado ou não literário. Para o pesquisador, a literatura é, fundamentalmente, fonte de si mesma. Ele diz que os historiadores não devem reduzir os textos literários a regramentos de “documentos”. O importante é entender como a criação estética se apropria dos objetos, das práticas ou dos códigos de sua época para transformá-los em razões literárias.

Sobre a História da Leitura, Chartier (1999, 2002b) afirma que foi longo o caminho percorrido até que se chegasse ao modelo de leitura mais difundido no mundo atual: a leitura silenciosa e individual. Para esse autor, muitas outras formas de leitura existiram desde a invenção da escrita. Ele chama atenção para a transição da leitura intensiva, predominantemente oral e repetitiva de um cânone de textos familiares e normativos (sobretudo a Bíblia), para uma leitura extensiva, silenciosa, variada, de textos novos, que permitiam informar e distrair.

Dessa forma, infere-se que estudar as formas de apropriação dos materiais de leitura se constitui na tarefa mais difícil para os historiadores da leitura. Ao falar, por exemplo, da leitura dos impressos, o pesquisador afirma que:

Reconstituir a leitura implícita visada ou permitida pelo impresso não é, portanto, contar a leitura efetuada e ainda menos sugerir que todos os leitores leram como se desejou que lessem. O conhecimento dessas práticas plurais será, sem dúvida, para sempre inacessível, pois nenhum arquivo guarda seus vestígios. Com maior frequência, o único indício do uso do livro é o próprio livro. Disso decorre também sua imperiosa sedução (CHARTIER, 2001, p. 105).

Contrastes entre as competências de leitura, entre normas de leitura, e entre as expectativas e os interesses que os diferentes grupos de leitores investem nessa prática, são evidenciados como maneiras variantes de utilização, compreensão e apropriação dos textos e ajudam a perceber as leituras e os leitores em suas diferenças, conforme Chartier:

As obras – mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os experts sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce (CHARTIER, 1994, p. 9).

O autor propõe que a leitura seja abordada não apenas a partir das práticas de recepção dos textos, mas também dos dispositivos que tentam normalizar essa leitura, modelá-la e controlá-la, propondo aproximar perspectivas frequentemente separadas.

A respeito do estudo da leitura enquanto prática, Chartier afirma que a mesma implica diferentes competências, nem sempre constantes e homogêneas na história das comunidades que a praticam. Para o autor, importa considerar os protocolos e as comunidades de leitura, as classificações, os regimes de circulação, as exclusões, as censuras da atenção, os tempos, a oralização, a memorização, a leitura silenciosa, etc. Os estudos de práticas de leitura, tais como os propostos por Chartier, consideram a leitura como uma atividade humana que tem, portanto, uma história e uma sociologia. A significação é, para este autor, função direta da “atuação” do leitor ou dos leitores.

O autor cita o discurso como possibilidade de análise (CHARTIER, 2009, p. 51) e diz que “é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor” (CHARTIER, 1991, p. 182).

Ao analisar a produção brasileira sobre História da Leitura, pode-se perceber a utilização das propostas de Chartier em um considerável número de trabalhos cujo foco incide sobre a diversidade de competências e de modalidades de leitura segundo o pertencimento social, de gênero, étnico, geográfico ou religioso; e sobre

gêneros impressos, como livros, folhetins, almanaques, revistas e etc. Como se pode observar nas seguintes pesquisas: Histórias e leituras de almanaques no Brasil, de Margareth Park (1999); Cordel: leitores e ouvintes, de Ana Maria Galvão (2006); Folhetim – uma história, de Marlyse Meyer (2005); A voz do veto: a censura católica à leitura de romances, de Aparecida Paiva (1997); A invenção da cidade: leitura e leitores, de Orlinda Carrijo Melo (2007); Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras, de Lílian Lacerda (2003); Os Caminhos dos livros, de Márcia Abreu (2003); Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX, de Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (2007); e Leituras de mulheres no século XIX, de Maria Arisnete Câmara de Moraes (2002), para citar apenas alguns desses trabalhos.

Nessa mesma linha de estudos, a presente pesquisa, amparada na noção de representação difundida por Chartier, identifica representações sobre a leitura nos textos publicados em periódicos produzidos em Pelotas no final do século XIX, os quais serviram de fonte para esta pesquisa e serão apresentados no próximo capítulo.

2 CONTEXTO, FONTES CONSULTADAS E PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este capítulo tem como finalidade, primeiro, demonstrar a cidade de Pelotas no século XIX como *locus* e como espaço privilegiado de transformações sociais, econômicas e culturais no qual a leitura foi representada. Em segundo lugar, apresentar as fontes consultadas, o *corpus* de análise, a metodologia de coleta e análise empregadas, bem como fazer uma discussão sobre a pesquisa em periódicos na área de História da Leitura.

2.1 A cidade de Pelotas no final do século XIX

Mário Osório Magalhães, historiador pelotense que se dedica há anos à pesquisa histórica sobre a cidade de Pelotas, afirma que, quando se faz referência na bibliografia histórica do Rio Grande do Sul à cidade de Pelotas, é preceito geral caracterizá-la por meio de conceitos como “riqueza, opulência, refinamento, elegância, cultura e até aristocracia” (MAGALHÃES, 1993, p.9).

De acordo com Magalhães, em Pelotas no século XIX existiu um movimento cultural que foi atribuído ao desenvolvimento, em seus arredores, da indústria do charque, no período compreendido entre 1779 até as primeiras décadas do século XX. O enriquecimento oriundo das charqueadas proporcionou o surgimento de práticas e valores socioculturais que exaltavam o gosto pelas artes, letras e ciências. Esse novo panorama possibilitou o crescimento da imprensa local. Assim, a atividade jornalística acompanhou esse processo. Houve o surgimento de jornais em

profusão, em Pelotas, na segunda metade do século XIX, tanto aqueles com tendências políticas, como periódicos literários.

O Império, no Brasil, proporcionou mudanças significativas em termos de desenvolvimento e urbanização, especialmente no Rio de Janeiro, a capital do governo imperial. A sociedade da época sentia necessidade de maior estrutura para a vida pública, o que veio a provocar reflexos em outros centros urbanos do país.

Como diz Becker (2007, p. 20), a vida na Corte pedia cafés, iluminação noturna, teatros, ruas pavimentadas, saneamento básico. Ainda que todas essas melhorias não fossem imediatas, formaram-se novos padrões que se disseminaram em cidades como Porto Alegre e Pelotas, por exemplo.

O crescimento da população em Pelotas no final do século XIX pode ser observado a partir da comparação entre os dois quadros que apresentam as estatísticas demográficas realizadas em 1872 e 1890, publicadas pelo escritor pelotense Alberto Coelho da Cunha.

Zonas	Masculino	Feminino	Popul. Total	Porcentagem
	habitantes	Habitantes		
Urbana	8.058	6.704	14.762	69,44
Rural	3.860	2.636	6.496	30,56
Total	11.918	9.340	21.258	100,00

Figura 1 - Quadro Populações urbanas e rurais em Pelotas (1872)

Fonte: CUNHA, Alberto Coelho da. **Estatística Demográfica de Pelotas** (1814 – 1930).

Zonas	Masculino	Feminino	Popul. Total	Porcentagem
	habitantes	Habitantes		
Urbana	11.684	11.235	22.919	61,51
Rural	7.571	6.766	14.337	38,49
Total	19.255	18.001	37.256	100,00

Figura 2 - Quadro Populações urbanas e rurais em Pelotas (1890)

Fonte: CUNHA, Alberto Coelho da. **Estatística Demográfica de Pelotas** (1814 – 1930).

Como se percebe, há um aumento significativo da população pelotense entre os anos de 1872 e 1890 que reflete no rápido crescimento da cidade.

De acordo com Gisele Becker (2007), no Rio Grande do Sul, com esse crescimento urbano, formou-se um circuito cultural que vinculava cidades de dentro e de fora do RS, como, por exemplo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Pelotas, algumas das mais significativas concentrações urbanas da época.

Ao escolher estudar a história da leitura de uma cidade específica, como Pelotas, levou-se em consideração três fatores. O primeiro foi o posicionamento de Daniel Roche (2001, p. 177), o qual, ao abordar as práticas de escrita nas cidades francesas do século XVIII, afirma que uma cidade constitui um universo cultural original, onde a escrita representa algum papel mesmo para aqueles que não a decifram. Para o autor, ao mesmo tempo, cada cidade é lugar de “miscigenação demográfica” e de circulação. Diante disso, entende-se que é necessário estudar as consequências culturais originadas a partir dessa miscigenação e circulação, ressaltando, assim, a importância de estudos sobre a cultura escrita na cidade.

A leitura constitui-se em prática cultural, ou seja, cada lugar possui características próprias de ler e pensar a leitura que se manifestam através de práticas e representações. As práticas de leitura realizadas em uma cidade podem não ser as mesmas realizadas em outra, bem como na mesma cidade poderão existir diversas formas de ver, pensar e agir em diferentes períodos da história. Roche ainda afirma que pesquisas sobre as práticas da escrita em cidades francesas do século XVIII revelam que todas as grandes metrópoles regionais são produtoras e consumidoras de livros, de brochuras e jornais. Dessa forma, deve-se atentar para o estudo dessas práticas e representações ligadas à produção e ao consumo desses materiais de leitura nas cidades, uma vez que, segundo o autor, uma série de práticas cotidianas relacionadas entre si passou a ocupar um papel importante no incremento e difusão do impresso (ROCHE, 2001).

Assim, a cidade não deve ser vista apenas como *lócus*, mas como espaço privilegiado de transformação econômico-social, pois, segundo Pesavento (2007), a cidade representa o que se poderia denominar de um campo de pesquisa e discussão interdisciplinar, uma vez que trabalham sobre a cidade não só historiadores, mas geógrafos, sociólogos, economistas, urbanistas e antropólogos. O que cabe destacar é a abordagem introduzida pela História Cultural: a cidade não é mais considerada como um *lócus* seja da realização da produção seja da ação social, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão. Busca-se dessa

forma, não apenas estudar os processos econômicos e sociais que ocorriam na cidade, mas as representações que se construía na e sobre a cidade.

O segundo fator considerado para estudar a História da Leitura em Pelotas no final do século XIX foi a necessidade, evidenciada por Elomar Tambara, de realização de pesquisas que desnudem as realidades regionais. Conforme diz o autor:

Embora úteis e até imprescindíveis em certos casos, os trabalhos de grande abrangência geográfica, correm facilmente o risco de encobrirem peculiaridades que somente um estudo específico, e frequentemente mais limitado, pode desvelar (TAMBARA, 1995, p. 16).

É importante destacar que o autor afirma também que “obviamente a relação com o todo nunca deve ser negligenciada” (TAMBARA, 1995, p. 16). Dessa forma, buscar-se-á, neste trabalho, fazer relações com locais e períodos que transcendam a cidade de Pelotas no final do século XIX.

Por um longo período se acreditou que práticas de leitura mais efetivas só existiam no Rio de Janeiro, todavia atualmente há estudos que contrapõem essa visão sobre a leitura no Brasil. De acordo com Abreu (2007, p. 4):

Especialmente quando se estudava o século XIX, percebia-se que cidades como o Rio de Janeiro haviam contado com bibliotecas, gabinetes de leitura, sociedades literárias, livreiros e com uma imprensa que dava vazão à produção local e às traduções do que se publicava no exterior. Os mais pessimistas, entretanto, diziam que o Rio de Janeiro era uma exceção, uma ilha de cultura isolada em meio à falta generalizada de instituições. Considerando o Brasil como um todo não haveria leitura e leitores.

A presente pesquisa poderá ajudar a desmistificar esse senso comum de que no restante do Brasil não se lia, mostrando que também existia um universo de objetos e atividades relacionados à leitura em Pelotas no final do século XIX.

O terceiro fator considerado para a escolha da temática desta tese é a hipótese de que no século XIX Pelotas era uma cidade voltada para a “cultura”, para a literatura e para as artes, em virtude do apogeu vivenciado no final do século XIX, quando a leitura era uma prática muito realizada e valorizada, tendo como principal incentivadora a imprensa pelotense.

Essa forma de ver a cidade de Pelotas no século XIX é reproduzida em inúmeros textos não só acadêmicos, como também jornalísticos e publicitários até hoje. Termos como elite, aristocracia, riqueza, opulência sobressaem-se em trabalhos que fazem referência a Pelotas no século XIX, e podem, por vezes, trazer

uma imagem equivocada, levando a pensar em uma sociedade formada apenas por uma maioria de homens brancos, ricos e letrados. Sabe-se, no entanto, que Pelotas era formada por homens e mulheres provenientes de diferentes etnias, classes sociais e que exerciam diferenciadas práticas culturais.

Os trechos que seguem fazem parte do artigo publicado no Jornal Correio Mercantil, em 05 de dezembro de 1878, cuja intenção era apresentar a cidade aos que não a conheciam, através da leitura do jornal. Pode-se observar uma representação da cidade e da prosperidade da imprensa pelotense no século XIX:

A cidade de Pelotas²

[...]

A cidade de Pelotas, acha-se collocada na encosta da serra dos Taipes, sobre uma extensa planície, abrangendo uma área superior a cinco leguas em circunferencia, habitada por mais de 25,000 almas e distante dez leguas apenas, ou quatro horas de viagem, por água, da entrada da barra principal d'esta provincia.

[...] todos os annos affluem ao mercado d'esta cidade para mais de 400,000 rezes, (bois, novilhos e vaccas) são beneficiadas em 34 estabelecimentos industriaes e exportadas para o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e outras provincias do norte, onde o genero, denominado carne secca ou xarque, é vendido facilmente, como acontece tambem, nos mercados estrangeiros, com os demais productos do gado – o couro salgado, as gorduras, os chifres e os ossos.

[...]

Relativamente a commercio, basta dizer que os 200,000 habitantes da campanha aqui procuram de preferencia os generos de consumo em troca dos que conduzem ao mercado.

[...]

Quanto ás artes, aos costumes, ás riquezas e aos melhoramentos locaes, póde-se asseverar que marchamos na vanguarda do progresso.

Temos quatro jornaes diarios de regular formato e tres semanaes, telegraphos terrestres para todo o imperio com communição com a Europa e republicas do Prata, officinas bem montadas que fabricam diferentes artigos de primeira necessidade, uma Bibliotheca Publica com 2.200 volumes e edificio proprio em construção, encanamento de gaz e agoas correntes, companhia de Bondes, as ruas quasi todas empedradas e uma infinidade de outros melhoramentos que parece ocioso mencionar. (CORREIO MERCANTIL, 05 dez. 1878)

² O Texto completo está transcrito no Anexo A

O artigo destaca a localização da cidade, número de habitantes e economia, enfatizando a indústria do charque e o comércio. Ao tratar das artes, costumes, riquezas e melhoramentos, é interessante observar como é dado destaque aos jornais e à biblioteca, sem haver, contudo, qualquer referência ao teatro e à música.

O destaque para a imprensa pelotense não se limita à observação dos jornalistas da época, mas apresenta relevância para a história da imprensa gaúcha. De acordo com Magalhães, Pelotas está diretamente ligada ao início do jornalismo brasileiro, pois em 1808 foi fundado, em Londres, o jornal *Correio Braziliense*, dirigido e redigido por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça – patrono da imprensa brasileira – que, embora tenha nascido na Colônia do Sacramento, foi educado na cidade de Pelotas, onde viveu dos três aos dezoito anos de idade (MAGALHÃES, 1993, p. 243).

Para Loner, em Pelotas, os jornais do século XIX existiam em quantidade extremamente significativa para “uma cidade que, no início da República, possuía cerca de 25.000 habitantes apenas em sua zona urbana, sendo que 34% desses eram analfabetos, descontados os menores de oito anos” (LONER, 1998, p. 6).

A prosperidade da imprensa em Pelotas pode ser incluída como uma das atividades culturais oriundas do desenvolvimento e modernização da cidade, uma vez que o aumento da população urbana dotou a cidade de um público leitor, para quem o livro e o jornal faziam parte dos principais atrativos. O jornalismo obteve um desenvolvimento significativo, contabilizando, ao encerrar do século XIX, cerca de 115 jornais, alguns com vida efêmera, outros apenas com edição especial, e vários com circulação regular quinzenal, semanal ou diária por muitos anos (LOPES, 2005, p. 1).

De acordo com Loner (1998, p. 5), em Pelotas, no final do século XIX, podia ser observado, através do “extraordinário florescimento de sua imprensa”, um permanente desejo da sociedade em estar a par das novidades artístico e culturais. Segundo a autora, além dos jornais diários, centenas de outros periódicos surgiram a partir da segunda metade do século XIX, especialmente jornais de pequeno porte, que se diferiam quanto ao seu conteúdo, tiragem e suporte. Essa profusão pode ser observada a partir da homenagem ao Jubileu da Imprensa em Pelotas (1851-1901),

realizada pelo jornalista Alferes Tancredo Fernandes de Mello, o qual publicou no jornal O Pensamento, no dia sete de novembro de 1901, uma lista (ver Anexo B) com 115 títulos de jornais produzidos em Pelotas no século XIX.

Segundo Jaqueline Rosa da Cunha (2004, p. 55), “cultuando as letras, os descendentes de barões e os intelectuais da classe média puderam não só exercer uma atividade cultural, mas também, participaram da elaboração da cultura enquanto acrescentavam as suas idéias”. De acordo com a autora, a criação local de Pelotas proliferou muito mais na produção de livros do que nos outros setores, tais como o da música e o das artes plásticas, uma vez que o século XIX foi propício aos discursos em favor das ciências e das artes.

Esse “adiantamento” da cidade de Pelotas, contudo, pode ser considerado contraditório, tendo em vista a existência, nos jornais, de um discurso forte e duradouro de combate ao analfabetismo, como se pode acompanhar adiante.

A consulta a alguns desses jornais permite perceber que os periódicos locais destacavam, diariamente, notícias sobre a vida social e cultural da cidade de Pelotas. Embora houvesse influência de questões tratadas no Rio de Janeiro, na maior parte dos jornais eram relatadas festas, reuniões, criações de associações, bailes, passeios, saraus, espetáculos teatrais, desfiles carnavalescos, bem como acontecimentos ordinários do dia-a-dia pelotense.

Em relação ao desenvolvimento literário na cidade de Pelotas, Magalhães afirma que o livro recebeu grande destaque no imaginário pelotense do século XIX. Segundo o autor, Pelotas enriqueceu a cultura rio-grandense de valores intelectuais e por isso recebeu o cognome de “Atenas do Rio Grande” (MAGALHÃES, 1993, p.25).

Livrarias, teatros, jornais, bibliotecas, associações literárias e artísticas apareceram e foram se multiplicando na paisagem local, como confirmação do merecimento e garantia de permanência do título orgulhosamente ostentado.

Durante o século XIX, a cidade de Pelotas conseguiu unir, ao mesmo tempo, boas condições econômico-urbanas e socioculturais. Essa convergência de fatores em uma conjuntura histórica foi capaz de configurar um verdadeiro apogeu. No entanto, não se pode esquecer, como afirma Peres, que:

Se por um lado Pelotas caracterizou-se por congregar uma elite que solidificou fortuna e fama para a cidade com a atividade saladeril, fazendo dela uma potência econômica e conseqüentemente política e cultural, por outro, tornou-se também um pólo escravista (PERES, 1995, p. 36).

De acordo com a autora, a indústria do charque impulsionou o desenvolvimento urbano e a maioria dos charqueadores se estabeleceu na cidade, deslocando um número elevado de escravos domésticos para esse espaço. Com o crescimento urbano e desenvolvimento relativamente acelerados, um contingente de escravos, negros livres e libertos, trabalhadores nacionais e imigrantes pobres colocaram serviços à disposição dessa sociedade que se complexificava e necessitava mais e mais de braços para a produção de serviços e bens de consumo.

Dessa forma, como afirmou Peres (1995, p. 44), Pelotas, no final do século XIX, pode ser vista como um espaço contraditório em que conviviam homens e mulheres das elites, trabalhadores/as livres, desempregados/as, negros/as livres e liberto/as, escravos/as, posteriormente ex-escravos e escravas, uma emergente classe média composta de indivíduos dos serviços públicos e privados, intelectuais com *status* bastante elevado.

Nesse espaço contraditório e heterogêneo, havia intelectuais pelotenses que tiveram a oportunidade de estabelecer um contato permanente com as diversas culturas europeias e com o resto do Brasil. Havia o contato com o material de leitura vindo, principalmente, da Bahia, do Rio de Janeiro, da Europa e dos Estados Unidos (CUNHA, 2004). De acordo com a mesma autora, por intermédio das operações portuárias efetuadas, os navios iam carregados de charque e voltavam trazendo mantimentos, móveis, louças, quadros, modas, livros, figurinos e magazines dos grandes centros. Além disso, outra expressão de avanço eram as livrarias existentes na própria cidade, que chegaram a ser consideradas, na época, as maiores de toda a província.

Nesse rico universo com as características acima indicadas é que se procurou identificar representações de leitura nos jornais da forma que se detalha a seguir.

2.2 O uso de jornais como fonte de pesquisa: coleta de dados

No que diz respeito ao uso de jornais como fonte de pesquisa, cabe ressaltar que além da preferência por trabalhar com esse tipo de fonte, a predominância da circulação desse material de leitura também foi um fator preponderante na escolha dessa fonte de pesquisa sobre história da leitura, uma vez que os jornais constituíam-se no meio de comunicação mais viável, pois atingiam um grande e variado público leitor, de acordo com Cunha (2004, p. 117). Essa profusão de produção e circulação de jornais também é comentada por Chartier (2002b, p. 30) quando diz que ao tornar os produtos de impressão mais baratos e disponíveis, por exemplo, a um consumidor “popular” (primeiro os livretos para venda ambulante; mais tarde as coleções populares e os jornais), ofereceu-se ao público um número cada vez mais amplo e diversificado de materiais de leitura.

A imprensa possuía um papel de destaque na sociedade, ela objetivava promover, divulgar e julgar muitos acontecimentos, considerando-se uma “neutra prestadora de serviço à comunidade”. Para Maria Helena Camara Bastos (2002, p. 171),

Os periódicos [...], além de serem um produto de consumo, são, sobretudo, um veículo de idéias e mensagens, um discurso que permite a formação de outros discursos, enunciados que ecoam e reverberam efeitos no dia-a-dia, na reconstrução cotidiana de laços sociais, na identidade de leitor/leitora.

Nessa perspectiva, entende-se que esses enunciados que eram veiculados no jornal mostravam as representações do cotidiano e também da leitura. A partir da análise dos jornais, depreende-se o quão é importante a utilização dessa fonte, fazendo com que se ampare a seguinte afirmativa de Vilar:

A rigor, não é mais possível escrever uma história do romantismo e da vida cultural brasileira oitocentista sem a consulta aos jornais da época, principalmente, se quisermos reconstituir de forma não anacrônica e mais verossímil aquele período. Os periódicos foram fundamentais no estabelecimento dessa estética, determinando basicamente todo o processo de circulação dos bens materiais e simbólicos. Esse processo inclui desde a criação de gêneros literários ao estabelecimento do gosto pela ficção, além de práticas de leitura e de escrita próprias e peculiares (VILAR, 2008, p. 15).

Dessa forma, o jornal, entre outros tipos de publicações, é elemento indispensável para o estudo da história da leitura de Pelotas no final do século XIX,

pois traz em suas páginas o registro do processo de produção e circulação dos materiais de leitura e das formas de pensar e agir em relação a essa prática cultural. Mais do que um acordo comercial, os jornais tentavam passar a ideia de que possuíam um comprometimento maior com a comunidade de leitores e não leitores. Há vários textos publicados nos jornais pelotenses que discorrem sobre a importância da imprensa e sobre a censura. Como exemplo, se pode destacar o excerto extraído do jornal *Correio Mercantil* de 26 de janeiro de 1878, como segue:

[...] pode-se compreender a vida e a civilização sem muitos dos grandes inventos e maravilhas da industria moderna como o telégrapho, a estrada de ferro e o vapor e muitos outros melhoramentos e progressos que tão luminosamente assignalam o século XIX entre todos os que o precederam. Mas sem imprensa a civilização é mais do que imperfeita e incompleta; é cousa quase inerte [...]

Órgãos da opinião – a imprensa é ao mesmo tempo o mais poderoso instrumento da liberdade e o mais seguro thermometro da situação, tendências, índole e capacidade de um povo. Esta proposição, verdadeira em absoluto, torna-se particularmente exacta com relação à imprensa periódica. O jornalismo é, de feito, o grande porta-voz dos que não têm as imminencias das tributas. E as multidões estão sempre na planície. Os sacerdotes têm os seus púlpitos, os legisladores suas cadeiras nos parlamentos. De onde fallaria o povo se a imprensa não existisse? Suffocaria, impotente, suas queixas de todos os dias, abandonando as pirações, descrendo das esperanças e accumulando ressentimentos [...] (CORREIO MERCANTIL, 26 jan. 1878)

Verifica-se, no excerto anterior, o destaque para a imprensa como um símbolo de civilização, de instrumento de liberdade, de “porta-voz do povo”. O texto apresenta o jornal como um símbolo de confiança, com capacidade de organizar a sociedade, instruí-la e guiá-la.

Na poesia publicada no jornal *A Penna*, de 06 de julho de 1884, observa-se discurso similar, no qual se destacam palavras como “descoberta”, “luz”, “voz”, também presentes no texto anterior. Percebe-se novamente o poder que é atribuído à imprensa.

*A'IMPrensa
A mais util descoberta
dos seculos no perpassar
que o philosopho tem feito
e sabido aperfeiçoar,
é a imprensa – o luzeiro
que brilhou no mundo inteiro
dando luz à escuridão,
quando o vasto pensamento*

*de Guttemberg – o portento
raiou no craneo volcão.*

*Qual flôr sem doce orvalho
que lhe dá vida e vigor
a idéa nobre brotava
no craneo do pensador,
Antes d'essa luz surgir
e nas trevas espargir
seus raios a humanidade.
é a arena essa invenção
onde lucta a instrucção
já de todas propriedade.*

*Qual mysterioso relampago
das trévas nas amplidões,
iluminou todo o mundo
approximando as nações.
desde então o fanatismo
a indolencia, ao despotismo
um desafio atirou,
e a luz atyrou,
e a voz vivificante
desde ao poente ao levante
N'um momento atravessou.
C. Ojuli – Pelotas – 1884.
(A PENNA, 06 jul. 1884)*

Embora grande parte dos jornais Pelotenses analisados no período imprimissem uma vinculação político-partidária, essa visão da imprensa como neutra, “difusora da verdade”, foi disseminada por diversos periódicos no período e tem grande importância na medida em que esses órgãos “da verdade” influenciavam e difundiam as representações de leitura da e na comunidade, uma vez que o jornal se apropriava dos objetos, práticas e códigos daquela época para transformar os textos em razão literária (CHARTIER, 1999, 2001).

Em notícia publicada no jornal Diário Popular de 07 de novembro de 1901, identifica-se o significado conferido ao surgimento da imprensa pelotense no período em que se comemoravam os seus 50 anos de existência:

A EPOCHA DA LUZ

Ha cincoenta annos, levantava-se, nesta terra, a primeira folha, que vinha trazer á nascente sociedade luz e calor para os trabalhos da sua rota.

Era o primeiro estandarte do progresso que aqui se desfraldava, encimando as columnas do pedestal, em que a bella cidade escorava a grandeza do seu futuro.

[...]

A imprensa foi, pois, o sol poderoso, que espalhou, pelos raios fecundantes da sua luz, o calor á vida indifferente e fria, desconsolada e triste, da nascente povoação, que é, hoje, a vasta zona onde gravita uma população numerosa, cercada de todos os recursos da opulencia, de todos os confortos da vida social.

Foi ainda o primeiro factor da independencia e emancipação da nossa terra, quando já a civilização, em outros pontos do territorio nacional, estava empossada da carta dos direitos da humanidade.

[...]

Glorifiquemos a memoria dos velhos apostolos da fraternidade e da luz, que encaminharam para a felicidade os povos desta epocha, e congratulemo-nos com estas expansões de jubilo e de alegria, proprios e filhas do tempo em que vivemos.

São festas civilisadoras que imprimem a nossa vitalidade moral, espargindo perfumes da grande arvore da civilização e do progresso.

(DIÁRIO POPULAR, 07 nov. 1901)

Pode-se observar que, tanto nos textos publicados em 1878 e em 1901 quanto na poesia publicada em 1884, a concepção de imprensa como elemento estimulador da luz, do progresso e da civilização é evidenciada. O texto publicado em 1901 vai além, indicando a imprensa pelotense como “o primeiro factor da independencia e emancipação da nossa terra” (DIÁRIO POPULAR, 07 nov. 1901).

Considerando a representação do valor atribuído à imprensa na época, bem como a relevância do uso da imprensa como fonte para a história da leitura pelotense é que se optou, para a constituição do *corpus* desta pesquisa, por uma seleção de títulos de jornais publicados em Pelotas no século XIX. Esses periódicos estão armazenados no Museu da *Bibliotheca Publica Pelotense* e na *Biblioteca Rio-Grandense*.

Vale salientar que as coleções estão incompletas em virtude da decomposição causada pelo tempo e pelas precárias condições de armazenagem e manuseio a que esses documentos foram submetidos ao longo dos anos.

Utilizou-se também o material, organizado pelo professor Rildo Cosson e disponível em CD-ROM, do projeto Literatura, Jornal e Cultura: autores pelotenses – 1851/1889, que teve por objetivo desenvolver um trabalho de recuperação das produções literárias e de nomes de colaboradores que auxiliaram, por meio da imprensa literária da região, no desenvolvimento sociocultural de Pelotas e localidades vizinhas³. Além dos acervos citados também foram consultados e

³ O CD-Rom ainda não foi publicado e foi cedido pelo Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz, professor do Instituto de Letras e Artes da FURG.

analisados os catálogos das Bibliotecas Nacionais do Brasil, França e Portugal, nas quais se teve acesso a algumas obras digitalizadas e disponibilizadas na internet.

O recorte temporal da presente pesquisa compreendeu os anos entre 1875 e 1900, tomando por base a disponibilidade das fontes – ou seja, os jornais mais antigos disponíveis até o final do século XIX – e também o fato de ser este o período caracterizado como de “opulência e cultura” na cidade de Pelotas, portanto considerado mais adequado para realização do estudo.

Dessa forma, constituem o *corpus* dessa investigação os textos publicados nos jornais cujos títulos e exemplares estão especificados no quadro abaixo. Vale salientar que as datas informadas na segunda coluna correspondem aos exemplares disponíveis entre 1875 e 1900 que foram consultados:

Nº	Títulos	Período (semestres disponíveis para pesquisa)	Observações (Tipo de jornal, temas privilegiados, periodicidade):
1	Correio Mercantil	1875 – 1900 (49 sem)	Comercial e noticioso. Periodicidade diária
2	Onze de Junho	1881 – 1889 (11 sem)	Noticioso. Periodicidade diária
3	A Discussão	1881 – 1887 (14 sem)	Comercial, noticioso. Periodicidade diária
4	A Pátria 1887-1889	1887 – 1891 (05 sem)	Comercial. Periodicidade diária
5	Diário Popular	1890 – 1900 (13 sem)	<i>Órgão Republicano</i> . Político comercial e noticioso. Periodicidade diária
6	A Opinião Pública	1896 – 1900 (10 sem)	<i>Órgão dos interesses gerais – política republicana</i> . Periodicidade diária
7	Diário de Pelotas	1876 – 1889 (27 sem)	Noticioso, comercial. Em 1889 passa a ser <i>órgão do Partido Liberal do Sul da Província</i> . Periodicidade diária
8	A Ventarola	1875 – 1900 (49 sem)	Literário, ilustrado, humorístico, de <i>interesse geral da comunidade</i> . A Ventarola acompanhará o progresso do pensamento humano, sem, entretanto, invadir “o sacro-santo lar da família”. Periodicidade Semanal.
9	Progresso Litterario	1877 – 1888 (13 sem)	<i>Periódico de recreio e instrução</i> . Periodicidade Semanal.
10	Radical	1890 (02 sem)	<i>Órgão Republicano, como folha essencialmente política, o Radical defenderá sempre a causa da Federação</i> . Periodicidade Semanal.
11	A Penna	1884 (02 sem)	<i>Órgão do Clube Litterário Apollinário Porto Alegre, tem por fim instruir seus consórcios nos gêneros da litteratura comprehendida na sua</i>

Nº	Títulos	Período (semestres disponíveis para pesquisa)	Observações (Tipo de jornal, temas privilegiados, periodicidade):
			<i>possibilidade. Não advoga princípios políticos, podendo porém, os colaboradores escrever sobre o mesmo assunto. (06/7/1884). Periodicidade Semanal.</i>
12	Tribuna Litteraria	1882 (02 sem)	<i>Órgão das ideias novas. [busca] defender a causa das letras e das sciencias [e] demonstrar a necessidade das ações literárias e científicas. Periodicidade Semanal.</i>
13	O Pervigil	1882 – 1883 (04 sem)	<i>Tratando de todos os assumptos, de todas as theses, sem entrar em profunda e detida analyse, pois para tanto não tem forças, O Pervigil será mais humorístico do que grave. Periodicidade Semanal.</i>
14	Zé Povinho	1882 – (02 sem)	<i>Literário. “a encarnação do bello e do sublime, o symbolo do trabalho e do progresso, a irradiação das ideias úteis e generosas, a bozina da sciencia através do espaço do porvir.” Periodicidade Semanal.</i>
15	Cabrimon	1880 (02 sem)	<i>Trata de assumptos políticos e sociaes. Periodicidade Semanal.</i>
16	A Idea	1878 (01 mês)	<i>Orgão do Club Litterário Democrata. Periodicidade Semanal.</i>
17	Album Litterario	1875 (02 sem)	<i>Periódico de recreio e instrucção. Periodicidade Semanal</i>
18	Arauto das Letras	1882 – 1883 (03 sem)	<i>Literário. Circulava em Rio Grande e Pelotas. Periodicidade Semanal</i>

Figura 3 - Quadro Jornais consultados na ordem em que foram pesquisados

A coleta de dados aconteceu de março a dezembro de 2006 e de março de 2008 a dezembro de 2009. Vale salientar que, no período entre 20 de dezembro de 2006 e 20 de outubro de 2007, a Bibliotheca Pública Pelotense esteve fechada para reformas na estrutura física, impossibilitando a coleta de dados.

A coleta de dados iniciou com uma leitura flutuante (BARDIN, 1977) dos jornais e cópia manuscrita dos textos que poderiam apresentar representações de leitura. Durante o desenvolvimento da coleta, a pesquisadora foi informada, pela responsável pelo Museu da Bibliotheca Pública Pelotense, de que muitas encadernações dos jornais, bem como páginas dos documentos estavam em péssimo estado, e, por conta dessa situação, após o término da consulta, eles ficariam “empacotados” (embrulhados em papel kraft) até que fossem restaurados. Ou seja, não poderiam mais ser consultados, provavelmente, antes do término desta

pesquisa. Na Fig. 4, pode-se visualizar a sinalização de restrição à consulta e na Fig. 5, uma parte do acervo consultado:



Figura 4 - Fotografia do Aviso no Acervo de Jornais do Museu da BPP



Figura 5 - Fotografia do acervo de jornais do Museu da BPP

Diante dessa situação, optou-se por copiar tudo o que se considerava relevante para a pesquisa, desde notícias gerais sobre o cotidiano da cidade e dados estatísticos, até textos literários e anúncios dos mais diferentes “produtos”, como, por exemplo, medicamentos e escravos.

Para a coleta do material, por um pequeno período de tempo, foi feita a leitura dos textos na biblioteca e usado um gravador, para depois transcrever. Porém, não se obteve sucesso com a experiência, pois, em decorrência da antiguidade da grafia das palavras dos textos da época, demorava-se muito tempo para gravar e transcrever. Além disso, esse procedimento parecia incomodar os demais pesquisadores, por mais que se falasse baixo e próximo ao microfone do gravador. Dessa forma, retornou-se às cópias manuscritas.

Em decorrência do período que a Biblioteca ficou fechada para reformas, verificou-se que não seria possível, sem a ajuda de mais pessoas, copiar os textos até o término do prazo para defesa da tese. Assim sendo, a pesquisadora passou a fazer as leituras dos jornais, marcar e anotar as datas, páginas e colunas que julgava importante para a pesquisa, e, com recursos próprios, contratou uma estudante para ajudar a copiar os textos⁴.

Após ter os textos manuscritos, constatou-se que se trabalharia melhor com eles se estivessem digitados, então, passou-se à digitação, obtendo-se, ao final, 1024 páginas de texto. Essas páginas continham notícias, anúncios, comentários, críticas e textos literários.

Nos meses de fevereiro a dezembro de 2009, foram feitas algumas fotografias dos jornais, livros e documentos da biblioteca, totalizando

⁴ Nessa etapa de cópias, três pessoas ajudaram em momentos distintos, a primeira foi Roberta Correa, estudante do curso de graduação em Turismo da UFPEL, que colaborou por três meses; a segunda foi Andréa Barboza, estudante do curso de Biblioteconomia da FURG, que ajudou nesta etapa por mais dois meses; e a terceira foi Maria Inês Penteado, estudante do curso de Biblioteconomia da FURG, que auxiliou durante três meses. Na etapa de digitação, auxiliaram voluntariamente, as acadêmicas Suelen Farias e Suelen Silveira, do curso de Biblioteconomia da FURG.

aproximadamente 200 imagens, das quais poderão ser visualizadas algumas ao longo do trabalho.

Seguindo a perspectiva indicada por Chartier, de que não há um tipo específico de material de leitura para um público específico (erudito X popular), trabalhou-se com variados tipos, denominações e formatos de jornais: literários, comerciais, noticiosos, críticos, informativos, políticos, diários, semanais, quinzenais; o que possibilitou verificar a variedade de objetos e textos em circulação no final do século XIX na cidade de Pelotas.

Nesta tese, procurou-se analisar mais detalhadamente os dois primeiros elementos do tripé de análise (texto, livro e leitura), ou seja, texto e suporte material, tentando encontrar alguns indícios da terceira parte do tripé proposto por Chartier, que seria a prática da leitura.

2.3 Características dos jornais pelotenses no final do século XIX

Faz-se necessário enfatizar aqui o suporte material dos jornais, visto que, apesar dos periódicos constituírem-se em fontes e não objetos de estudo deste trabalho, acredita-se que a descrição dos mesmos se torna necessária na medida que também se constituíram em material de leitura na época, e, provavelmente, era o impresso que possuía uma grande circulação entre os indivíduos.

Para Chartier, devem ser consideradas a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração, etc. De acordo com o autor:

Esses procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididos pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto [...] efeitos maiores sobre as próprias significações atribuídas às obras (CHARTIER, 2001, p. 97).

Entendendo que essa consideração também pode ser aplicada para a produção e análise de outros impressos, como os jornais, buscou-se examinar os periódicos produzidos em Pelotas no final do século XIX também como objeto de leitura.

Durante o século XIX, a maioria dos jornais diários pelotenses costumava ter apenas duas folhas, formando quatro páginas, com um tamanho que variava entre 45 cm X 62 cm e 41 cm x 60 cm. As notícias eram dispostas em seis ou sete colunas e geralmente impressas na primeira e segunda páginas. Na terceira página, eram publicados editais, anúncios e notícias. Geralmente a quarta página, na maioria dos jornais, era composta por anúncios. Chama a atenção que, em muitos periódicos, pelo menos meia página da capa era destinada à publicação de textos literários. Os textos em forma de folhetim eram publicados em partes nas páginas dos jornais, em espaços que poderiam ser recortados; após ser completado o volume do livro os recortes poderiam ser encadernados, como será explorado no capítulo 3.

Na figura seguinte, do jornal *Correio Mercantil*, observa-se que essa edição apresenta o texto dividido em seis colunas de texto e que não há uma grande variedade de tipos para impressão. As linhas são mais próximas e poucos destaques são feitos para os títulos das notícias. A configuração deste jornal, cujo tamanho das páginas era de 41 cm x 60 cm, permanece a mesma por quase todo o século XIX, havendo mais variedade de tipos e inclusão de litogravuras nas páginas destinadas aos anúncios. A figura que segue é uma fotografia de uma página do jornal *Correio Mercantil* de 06 de janeiro de 1878:

O jornal Correio Mercantil foi uma das fontes mais utilizadas na pesquisa, pois é o jornal de periodicidade diária que tem maior tempo de duração no século XIX, perpassando os vinte e cinco anos que compreendem o recorte temporal da pesquisa.

Os jornais literários apresentavam características distintas dos jornais comerciais e noticiosos. Com periodicidade em sua maioria semanal, os jornais geralmente destacavam os nomes dos colaboradores nas suas primeiras páginas e mediam aproximadamente 30 cm X 20 cm. Poderiam ter de 4 a 8 páginas. O texto se apresentava dividido em menor quantidade de colunas e não era comum a

inclusão de ilustrações. Adiante, são apresentadas as imagens dos jornais Progresso Litterario, Album Litterario, e A Penna.

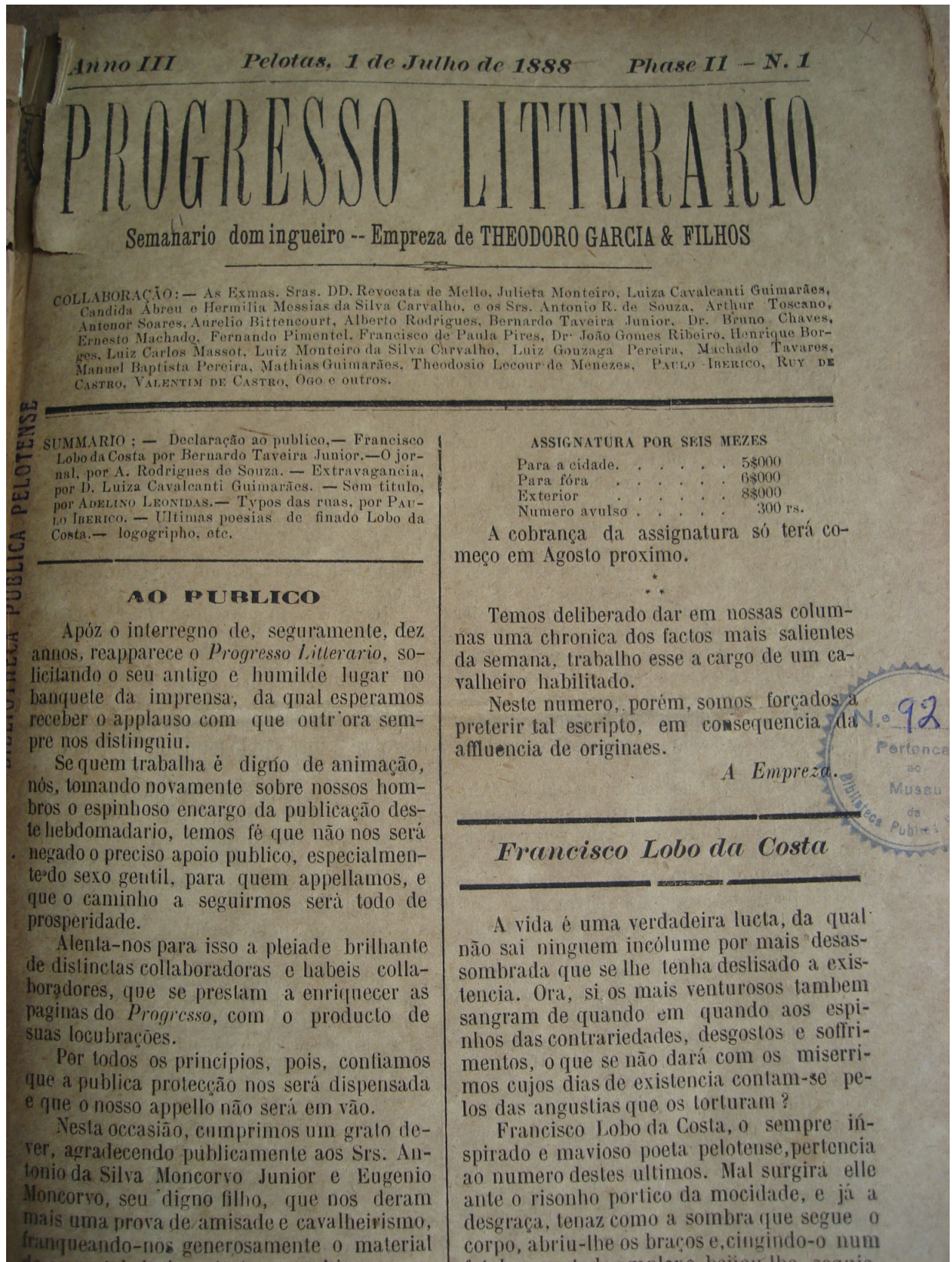


Figura 7 - Imagem da capa do jornal literário Progresso Litterario (1888)



Figura 8 - Imagem da capa do jornal Album Litterario (1875)



Figura 9 - Imagem da capa do jornal Literário A Penna (1884)

Além dos jornais noticiosos, comerciais, políticos e literários, existiam as folhas ilustradas e humorísticas, das quais se destaca o jornal Cabrion e A Ventarola. Com o tamanho das páginas de, aproximadamente, 30 cm X 20 cm, os jornais eram constituídos de ilustrações, na maioria caricaturas que faziam críticas humorísticas relacionadas à política nacional e a aspectos do cotidiano pelotense. Também era comum a publicação de retratos de pessoas consideradas ilustres como forma de homenagem. A seguir, pode-se visualizar a capa de um exemplar do jornal A Ventarola:



Figura 10 - Imagem da Capa da Folha Ilustrada e Humorística A Ventarola (1881)

Constata-se que, apesar de características e objetivos distintos, o conjunto de todos os jornais publicados, sejam eles noticiosos, literários, políticos, comerciais, ou humorísticos, representa a imprensa pelotense daquele período, carregando indícios sobre suportes de leitura, bem como textos que compuseram a história da leitura de Pelotas no século XIX.

Vale atentar para o fato de que, segundo Chartier (2002b, p. 30), “as estratégias de publicação sempre moldaram as práticas de leitura. Elas criaram novos gêneros de textos e novas fórmulas de publicação”. Desse modo, é importante lembrar que o autor afirma que a liberdade de escolha dos leitores só

poderia ser exercida dentro de um conjunto previamente constituído com base em interesses e preferências que não eram necessariamente seus, mas, sim, dos editores, pois, “mesmo se tais preferências não fossem sempre puramente comerciais, eram elas que governavam as decisões de publicação e determinavam que repertório de textos poderia ser proposto” (CHARTIER, 2002b, p.30).

Além de ser o jornal suporte de leitura, suas páginas trazem discursos sobre a leitura, indicações, críticas a livros e escritores e também possibilitam identificar alguns vestígios de apropriação feita pelos leitores. Muitos dos textos publicados nos jornais não apresentam autoria, sendo destinado o crédito ao jornal especificamente. Alguns jornais eram escritos por uma única pessoa, geralmente o proprietário, outros recebiam colaborações de vários escritores. Além dos jornais também foram consultadas atas e estatutos da Bibliotheca Pública Pelotense e das associações literárias.

Diante da amplitude das fontes, uma das maiores dificuldades foi constituir o *corpus* de análise num universo tão amplo. A dificuldade estava em identificar representação e discurso em toda imprensa, visto que esta possuía variados formatos, tendo em vista o objetivo de cada publicação, a forma de apresentação, o público alvo.

No entanto, acredita-se que as intersecções identificadas é que mostram a permanência dos discursos sobre a leitura e a repercussão dos mesmos em outros e novos discursos, pois se observou repetições de discursos em diferentes jornais, bem como a retomada das mesmas discussões sobre a leitura em um mesmo periódico no decorrer de alguns anos.

Mais importante que acessar as fontes foi saber que perguntas fazer a elas. Essas perguntas definem as categorias que orientam o caminho da investigação. As categorias surgem a partir da problematização do objeto escolhido, das fontes a serem utilizadas e da clareza da inserção social e cultural do pesquisador. Segundo Lopes (1994, p. 20), categorizar é a tarefa de organizar o material coletado, a partir de perguntas que deem inteligibilidade ao problema proposto, tendo a especificidade de servir a problemas e pesquisas específicos, em realidades e tempos sociais determinados.

De acordo com Certeu (1982, p. 66), a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas “científicas” e de uma escrita. Conforme o mesmo autor, “em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira” (CERTEAU, 1982, p. 81).

É complexo classificar o que é relacionado à leitura, ou melhor, o que não é relacionado à mesma, em um objeto/documento feito para ser lido, como é o caso do jornal. Foi preciso repetir constantemente as questões iniciais, para não perder o foco. E a pergunta principal era: Quais as representações sobre a leitura estavam registradas nos jornais pelotenses do final do século XIX?

Ao pensar em como apresentar os resultados obtidos a partir da análise dos jornais, imaginou-se, primeiramente, que se poderia ter categorizado pelas seções de cada jornal, como, por exemplo, notícias, literatura, anúncios, etc. Mas, como eram diversos jornais, optou-se por trabalhar com categorias temáticas que emergiram das questões iniciais e também das próprias fontes, haja vista a existência de jornais que, apesar de possuírem características semelhantes, contêm estruturas de apresentação singulares.

Após uma nova exploração, o material copiado e digitado foi dividido nas seguintes categorias: 1) divulgação de evento literário; 2) divulgação de livros pelas livrarias; 3) educação de meninas; 4) fatos discutidos na época; 5) entidades de classe; 6) variedades; 7) folhetim/textos literários; 8) forma de adquirir o jornal; 9) instrução; 10) lançamento de periódicos; 11) leitor; 12) leitora/escritora; 13) mulheres; 14) autor/escritor/folhetinista/jornalista; 15) a cidade de Pelotas; 16) públicos específicos/profissões; 17) saraus; 18) importância da imprensa; 19) teatro; 20) textos traduzidos; 21) tipografia; 22) transcrições de outros jornais.

Essas categorias surgiram a partir da observação das seções dos jornais e das temáticas dos textos publicados. Entretanto, percebeu-se que utilizando todas essas categorias não se conseguiria dar conta da análise dos dados. Como já afirmou Le Goff (1996, p.15), a História é a ciência da mutação e da explicação da mudança. Essa ciência é constituída pela experiência humana vivida social e integralmente, numa constante contradição de ideias, aspirações e necessidades que se manifestam num movimento de “fazer, desfazer e refazer”.

Dessa forma, após a leitura e releitura de todo o material, num processo de “fazer, desfazer e refazer” e retomando a forma de análise proposta por Chartier, organizou-se a tese de forma que se pudesse abordar o suporte, através da produção e circulação de materiais (capítulo 3), as representações dos leitores (capítulo 4), os espaços da leitura (capítulo 5), e as concepções de leitura representadas nos jornais (capítulo 6).

A paráfrase, a repetição de algumas temáticas em distintos documentos, bem como alguns silenciamentos são fatores que indicam as representações de uma determinada comunidade. São essas intersecções, essas permanências nos discursos que se buscou identificar e trazer para discussão nesta tese, conforme se vê adiante.

3 LEITURAS DIFERENTES, EFEITOS DIFERENTES: MATERIAIS PARA LEITURA QUE CIRCULAVAM EM PELOTAS NO FINAL DO SÉCULO XIX

Neste capítulo são abordadas características dos suportes e dos textos de materiais de leitura que circularam em Pelotas no final do dezenove e que foram noticiados nos jornais pelotenses da época, seja em forma de anúncios, comentários, seja a partir da publicação de listas de donativos recebidos pela Bibliotheca Pública Pelotense, por exemplo.

3.1 Periódicos

Ao tratar do jornal como fonte da pesquisa, evidenciou-se também que em Pelotas os jornais do século XIX existiam em quantidade extremamente significativa, como afirmou Loner (1998). Ao que tudo indica, a forma mais comum de adquirir os jornais era por assinatura, o que possibilita apreender a “fidelidade” do leitor em relação à leitura do periódico e o compromisso do jornal com seus clientes. No aviso que segue, pode-se verificar a relação estabelecida com o assinante, bem como as modalidades de assinatura com respectivos valores. Além disso, pode-se ver que o jornal *Cabron* continuou sendo elaborado em Porto Alegre para ser distribuído em Pelotas, fato que permite inferir que, mesmo sendo enviado de Porto Alegre, as assinaturas dos pelotenses representavam lucro para o *Cabron*.

Aos nossos assignantes.

Cedendo ao convite que nos foi dirigido por alguns cavalheiros residentes na capital da província, resolvemos transportar-nos para aquella cidade, onde continuaremos a publicação d'esta folha, sem prejuízo das pessoas que aqui nos têm honrado com as suas

assignaturas, e que durante dous annos bafejaram o Cabrion com a sua valiosa coadjuvação.

Em Porto Alegre contamos obter elementos para melhorarmos esta folha o mais que couber em nossas forças, afim de correspondermos o melhor que nos fôr possível á confiança que sempre merecemos da illustrada e patriótica população d'esta cidade.

A mudança de residência não nos fará esquecer a gratidão em que incorremos para com os nossos bondosos assignantes de Pelotas, dos quaes esperamos que continuarão a favorecer-nos.

A remessa d'esta folha será feita com toda a pontualidade, encarregando-se de mandar distribuil-a, o nosso amigo e ex-socio o Sr. Eduardo Chapon.

NA PROVINCIA ASSIGNATURA

ANNO: 12\$000

SEMESTRE: 9\$000

TRIMESTRE: 5\$000

FORA DA PROVINCIA

ASSIGNATURA

ANNO: 20\$000

SEMESTRE: 11\$000

AVULSO: \$500

(CABRION, 25 jul. 1880)

Havia preços distintos para a assinatura do jornal dentro e fora da Província, demonstrando que o mesmo poderia ter uma circulação ampla. Além disso, também se nota a possibilidade de adquiri-lo por assinatura semestral, anual ou por exemplares avulsos. Os jornais divulgavam e recomendavam a leitura de diferentes materiais, inclusive de outros periódicos. Dessa forma, foi possível verificar que materiais de leitura circulavam na cidade de Pelotas durante o período estudado. O jornal *Correio Mercantil* de 20 de fevereiro de 1877, por exemplo, registra a publicação do 3º número do *Progreso Litterario* e ainda apresenta um resumo do seu conteúdo. Pode-se visualizar como era feita a divulgação desses materiais a partir dos excertos que seguem:

– Progreso Litterario – Publicou-se o 3º número d'este recreativo e util periodico.

Contem as seguintes interessantes producções:

Scenas tragicas (continuação do romance), por B. Taveira Junior.

Carta de paria. Universina (perfil) por Silvio Diniz

O finado do pobre (poesia), por T. de Miranda

Metamorphose (poesia) Bernardo Taveira Junior

Afflicta (poesia), por Julieta Monteiro

Lamento (poesia), por P.; Soneto, por Ourique Lusitano

Artes e Letras, por J.J. Cezar

Traços de penna, por Mignon; charadas e logogripho.

- Continuamos a recomendar aos apreciadores da litteratura amena este importante periódico. (CORREIO MERCANTIL, 20 fev. 1877)

- Arena Litteraria - É o titulo de um novo periodico hebdomadario, de propriedade dos Srs. Silva & Pires, redacção do Sr. F. de Paula Pires, collaboração de diversos que acabam de apparecer n'esta cidade.

E' exclusivamente litterario.

Saudando o novo romeiro das letras, desejamos-lhe prosperidade a longa duração (CORREIO MERCANTIL, 08 maio 1880).

Por meio das fontes, observou-se que os jornais estabeleciam uma espécie de rede de divulgações, sendo possível, através deles, conferir o lançamento e recebimento de outros periódicos locais e do restante do país.

Outro aspecto que chama a atenção é a existência de seções nos jornais diários e noticiosos cuja abordagem girava em torno da temática da leitura, tendo em vista que naquele período existiam também muitas publicações periódicas que tratavam exclusivamente de literatura, como é o caso do Jornal *Álbum Litterario*, evidenciado na notícia que segue:

ALBUM LITTERARIO – Este interessante semanário, ao completar o segundo trimestre, augmentou o seu formato. Esta publicação torna-se recommendavel pela sua utilidade, pela agradável leitura que proporciona e pelo bom serviço que presta a litteratura, como incentivo para o seu desenvolvimento. Fazemos votos pela sua prosperidade. (CORREIO MERCANTIL, 02 mar. 1875)

Havia uma preocupação em exaltar o prazer da leitura, uma vez que, como dizem Lajolo e Zilberman (1999, p.16), “em suas formas mais modernas, a propaganda da leitura depende ainda de uma valorização positiva do lazer, já que os livros constituíram uma das primeiras manifestações baratas e acessíveis de entretenimento”. Na mesma perspectiva, pode-se falar dos jornais que, além de trazerem informação, literatura e variedades em suas páginas, tinham por objetivo proporcionar lazer aos leitores e se constituíam em objeto ainda mais barato que os livros, uma vez que podiam ser adquiridos em exemplares avulsos.

Analisando o jornal Correio Mercantil, averiguou-se que era publicada toda a “sorte” de textos no espaço denominado Folhetim ou no espaço Variedades.

De acordo com Meyer (2005) e Holfeldt (2003), o conceito de folhetim pode ser visto de diferentes perspectivas: do ponto de vista formal, pode ser um lugar

físico, específico do jornal, geralmente na capa, ocupando espaço variado naquela página. Do ponto de vista do conteúdo, segundo os autores, o folhetim variou consideravelmente, pois inicialmente trazia crítica teatral ou literária, constituindo, às vezes, o que hoje se denominaria de crônica. Para Holfeldt (2003, p. 18), “era, pois, um texto simultaneamente literário, por seu maior apuro estilístico, e jornalístico, por sua referencialidade a acontecimentos recentes.”

Já o romance-folhetim constitui-se em uma nova narrativa que passou a existir a partir da prática da publicação em prosa narrativa, com enredo a desdobrar-se infinitamente ao longo de meses, de modo a garantir o interesse do leitor. Para Lajolo e Zilberman (1999), o folhetim foi um gênero que se expandiu nos centros urbanos graças à difusão do jornal e colaborou com a estruturação e fortalecimento do romance. Segundo as autoras, “tornou-se, assim, o modelo das demais expressões da literatura de massa, até o momento em que outros produtos, veiculados com mais propriedade pelos meios de comunicação substituíram o livro e a leitura” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 16).

Nos jornais pelotenses, os folhetins apresentavam essa variedade tanto de forma como de conteúdo e recebiam destaque tanto em relação ao espaço que ocupavam no jornal (no mínimo meia página da capa), quanto em relação à divulgação recebida em várias seções do jornal, às vezes, publicadas na mesma edição. Como se pode visualizar a partir do seguinte anúncio:

- Flamarande - Encetamos hoje a publicação de um importante romance escrito por George Sand e traduzido por Aristides Serpa. A's nossas leitoras, com toda a especialidade, recomendamos esta agradável e recreativa produção litteraria. (CORREIO MERCANTIL, 05 maio 1877) [grifos meus]

Verifica-se, no excerto reproduzido anteriormente, o anúncio, direcionado às leitoras pelotenses, da publicação de um romance da escritora George Sand em forma de folhetim, que se estenderia por vários meses, conforme se verifica na análise das fontes. Chama a atenção a rapidez com que a obra de 285 páginas chegou a Pelotas, tendo sido traduzida por Aristides Serpa, para B. L. Garnier em 1876, no Rio de Janeiro, e já publicada nos jornal pelotense em 1876. Vale ressaltar que provavelmente sua primeira edição havia sido publicada em 1875, em Paris, como se pode ver na imagem da página de rosto do romance, que está digitalizado e disponível na Biblioteca Nacional da França:

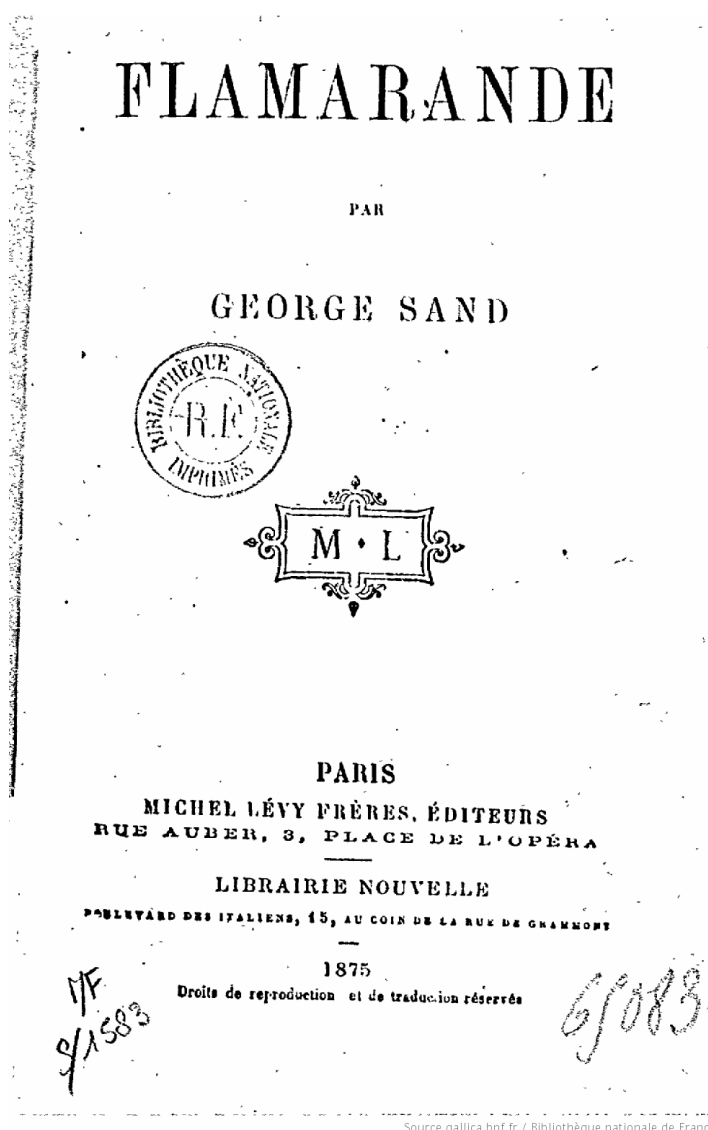


Figura 11 - Página de Rosto do Livro Flamarande (1875)

De acordo com Perrot (2005, p. 383), a vida de George Sand, codinome de Amandine Lucile Aurore Dudevant (1804-1876), perpassa pelos tumultos do século XIX. Sand afirmou-se muito cedo como republicana, desde 1830; e desde os anos 1840, como socialista. Para Perrot (2005), nem aristocrata, nem burguesa, Sand era uma “mestiça social”. Segundo a autora, ela tinha consciência disso, assumiu esta condição, não se vangloriou dela, mesmo tendo, às vezes, sofrido por ela.

Aurore Dupin, que passou a ser, em 1822, Aurore Dudevant, parece interessar-se pouco pela coisa pública até 1830, porém a amizade e a colaboração

com Pierre Leroux (1797-1871)⁵ são decisivas a esse respeito, incentivando-a a assumir uma nova postura política na década de 1840. Ela encontra em sua filosofia social e religiosa princípios e uma visão do mundo.

George Sand também é conhecida pelos seus numerosos casos de amor com figuras ilustres como, Alfred de Musset (1833-34), Frédéric Chopin, (1838-47), Alexandre Manceau (1849-65), e outros que inspiraram seu trabalho (PERROT, 2005).

Entre os seus mais difundidos trabalhos estão LA MARE AU DIABLE (1846), em que Germain, um viúvo novo, deve escolher entre uma mulher rica e uma menina, FRANÇOIS LE CHAMPI (1847-48), LA PETITE FADETTE (1849), e LES MAÎTRES SONNEURS (1853). Em LUCREZIA FLORIANI (1846), Sand descreve seu relacionamento com Frédéric Chopin (Príncipe Karol de Roswald no livro). HORACE (1842) era uma investigação sobre a nova geração entusiasmada pelas ideias do romantismo. Escreveu também memórias, histórias curtas, ensaios e contos de fada.

Além da obra Flamarande, foi identificada nos jornais pelotenses a publicação de outra obra de Sand, Francia, em formato folhetim no Correio Mercantil:

Folhetim – Encetamos hoje a publicação do interessante romance histórico, Francia, devido á elegante penna da illustre escriptora franceza George Sand, traduzido especialmente para o Correio Mercantil por um intelligente cavalheiro, cujo nome deseja conservar sob o incognito.

Não admittimos o antigo costume de publicar o folhetim em paginas, porque seria espediçar papel inutilmente e diminuir a quantidade da leitura.

Recommendamos ao publico este romance como digno da sua apreciação. (CORREIO MERCANTIL, 16 jan. 1875)

Neste caso, o tradutor é identificado como “um inteligente cavalheiro, cujo nome deseja conservar sob incógnito”, o que nos faz inferir que a obra foi traduzida em Pelotas, ou *para* Pelotas. Essa situação provoca a dúvida: Por que o tradutor

⁵ Pierre Leroux, o inventor, ou pelo menos o introdutor na França, da palavra "socialismo" como a antítese do individualismo. (DAYEN, 2010)

não quis se identificar? Seria uma tradução clandestina? Qual o significado para a atividade de tradução na época?

Segundo FARIA FILHO (2002, p. 600), o campo da pesquisa sobre tradução é hoje uma área de investigação já bastante consagrada e em franco desenvolvimento. Um dos indícios disso é o volume de publicações dedicadas ao tema. Observa-se, no entanto, que, se no Brasil é razoavelmente fácil encontrar estudos sobre teoria da tradução em geral e sobre tradução literária, em particular, os trabalhos sobre outros temas, como a história da tradução no Brasil ou sobre tradução pedagógica, são escassos ou, praticamente, inexistentes.

Conforme Susana Kampff Lages (2002, p. 77), "[...] por meio de traduções, podem ser reavivados ou mesmo introduzidos temas, gêneros ou recursos literários provenientes do contexto literário e cultural do texto original, alterando assim o perfil da poética dominante na cultura receptora [...]".

Dessa forma, como aponta Flores (2009), pensar a tradução na corte brasileira durante o século XIX é pensar também um momento crucial na formação do sistema literário brasileiro. De acordo com o autor, a vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro operou uma profunda transformação no cenário cultural nacional. Essa transformação se deu a partir da criação da Imprensa Régia que pôs fim a três séculos de proibição da imprensa, o que apontou para uma ampliação significativa do número de publicações nacionais e, em especial, de traduções para a nossa língua.

Para Lia Wyler, "[...] nunca se traduziu tanto como no século XIX, seja pelo prazer de traduzir ou de partilhar traduções com os amigos ou até com o público [...]" (WYLER, 2003, p. 83). Esse fato se constata na divulgação dos livros em Pelotas que, quando não eram originalmente franceses ou portugueses, consistiam mais em traduções do que livros de autoria brasileira.

Bragança (2002, p. 458) lamenta que o negócio editorial tenha tido instalação muito tardia no Brasil, dizendo que foi mais demorado ainda o processo de organização de um sistema escolar adequado ao desenvolvimento da educação e da formação de novos horizontes intelectuais para a maioria da população. De acordo com o autor, isso resultou em lento avanço do interesse e gosto pela leitura. Para Bragança (2002), a construção do lugar social do escritor profissional, do autor

que pode viver de seus direitos autorais ou, ao menos, que tenha remuneração digna pelo seu trabalho, com acesso a contratos justos, é um longo processo de lutas, de várias gerações (BRAGANÇA, 2002, p.458).

Corroborando com esta afirmativa, Lajolo e Zilberman (1999) apontam que no Brasil do século XIX não foi possível à maioria dos escritores viverem de sua escrita. Além do aparecimento tardio da imprensa, o pior problema era “o fato de a população, até o final do século XIX, contar com mais de 70% de analfabetos” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 64). As autoras não falam sobre a atividade de tradução no século XIX, mas dizem que “ser tradutor, de todo modo, constituía uma concreta alternativa de trabalho”. (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 106).

No entanto, em Pelotas tal atividade parece não ter sido muito valorizada, sendo por vezes até relegada ao anonimato, como se viu no anúncio anteriormente publicado. Outro fator a ser considerado em relação a esse anonimato é a questão dos direitos autorais, que afetariam a publicação de tal folhetim. Conforme afirmam, Lajolo e Zilberman (1999), quando se passa a discutir o direito autoral na França do século XVIII, por exemplo, “o escritor era apenas um, não dos mais importantes, entre os vários artesãos envolvidos na sua produção” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 61). De acordo com as autoras, “foram, aliás, tipógrafos e livreiros, e não profissionais da pena, os primeiros beneficiários da regulamentação dos direitos e deveres que afetam livros e escrita” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 61). Assim, parece que no caso da tradução do folhetim *Francia*, pouco importava quem seria o tradutor. Outro fato que chama atenção no excerto anterior é a referência ao formato em que o folhetim seria publicado, pois o jornal informa que o mesmo não seria mais publicado em páginas, como era o *Jornal Onze de Junho*, reproduzido a seguir, no qual se pode visualizar o modo pelo qual um livro inteiro era publicado em partes no jornal.

... e mais...
... e mais...
... e mais...

NOVA CASA FUNERARIA
de
FONSECA & C.
Gerente: o conhecido armador Frutuoso A. da Fonseca
Filho
O proprietário d'este novo estabelecimento, levando-se deante já a pre-
paração para a morte e a morte, de mais simples ao mais rico, assim
como de arcações fúnebres mortuárias, encarregando-se de dar os seus
necessarios e todos os seus
Brevemente com a aquisição d'um excellentissimo cirurgião, se encontrará
n'este estabelecimento, todas as, e mais convenientes a esta arte.
RUA DO IMPERADOR N. 304. 12 MAR 1882
EM FRENTE A TYP. DO DIABO DE PELOTAS

PHARMACIA HERCULANO
Neste acreditado e bem montado estabelecimento, o publico encontra-
todas as preparações nacionaes e estrangeiras dos melhores chimicos de por
propria e competente.
Os generos da nossa casa são vindos directamente e o publico pode
compral-os com confiança.
crevenmos sabermos que a nossa casa fecha-se a 1/2 noite, abrindo-se
depois d'esta hora, caso haja necessidade.

PELOTAS

Antonio Domingues
Rua Andrade Neves 140 Sobrado

O DIABO NA CORTE
ROMANCE POR
ORTEGA Y FRIAS
TRADUÇÃO
DE
A. M. DA CUNHA SA
Volume III
PELOTAS
TIPOGRAPHIA DO ONZE DE JUNHO — DE ANTONIO DA SILVA
MONCORVO JUNIOR
85 Rua Sete de Setembro 85
ESQUINA DA DE PAYSANDU
1882

— Cada vez estou mais confuso.
— Faz o que vos disse.
— A fumaça atormenta-me.
— Já convencei.
— Com que então apenas vos converterdes em nucho
inimico para que se recuseis, e se resistissem, cutilada de
fazer tudo em postas?
— Sim.
— Deus nos faça sair bem desta, disse o capitão.
E afastou-se bocejando.
A tarde avançava.
Pela escuridão já se começavam a entender as trevas.
Dois olhos assassinos, seis moedas e um cavallo uns atrás dos
outros.
Ao pé da choça ficaram dois de vigia e um velho que ata-
do de pés e mãos, se achava ao pé d'um grande pinheiro.
Era o pao da formosa donzella, apanhada n' —
— Apesar da sua idade já avançada, o colono continhava a si-
da bastante vigor, e no rosto percebia-se não o tédio mas a
colera.
— Sabes, disse um dos facinorosos ao seu companheiro,
que pouco nós honra a commissão que o capitão nos deu? Dahi
homens da nossa tempera para vigiar esse velho tropego não é
coisa que nos deva hesitar muito.
— Quiz deixar-lhe guarda de honra, disse o outro.
— Era melhor ter dado cabo d'elle se elle causava algum
estorvo.
— O peor é que se falta aos nossos regulamentos, e não
devemos tolerar semelhante coisa.
— Decerto, porque não devemos ter nenhuma empre-
za que não haja de produzir alguns inimigos para todos, e na ver-
dade que não sei o que nos poderá reudir o rapto d'esse moço,

Figura 12 - Imagem da página de rosto de folhetim O Diabo na Corte (1882)

Fonte: Onze de Junho, 12 mar. 1882, p. 3.

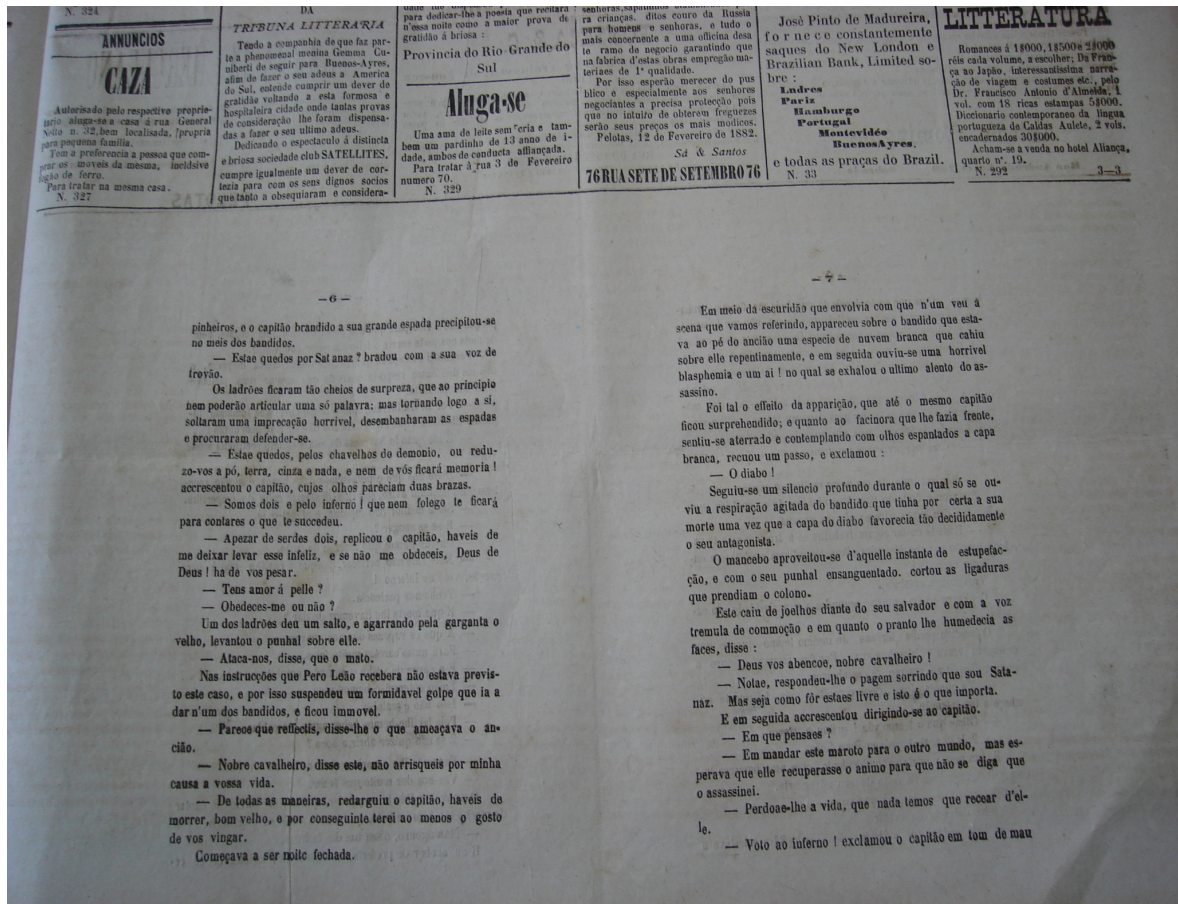


Figura 13 - Imagem das páginas do folhetim no jornal (1882).

Onze de Junho, 14 mar. 1882, p. 4

Em meio aos anúncios, eram impressas as páginas do terceiro volume do livro “O Diabo na corte”, romance escrito por Ortega y Frias, tradução de A. M. da Cunha Sá.

Nota-se que a impressão era feita com a finalidade de que todas as páginas do folhetim, publicadas diariamente, fossem recortadas, colecionadas e, ao fim da publicação, encadernadas com o objetivo de formar um livro. Sendo assim, os livros, além de serem adquiridos nas livrarias e tipografias, também poderiam ser “montados” pelo próprio leitor, à medida que colecionassem as páginas recortadas do jornal.

Dessa forma, o jornal trazia textos distintos (notícias, anúncios e literário), com um formato diferenciado, indicando para cada tipo de leitura uma forma de apresentação que também influenciaria na disposição do corpo do leitor e na sua forma de ler.

Chartier (1994, p.8) afirma que a ordenação se dá tanto pelos desejos do autor, quanto pelos do editor, já que o suporte em si proporciona um modo de apreensão do texto estabelecido. Para o autor:

Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro (CHARTIER, 1994, p. 8).

O autor ainda salienta que:

Compreender os princípios que governam a “ordem do discurso” pressupõe decifrar, com todo o rigor, aqueles outros que fundamentam os processos de produção, de comunicação e de recepção dos livros (e de outros objetos que veiculem o escrito). Mais do que nunca, historiadores de obras literárias e historiadores das práticas e partilhas culturais têm consciência dos efeitos produzidos pelas formas materiais. No caso do livro, elas constituem uma ordem singular, totalmente distinta de outros registros de transmissão tanto de obras canônicas quanto de textos vulgares. Daí, então, a atenção dispensada, mesmo que discreta, aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura do escrito quando ele se torna um livro. (CHARTIER, 1994, p. 8).

Os jornais ilustrados, como A Ventarola e o Cabrion, tratavam principalmente de temas relacionados à política e apresentavam diversas caricaturas.

Observou-se, nas imagens publicadas nesses periódicos, a presença majoritária dos jornais como material de leitura, o que reflete o que já havia sido apontado, ou seja, a possível predominância do jornal em relação a outros suportes em decorrência da sua facilidade de acesso. André Belo aponta que:

O sentimento de que o livro estava ameaçado apareceu pela primeira vez na segunda metade do século XIX, no momento em que, por razões econômicas, culturais e tecnológicas, a leitura dos jornais se popularizou, chegando a novas franjas de leitores que não liam livros habitualmente. (2002, p. 20)

O livro tinha um leitor raro no Brasil Colônia e no Brasil Império, raro por inúmeras razões: pouca escolaridade da população, desprestígio histórico da leitura em favor da audição, preço das publicações etc. Para Lajolo e Zilberman (2001, p. 18), “o livro configura-se como lugar em que a noção de propriedade mostra a cara, conferindo visibilidade a um princípio fundamental da sociedade capitalista, construída a partir da idéia de que bens têm donos, fazem parte das transações comerciais”.

De acordo com Pina (2005), o jornal respondia a uma demanda diferenciada, pois seu consumidor queria um contato com o cotidiano imediato, queria entretenimento barato, queria conhecimento suficiente para “manter a prosa na esquina”. E mais que tudo: “não queria – e ainda não quer – perder a segurança de se sentir parte de um processo maior, um processo que não o exclui através de mecanismos de seleção que o caracterizam negativamente em comparação com segmentos sociais privilegiados” (PINA, 2005, p. 11).

Voltando ao anúncio de Francia, se percebe que o Correio Mercantil em 1877 denomina de antiga a forma de publicação do folhetim em páginas. No entanto, o jornal Onze de Junho publica de tal forma ainda em 1882.

Algumas ilustrações humorísticas traziam os jornais ou seus proprietários como foco da ilustração. Por vezes, o jornal é um coadjuvante, mas as situações retratadas nos dão ideia de como a leitura, principalmente dos jornais, fazia parte do cotidiano dos pelotenses do final do século XIX e influenciava o seu modo de vida. Como se observa na figura que segue:



Figura 14 - Caricaturas dos jornais Pelotenses (1887).

Fonte: A Ventarola. 05 jun. 1887

Na ilustração do jornal A Ventarola, acima, há uma representação da disputa entre os jornais político-partidários (Rio Grandense e Diário de Pelotas no centro), e

a representação dos jornais considerados neutros (Correio Mercantil e A Discussão nas extremidades da imagem). A imagem demonstra a representação dos conflitos existentes entre os jornais e seus proprietários. Além disso, o texto escrito no rodapé da imagem informa que órgãos liberais e conservadores estão disputando a honra das autoridades e que os jornais neutros estão na expectativa do resultado para dar um prêmio ao vencedor. Essas brigas também são evidenciadas nos artigos publicados em diferentes jornais, como se pode verificar no excerto que segue:

ARCHIVO GERAL

Cousas... políticas! - O Diario de Pelotas, ralhou hontem comnosco porque noticiamos, que o directorio liberal d'esta cidade achava-se em divergencia com o de Porto Alegre a respeito da organização na lista de senadores. Dizia: "Quem se intitula neutro não se deve envolver em intrigas políticas".

Não temos interesse algum na questão e foi unicamente por trazer nossos leitores em dias com os acontecimentos que lhes transmittimos aquella noticia com as devidas reservas.

(CORREIO MERCANTIL, 12 Nov. 1879)

Diante dessa constatação, vale destacar que o jornal pode ser considerado um dos protagonistas da vida cotidiana da cidade no período, formando opinião e sendo, por vezes, centro de discussão.

No entanto, o contato com o impresso não se restringia a este tipo de suporte em Pelotas, tendo o livro também importante participação na história do impresso e da leitura na cidade. Como afirma Darnton (1995, p.171), "livros não se limitam a relatar a história: eles a fazem".

3.2 Livros anunciados nos jornais

De acordo com Lajolo e Zilberman (1999), só por volta de 1840 o Brasil passa a exibir alguns dos "traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora". De acordo com as autoras, esses traços se configuravam em "mecanismos mínimos para a produção e circulação da literatura, como tipografias, livrarias e bibliotecas" (1999, p. 18).

Com relação à produção de livros, pode-se ressaltar que, no ramo da indústria editorial, Pelotas era o centro mais adiantado da Província. Destaca-se a

Livraria Americana, fundada em 1871⁶, de propriedade de Carlos Pinto & Cia, que abriu filiais em Porto Alegre, no ano de 1879, e em Rio Grande, no ano de 1885. Também se destaca a Livraria Universal, de propriedade de Echenique & Cia, fundada em 1887, que expandiu igualmente os seus negócios até Rio Grande e Porto Alegre (MAGALHÃES, 2003).

Essas duas empresas dominaram o mercado pelotense e praticamente o rio-grandense durante o último quartel do século XIX. Esse domínio fica evidente ao se observar os anúncios de livros vendidos pelas duas livrarias nos jornais, as quais realizavam uma disputa acirrada pelos leitores/consumidores.

Magalhães (1999, p. 54) também afirma que “no ramo da indústria editorial, Pelotas era o centro mais adiantado da província”. Ainda segundo o mesmo autor, “não fosse a Livraria Universal, talvez a obra literária do maior regionalista rio-grandense – J. Simões Lopes Neto – ainda estivesse perdida nos rodapés de um jornal antigo...” (1999, p.54).

O pesquisador comenta que primeiro a Livraria Americana e, depois, ambas as firmas, simultaneamente, produziram e venderam muitos livros que se “espalharam pelos pagos, não só para o entretenimento das nossas damas e a ilustração dos nossos bacharéis: tiveram sua influência sobre a política e vida de toda a Província e, depois, de todo o Estado” (MAGALHÃES, 2003).

Vê-se nessa afirmativa de Magalhães uma possível visão atual de que os leitores pelotenses do século XIX poderiam ser representados, em sua maioria, por “nossas damas” e por “nossos bacharéis”. Essa afirmativa pode passar a errônea ideia de que seriam somente as damas e os bacharéis os leitores pelotenses do século XIX, no entanto, pode-se ver adiante que os leitores não se restringiam a esse “grupo seleta”.

A atividade tipográfica era intensa em Pelotas no final do século XIX. Por conta dessa profusão de tipógrafos, foi fundado um Grêmio Tipográfico em 1881 que recebeu uma poesia elaborada por Lobo da Costa (1882) como forma de homenagem, conforme Anexo H.

⁶ Embora Magalhães (2003) afirme que a Livraria Americana foi fundada em 1875, de acordo com depoimento de Eduardo Arriada (2010), a data de fundação da referida Livraria é 1871.

No jornal A Discussão de 19 de janeiro de 1881 há um convite para criação de uma sociedade de tipógrafos, como se vê:

Pretende-se criar uma sociedade desse tipo na cidade, para socorro mútuo, o que será muito bom para a classe trabalhadora, Convida-se todos os tipógraphos para reunião no Clube Caixeiral, a fim de tratar dessa fundação (A DISCUSSÃO, 19 nov. 1881).

O jornal A Discussão do dia 24 de janeiro do mesmo ano informa que compareceram na reunião 30 tipógrafos.

O Correio Mercantil de 03 de agosto de 1888 noticia a fundação da Sociedade Tipográfica Beneficente e de Socorros Mútuos Guttemberg. De acordo com o jornal, ela foi fundada por 22 tipógrafos no salão do Club Termópulas, na rua do Imperador⁷ nº 252. Observa-se nos jornais um movimento mais atuante da classe dos tipógrafos no final da década de 1880 e início da década de 1890, que pode ser verificado nos jornais A Discussão (19 jan. 1881, 24 jan. 1881, 25 jan. 1881, 07 fev. 1881, 08 jul. 1882, 21 jan. 1881, 02 jun. 1886, 21 jun. 1886); Diário de Pelotas (05 jul. 1881); Correio Mercantil (03 set. 1886, 15 jun. 1886, 19 jun. 1886, 02 jul. 1886, 14 jul. 1888, 03 ago. 1888, 06 jan. 1890, 29 maio 1891); Jornal do Comércio (24 jul. 1881, 04 ago. 1887); Onze de Junho (09 de jul. de 1882); e Ventarola (08 jul. 1888).

Borba de Moraes, citado por Hallewell (2005, p. 390), creditou ao primeiro governo republicano gaúcho o desrespeito dos direitos autorais: “no Brasil, em fins do século XIX e princípios deste [XX], os editores rio-grandenses, protegidos por uma constituição positivista, imprimiam toda sorte de livros sem autorização dos editores legítimos e sem pagar direitos autorais”. Hallewell informa que:

“não se faz menção a nenhuma firma, mas o principal culpado era a editora gaúcha mais importante da época, a Livraria Americana, de Carlos Pinto, estabelecida, desde a década de 1880, em Pelotas, no extremo sul do Estado. Sua série “Biblioteca Econômica”, de baixo preço e em formato de bolso, publicava traduções de Bourget, Alphonse Daudet, Dostoievski, Elslander, irmão Goncourt, de Kock, Maupassant, Sacher-Masoch, Turguêniev e Zola. (HALLEWELL, 2005, p. 390)

⁷ Atualmente Rua Félix da Cunha

No Brasil, a história do livro está diretamente associada à história do jornal. Em Pelotas, não foi diferente: das tipografias de jornal saíram os primeiros livros. Mesmo havendo destaque para as livrarias Americana e Universal, não se pode esquecer outros pontos de venda e impressão de livros, como, por exemplo, a livraria Alemã-Brazileira e a tipografia do Jornal Correio Mercantil. A atividade tipográfica, nesse momento, bem como os instrumentos utilizados eram muito valorizados. Essa realidade pode ser observada nos excertos:

Novidades

Temos a satisfação de comunicar ao publico que acabamos de receber de Pariz um importante sortimento de typos, das mais acreditadas fundições e do que ha de melhor e mais moderno n'esse genero de trabalho.

Em caracteres de letras, temos actualmente uma immensa e escolhida variedade, comprehendendo todos os tamanhos e gostos adoptados na typographia; em ornatos, possuimos o que há de mais aperfeiçoado e elegante nas primeiras fundições francezas, e de emblemas dispomos de tudo quanto é necessario nas sciencias, artes, officios, commercio, industria, agricultura, etc.

Augmentado o material do nosso estabelecimento por esta maneira, podemos com vantagem encarregar-nos de todo e qualquer trabalho avulso, garantindo a melhor execução possivel e uma verdadeira modicidade em preços.

(CORREIO MERCANTIL, 21 maio 1879)

A seguir, são reproduzidos exemplos de capas de publicações editadas e comercializadas em Pelotas no final do século XIX:



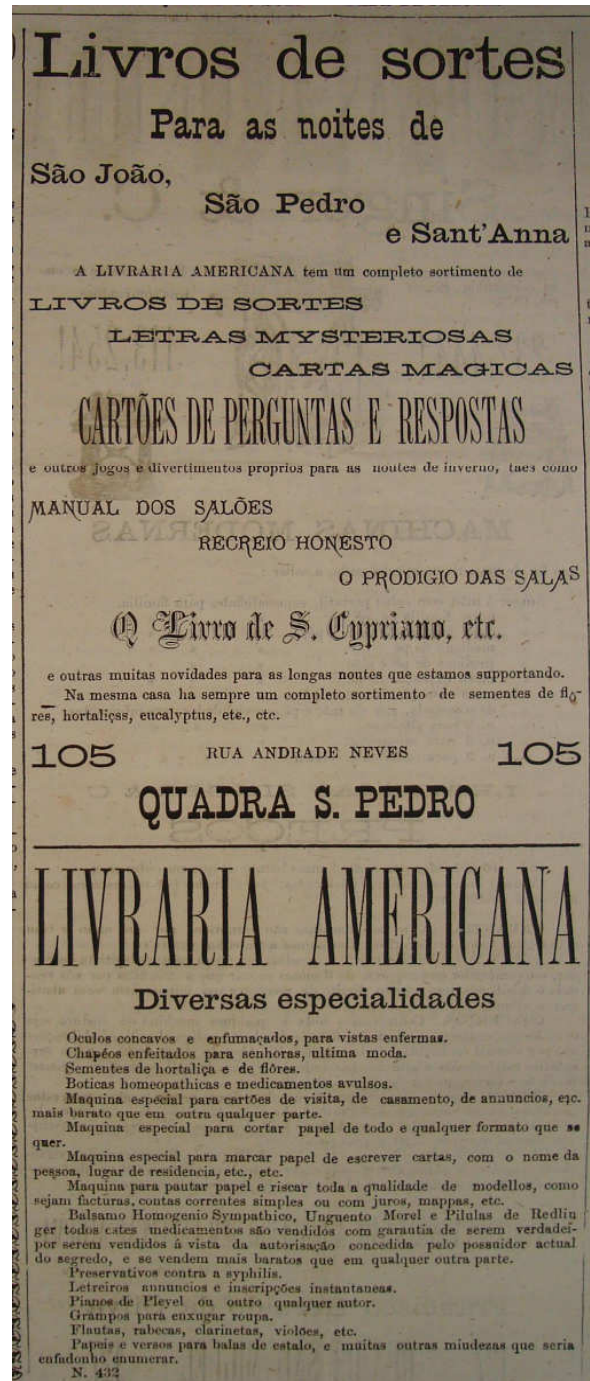
Figura 15 - Capas de livros editados em Pelotas no final do Século XIX – Livraria Americana e Typographia do Correio Mercantil

Pode-se observar nas imagens que trazem as capas de livros e estatutos uma variedade de tipos de letras e ornamentos utilizados, bem como de papéis que caracterizam a riqueza da produção pelotense de livros. O livro *A Martyr*, de Adolphe d'Ennery, traduzido por João Pinheiro Chagas e editado por Pinto & C., faz parte da coleção “Biblioteca Econômica e provavelmente por essa razão apresenta o preço na capa no valor de 1\$000. Nota-se com isso que a variedade não se restringia aos autores, títulos e formatos, mas que em Pelotas no final do século XIX as livrarias procuravam atender todos os “gostos e bolsos”.

Os jornais demonstram que os livros chegavam principalmente pelos paquetes (grandes navios de luxo movidos a vapor) que aportavam em Pelotas semanalmente, trazendo as novidades da Corte, Rio de Janeiro e do exterior do país.

Por meio dos jornais, as livrarias acusavam o recebimento das novas “mercadorias” toda a semana, assim como os próprios jornalistas, eventualmente, comentavam o recebimento de algumas obras. Assim como as livrarias não eram o único ponto de venda de livros, elas também não vendiam exclusivamente esse tipo de material. Para dar sustento ao empreendimento, eram comercializados outros

tipos de produtos: sementes, acessórios, como óculos e chapéus, ou ainda preservativos contra sífilis, como se pode ver no anúncio da Livraria Americana reproduzido a seguir:



Livros de sortes
Para as noites de
São João,
São Pedro
e Sant'Anna

A LIVRARIA AMERICANA tem um completo sortimento de
LIVROS DE SORTES
LETRAS MYSTERIOSAS
CARTAS MAGICAS
CARTÕES DE PERGUNTAS E RESPOSTAS
e outros jogos e divertimentos proprios para as noites de inverno, taes como
MANUAL DOS SALÕES
RECREIO HONESTO
O PRODIGIO DAS SALAS
O Livro de S. Cypriano, etc.
e outras muitas novidades para as longas noites que estamos supportando.
Na mesma casa ha sempre um completo sortimento de sementes de flo-
res, hortaliças, eucalyptus, etc., etc.

105 **RUA ANDRADE NEVES** **105**
QUADRA S. PEDRO

LIVRARIA AMERICANA
Diversas especialidades

Óculos concavos e enfumaçados, para vistas enfermas.
Chapéus enfeitados para senhoras, ultima moda.
Sementes de hortaliça e de flores.
Boticas homeopathicas e medicamentos avulsos.
Maquina especial para cartões de visita, de casamento, de annuncios, etc.
mais barato que em outra qualquer parte.
Maquina especial para cortar papel de todo e qualquer formato que se
quer.
Maquina especial para marcar papel de escrever cartas, com o nome da
pessoa, lugar de residencia, etc., etc.
Maquina para pautar papel e riscar toda a qualidade de modellos, como
sejam facturas, contas correntes simples ou com juros, mappas, etc.
Balsamo Homogenio Sympathico, Unguento Morel e Pilulas de Redlin-
ger todos estes medicamentos são vendidos com garantia de serem verdadei-
ros por serem vendidos á vista da autorisação concedida pelo possuidor actual
do segredo, e se vendem mais baratos que em qualquer outra parte.
Preservativos contra a syphilis.
Letreiros annuncios e inscripções instantaneas.
Pianos de Pleyel ou outro qualquer autor.
Grampas para enxugar roupa.
Flautas, tabecas, clarinetas, violões, etc.
Papeis e versos para balas de estalo, e muitas outras miudezas que seria
enfadonho enumerar.
N. 432

Figura 16 - Anúncio da Livraria Americana – venda de diversos produtos (1884)

Fonte: Onze de Junho, 19 julho 1884, p. 4.

Chartier (1999, p. 53) mostra, em seus estudos, que o livreiro editor dos séculos XVI, XVII ou XVIII na França define-se inicialmente pelo seu comércio. De

acordo com o autor, o livreiro vendia, além dos livros que ele mesmo editava, aqueles que obtinha por uma troca com seus colegas: “ele lhes envia, em folhas não encadernadas, livros que editou e, em troca, recebe os livros dos outros”. Assim, o editor poderia possuir uma gráfica, ou então fazer com que uma gráfica trabalhasse para ele. Dessa forma, era em torno da atividade de livraria que se organizava toda a atividade editorial, sendo estabelecidos mecanismos e limites.

No contexto da realidade brasileira do século XIX, verifica-se que a atividade de editoração também era muito vinculada à atividade de livraria. El Far (2004), ao comentar sobre a situação do Rio de Janeiro, diz que, quando se fala em livrarias do século XIX, logo saltam à memória os nomes da afamada casa comercial Garnier, responsável pela publicação dos romances de Machado de Assis e de muitos outros intelectuais respeitados de oitocentos; e dos irmãos Laemmert, autores e impressores do popular Almanak Laemmert. No entanto, a autora atenta que “é preciso lembrar que ao lado deles, diversos outros comerciantes buscavam na compra, venda e edição de livros um público cativo a fim de ganhar espaço no difícil jogo do mercado livreiro carioca que visivelmente se intensificava” (EL FAR, 2004, p. 2).

A autora ainda informa que no Almanak Laemmert de 1870 a 1900 se encontram 121 firmas vinculadas ao comércio do livro. Segundo El Far (2004, p. 2), essas empresas apresentavam, porém, características distintas, pois enquanto umas vendiam somente livros, outras dividiam o espaço das encadernações com o material de papelaria, utensílios para escritório, jogos, águas perfumadas, guarda-chuvas e objetos de uso pessoal.

Vê-se que as livrarias pelotenses do final do século XIX possuíam características similares a estas empresas que diversificavam os produtos oferecidos. A Casa do Livro Azul (1876-1958), de Campinas, estudada por Santos (2009), constitui um exemplo dessas empresas. A autora informa que “entre livros e romances, a loja vendia também, como era costume na época, cadernos, cartões, pianos, louças, material para escritório, caixinhas de música, bonecas de porcelana, brinquedos importados”. A autora ainda diz que a Casa do Livro Azul fazia encadernações e douraões e era, ainda, tipografia. Porém, diferentemente do que acontecia em Pelotas, a prioridade dos anúncios, no caso da livraria campinense, não eram os livros, e sim outros produtos:

A Casa Livro Azul raramente se mostrava em seus anúncios como livraria apenas. No período analisado (1876-1906), encontrei apenas quatro anúncios de livraria, sendo que, desses, apenas um destacava exclusivamente a venda de livros. Os livros apareciam sempre ao lado de outros impressos, dos serviços de encadernação e do material de papelaria e escritório. Que lugar o livro ocuparia nessa cidade? Como se relacionariam as pessoas dessa sociedade com esse material? (SANTOS, 2009, p. 36)

No caso de Pelotas, a quantidade de anúncios que traziam outros produtos além de livros e periódicos era bem menor, mostrando que o livro era prioridade nas livrarias. Com base nos dados, pode-se dizer que existiam nos jornais, pelo menos, duas formas de divulgação dos materiais de leitura: os comentários/recomendações dos escritores e leitores do jornal e os anúncios das livrarias. Através dessas formas pode-se identificar materiais de leitura que circulavam na cidade durante o último quartel do século XIX.

Geralmente, um mesmo anúncio de cada livraria tinha sua publicação repetida por vários dias durante semanas ou meses. Pelo menos quatro suportes diferentes foram identificados: livros, revistas, jornais e almanaques eram os materiais anunciados, sendo que a maior quantidade era de livros.

Os comentários/recomendações tinham a mesma função dos anúncios, ou seja, divulgar e promover a venda das obras, mas apresentavam formas diferenciadas de convencer o leitor.

Era comum iniciar as colunas de comentários e indicações das obras com um adjetivo para o livro, o que, de certa forma, classificaria o tipo de leitura. Pelas classificações apresentadas nos jornais, não é possível identificar tipos de leitura indicados por Chartier (2001), como leitura intensiva/extensiva, pública/privada, mas pode-se identificar aspectos, como leitura amena, de recreio, instrução, etc., indicando uma forma diferente de se pensar a leitura. A ênfase era dada ao escritor do livro e, muitas vezes, o título da obra aparecia de forma secundária, ou sequer era apresentado. Em alguns casos também se verifica uma breve resenha da obra, como se pode observar no exemplo que segue:

NOVOS LIVROS – mais um livro importante veio enriquecer a bibliotheca de romances, obras científicas e recreativas com que temos sido bondosamente obsequiados pelo incansável livreiro-editor Sr. B.L. Garnier do Rio de Janeiro. São dous romances – O rei Candaule e Fortunio, formando um só volume, devido à penna

elegante e poética de Theophilo Gautier, vertidos para o portuguez pelo illustre escriptor Salvador de Mendonsa.

“Fortunio é a história de um moço immensamente rico que em Pariz apaixonase por uma mulher do mundo equívoco. A quem no fim de muita loucura excesso, deixa por uma escrava indiana. A infeliz se suicida, pois já o amava delirantemente. O rei candaule [...] recommendamos ao público esse interessante e recreativo volume. (CORREIO MERCANTIL, 26 ago. 1875)

O livro anunciado anteriormente é composto por duas obras de Gautier que são apresentadas em um único volume. Com a união das obras, percebe-se que elas tiveram uma alteração, pois mesmo sendo dois romances poderiam ser associados a um só por estarem compondo um mesmo volume.

Conforme Chartier (1994), é essencial compreender como os mesmos textos podem ser diversamente apreendidos, manejados e compreendidos. De acordo com o autor, “essa diversidade não implica, necessariamente, marcas de hierarquização, não faz, por exemplo, o livro melhor que o jornal, mas aponta para a relação indispensável entre conteúdo e suporte material do texto” (CHARTIER, 1994, p. 16).

Para o autor, os dispositivos tipográficos têm tanta importância, ou até mais, do que os ‘sinais’ textuais, pois são eles que dão suportes móveis às possíveis atualizações do texto. De acordo com o autor, os dispositivos tipográficos “permitem um comércio perpétuo entre textos imóveis e leitores que mudam, traduzindo no impresso as mutações de horizonte de expectativa do público e propondo novas significações além daquelas que o autor pretendia impor a seus primeiros leitores” (CHARTIER, 1994, p. 98).

Ao analisar anúncios publicados em diferentes períodos, percebeu-se que era comum que os comentários ou indicações tratassem de uma obra de cada vez e, quase sempre, tecessem muitos elogios ao autor e ao editor.

Outro aspecto que chamou atenção é que, por vezes, o maior destaque era dado para o editor da obra e não para o autor. O nome do editor reforçava a qualidade da obra e dessa forma confirma-se o seu posicionamento no circuito das comunicações explicitado por Darnton (1995), que objetiva uma visualização do processo completo de comunicação, revelando a ligação entre cada parte e afirmando que as partes não adquirem seu significado completo enquanto não são relacionadas ao todo. O circuito mostra que autor e editor estão localizados no início

do circuito, com uma relação de reciprocidade de responsabilidades, sendo que a obra sempre passará pelo editor, como se evidencia na imagem reproduzida:

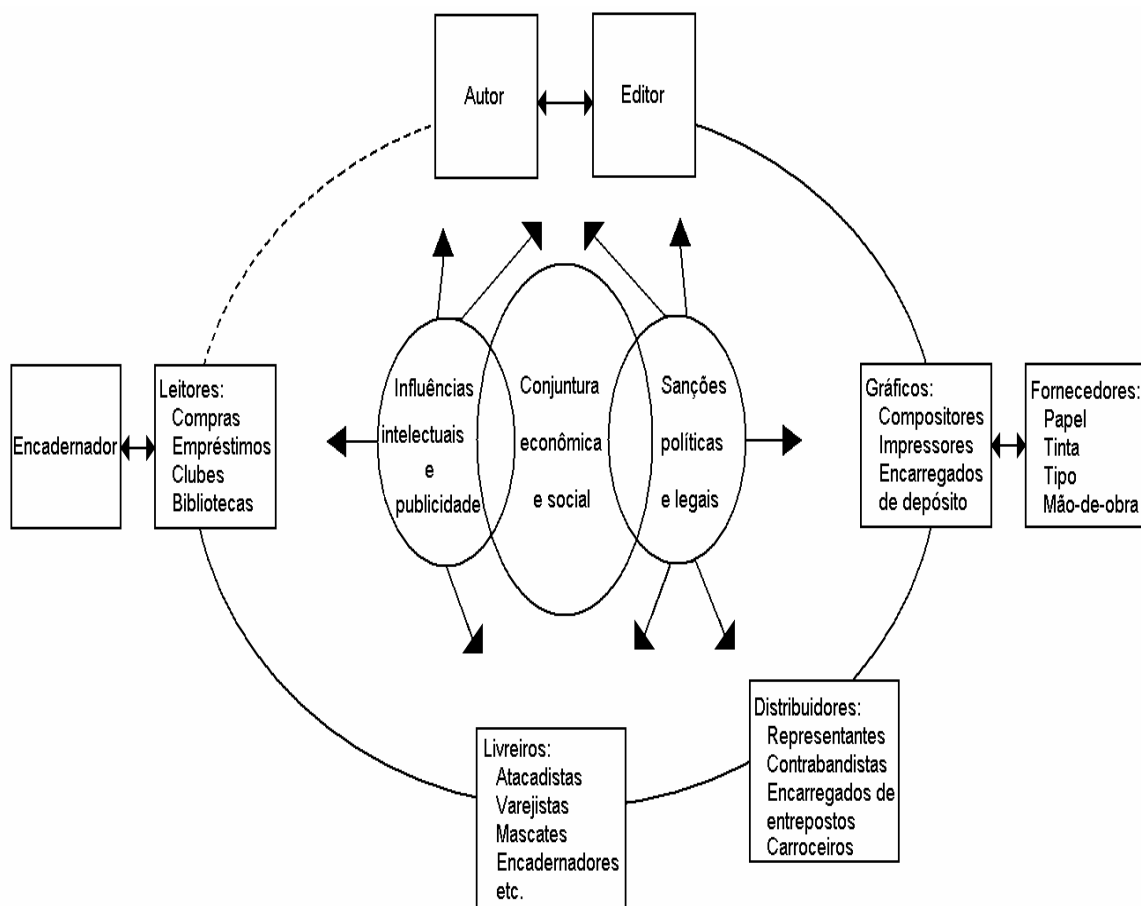


Figura 17 - Circuito das Comunicações.

Fonte: Darnton (1990, p. 113).

Esse destaque evidenciado no anúncio e visualizado no circuito de Darnton revela uma representação do livro que vai ao encontro da afirmativa de Chartier (1999, p. 17) o qual diz que “os autores não escrevem livros, não, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados”.

Dentre os aspectos que fazem parte do circuito se vê as influências intelectuais e a publicidade. A publicidade poderia afetar diretamente nas escolhas, compra e venda de livros e outros materiais de leitura. Assim como se percebe a ênfase atribuída ao editor do livro, observa-se, nos anúncios e comentários, adjetivos atribuídos às obras, direcionando a uma espécie de classificação desses

livros. É possível observar, a seguir, alguns comentários e recomendações que ilustram, através de seus títulos, essa forma de classificação dos livros:

UM LIVRO UTIL (CORREIO MERCANTIL, 27 fev. 1877)
 LIVRO IMPORTANTE (CORREIO MERCANTIL, 27 maio 1877)
 NOVO ROMANCE (CORREIO MERCANTIL, 07 out. 1877)
 LIVROS DE RECREIOS (CORREIO MERCANTIL, 13 abr. 1878)
 OBRAS DE RECREIO (CORREIO MERCANTIL, 15 mar. 1878)
 BONS LIVROS (CORREIO MERCANTIL, 01 dez. 1885)
 BOM LIVRO (CORREIO MERCANTIL, 14 nov. 1879)
 UM LIVRO CURIOSO (A DISCUSSÃO, 10 dez. 1881)
 OBRAS DIDÁCTICAS (A PÁTRIA, 05 jan. 1888)
 LIVROS MÍSTICOS (A PÁTRIA, 02 jun. 1887)
 MAGNÍFICO ROMANCE (A PÁTRIA, 29 nov. 1888)
 LIVRO PRECIOSO (CORREIO MERCANTIL, 14 nov. 1879)
 LIVRO UTILÍSSIMO (A DISCUSSÃO, 17 ago. 1881)

Vê-se que nesses casos o enunciador era o jornal, ou seja, o jornalista que trabalhava na perspectiva de convencimento do leitor, de formação do mesmo, de espécie de “conselheiro”.

Sabe-se que as possibilidades de relação entre textos e leitores são infinitas. No entanto, segundo Chartier (1999), o livro, como um produto cultural, tem sido associado a um objeto material específico, a uma modalidade de linguagem, a autores, a certos gêneros e a toda uma série de invenções que transformaram as relações com os textos.

De acordo com Vóvio (2007, p. 221), o livro carrega em si processos de legitimação, distribuição e circulação. Dessa forma, segundo a autora, as relações com o livro estabelecem-se por meio de:

Uma dialética entre a imposição (daqueles que produzem, pautam e atribuem valor material e simbólico ao livro) e a apropriação (daqueles que consomem, os leitores): cada leitor está sujeito a constrangimentos e regras ordenadas por um conjunto de atores (o autor, os representantes do mercado editorial, das livrarias, da mídia, do marketing, do livreiro-editor, do crítico, dos professores, entre outros), que imprimem o valor do objeto no jogo social e tentam controlar a produção de sentidos, fazendo com que os textos escritos, publicados e autorizados sejam compreendidos sem qualquer variação possível (VÓVIO, 2007, p. 221).

Assim, de acordo com a autora, aqueles que, na escala social, fabricam esses produtos se concentram no espaço de poder que circunscreve o quê, o quando, o onde e o como de sua circulação, querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta, bem como impor limites à leitura e aos leitores (VÓVIO, 2007, p. 221).

Em sociedades de consumo, como no caso de Pelotas no final do século XIX, o livro e outros objetos de leitura eram produtos que deveriam satisfazer certas necessidades, muitas delas criadas pelos próprios mecanismos desse modelo.

Deste modo, adjetivos como “útil”, “importante” e “curioso”, demonstram classificações, formas de ver o livro e consequentemente a leitura dessas obras, ou seja, uma representação de “boa leitura”, de “leitura útil”, de leitura “importante” e consequentemente necessária.

No conjunto de anúncios analisados, a maioria dos livros considerados úteis e importantes eram aqueles que tratavam de assuntos históricos, ou discutiam teorias políticas ou religiosas, como, por exemplo, o livro História das operações militares, “livro útil” anunciado em 27 de fevereiro de 1877, como se observa:

Um livro util – O distinto militar Sr. capitão de artilharia Dr. Francisco Clementino Santiago Dantas, obsequiou-nos com o interessante volume em que habilmente resumiu as importantes operações militares contra os fanaticos mukers d'esta provincia no anno de 1875.

É um livro util para a historia d'esses acontecimentos, que se recommenda tanto pelas bellezas da linguagem como pela fidelidade de narração.

O illustrado Sr. capitão Dantas, um dos officiaes que muito honra a nobre classe a que pertence, era de certo o mais competente para fazer a descripção exacta d'essas occorencias.

Tendo tomado parte nos differentes ataques que soffreram os temiveis mukers e acompanhado de perto as operações; foi S.S. o bravo commandante da artilheria e o chefe da valente expedição a quem coube a gloria de exterminar esses bandidos que tantas desgraças causaram à provincia.

Com o trabalho de que nos occupamos, o Sr. Dantas prestou um relevante serviço á historia patria e offereceu á sua illustre classe os mais aproveitaveis exemplos de perícia, taticta militar, coragem e patriotismo.

Agradecemos cordialmente o livro que recebemos. (CORREIO MERCANTIL, 27 fev. 1877)

A seguir, tem-se o exemplo de “um livro importante”. Trata-se da obra “Depois da morte, ou a vida futura”, anunciada na mesma data. Essa obra teria como característica aguçar a curiosidade do público e revelar um mistério do mundo que seria a vida após a morte:

Livro importante – *Depois da morte ou a vida futura segundo a sciencia, tal é o título de um novo livro com que fomos obsequiados, por intermédio da Livraria Americana, pelo infatigavel editor do Rio de Janeiro, Sr. B.L. Garnier. Escrito por Luiz Figuiier, autor da Terra antes do Diluvio, das grandes descobertas (CORREIO MERCANTIL, 27 fev. 1877).*

Também chama a atenção o “livro utilíssimo”, anunciado em 17 de agosto de 1881 com o título *Canhenho do Eleitor ou Indice Alfabetico e Explicativo da Reforma Eleitoral*, cujo autor é o desembargador Antonio Manoel Fernandes. O livro é considerado útil por tratar de assuntos políticos. Ao analisar o conjunto de anúncios, observa-se que a “utilidade” ou “importância” são adjetivos que frequentemente apareciam na caracterização dos livros, possivelmente uma estratégia para venda que se baseava na necessidade de o leitor adquirir o livro mais pela utilidade do que por lazer, por exemplo.

Ainda se podem identificar quais seriam as características de um livro bom, precioso, como é o caso do anúncio do livro *Relâmpagos*, anunciado pelo Jornal Correio Mercantil:

Relampagos é um livro precioso, [...] não é um volume de lamurias, de suspiros apaixonados, nem a exposição de doutrinas perigosas.

[...] Poderá ter alguns defeitos de fôrma, mas não os tem de certo no fundo, todo moral e civilizador, todo agradável e recreativo. (CORREIO MERCANTIL, 14 Nov. 1879).

Constata-se que um livro bom seria aquele que não tivesse lamúrias e suspiros apaixonados, tampouco que expusesse os leitores a “doutrinas perigosas”. A moralidade é qualidade exaltada pelos redatores do jornal, possivelmente, por ser esta um apelo da sociedade.

Ao tratar de anúncios que tinham como enunciador a própria livraria, também foram identificados títulos que circulavam na cidade no final século XIX, assim como as estratégias utilizadas pelas livrarias para que esses livros chegassem aos leitores. De acordo com Gisele Becker (2007, p. 171), a publicidade é elemento importante no processo de comunicação. Segundo a autora, ela se inscreve em um circuito de trocas de bens de produção, utilizando-se de parcerias unidas por contratos de interesse entre fabricantes, anunciantes e consumidores.

Conforme Brandão (2005), os anúncios são reconhecidos pelo seu caráter documental, uma vez que:

[...] retratam, pelas informações que fazem circular, pelas ofertas e procuras de produtos e serviços, o universo dos objetos e das preocupações presentes num determinado grupo social de uma dada época. Por ser um discurso corrente no dia-a-dia do cidadão e estar presente desde que os primeiros jornais impressos começaram a circular, esse gênero do discurso torna-se objeto interessante para apreender aspectos da vida social de uma determinada comunidade discursiva. (BRANDÃO, 2005, p. 1).

Becker (2007, p. 170) ainda aponta que a propaganda na imprensa brasileira apresentava-se ainda muito incipiente em meados do século XIX. De acordo com a autora, em um país onde a plena industrialização não era uma realidade, “as páginas dos jornais resumiam-se a anunciar estabelecimentos de comércio com venda de produtos importados, restaurantes, cafés, denúncias de escravos fugidos, etc.”. Ainda para Becker (2007, p. 170), na transição do século XIX para o XX, “a maioria dos anúncios se referia a medicamentos, farmácias e artigos de vestuário e fumo”. De acordo com a autora, os anúncios não eram frequentemente muito elaborados, com exceção dos publicados nas edições ilustradas.

Essas afirmações de Becker (2007) foram verificadas nos jornais pelotenses do final do século XIX, ou seja, muitos anúncios de medicamentos, de farmácias e artigos de vestuário. No entanto, diferentemente do que aponta Becker, as ofertas não se resumiam aos produtos acima citados, pois se identificou, principalmente a partir do final da década de 1870, muitos anúncios de livros vendidos pelas livrarias.

Os anúncios pagos pelas livrarias para serem publicados nos jornais possuíam variações em suas apresentações, porém a estrutura mais comum encontrada era de uma listagem de títulos de livros com ou sem seus respectivos preços, além de comentários sobre a materialização do suporte, ou seja, tamanho do

livro, tipo de papel, encadernação e etc. Essa forma de anúncio revela o valor simbólico atribuído ao objeto livro, uma vez que somente as listas por si só eram suficientes, sem a necessidade de uma explicação que visasse o convencimento para a compra do objeto, como se via em anúncios de outros tipos de mercadorias.

Em algumas ocasiões, os anúncios das livrarias superavam, em espaço ocupado no jornal, os anúncios de todos os outros estabelecimentos comerciais, o que mais uma vez se difere do que Becker (2007) encontrou em sua pesquisa realizada com jornais na cidade de Porto Alegre e constitui-se num diferencial para a cidade de Pelotas em relação a Porto Alegre, possibilitando inferir que a comercialização de livros tinha um importante significado no comércio de Pelotas naquele período. Pode-se observar, na Fig. 18, que a metade da página de anúncios do jornal Onze de Junho publicado em 17 de fevereiro de 1892 apresenta anúncios da Livraria Universal e da Livraria Americana:

Lojas da Bandeira Vermelha em Pelotas e Rio Grande
ANAURELATO MARIN

N. 429

Atenção Quem não tem a sua recordeira da estação da estrada de ferro, e será vendido em lotes a vontade dos Srs. compradores a um preço de preço. ANUNCIOS AINDA MAIS NOVIDADES PAPELAIS AMOROSAS (LITURGIA PARA HORTA) 1. grama volume elegante com capa algarizca. 25000 PINHEIRO CHAGAS <i>Contos e Descrições</i> 1. volume. 14000 J. MICHELET <i>Os soldados da Revolução</i> Verdade profetizada e senada de por Fernando Leal. 1. volume. 21000 MARIA AMALIA VAS DE CARVALHO <i>Alguns poemas do meu tempo</i> (Impressões literárias) 1. volume. 25000 Estas obras vendem-se na LIVRARIA UNIVERSAL de Echenique & Irmão Telefone 60 A única casa que não altera os preços anunciados dos seus artigos.	ALMANAK DAS SENHORAS BRAZILEIRAS E PORTUGUEZAS por Albertina Paraiso, para 1890 1 volume com gravuras, 600. Chego e só se pode comprar por este preço na Livraria Americana DE Carla Pinto & C. Socia. Telephone N. 62 Única casa que anuncia preços dos seus artigos. O MAIS RICO É estranho sortimento, que se pode imaginar, em papéis a fantasia. Últimas novidades Parisienses Lindíssimas caixas, em telas completamente estranhas e originais, em forma de wagons, malas, pianos, sacolas, bolsas etc. e representando também a celebre TORRE EIFFEL. Todas muito pequenas para presentes e a preços baratíssimos. Estas novidades só se encontram na conhecida Livraria Universal Echenique & Irmão 139 Rua S. Miguel, 139	GRANDE UTILIDADE ECONOMIA O dicionário da Língua Portuguesa, Etimológico, Prosódico e Ortográfico. 2ª edição correcta e augmentada. Collaboração d'escriptores brasileiros e portugueses sob a direcção litteraria de Xavier da Cunha. Este dicionário economico completo é indispensavel em todas as casas de familias, escolas, casas commerciaes, escriptorios, repartições publicas etc. 1. vol. de 736 paginas, composição cheta e perfeita, impresso na optima papel cotada, e encadernado 20000. Am bem, vende-se na cidade na Livraria Americana Carlos Pinto & C. socia. TELEPHONE N. 62 BANCOS Companhias FORMULARIO DOS Instrumentos e regimentos para as secretarias dos Bancos e Sociedades Anonymas no Brazil, por Vicente de Carvalho 1 volume 65000 Actuar-se a venda nesta cidade Livraria Americana	MAIS NOVIDADES ! Albertina Paraiso Almanak das senhoras PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS Para 1890 Dr. Galeno Bisturi <i>Receitario do Amor Sentimental.</i> 1. volume broch. 8000 Xavier de Montepio <i>O Testamento Vermelho</i> GRANDE ROMANCE Ilustrado com 15 chromolithographias, agnaveilhadas por Manoel de Macedo. Tradução de A. M. Cunha e Sá 5 volumes brochados todos com elegante capa colorida. A venda na LIVRARIA UNIVERSAL de Echenique & Irmão DIPLOMAS DE ELEITORES Em 1/2 hora! Na Livraria Universal recebem-se diplomas de eleitores em elegante carteira de papel tingido, com letreiros decorados. Os titulos são sobrepostos em fazenda, de forma que duram eternamente tendo ainda a grande vantagem de tornar-se assim muito mais difficil de perder-se. APROMPTAM-SE EM 1/2 HORA só na Livraria Universal de Echenique & Irmão	JARDIM DO POVO BIBLIOTHECA POPULAR E ECONOMICA O mundo de Camões, romance por Octavio Figueira, 1. vol. broch. 14000 11 O Pado de amor, romance por Pamon da Terra, 1. vol. broch. 14000 11 A sista na terra, contos plantatiços por Alvares de Azevedo, 1. vol. 100. Os descendentes de Locris, romance de Amadeu Achard, 2. vol. broch. 10000. Plantas de amor, romance por J. M. Cunha Sá, 1. vol. broch. 14000. As aras de ouro, romance de Charles Bernard, 1. vol. broch. 500. O mural das Góias, romance de Frederico Hoffe, 1. vol. broch. 14000. Todas estas livros vendem-se na Livraria Universal de Echenique & Irmão PEDREIRO Precisa-se de um, para serviço mensal. Indica-se nesta typographia. N. 477 12-5 Jornaes velhos Nesta typographia vendem-se a 10000 a arroba.	BÓCIOS Esta rubrica contém as novidades da cidade, em nome de Bócio, um velho de Pelotas, que conta as novidades da cidade, e de si mesmo. O Livro para cada um, com as novidades da cidade, e de si mesmo. A capital de cada um, com as novidades da cidade, e de si mesmo. Portanto, quem quiser saber as novidades da cidade, e de si mesmo, deve comprar este livro. Para cada um, com as novidades da cidade, e de si mesmo. Depois de cada um.
--	--	---	---	--	---

Figura 18 - Anúncios de livrarias (1892).

Fonte: Onze de Junho 17 de fevereiro de 1892

Percebe-se, além da grande participação das duas maiores livrarias no mercado livreiro, a forte concorrência que se dava entre as mesmas, que ia desde a quantidade de espaço ocupado nos jornais até os comentários nos anúncios. Vale ressaltar que das seis colunas que formam a página, em pelo menos cinco colunas há anúncios das livrarias.

A partir das listagens de divulgação dos livros à venda, pode-se identificar alguns materiais de leitura que circulavam em Pelotas no final do século XIX. As listas de livros anunciados para venda apareciam nos jornais, geralmente, da seguinte forma:

INSTRUÇÃO E RECREIO

Livros recebidos pelo paquete

CALDERON

NOVIDADES

Acabamos de receber mais as seguintes obras, verdadeiras novidades de 1879:

A familia Gogó, 2 vol., por Paulo de Koke [sic].

Galeria de Figuras Portuguezas, por Palmeirim.

Julio Verne

O deserto de gello, 1 vol.

A Galera Chansellor, 1 vol.

Aventuras de 3 russos e 3 inglezes, 1 vol.

O cataclismo cosmico, 1 vol.

Eclipse de 1860, 1 vol.

A cidade fluctuante, 1 vol.

As Indias negras, 1 vol.

Viagem ao centro da terra, 1 vol.

Os inglezes no polo norte, 1 vol.

O Dr. Ox, 1 vol.

Os habitantes do cometa, 1 vol.

O abandonado, 1 vol.

O segredo da ilha, 1 vol.

A ilha errante, 1 vol.

Os naufragos do ar, 1 vol.

Encadernação Riquissima

Viagem ao centro da terra, 1 vol.

Eclipse de 1860, 1 vol.

Henrique de Kock (leitura para homens)

As treze noutes de Joanna, 1 vol.

O amor corcunda, 1 vol.

Historia das cortezans celebres, 1 vol.

Joaquim M. de Macedo

A Baroneza do Amor, 2 vol.

Xavier de Montepim

O palacio dos phantasmas, 5 vol.

Ernesto Feydeau:

Memorias de uma dama de boa familia, 1 vol.

(leitura para homens)

Adolfo Belot:

A mulher de gello, 1 vol.

O artigo 47.

Alfredo de Sarmento:

A sésta, 1 vol.

Louvet de Couvray:

Cavalheiro de Flaublas, 3 vol. encadern.

Mery:

Heva, 1 vol.

Clemence Robert:

O poeta da rainha, 1 vol.

Goudrecourt:

Branços, pretos e mulatos, 1 vol.

Charles Deslys:

O juramento de Magdalena, 1 vol.

Alexandre Dumas:

Os mil e um phantasmas, 2 vols.

A Ilha de Fogo, 1 vol.

A San Felice, 1 vol.

Os mil e um phantasmas, 2 vols., encadern.

Paulo de Kock

O campo das papoulas, 2 vols.

A Sra. de Mouflauquim, 2 vols.

A menina liza, 1 vol.

Os amores de 2 irmãos, 1 vol.

Quadros e novellas, 1 vol.

Florentina, 1 vol.

Os sete bagos d'uvas, 1 vol.

Os amantes de minha amante, 1 vol.

O neto de Cartouche, 1 vol.

Nem solteira, nem casada, nem viuva, 1 vol.

A menina das tres saias, 1 vol.

Um marido perdido, 1 vol.

O senhor Dupont,

O meu visinho Raymundo, 5 vol.

A Irmã Anna,

O Bigode

B. Moreira de Sá:

Guia de correspondência, 1 vol.

Ahn:

Curso da língua franceza, 1 vol.

Curso da língua ingleza, 1 vol.

Eugenio Chavette:

Chifard, 10 vol.

Frederico Soulie:

O casal das Giestas, 3 vol.

Theodoro Guerreiro:

Heroes e Martyres, 5 vol.

Paulo Sauniere:

Barba Azul, 10 vol.

Pierre Zacccone:

O homem das multidões

E'lie Berthet:

Valeria

Gonzales & Moleri:

Os sete beijos de Buckingham

H. Escoffier:

O Manequim

Charles de Bernard:

As azas de Ícaro

D. Anna C. G. P. de Sá Vianna:

O Cofre

Emilio Gaboriau:
Os voluntarios de 92, 1 vol.
O desmoronador do Imperio, 6 vol.
A caçada aos milhões, 1 vol.
Gustavo Drouineau:
Irmão e marido, 1 vol.
J. Michelet:
A ave, 1 vol.
Falcão Rodrigues:
Amor de mãe, 1 vol.
Gr. A Palmeirim:
Portugal e seus detractores, 1 vol.
Ramalho Ortigão:
As praias de Portugal, 1 vol.
Banhos de caldas, 1 vol.
Paulo Féval:
O paraizo das mulheres, 2 vol.
Paulo Bocage:
Os Puritanos de Paris, 3 vol.
Gustavo Ainert:
Os dramas do Novo Mundo, 13 vol.
J. Gr. Hartt Milner:
O Faro de guerra
 (CORREIO MERCANTIL, 17 ago. 1879)

Eugenio Sue:
Mysterios de Paris, 4 vol.
Esequiel Freire:
Flores do campo
Luiz E'nault:
Alba
M. Pereira Lobato:
A amante do ministro
Eduardo Coelho:
Historia de hoje
Luiz Guedes Coitinho:
Dois anniversarios
Henrique Peres:
Os estroinas de Lisboa
A M. Bellem:
Amores de Primavera

Essa extensa lista divulgava a venda de livros de 44 autores, a maioria estrangeiros, totalizando 90 títulos. Os autores mais citados na lista são Julio Verne, com 18 títulos, seguido de Paulo de Kock, com 15 títulos.

Por vezes, o destaque dado às obras era pela língua em que estavam escritas, como se pode observar no anúncio que segue:

ANNUNCIOS
LIVRARIA UNIVERSAL
Novidades Litterarias
Obras em Portuguese

- Ramalho Ortigão - *A Hollanda*
 - John Bull, depoimento de uma testemunha acerca de alguns aspectos da vida e da civilização ingleza, 2. ed.
Banhos de Caldas e Aguas Mineraes
As Praias de Portugal, guia de banhista e viajante
Hygiene da Alma, pelo barão de Feuchterslebeu, traducção de Ramalho Ortigão, 3 ed.
 - Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz - *As Farpas*
O Mysterio da Estrada de Cintra, 2 ed.
 - Eça de Queiroz - *A Reliquia*
O Primo Bazilio
 - Luiz de Magalhães - *O Brasileiro Soares*
 - Guerra Junqueiro - *A Musa em Ferias (Idyllos e Satyros), 2 ed.*

A velhice do Padre Eterno
A Morte de D. João (ed. portuguesa)
O Mandarim, 2 ed.
O Crime do Padre Amaro
 - Camillo Castello Branco - *O general Carlos Ribeiro, recordações da mocidade*
O Vinho do Porto, processo de uma bestialidade inglesa
Bohemia do Espirito, romance
Serões de S. Miguel de Seine, chronica mensal de litteratura amena (novellas, polemica mansa, critica suave dos máos livros e dos máos costumes)
Volcões de Lama, romance
D. Luiz de Portugal (quadro historico)
A corja, romance
Os ratos da inquisição, por Serrão de Castro, prefaciado por Camillo Castello Branco.
Livro Negro do padre Diniz, romance
A Brasileira de Prazins, scenas do Minho
Eusebio Macario, D. Antonio, prior do Crato, 3 ed.

À VENDA NA LIVRARIA UNIVERSAL
 (A PATRIA, 2 Mar. 1888)

A lista contempla edições brasileiras e portuguesas, sendo a maioria das obras de autoria portuguesa. Dentre as novidades literárias estão guias de viagem, romances e novelas.

No próximo anúncio, observa-se a oferta de várias obras de Enrique Perez Escrich, autor espanhol que nasceu em Valencia, em 1829, e morreu em Madri, em 1897. Segundo Meyer (2005), ele é um dos autores mais conhecidos da Espanha. E, de acordo com Pinheiro Filho (2009), nos seus primeiros trabalhos encontra-se uma ideologia católica conservadora. No mesmo anúncio podem-se visualizar os preços dos livros, tamanho e tipo de encadernação, informações que apareciam em menor frequência nos anúncios da época:

ANNUNCIOS

Novidades literárias chegadas à Livraria Americana.

Economia domestica moral ou a felicidade e a independencia pelo trabalho e pela economia por S. Similes, auctor do Character, Poder de vontade, etc. 1 grosso vol. 3\$, encad.4\$.

A corja – pretos e raças finas, por Camillo C. Branco, 1vol. in 8°, 3\$

A vida alegre, apontamentos de um folhetinista, por Julio Cezar Machado, 1 vol. in 8°, 2\$.

As conferencias e o itinerario do viajante portuguez Serpa Pinto, 1 grosso vol. in 4°broch. com mappas 5\$.

Os desberdados, scenas da desgraça, por Fernandez y Gonzales, 5 vol. in broch. 7\$500.

O expectro de Chatillan, prilogia por Elié Berthet, 3 vol. in 4°, broch. 2\$.

Atravez da Africa, por Cameron, viagem de Zanzilar á Benguela, obra illustrada com as grandes gravuras da edicção ingleza, 2 vol. in folio, 10\$.

David Livingstrone, viagens de exploração no Zambeze e na Africa central, 1 vol. in 8° broch., 1\$500.

O incendio da Patriarchal, por Leite Bastos, 1 vol. in 8° 1\$500.

Os fidalgos do coração de ouro, chronica do reinado de D. Sebastião, por M. Pereira Lobato, 1 vol. in 8°, 3\$.

A perdição da mulher, por Escrich, 3 vol. in 8°, com gravuras, 4\$500.

O manuscripto materno por Escrich, 6 vol. in 8° com gravuras, 9\$.

A mãe dos desamparados, por Escrich, 4 vol. com gravuras, 6\$.

As obras de misericordias, por Escrich, 4 vol. in 8° com gravuras, 6\$.

A mulher adúltera, por Escrich, 4 vol. in 8° com gravuras, 6\$.

O livro de Job, por Escrich, 3 vol. in 8°, 5\$.

A inveja por Escrich, 3 vol. in 8° com gravuras, 4\$ 500.

Os que riem e os que choram, por Escrich, 3 vol. in 8° com grav., 4\$500.

(A DISCUSSÃO, 2 abr. 1881)

Com o objetivo de entender a remuneração do trabalho intelectual no Brasil entre 1820 e 1930, Lajolo e Zilberman (1999) elaboraram um quadro que contém os preços de livros, revistas e jornais, a remuneração de escritores, e ainda os valores da remuneração de diversos profissionais e preços de diferentes produtos que pertenciam a “outros mundos que não os das obras impressas” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 313), como alimentos, aluguéis, vestimentas, etc.

Os preços dos livros vendidos em Pelotas variavam entre 3\$ e 10\$, um valor bem acima do encontrado por Lajolo e Zilberman. Segundo as autoras, em 1881, o preço dos livros variava entre 1\$ ou 2\$; em 1878, o aluguel de um quarto com água custava entre 10\$ e 20\$. As autoras não especificam o local, mas depreende-se que seja no Rio de Janeiro. Dessa forma, depreende-se que o livro em Pelotas era mais caro que no Rio de Janeiro.

Ao verificar outros produtos comercializados em Pelotas e anunciados nos jornais, constatou-se os preços de tecidos em oferta, como percais franceses, de 320 por 200 reis; chita, cretone de 400 reis por 200 reis; e brins em cores, “pelo amável preço” de 140 a 200 reis. Comparando aos livros vendidos em Pelotas, verifica-se que o valor de um livro mais barato equivaleria a 7,5 metros de chita ou cretone, por exemplo.

Ao analisar os anúncios das livrarias, pode-se identificar uma representação diferenciada daquela identificada nos textos críticos e literários, pois, no caso dos

anúncios, infere-se que o livro aparece como um produto a ser comercializado, e, em decorrência disso, com uma clientela específica que procuraria por um livro de recreio, científico ou para instrução.

Cabe ressaltar que, segundo Lajolo e Zilberman (1999, p. 60), o livro, suporte físico de um saber, mas também objeto industrializado submetido à compra e venda, ou seja, mercadoria, é parte integrante, até essencial dos mecanismos econômicos próprios ao capitalismo. Segundo as autoras, ele assume marcas da sociedade burguesa ao se transformar em propriedade privada. Dessa forma, os contratos de edição e impressão, os meios de distribuição e venda, as regras de tradução e condensação, por exemplo, “constituem operações que viabilizam a dimensão econômica do processo inteiro que se abre com um original e desemboca num livro” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 60).

Nas listas anunciadas, os livros não eram classificados por assunto, mas por finalidade de uso ou por público destinado. Dessa forma, as livrarias ofertavam livros para instrução, para recreio, científicos, para homens, para senhoras, ou seja, para um tipo específico de leitor esperado, imaginado, representado.

Constatou-se que um mesmo anúncio com as “Novidades Litterárias”, a exemplo do transcrito anteriormente, era publicado durante meses, o que permite inferir que o intervalo entre uma remessa de livros novos e outra poderia ser mensal, bimestral ou até trimestral, apesar dos navios aportarem semanalmente em Pelotas.

Todavia, não se pode deixar de levar em conta que talvez este fosse um dos únicos meios de divulgação em massa. Provavelmente por essa razão se anunciava com tanta frequência nos jornais e se verificava tantos anúncios. Diferentemente do que acontece hoje quando temos várias formas de divulgação impressa e eletrônica.

Nota-se, ainda, nos anúncios uma forma diferenciada de apresentar os livros dando-se ênfase às características materiais do mesmo. Dessa forma, o tipo de encadernação e a impressão também seriam critérios para a compra do objeto.

3.2.1 Livros Franceses

Ao analisar os anúncios e recomendações de livros, identifica-se a existência de uma comunidade de leitores que lia em língua estrangeira, sobretudo em língua francesa. Essa constatação ajuda a dar sentido às diversas divulgações de aulas de francês presentes nos jornais e à existência de escritórios de jornais pelotenses em outros países, como é o caso do Bureau do Jornal Correio Mercantil em Paris. Percebe-se um forte interesse desses leitores por produtos franceses, uma vez que importavam não só roupas e perfumarias, mas, sobretudo, a cultura como um todo que era registrada nos livros. Fato que corrobora a afirmativa de Carelli (1994, p. 123), o qual diz que o século XIX brasileiro foi fortemente influenciado pelos modelos franceses. Na mesma linha de pensamento, Hallewel (2005, p.198) afirma que “no fervor de seu nacionalismo recém-descoberto, o Brasil passou a responsabilizar a herança portuguesa pelo atraso nacional e a identificar tudo o que era francês como moderno e progressista”. No anúncio da Livraria Americana, publicado no jornal A Discussão de 13 de maio de 1881 constata-se como os títulos dos livros são apresentados:

ANNUNCIOS

Livros franceses chegados à Livraria Americana:

La capote rose de Paul Saunière

Historie de Trois Enfants de Tonz Révillon

Une Araine a Vord de G. de la Landele

Les mémoires d'un chiffanier de Mie d'Aghonnne

Le combat de l'honneur de A. Robert

Les frauders de H. Audeval

La majorité de mlle. Bridot de C. Deslys

Les dames du Cloître de E. Berthet

Une princesse russe de E. Gonzalés

Les fonds perdus de H. Madelène

Un grand d'Espagne de A. Achard

Lé Général Yomini de Saint-Beure

Histórrre de mes bêtes de A. Dumas

La femme de vingt-cing-ans de H. Aubriet

La Marquise de Courcelles de E. Mirecourt

Les martyres de l'honneur de H. Conscience

Histories émouvants de C. Barbara

Les Serfs de flandre de H. Conscience

Le lendemain de l'amour de C. Chincholle

Em ménage de J. k. Huysmans

Les compagnon de l'Arche de A. Brotet Saint Véran

Un amor sous la révolution de G. Duval

Le tapis vert de L. Ulbach
Mille Beau- Sourière de A. Bourier
Amour perdu de Th. Bent
L'assommoir de E. Zola
Lettres inedites de Mendels-sohn trad. de Rolland
Nana de E. Zola (A DISCUSSÃO, 13 maio 1881)

O título do anúncio destaca a nacionalidade das obras, e, pela quantidade de títulos, depreende-se que havia um público considerável para essas leituras. Verificou-se que a maioria dos autores são muito conhecidos, lidos e comentados no século XIX, como Zola, Alexandre Dumas, Aimédé Achard e G. Duval, por exemplo.

Na transcrição do anúncio seguinte é possível observar o destaque para a nacionalidade das “obras francesas” vendidas pela Livraria Universal. Percebe-se que a maioria é formada por obras literárias, revelando que essas obras poderiam ser usadas mais para leitura de divertimento do que para de instrução. Depreende-se que, ainda que os livros efetivamente não tenham sido nomeados, haveria a familiarização dos leitores e leitoras com os autores e também com a nacionalidade, indicando uma preferência por essas leituras.

ANNUNCIOS
NOVIDADES LITTERARIAS

Obras Francesas

Emilio Zola
Catulle Mendees
Alphonse da Udet
Ivan Turgueneuff
Navie Golombier
Hector Mallot
Arsene Houssaye
G. Maci
Abel Hermant
Gustave Flaubert
Jules Mary
Santiago Arcos

Eugenére Chavetti
Armand Silvestre
Guy de Maupassant
Mausdley
Shopenhauer
Jules Verne
Le Prince Napoleon
Max O'Rell
Georges Onhet
Matias Vallady
Dramor
Sainte-Hilaire

À venda na LIVRARIA UNIVERSAL (A PÁTRIA, 20 jan. 1888)

Em alguns anúncios, apenas os nomes dos autores bastavam para chamar a atenção dos leitores. O nome do autor, pois, outorgava certo estatuto às obras, conferindo-lhes autenticidade e distinção.

Ao analisar a propaganda anterior, contabiliza-se a soma de 25 autores. Percebe-se que alguns nomes se repetem em relação ao anúncio publicado sete

anos antes, no jornal A Discussão de 13 de maio de 1881, e que muitos destes são hoje clássicos da literatura universal. A maioria desses autores foram considerados os mais lidos na Europa no século XIX e, provavelmente, por essa razão estão contemplados nessa lista de anúncios da Livraria Universal.

Há anúncios que mesclam palavras escritas em português com palavras escritas em francês, como é o caso do anúncio “Noveaute”, da Livraria Americana, que oferecia as obras “Que lira rira”, de autoria de Armand Silvestre, e Le Bonheur des Aures, de Catuele Mendes. Como se vê a seguir:

NOVEAUTE'
Que lira rira
PAR
Armand Silvestre
1 volume avec illustratio-
ne 2\$500
—
Le Bonheur des Aures
PAR
Catuele Mendés
1 vol. avec 70 dessins de
Lucien Métivel 2\$500
Estas novidades chegaram e
acham-se a venda na
Livraria Americana
DE
Carlos Pinto & C. Scs
Telephone n. 62
Unica casa que annuncia o
preço dos seus artigos.

Figura 19 - Propaganda Noveaute (1887).

Fonte: Onze de junho, 23 out. 1887, p. 4.

No anúncio da Livraria Americana, até a descrição material das obras é feita em língua francesa. Também chama a atenção o destaque que a livraria fazia ao anunciar que era a única casa que divulgava o preço dos artigos.

Além da divulgação de livros de autores franceses, editados na língua pátria, chama a atenção o oferecimento da assinatura de um periódico belga, o jornal L'Independance Belge. O anúncio enfatizava que a assinatura do jornal ofereceria um resumo semanal completo do movimento político, artístico, literário, industrial e comercial do mundo inteiro. O que mostra o interesse dos pelotenses em se mostrarem atualizados em relação ao exterior através da leitura. Ou seja, uma sociedade que se queria cosmopolita fazia o movimento de ler para se ligar ao mundo, e o mundo se impunha através da leitura. É importante ressaltar que o anúncio é escrito em Língua Francesa, como se observa na imagem:



Figura 20 - Propaganda L' Indépendance (1887).

Fonte: Onze de junho, 23 out. 1887

Também se observa, embora em menor quantidade, a venda de livros escritos em outras línguas, por autores de nacionalidade italiana, inglesa ou espanhola.

3.3 Livros doados para a Bibliotheca Pública Pelotense

Outro indicativo de livros que circulavam na cidade pode ser verificado através da análise das listas de doações realizadas pela comunidade para compor o

acervo inicial da Bibliotheca Pública Pelotense, criada em 1875. Essas listas não confirmam a leitura desses livros, mas indicam que pertenceram a pessoas que os compraram ou ganharam e que, possivelmente, tenham lido. Esse seria um vestígio de possibilidade de leitura. De qualquer forma, como já fala Chartier (2001, p. 105), “com maior frequência, o único indício do uso do livro é o próprio livro”.

As doações feitas à biblioteca foram registradas nos relatórios e os mesmos publicados no jornal *Correio Mercantil*, de propriedade de Antônio Joaquim Dias, um dos fundadores da BPP. Os dados localizados nos jornais pesquisados apontam para um maior número de registros de doações no período da fundação da Bibliotheca e inauguração do prédio no ano de 1879. A seguir, o registro de uma doação:

Bibliotheca Publica

Donativos realizados

Por Serafim José Alves:

O Primo Basílio, por Eça de Queiroz - 2 vol.

Esposo de virgem, por Adolfo Bellot - 1

D. Maria Cazaria da Silveira:

Geologie, por Ch- Syll - 1 vol.

Elementos da theologia - 1

Letres persanes, por Montesquier - 1

Compendio doutrinal - 1

La Journée de Chretien - 1

La herriade, poema -2

Por Campos Tavares:

Cathecismo de Fleury - 1

Lingua inglesa, de Russell - 1

Engenhecida, pelo Dr. José Ferrari -1

Noticia discriptiva da provincia do Rio grande do Sul, por N. Dreves - 1

Trechos de Buffon, escolhidos por A. Rolland - 1

Grammatica franceza, por Saint germain - 1

Choit de lectures expliquées pour l'amée a l'usage des ácoles et des familles - 1

Thezouro de meninos - 1

Por Antonio Ferreira Ramos:

Atlas da guerra do Paraguay, por Jourdan - 1

Historie naturelle des oiseause de l'amerique setentrionale contenani un grand nombre d'espèces décrit sou figurées pour la premoere fois, por M.L.P. Lileillot - 1

Total: 20 exemplares

Total até hoje: 2,162

O bibliotecário, Paula Pires (CORREIO MERCANTIL, 4 fev. 1879)

Das quatro pessoas que fizeram doações, três ofereceram, pelo menos, um livro escrito em Língua Francesa. Do total de 20 exemplares cedidos e registrados

naquela data, seis estavam escritos em Língua Francesa, um livro era gramática de Língua Francesa e outro de Língua Inglesa.

Embora seja constatada nessa doação a existência de obras literárias, a maioria da doação era composta por obras técnicas e didáticas, como é o caso das obras em Língua Inglesa, do Atlas da Guerra do Paraguay e da obra *Historie naturelle des oiseause de l'Amerique setentrionale contenani un grand nombre d'espèces décrit sou figurées pour la premoere fois*, por exemplo. O que possibilita perceber que o acervo inicial da Bibliotheca não era formado apenas por obras literárias, mas também por outros tipos de obras, que estariam “enriquecendo” o acervo disponível à comunidade.

A França contribuiu para a renovação das artes e para as mudanças dos hábitos culturais e sociais do Brasil interferindo na construção da identidade brasileira. De acordo com Peter (2007), a França foi responsável pela primeira colonização cultural do país, influenciando o comportamento das elites, determinando modelos de vida social e referências intelectuais, desde a filosofia até a moda, da gastronomia à literatura. De acordo com a autora, na cidade de Pelotas, a influência francesa também foi bastante grande, pois Pelotas irradiava cultura, novidades e informações, com base nos conceitos e ideias de Paris, que era considerada o centro a partir de um imaginário social construído pela modernidade, como afirma Pesavento (1999, p. 39).

Em muitas notícias de donativos publicadas, listavam-se apenas o nome do doador e a quantidade de livros, sem serem especificados os títulos. No entanto, o mais comum era que as listas fossem publicadas com o nome do doador e o título da obra ofertada.

Em outro registro de doações de livros para a biblioteca, pode-se verificar a oferta de 50 exemplares por uma única pessoa, Dr. Carlos T. Flores. Como se observa a seguir:

Bibliotheca Publica	
DONATIVOS REALISADOS	
DR. CARLOS T. FLORES	
Regulamento interno da Santa Casa de Porto Alegre,	1
Companhia Hydraulica Rio-Grandense, actos de 31 de Janeiro a 21 de Setembro de 1878,	1
Barão de Consenza, os doudos fingidos (comedia)	1
Th. Defresne, Contributions a l'etude de la Pancreatine,	1
Catalogne general des épreuves Stereocopiques,	1
Luiz Camoletti — Soror Thereza (drama)	1
Don Pasquale (opera)	1
E'tude sur l'empoisonnement par l'ammoniaque (these)	1
The Sanet (1873)	39
Faculdades medicas do Brazil (these)	1
Paulo de Kock, Zizine,	1
Idem, Une Gaillarde,	1
Idem, L'homme aux trois culottes,	1
Idem, Cerisette,	1
Idem, Paul et son chien,	1
Idem, La jolie fille du Faubourg,	1
Idem, Une femme a trois visagens,	1
Idem, Les Campagnes de la truffe,	1
Idem, Georgette,	1
Idem, Madelaine,	1
Idem, Jean,	1
Idem, Un Lourdou,	1
Idem, L'homme de la nature,	1
Idem, La mare d'auteuil	1
These da faculdade de medicina do Brazil,	50
Total até hoje 3,688 volumes.	

Figura 21 - Livros doados para a Biblioteca (1884).

Fonte: Onze de Junho, 30 jul. 1884, p. 1

No jornal Onze de Junho de 1884, há o registro de recebimento da doação de 50 volumes, realizada por uma única pessoa à biblioteca. Na listagem há uma variedade de denominações de gêneros literários, como, por exemplo, comédia, drama e ópera.

A análise da lista de doações na figura anterior permite inferir que em Pelotas circulava e provavelmente era lida uma variedade de gêneros, inclusive, óperas, como é o caso da ópera Don Pasquale, registrada entre os donativos realizados pelo Dr. Carlos Flores.

Também aparecem na lista 39 volumes do, provavelmente, jornal *The Sanet*. Havia estudos na área de medicina como “Contributions al ‘etude de la pancreatine”, “Catalogue general des é preuves stereocopiques”, *E’tude sur l’ empoisonnement par lammoniaque (these)*”, “Faculdades Médicas do Brazil”, “These da Faculdade de Medicina do Brasil”. Vale salientar que, segundo MAGALHÃES (1996), a primeira faculdade de Pelotas foi a Imperial Escola de Medicina Veterinária e de Agricultura Practica, fundada em 1883. A Faculdade de Medicina de Pelotas, conhecida na época de sua fundação como “Medicina Leiga”, teve autorizado seu funcionamento pelo Ministério da Educação e Cultura em abril de 1963, ou seja, os livros de medicina que em Pelotas circulavam no século XIX e que foram doados para a Bibliotheca não estavam relacionados à existência de uma escola de Medicina na cidade.

Além da quantidade de livros escritos em Língua Francesa (18), chama atenção a quantidade de obras de um mesmo autor (14), Paulo de Kock.

Ao que tudo indica, havia circulação significativa de suas obras, pois esse autor foi muito citado na cidade no período, tendo em vista que, além de figurar nas listas de doações, suas obras recorrentemente apareciam nos anúncios de vendas de livros, sobretudo para homens, como se abordará no capítulo seguinte.

Identifica-se na página do jornal *Onze de Junho* de 18 de janeiro de 1889 que há quatro anúncios da Livraria Universal e dois da Livraria Americana. O anúncio da Livraria Universal (3ª coluna da página) destaca o nome do autor com letras de tamanho maior. Já no anúncio da livraria Americana (1ª coluna da página), se observa o destaque para a obra *Lê Revê* (O sonho), de Emile Zola, que estaria na 39ª edição, como se pode observar na imagem seguinte:

Onze de Junho

COCO
Cheg
te des
a casa
TEIXEIRA
RUA P
N. 000

MU
O sol
roaldo d
mudou-s
n. 107, 6
do para
lissão.
N. 5

FUM
Este s
posição
paladar
de.
Pode-
O aco
tido pel
vinia J

Deusa

20
10
3

Da lo
vendera
des nes
N. 8

Elix

Pha
Comp
te prepa
por cada
Pha
N. 7

AOS
Pesso
bilitada
livros,
àquelle
Para
graphia
Caxias
N. 82

P
Vende
o «Pleyel
como la
igual nes
bon son
rua S. M
N.790

Saídas de Jaguarão a 5, 15, 25.
Saídas de Pelotas para Rio Grande a 6, 16, 25 às 10 horas da manhã.
Pelotas, 17 de Janeiro de 89.
José Pereira Machado,
Agencia (no porto)

ANNUNCIOS

ATENÇÃO

Nos Tambos a rua General Victorino, em frente o Dr. Canabarro e rua General Ozo-rio entre ruas Santo Antonio e General Argolo, vende-se lei-te a 80 rs. o meio litro e 40 rs. o copo.
N. 36 5-4

Camisas

para homens, recebem grande partida de todas as qualidade e por preços que admiram !
Uma visita dos amáveis fre-guezes a Joven Republicana, rua S. Jeronymo n. 40, loja do Ras-teiro.

CHITAS MODERNAS

escossezas listadas e floridas chegou grande sortimento e va-riado o que ha de mais bonito e liquida-se pelo amavel preço de 160 e 200 rs. o covado.

A Joven Republicana
RUA S. JERONYMO N. 40
LOJA do RASTEIRO

A 5:000 e 6:000

Botinas de cabritilha gaspa-das inglezas, novo sortimento recebeu

Rua São Jeronymo n. 40
LOJA DO RASTEIRO

LE REVE
POR
EMILE ZOLA
3ª EDIÇÃO

4 volume. 2\$500
Chegou e acha-se á venda unicamente na
Livraria Americana

DE
Carlos Pinto & C. Sue
Pelotas — Rua Andrade Ne-ves 127. Succursaes : Porto Ale-gre e Rio Grande. Communica-ção telephonica nas tres cidade numero 62.

PARTE COMMERCIAL

Letra Ronde
Acaba de chegar e acha-se a venda nesta cidade na
LIVRARIA AMERICANA

DE
Carlos Pinto & C. Sue.
Este afamado methodo para aprender-se a escrever facil-mente sem mestre a **Letra Ronde**, a mais clara e mais bonita que se conhece.
Este methodo, que foi publi-cado, pela primeira vez em 1875 e está hoje na centesima edição, dá prova cabal de sua utilidade pela grande extracção que vai tendo, sendo premiado nas exposições de Dusseldorf, Madrid, Frankfurt, Amsterdam etc.
O methodo compõe-se de 5 cadernos de exercicios, que vão acompanhados de 1 caneta e 25 pennas especiaes, tudo dentro de um bonito estojo.
Preço 4\$000
Temos tambem grande varie-dade de pennas de aluminim, semi-circulares, Mallat legiti-mas, rond de diversos autores e as de Soennecken.
Para evitar o ser enganado em preços e com imitações, in-dicar sempre, o comprar na **Livraria Americana**

PUBLICAÇÕES
Em fasciculos
Da empresa do *Correio da Eu-ropa*.
PAULO DE KOCK.Obras com-pletas e illustradas, chegaram os fasciculos 16, 17 e 18.
SETE PECCADOS MORTAES (Eugenio Sue). Chegaram os fas-ciculos 19, 20 e 21.
HISTORIA DE ROMA chega-ram os fasciculos 7, 8, 9 e 10.
AS DANNADES (Julio Mary). Chegaram os fasciculos ns.1 e 2.
DICCIONARIO POPULAR DE MEDICINA.Chegou o fasciculo 1. Preço de cada fasciculo 400 rs.
Roga-se aos Srs. assignantes mandarem procurar os fascicu-los em casa dos unicos agentes **Echenique & Irmão**
Livraria Universal
TELEPHONE N. 69
139—RUA SÃO MIGUEL—139
Pelotas

Colleta ! Colleta !
Colleta, fazenda moderna cõr de chumbo muito larga para cazacos e vestidos de Sra. e rou-pas de creanças, recebeu grande sortimento e está vendendo pe-lo amavel preço de 200 rs. o covado, A JOVEN REPUBLICA-NA.
Rua S. Jeronymo n. 40
Loja do Rastreo

Bahia. — No vapor inglez «Cometas», Granja & Nogueira, 1 fardo com amos-tres de chivotos.
— Francisco Pereira, 250 fardos com 56,000 lb. sarquês.

A GRANDE CATASTROPHE
DO
THEATRO BAQUET

Narrativa Fidedigna do Ter-rivel incendio occorrido em a noite de 20 para 21 de Março de 1888, precedida da Historia do Theatro.

COORDENADA POR
JAYME FELINTO
E ornamentada com cinco magnificas phototypias reprodu-zindo as ruínas do Theatro in-terior e exteriormente.

Publicação em fas-ciculos
Preços de cada fasciculo 400 rs.
A' venda na
Livraria Universal
DE
Echenique & Irmão
Telephone n. 69

OBRAS COMPLETAS
DE
Paulo de Kock
Gustavo o Estroina, 1 vol. 3\$
O Sr. Dupont, 1 vol. 3\$500
Edição especial com gravuras e elegantemente encadernado em percaline.
Historias de França
Desde os tempos mais remo-tos até os nossos dias por Henri Martin.
Tradução revista e annotada por Manoel Pinheiro Chagas, 7 vols. ornado de gravuras e en-cadernadas caprichosamente.
Diccionario Contemporaneo
DA
Lingua Portugueza
DE
CALDAS AULETE
2 grossos vols., encadernação inteira de couro, ultima edição 28\$000.
A' venda na
Livraria Universal
DE
Echenique & Irmão
129—Rua S. Miguel—129
Telephone n. 69

ALBUNS PARA RETRATOS
Grande variedade desde o in-significante preço de 1\$ até 40\$.
Quadros para retratos Pa-revents
o que ha de mais moderno e chic. Um esplendido sortimen-to á venda na
Livraria Universal
DE
Echenique & Irmão
Telephone n. 69

— Granja & Nogueira, 13,220 lb. grave em pipas e 19,000 ditos sobo em barrica.
— J. Maizelles & C. 1,740

Eleição provincial
LIVROS INDISPENSÁVEIS
LEI DA
Reforma eleitoral
com regulamento e actos ex-pedidos pelo governo para sua execução, compilação e anna-tação feitas para os que tenham de intervir nos trabalhos eleito-raes, 5ª edição muito augmenta-do e melhorada por Manoel Go-dofredo de Alencastro Autran.
1 volume 5\$000

Manual do eleitor
6ª edição augmentada com to-das as decisões governamentais posteriores
1 vol. enc. 3.000

A VENDA NA
Livraria Universal
DE
Echenique & Irmão
TELEPHONE N. 69

1889
FOLHINHA BLOC
DA
Livraria Universal

Para desfolhar diariamente
Indispensavel

NOS ESCRITORIOS E NAS CASAS DE FAMILIA

Esta folhinha recommenda-se pela sua exactidão e por ter as datas em letras grandes, e bem assim em saliencia, o mez, o dia da semana e o anno. Alem disso tem um espaço em branco li-nhado com a designação de *No-ta*, com a data repetida, para qualquer lembrança ou lança-mento que se queira fazer futu-ramente.

A' VENDA NA
Livraria Universal
DE
Echenique & Irmão
TELEPHONE N. 69
Pelotas
139—RUA S. MIGUEL—139

Repartidor
Precisa-se um homem de to-da confiança para distribuir pão em balaio.
Informações nesta typogra-phia.
N. 31 —6

COLXAS DE BROCATEL
de lan decòres, recebeu á Joven Republicana, rua S. Jeronymo n. 40, loja do Rasteiro.

Movimento de vapores

Reforma eleitoral
com regulamento e actos ex-pedidos pelo governo para sua execução, compilação e anna-tação feitas para os que tenham de intervir nos trabalhos eleito-raes, 5ª edição muito augmenta-do e melhorada por Manoel Go-dofredo de Alencastro Autran.
1 volume 5\$000

Manual do eleitor
6ª edição augmentada com to-das as decisões governamentais posteriores
1 vol. enc. 3.000

A VENDA NA
Livraria Universal
DE
Echenique & Irmão
TELEPHONE N. 69

1889
FOLHINHA BLOC
DA
Livraria Universal

Para desfolhar diariamente
Indispensavel

NOS ESCRITORIOS E NAS CASAS DE FAMILIA

Esta folhinha recommenda-se pela sua exactidão e por ter as datas em letras grandes, e bem assim em saliencia, o mez, o dia da semana e o anno. Alem disso tem um espaço em branco li-nhado com a designação de *No-ta*, com a data repetida, para qualquer lembrança ou lança-mento que se queira fazer futu-ramente.

A' VENDA NA
Livraria Universal
DE
Echenique & Irmão
TELEPHONE N. 69
Pelotas
139—RUA S. MIGUEL—139

Repartidor
Precisa-se um homem de to-da confiança para distribuir pão em balaio.
Informações nesta typogra-phia.
N. 31 —6

COLXAS DE BROCATEL
de lan decòres, recebeu á Joven Republicana, rua S. Jeronymo n. 40, loja do Rasteiro.

Movimento de vapores

Reforma eleitoral
com regulamento e actos ex-pedidos pelo governo para sua execução, compilação e anna-tação feitas para os que tenham de intervir nos trabalhos eleito-raes, 5ª edição muito augmenta-do e melhorada por Manoel Go-dofredo de Alencastro Autran.
1 volume 5\$000

Manual do eleitor
6ª edição augmentada com to-das as decisões governamentais posteriores
1 vol. enc. 3.000

A VENDA NA
Livraria Universal
DE
Echenique & Irmão
TELEPHONE N. 69

1889
FOLHINHA BLOC
DA
Livraria Universal

Para desfolhar diariamente
Indispensavel

NOS ESCRITORIOS E NAS CASAS DE FAMILIA

Esta folhinha recommenda-se pela sua exactidão e por ter as datas em letras grandes, e bem assim em saliencia, o mez, o dia da semana e o anno. Alem disso tem um espaço em branco li-nhado com a designação de *No-ta*, com a data repetida, para qualquer lembrança ou lança-mento que se queira fazer futu-ramente.

A' VENDA NA
Livraria Universal
DE
Echenique & Irmão
TELEPHONE N. 69
Pelotas
139—RUA S. MIGUEL—139

Repartidor
Precisa-se um homem de to-da confiança para distribuir pão em balaio.
Informações nesta typogra-phia.
N. 31 —6

COLXAS DE BROCATEL
de lan decòres, recebeu á Joven Republicana, rua S. Jeronymo n. 40, loja do Rasteiro.

Movimento de vapores

Figura 22 - Anúncio obras de Paulo de Kock e Livro Le Revê (1889).

Fonte: Onze de Junho, 18 de janeiro de 1889, p. 4.

3.4 Outros materiais para leitura e escrita

Dentre vários anúncios de livros divulgados no jornal Onze de Junho de 18 de janeiro de 1889, cuja reprodução está na Fig. 22, identificou-se a divulgação de outro material impresso que fazia parte do cotidiano dos pelotenses do final do século XIX: a Folhinha. Ao se aproximar o final do ano, as tipografias divulgavam a venda desse tipo de calendário/agenda, também considerado indispensável, como se vê no anúncio:

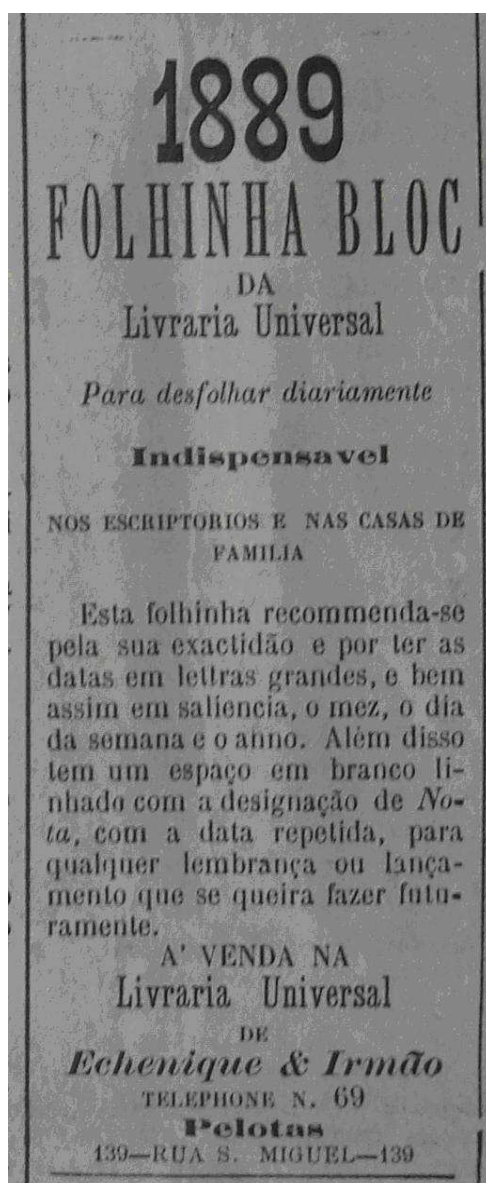


Figura 23 - Folhinha Bloc (1899)

Fonte: Onze de junho, 18 de janeiro de 1889, p. 4

Com este anúncio, é possível distinguir outra variedade de suportes de leitura que circulavam em Pelotas no final do século XIX. A *Folhinha Bloc* era um material para ser manuseado diariamente, uma vez que o anúncio indica que era “para desfolhar diariamente”. O anúncio recomendava a *Folhinha* aos leitores pela exatidão e pelo tamanho das letras, que eram grandes e evidenciavam o dia, o mês e o ano corrente. Pode-se comparar a folhinha a uma espécie de agenda em que o leitor poderia controlar as datas e marcar seus compromissos. Percebe-se que no anúncio é feita a indicação de como a folhinha deveria ser manuseada, ou seja, era explicitada uma forma para sua utilização, um protocolo de uso, de leitura. Contudo, é importante lembrar que, mesmo que se estabelecesse um protocolo para leitura dos livros e outros materiais,

As obras – mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os *experts* sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca e distorce (CHARTIER, 1994, p. 9).

Na mesma página de anúncios em que se identificou a *Folhinha Bloc*, outro anúncio que se destaca é o de um método de caligrafia denominado Letra Ronde⁸, o “afamado método para aprender-se a escrever facilmente sem mestre a letra ronde, a mais clara e mais bonita que se conhece” (ONZE DE JUNHO, 18 de janeiro de 1889).

O método, vendido pela Livraria Americana, era composto por cinco cadernos de exercícios que eram acompanhados de uma caneta e 25 penas especiais, “tudo dentro de um bonito estojo”. O método foi publicado pela primeira vez em 1875 e estava na centésima edição. Segundo o anúncio, o número elevado de edições, “dá prova cabal de sua utilidade pela grande extracção que vai tendo, sendo premiado nas exposições de Dusseldorf, Madrid, Frankfurt, Amsterdam, etc”.

⁸ A caligrafia ronde é reta, não tem inclinação e não se deve exercer maior pressão sobre o papel, para que os traços descendentes não se tornem mais largos que os ascendentes”. (CALIGRAFIA ENIDER, 2010)

Observa-se neste caso, a relevância dada ao número de edições bem como a circulação do método que haveria participado de várias exposições.

Foram encontrados também anúncios de livros de sorte para serem lidos coletivamente, como é o caso do “O propheta Infallivel”, anunciado no jornal Onze de Junho. Os livros de sortes traziam “simpatias”, conselhos, profecias, além de anedotas e charadas.

LIVRO INDISPENSÁVEL

a todos quantos desejem entreter em agradável passatempo ou em plena alegria algumas horas amenas nas reuniões familiares, onde quasi sempre é dado esperar alguma diversão nos jogos, na dança, nas sortes, nos descortinamento, do futuro e em muitos outros divertimentos de salão, nos dias festivos e nas maravilhosas noites de **Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna**

O Propheta Infallivel

LIVRO INTEIRAMENTE NOVO CONSAGRADO AOS DOUS SEXOS

Amabilíssimas senhoras e respeitabilíssimos senhores:

Saúdo-vos do alto da minha sciencia, e desde já vos previno que me chamo — O PROPHETA INFALLIVEL! A minha sapiencia vem de muito longe; herdei-a de colendissimos oraculos e prophetas que me precederam, e a quem a humanidade jamais deixou de acatar pela profunda perspicacia em desvendar os mais longinquos futuros ou destinos.

Não penseis porem que permaneci estacionario. Não.

A' força de estudos e esforços inauditos enriqueci, aperfeiçoei, sublimei a herança que me transmitiram os afamados *videntes* antigos e modernos.

Vinde pois, e consultai-me com toda a segurança, porque detestando a mentira e a mascara da hypocrisia, orgulho-me e orgulhar-me-ei sempre da verdade de minhas profundas investigações e excavações nas espheras dos mundos invisiveis.

Vinde, amicissimos mortaes!... Si dispozesseis da lanterna do cynico Diogenes, afianço-vos que, procurando por todos os recantos do universo, não achareis, actualmente, um oraculo da minha força, mormente em negocios amorosos.

Moças e moços, velhos e velhas, não menosprezeis a minha sabedoria; ella pode illustrar-vos, desenganar-vos no que mais vos interessar na vida, dar-vos utilissimos conselhos, proporcionar-vos, finalmente, algumas horas de recreio, em selecta, amável e intima companhia.

Alem de minhas infalliveis asserções e prophcias, offereço, dedico e consagro aos meus consultantes uma variadissima serie de engenhosas perguntas enigmaticas, uma collecção de bonitas charadas, e umas boas paginas de interessantes gracejos... Ora vejam como procuro tornar-me amavel!

Agora que conheceis perfeitamente qual a categoria de minha entidade na profundissima sciencia dos oraculos (e dos amores) finalizo aqui, sem mais cerimonia, a minha eterna saudação.

Sempre as ordens de V. V. S. S.

O PROPHETA INFALLIVEL

P. S.— Previno a todas as pessoas que me queiram consultar que sou encontrado nesta cidade unicamente na **Livraria Universal de Echenique & Irmão**, a

Mais vale o geito que a teima. Podeis ficar certo disso. O geito em todo o negocio. Excede a todo o feitiço. Eu, PROPHETA, não me iludo. Podeis consultar-me em tudo.

Deidade ou moço porcuire. O assumpto que lhe agrada. E depois lançando os dados. Vá o resultado buscar. Na sorte que tenha o numero. Que nos dados alcançar.

Figura 24 - Anúncio do livro O propheta infallivel (1893).

Fonte: Onze de Junho, 06 ago 1893

O anúncio recomenda o uso do livro nos dias festivos e nas “maravilhosas noites de Santo Antonio, São João, São Pedro e Sant’Anna”. Ao falar sobre as primeiras festas, “meio populares, meio de igreja de que nos falam as crônicas coloniais do Brasi”, Gilberto Freyre (1990) cita a Festa de São João. Possivelmente os livros de sorte vendidos no final do século XIX traziam registradas “as sortes” que eram passadas oralmente nas festas dos santos. De acordo com o autor:

[...] As sortes que se fazem na noite ou na madrugada de São João, festejado a foguetes, busca-pés e vivas, visam no Brasil, como em Portugal, a união dos sexos, o casamento, o amor que se deseja e não se encontrou ainda. No Brasil faz-se a sorte da clara de ovo dentro do copo de água; a da espiga de milho que se deixa debaixo do travesseiro, para ver em sonho quem vem comê-la; a da faca que de noite se enterra até o cabo na bananeira para de manhã cedo decifrar-se sofregamente a mancha ou a nódoa na lâmina; a da bacia de água, a das agulhas, a do bochecho. Outros interesses de amor encontram proteção em Santo Antônio. Por exemplo, as afeições perdidas. Os noivos, maridos ou amantes desaparecidos. Os amores frios ou mortos. É um dos santos que mais encontramos associados às práticas de feitiçaria afrodisíaca no Brasil. É a imagem desse santo que freqüentemente se pendura de cabeça para baixo dentro da cacimba ou do poço para que atenda às promessas o mais breve possível. Os mais impacientes colocam-na dentro de urinóis velhos. São Gonçalo do Amarante presta-se a sem cerimônias ainda maiores. Ao seu culto é que se acham ligadas as práticas mais livres e sensuais. Atribuem-lhe a especialidade de arrumar marido ou amante para as velhas, como São Pedro a de casar as viúvas. Mas quase todos os amorosos recorrem a São Gonçalo". (FREIRE, 1990, p. 46).

O anúncio revela a realização de reuniões familiares ou de âmbito mais amplo, como em comunidades religiosas, onde aconteciam jogos, danças e brincadeiras de sortes. Além disso, os livros de sorte, ao mesmo tempo que registram práticas culturais que antes eram repassadas através da oralidade, proporcionam um protocolo para sua leitura, pois nesses eventos, o livro acabaria por se tornar um centro de atenções, dessa forma, o objeto livro também passa a fazer parte do ritual das festas populares e religiosas. A utilização dos livros de sorte acaba por tomar espaço no folclore, como argumenta Darnton (1995, p. 130):

o lugar dos livros no folclore e dos motivos folclóricos nos livros mostra que, quando a tradição oral entrou em contato com o texto impresso, as influências se deram em ambas as direções, e que os livros têm de ser estudados em relação com outros meios de comunicação.

O livro é indicado aos dois sexos, o que, mais uma vez, demonstra a existência de direcionamento das obras de acordo com o gênero do leitor, mas também revela que nas reuniões pessoas de ambos os sexos poderiam desenvolver atividades simultaneamente em torno do livro, suporte para a realização da leitura oral. No entanto, o mais importante disso tudo é a constatação de que essa era uma atividade de sociabilidade pela leitura.

Também aparecem nos anúncios das livrarias o oferecimento de Revistas e Almanques editados em língua portuguesa e estrangeira. Os materiais citados são,

na maioria das vezes, indicados como leitura para mulheres e, portanto, serão apresentados e explorados no capítulo seguinte.

Ao analisar o conjunto de anúncios, comentários, notícias e relatórios publicados nos jornais pelotenses do final do século XIX, entende-se que a produção e circulação de materiais de leitura naquele período eram amplas e variadas, compreendendo jornais, livros, revistas e outros tipos de material como, por exemplo, a folhinha.

É importante levar em consideração que as fontes aqui estudadas revelam apenas alguns aspectos da história da leitura de Pelotas do século XIX, tendo em vista que aqui são considerados os anúncios e comentários expostos em fontes “públicas” e “legais”, excluindo-se um grande número de obras, títulos e autores que circulavam e eram lidos clandestinamente. De acordo com Belo (2002, p. 47), “o comércio ilegal dos livros, impossível de quantificar no seu conjunto, era florescente na época”. O autor se refere à França no século XVIII, mas essa afirmativa, provavelmente, possa ser aplicada ao Brasil, e, por que não, a Pelotas, no século XIX.

Segundo Chartier (2002b, p. 26), no século XIX, novas categorias de leitores (mulheres, crianças, trabalhadores) foram apresentadas à cultura impressa e, ao mesmo tempo, a industrialização da produção de impressos trouxe novos materiais e modelos para leitura.

Reconstituir a leitura implícita visada ou permitida pelo impresso não é, portanto, contar a leitura efetuada e ainda menos sugerir que todos os leitores leram como se desejou que lessem. O conhecimento dessas práticas plurais será, sem dúvida, para sempre inacessível, pois nenhum arquivo guarda seus vestígios. Com maior frequência, o único indício do uso do livro é o próprio livro. Disso decorre também sua imperiosa sedução (CHARTIER, 2001, p. 105).

Para tentar entender melhor esse universo que girava em torno do livro, da leitura e dos leitores, serão abordados, no próximo capítulo, os leitores e as leitoras representados nos jornais.

4 OS LEITORES REPRESENTADOS: ENTRE O REAL E O ESPERADO

Ao tratar da história da leitura, Chartier traz a possibilidade de identificar o leitor ideal, aquele sob o qual autores e editores têm sempre uma representação. De acordo com Chartier (2001, p. 20), são as competências que autores e editores supõem no leitor que guiam seu trabalho de escrita e de edição; são os pensamentos e as condutas que desejam nesse leitor que fundam seus esforços e efeitos de persuasão.

Dessa forma, para Chartier (2001, p. 20), “todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude leitora” que poderá ser explicitamente afirmada pelo escritor ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra, como também nos dispositivos de sua impressão. O protocolo da leitura define qual deve ser a interpretação que se pretende correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal. Assim, os jornais também ditavam regras de leitura e acabavam por representar leitores ideais. Nesse capítulo, pois, tentar-se-á identificar alguns desses leitores representados nos jornais.

Ainda que não tenham sido identificadas práticas de leitura como intensiva e extensiva, por exemplo, foram identificados diferentes leitores a partir da categoria gênero. Portanto, não foi possível ignorar as questões de gênero que permeavam o universo da leitura e dos leitores pelotenses no final do século XIX.

Para Scott (1995, p. 86), “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos [...]”, o gênero é uma

forma primária de dar significado às relações de poder". De acordo com Rosaldo (1995, p. 12), a construção do masculino e do feminino é "produto da ação humana em sociedades históricas concretas".

Assim, pode-se entender que, quando se fala de gênero, extrapola-se a concepção de sexo, pois se trata de uma construção social e cultural, o que significa que ser homem e ser mulher é um processo aprendido e construído no cotidiano e no interior das relações e das instituições sociais. Dessa forma, também há diferenciação em ser leitor ou leitora hoje e 130 anos atrás.

Através da leitura das notícias, conteúdos e anúncios, durante a pesquisa buscou-se interrogar os textos, a fim de encontrar revelações de leituras que pretendiam produzir, ou ainda, como sugere Chartier (2001), procurou-se identificar os sujeitos tidos como aptos para decifrar o material que os jornais, escritores e editores indicavam para leitura.

Durante essa busca, foram verificados alguns vestígios do comportamento esperado de um leitor. Além dos livros receberem uma classificação por finalidade de uso (recreio, instrução, etc.), havia um direcionamento de acordo com o gênero do(a) leitor(a) e a idade do leitor(a), o que dá indícios das diferenças de representações de leitura entre esses públicos tratados com distinção.

Havia ainda uma peculiaridade nas obras direcionadas para os distintos gêneros dos leitores, uma vez que, apesar de existir um direcionamento ora para o gênero masculino, ora para o gênero feminino, havia também os livros destinados ao público em geral, como se pôde ver em exemplos citados no capítulo anterior e que se constituem na maioria dos anúncios e comentários. O presente capítulo abordará os anúncios e comentários que foram direcionados ora para o gênero feminino, ora para o gênero masculino, começando pela leitura para as mulheres.

4.1 Leitura para mulheres

Conforme Maria Arisnete Câmara de Moraes (2002, p. 72), a literatura registra que muito se tem escrito e comentado acerca das relações das mulheres brasileiras com os livros e suas formas de apropriação. Da mesma forma, a literatura registra também as tensões que as mulheres enfrentavam, no início de sua

formação como leitoras no cenário brasileiro imperial, que estava prestes a tornar-se republicano.

Segundo Moraes (1998), “às leitoras do século XIX, recomendava-se a prática de leituras amenas e delicadas, cujas temáticas girassem em torno de amores românticos e bem-sucedidos”. De acordo com a mesma autora, para a sociedade daquela época, “oferecendo-se a uma leitura plural, o texto torna-se uma arma perigosa nas mãos das incautas leitoras que necessitam, segundo se julga, de uma interpretação de profissionais socialmente autorizados” (MORAIS, 1998). Conforme a autora, a prática da leitura era suprimida por uma relação de forças entre editores e consumidores, entre mestres e alunos, ou ainda, entre pais e filhas. Esse conflito de forças pode ser observado e acompanhado nos jornais pelotenses do final do século XIX.

Observou-se nos jornais pelotenses do século XIX, que a temática “mulher” refletia o que se discutia na sociedade, sendo, inclusive, tema de tese debatida nas associações literárias de Pelotas e cidades vizinhas. O texto que segue, publicado em 1878, alerta para as potencialidades da mulher na sociedade:

A mulher e seu poder

Sempre ouvi dizer e concordo mesmo que – a mulher é o quinto poder do estado – , o poder que maneja os destinos do homem por influência de um olhar fascinador, por atracção de um gesto meigo e seductor que anima ou paralisa as evoluções da acção ou do pensamento.

A interferência da mulher nos negócios públicos ou na vida doméstica, na política dos partidos ou no desenvolvimento da sociedade, se não se observa de um modo positivo e franco, sente-se como os perfumes energéticos que a principio encantam, depois inebriam e afinal prendem todas as faculdades mentais.

A revolução mais inabalável, a paixão mais desordenada, a crença mais sincera, abate-se, contrahe-se, modifica-se perante a majestade de um sorrir feminil, perante a vontade ou o capricho da mulher que uma das vezes se chama – mãe ou filha, outras – esposa ou noiva, ídolo de esperanças, illusões e felicidades.

[...]

Convençei a mulher da utilidade de uma revolução phisica ou moral, e rapidamente vereis em movimento as massas populares entusiasmadas e pujantes, investindo contra as instituições e derrubando thronos ou altares.

Mostrai-lhe a conveniência de alcançar agitações, dominar ódios, destruir vinganças e restabelecer a ordem aonde quer que esteja alterada, e esperai do seu prestígio, da sua bondade – a paz, a alegria e a felicidade.

A mulher é o quinto poder do estado, – o poder que maneja os destinos do homem e lhe prescreve a conducta perante as leis da sociedade.

N'estas linhas, existe um pensamento oculto, o qual, traduzido em realidade, encerra imensos benefícios.

Pelotas, agosto – 1878. (CORREIO MERCANTIL, 28 ago. 1878).

O texto anterior discute sobre a participação da mulher na vida pública, principalmente em decorrência de sua influência sobre os homens, seja no papel de mãe, filha ou esposa.

Como afirma Moraes (2003), em seu levantamento sobre a escalada da mulher brasileira para a conquista da cidadania, a educação feminina no final do século XIX, o movimento em prol da instrução da mulher e conquista de sua cidadania se pautavam na ideia de que “para que a filha fosse obediente, a esposa fiel, a mulher exemplar, cumpre desenvolver a sua inteligência para instrução e formar o espírito na educação” (MORAES, 2003, p. 498).

Ao que tudo indica, havia um chamamento para que a mulher participasse das questões políticas da sociedade. Quando o autor escreve “*Convencei a mulher da utilidade de uma revolução física ou moral, e rapidamente vereis em movimento as massas populares entusiasmadas e pujantes*”..., parece que a ideia é de somar esforços e dessa forma a mulher passaria a ser também vista como cidadã na sociedade.

O próximo texto também aborda a mulher e o poder, realizando uma comparação entre a mesma e a imprensa. Neste texto, o poder da mulher está diretamente relacionado à educação das crianças e à sua atuação sobre os indivíduos como um dever sagrado, como se observa:

A mulher e a imprensa

Dois são os poderosos elementos das evoluções humanas na tragédia da vida: - a mulher e a imprensa.

A mulher é a existencia toda do homem, o santuario do amor, a brandura e a sensibilidade consubstanciadas.

A imprensa é a resultante do reecontro das faculdades, o motor gigantesco da civilização dos povos, a atalaia das liberdades publicas.

A mulher, educando a infantibilidade do lar, estabelece os fundamentos solidos de moralidade na familia, estreita os elos que a prendem aos filhos, fórma os verdadeiros cidadãos e fixa na sua frente a corôa triumphal que eleva-a até Deus.

A imprensa, instruindo a juventude e illustrando a sensibilidade rompe as brumas da ignorancia, quebra a trave do indifferentismo, illumina a estrada da honra e do dever, proclama as virtudes, profliga os vicios e condemna os crimes das sociedades.

Ambas produzem revolta contra o germen do mal; ambas têm deveres sagrados a cumprir; ambas trabalham pela grandeza da patria; ambas marcham para o marco sublime a que as gerações successivas anseiam chegar: - a perfectabilidade.

Ambas são irmãs na idéa; irmãs são tambem na acção: - uma porém actua directamente sobre os individuos, a outra sobre a humanidade. (A DISCUSSÃO, 17 ago.1881).

A temática “mulher” é abordada na maioria dos jornais e percorre as três décadas estudadas. Foram encontrados textos que versam sobre a importância da mulher na sociedade e sobre como deve ser a sua conduta, enfatizando, por exemplo, que a educação é mais importante que a instrução, e que os livros, muitas vezes, podem “subverter” as mulheres, como se verifica no excerto seguinte:

VARIEDADE – A MULHER

[...] a mulher parece destinada pela própria natureza para formar o templo de felicidade domestica. A sua simplicidade e ingenuidade tornam-n'a mais amável e interessante aos olhos do homem de que a sua illustração e até pode firmar que perde tantos mais quilates de seus naturaes atractivos quanto mais ganha com a arte de adornar seus pensamentos.

Assim é que a sciencia mais útil das mulheres, como esposas e como mães, é que tem por fim o melhor arranjo da economia e costumes domésticos, a de agradar e fazer-se estimar de seus esposos e dirigir com esmero os primeiros impulsos physicos e Moraes dos ternos seres, cuja primeira educação lhes é privativa. (CORREIO MERCANTIL, 28 abr.1876).

No excerto anterior, há a afirmação de que a mulher “perde tantos mais quilates de seus atrativos, quanto mais ganha com a arte de adornar os seus

pensamentos”, ou seja, está presente a ideia de que a mulher não deveria estudar, ou que esse estudo deveria ter um limite definido.

Nos três textos recém reproduzidos, há uma exaltação às qualidades femininas, sobretudo em relação às suas responsabilidades enquanto esposa e mãe, educadora dos filhos. No entanto, há uma diferenciação nas concepções de mulher entre os três textos, uma vez que se entende que o primeiro indica a possibilidade de a mulher participar ativamente da esfera pública, enquanto os demais defendem a ideia de que a mulher deveria permanecer em casa para “agradar e fazer-se estimar de seus esposos e dirigir com esmero os primeiros impulsos physicos e morais” (CORREIO MERCANTIL, 28 abr.1876).

Por haver posições divergentes e contraditórias sobre a mulher na sociedade, embora predominasse a representação de uma mulher dedicada aos afazeres domésticos, esposa e mãe dedicada, essa temática continuava em constante discussão. Ao que tudo indica, parece que havia um movimento para tentar modificar a realidade descrita por Magalhães (1999, p. 49):

Mas, mesmo decantadas e cortejadas, as mulheres pelotenses passavam quase todas as suas horas no enclausuramento dos sobrados, a fazer rendas e doces, a estudar piano e dança, a tomar lições particulares.

Vale salientar que essa descrição refere-se às mulheres de um determinado grupo social, pois além dessas existiam as mulheres trabalhadoras, escravas, escritoras, que não correspondiam exatamente a essa descrição de Magalhães.

Por não ser prática constante é que a participação da mulher na esfera pública passou a ser discutida não só em Pelotas, mas em todo o país. Em relação à história das mulheres no Brasil, Céli Regina Jardim Pinto (2003) exemplifica o voto feminino como uma das lutas das mulheres brasileiras no século XIX. Segundo a autora, apesar do direito ao voto para as mulheres ter sido discutido na constituinte republicana de 1891, tendo como defensores Nilo Peçanha, Epitácio Pessoa e Hermes da Fonseca, por exemplo, o projeto de voto feminino não foi aprovado. Ao contrário daqueles que eram proibidos de votar, como mendigos, analfabetos e menores de 21 anos, a mulher sequer foi citada no texto constitucional. De acordo com Pinto (2003, p. 15), “a mulher não foi citada porque simplesmente não existia na cabeça dos constituintes como um indivíduo dotado de direitos”. Para a autora:

conforme o senso comum da época, quando o legislador usou o substantivo “cidadão” no masculino, não estava se referindo ao termo universal que abrange homens e mulheres, mas exclusivamente aos homens. Esta aparente falta de cuidado em não denominar a exclusão da mulher deriva também do senso comum da época: a evidência de uma exclusão natural da mulher, que para tanto não necessitava ser nem mencionada. Mesmo quando a constituição apontava quem não poderia votar, a mulher não era citada (PINTO, 2003, p. 15).

Voltando às questões relativas à história da leitura de mulheres, por conta dessa visão sobre a mulher na sociedade da época é que podemos ver que, quando se lê um texto sobre indicações de leitura para as mulheres do século XIX, não se pode esquecer os códigos de moral vigentes. Esses códigos ainda estavam longe de admitir a prática indiscriminada da leitura tanto para homens quanto para mulheres.

Segundo Perrot (2007, p. 83), além dos livros, existiam os jornais e revistas dos quais as mulheres eram leitoras e produtoras. De acordo com a autora, na França, elas pouco liam os jornais cujo conteúdo político se destinava mais aos homens.

Ao tratar da relação das mulheres com a imprensa brasileira nos séculos XIX e XX, Pinto (2003, p. 30) informa que as atividades de mulheres feministas em jornais foram bastante expressivas e espalharam-se pelo país, pois, de acordo com a autora, na época, além dos jornais que circulavam nas capitais, havia um número incontável de pequenos periódicos, tanto de interesse geral – associações, sindicatos, grêmios literários – quanto de assuntos específicos. A autora enfatiza que isso acontecia em um país onde mais da metade da população vivia no campo, e a grande maioria era analfabeta. Com relação às mulheres, os índices de analfabetismo eram ainda mais alarmantes.

De acordo com Ferraro (1996, p. 25), em 1872, no Rio Grande do Sul, havia 411.729 pessoas com 5 anos ou mais; dessas, 316.326 eram analfabetas, revelando uma porcentagem de 76,8% de pessoas que não sabiam ler e escrever. Em 1890, havia 749.966, sendo 522.972 analfabetas, totalizando 69,7%. Em 1920 havia 1.837.057, sendo 989.115 analfabetos, determinando uma taxa de 53,8%, o que mostra uma redução da taxa de analfabetismo; no entanto, houve um aumento no número absoluto de analfabetos – de 316.326, em 1872, para 522.972, em 1890, e 989.115, em 1920. Embora os dados não estejam desdobrados em homens e mulheres, são expressivos de uma dada realidade.

Pelo que foi encontrado nos jornais de Pelotas, parece ter havido um movimento nos jornais de direcionamento de textos às mulheres, principalmente os folhetins, como o exemplificado abaixo, nos quais as senhoras eram evocadas:

O LIVRO FECHADO – encetamos hoje, em folhetim, a publicação d'este interessante romance, produção de Amedée Achard, autor de Gilberta, que ultimamente reproduzimos, e de outras obras notáveis. É transcripto do Globo da Corte e merece ser colleccionado pelo bello entrecho e real merecimento litterario.

A's nossas leitoras o recommendamos. (CORREIO MERCANTIL, 26 de agosto de 1875, capa) [grifos meus].

Nesse excerto verifica-se uma forma de produção que não é abordada no Circuito das Comunicações de Darnton, qual seja: a relação estabelecida entre os próprios jornais, evidenciada nas várias transcrições realizadas pelo jornal Correio Mercantil de Pelotas. Aparentemente há uma relação direta entre o jornal da Corte e o hebdomadário Pelotense. O Correio Mercantil afirma ter feito literalmente a cópia do folhetim publicado anteriormente no Globo, resta a dúvida se essa transcrição fora autorizada ou se foi clandestina, e ainda se fora realizada fielmente.

Observou-se que a obra de Achard foi publicada durante meses no Jornal Correio Mercantil. Louis Eugène Amédée Achard (1814-1875) foi jornalista, romancista e poeta francês que se notabilizou pela escrita de romances de ação e de costumes, alguns dos quais atingiram grande popularidade. Caracterizado também como autor dramático, escrevendo peças de caráter romântico, que foram populares na França e em outros países do sul da Europa, bem como no Brasil.

Ele também escreveu livros de viagens, cartas a um jornal em Paris, onde foi correspondente. Amédée Achard morreu em Paris em 1875 (ASSOCIATION DES AMIS ET PASSIONNES DU PERE-LACHAISE, 2010).

Procurou-se a obra “O livro fechado”, mas não foi encontrada nenhuma referência. Em relação à obra Gilberta, foi localizado no catálogo da Biblioteca Nacional do Brasil o livro “Les rêves de Gilberte”, editado em Paris, por Calmann Lévy, no ano de 1872. No catálogo da Biblioteca Nacional Francesa, pode-se encontrar o registro da primeira e da segunda edição desse livro.

A obra de Achard é apresentada e recomendada às mulheres, estabelece-se aí mais um componente a ser avaliado no circuito das comunicações: as características que diferenciam leitoras e leitores.

Assim como a indicação do folhetim escrito por Achard, em que há um chamamento às leitoras, vários textos nos jornais pelotenses chamavam a atenção desse público, como se observa nos seguintes excertos:

A semana e as diversões – Andou tudo em movimento, sim senhoras, em verdadeira actividade [...] (CORREIO MERCANTIL, 28 maio 1876) [grifos meus].

Phantasmagorias – Faure Nicolay

“Já viram o tinhoso, minhas senhoras? O satanaz, Deus dos infernos, que habita os antros da terra [...]”. (CORREIO MERCANTIL, 23 jan. 1876) [grifos meus].

Falando sobre a realidade francesa da mesma época, Martyn Lyons (1999a, p. 171) afirma que “a feminização do público leitor de romances parecia confirmar os preconceitos dominantes sobre o papel da mulher e sua inteligência”.

De acordo com o autor, romances eram tidos como adequados para as mulheres por serem estas consideradas “criaturas em que prevalecia a imaginação, com capacidade intelectual limitada, frívolas e emotivas” (LYONS, 1999a, p. 171).

O autor ainda informa, no entanto, que isso representava certo perigo para o marido e para o pai de família burguês do século XIX, pois o romance poderia excitar as paixões e exaltar a imaginação feminina, e ainda incentivar expectativas românticas ou sugerir ideias que ameaçariam a boa ordem e a castidade.

A ideia de que a mulher era inferior ao homem e que deveria permanecer no interior da sua casa circulava também nos jornais da cidade de Pelotas, como se pode observar no excerto do texto que segue, o qual inclusive usa a palavra “inferior” explicitamente:

Em energia, em poder de concepção, em força de raciocínio, a mulher é inferior ao homem. Mas a sua coragem suave tem também um mérito próprio, que faz destacar brilhantemente o contraste. Não, a mulher não é contraprova apagada do homem; a mulher tem a sua originalidade, a sua missão e as suas virtudes especiais.

*(A superioridade do sexo. **Diário De Pelotas**. Pelotas, 29 abr. 1886)*

Existe no excerto a comparação entre os dois sexos e a representação de inferioridade da intelectualidade da mulher em relação ao homem. Fato que vai ao encontro do que diz Perrot:

Duas espécies 'dotadas de qualidades diferentes e de aptidões particulares. Os homens estão do lado da razão e da inteligência que fundam a cultura; a eles cabe a decisão, a ação e, conseqüentemente, a esfera pública. As mulheres se enraízam na Natureza; elas têm coração, a sensibilidade, a fraqueza também. A sombra da casa lhes pertence (PERROT, 2005, p.268).

Essa constatação possibilita entender o porquê da predominância de homens na produção de livros e jornais, por exemplo. Isso se expressa também nas representações de leitura.

Para Perrot (2007, p. 33), a primeira imprensa feminina especializada foi a de moda, que iniciou no século XVIII. Em sua maioria, eram os homens que escreviam, mas as mulheres se introduziram pouco a pouco, como no *Jornal des Dames* (1750-1778), de Paris.

Conforme a autora, essa imprensa teve um grande desenvolvimento no século XIX, em razão de seu sucesso junto às mulheres, em busca de conselhos de moda. As mulheres se infiltraram e se apoderaram dessa imprensa, configurando-se em um espaço da escrita feminina do século XIX na Europa. O que proporciona inferir que a imprensa direcionada às mulheres tinha características diferenciadas da destinada aos homens, pois, na imprensa feita e direcionada aos homens, a mulher poderia ser ignorada como interlocutora, sendo apenas um objeto de discurso.

Segundo Buitoni (1981), as primeiras publicações brasileiras direcionadas às mulheres, ainda no início do século XIX, tinham como tema quase exclusivo a moda. Entretanto, logo apareceram revistas que falavam de política, literatura e cultura em geral, além de culinária e moda. A maioria dessas publicações era efêmera, não durando mais de cinco ou seis números. A partir de 1850, ainda segundo Buitoni (1981), surgiram no Rio de Janeiro muitas revistas desse tipo, como a literária *Novelista Brasileiro*, a de moda *Revista Quinzenal* e o *Jornal das Senhoras*. Este, de acordo com a pesquisadora, possivelmente redigido pela primeira mulher considerada jornalista no Brasil, Candida do Carmo Souza Menezes. Segundo Pinto (2003), são inúmeros os exemplos desse tipo de literatura que se ocupava das mulheres, mas que ainda não problematizava sua condição na sociedade.

Verificou-se, nos jornais pelotenses, embora em número reduzido, a divulgação de revistas, nacionais e estrangeiras, sobretudo femininas, que apresentavam como temática moda e costumes, como é o caso da revista La Saison, reproduzida a seguir:

LA SAISON
(A Estação)

O unico jornal verdadeiramente de familia
A melhor publicação de modas para senhoras

Chegou a agencia de assignaturas para todos os jornaes nacionaes e estrangeiros, estabelecida na

Livraria Americana, de Carlos Pinto & C. Successores
O numero 2, de 31 de Janeiro 1889

Basta comparar um numero deste jornal, com outro qualquer de modas, para ver-se que LA SAISON (A Estação) publica mais do dobro da materia; que uma folha de moldes de LA SAISON equivale a cinco folhas de outro qualquer jornal de modas e, finalmente que é o unico jornal de modas escripto especialmente para este paiz.

As pessoas que desejarem assignar ou comprar numero avulsos, devem dirigir-se aos agentes nesta cidade.

Livraria Americana

Ha sempre assignaturas em disponibilidade.
Mandamos os jornaes á casa do assignante.
A's pessoas que ainda não conhecerem LA SAISON e desejarem certificar-se do que fica exposto, enviamos numeros gratis para amostra.

Preço : Em Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande, anno 12\$.
Interior anno 14\$. Attendemos a pedidos pelo telephone n. 2

Figura 25 - Anúncio do Jornal La Saison (1889).
Fonte: Onze de Junho, 15 de fevereiro de 1889

Apesar de ser apresentado como jornal, com o slogan de “único jornal verdadeiramente de família”, o periódico constituía-se em uma publicação de modas para senhoras, contendo inclusive folhas de moldes, o que permite caracterizá-lo como revista. Os anúncios para assinatura dessas revistas também eram publicados nos jornais pelotenses quase que diariamente, por semanas ou meses, e recebiam

espaço de destaque nas páginas destinadas aos anúncios dos jornais.

Observa-se o destaque para a exclusividade do jornal, pois de acordo com o anúncio, seria o único jornal de moldes produzido especialmente para o Brasil. Além disso, chama atenção a comparação que há com outras publicações similares, quando se observa as expressões “mais do dobro da matéria” e “uma folha de moldes de La Saison equivale a cinco folhas de qualquer jornal de modas”.

A Livraria Americana também anunciava, a fim de divulgar o jornal, o envio de números grátis àquelas pessoas que não conhecessem La Saison.

Além das revistas femininas, Identificou-se na pesquisa a existência e divulgação do Almanach das Senhoras e do Almanach Illustrado, periódicos femininos de abrangência nacional que também circulavam em Pelotas, com se vê na reprodução do próximo anúncio:

drões modernos, vende-se pelo amavel preço de 140, 160 e 200 réis o covado !
Aproveitem a occasião !
Uma visita
A JOVEN REPUBLICANA
Rua S. Jeronymo n. 40
Loja do Rastreiro

ALMANACK DAS SENHORAS
1 volume illustrado 1\$000
—X—
ALMANACK ILLUSTRADO
DAS
Horas Romanticas
1 volume brochado 500
—X—
ALMANACK DE LA ILUSTRACION
Espanola y Americana
1 volume brochado 1\$500
A' venda na
Livraria Universal
DE
Echenique & Irmão
Telephone n. 69

A Joven Republicana
RUA S. JERONIMO
LOJA do R

A GRANDE CA
DE
THEATRO
COORDEN.
JAYME
E ornamentos
magnificas phot
zindo as ruinas
terior e exterior
Publicaç
ci
Preços de cada f
A' venda na
Livraria
Echenique
Telepho

Figura 26 - Anúncio Almanack das Senhoras (1889)

Fonte: Onze de Junho, 06 jan. 1889

Segundo Chartier (1999, p. 9), “o almanaque é um livro destinado a todos e que todos, mesmo os menos letrados ou os analfabetos, podem ‘ler’”. Para Galvão (1996, p. 125), o almanaque é um tipo de objeto de leitura tradicionalmente classificado como popular ou “subliteratura”. De acordo com Park (1999, p. 180), no lar, a leitura do almanaque não é só uma necessidade, mas uma prática de sociabilidade, relacionada a circunstâncias e finalidades múltiplas”. Já para Melo (2007, p.180), a leitura do almanaque, nesse contexto, sugere uma “leitura menor”, ou seja, uma leitura “não científica”, imprópria para os leitores intelectuais.

Acredita-se que o Almanach das Senhoras tinha características um pouco diferenciadas dos almanaques referenciados por Melo, Park e Galvão, pois, segundo Ana Cláudia Gomes (2002), que estudou o Almanach das Senhoras em sua dissertação de mestrado, “o Almanach das Senhoras cuidaria primeiro de resgatar suas leitoras das “trevas” da ignorância e do simples papel de “bibelô” da casa, enfeite da mesa e da cama do esposo, para torná-la capaz de uma fala significativa, pelo menos” (GOMES, 2002, p. 58).

Ainda sobre o “Almanach das Senhoras”, a pesquisadora portuguesa Maria Regina Tavares da Silva (2006, p. 37) afirma que muitos escritores e escritoras contemporâneos deram a sua colaboração ao periódico nos vários anos em que foi publicado, fazendo dele “um curioso repositário de artigos, poesias, reflexões, pequenos ensaios, historietas, pensamentos, esboços biográficos, tudo isto a par de tabelas, de marés, fases da lua, calendários com a indicação dos santos e festas de cada dia, eclipses, feriados, estações, festividades, etc”. De acordo com a autora, “no ‘Almanaque’ se anunciava também os livros de senhoras publicados no ano transacto, numa curiosa promoção da literatura feminina”.

De acordo com Lopes (2005, p. 512), apesar de o nome indicar uma publicação direcionada às mulheres, muitos homens colaboraram como escritores e leitores. Lopes afirma que a presença dos homens como colaboradores do almanaque e o diálogo entre homens e mulheres ao longo de décadas permitem não só a constatar o gênero como relação, mas também observar a não-oposição universal entre masculino e feminino. Para a autora, “os debates sobre as mulheres e sua missão civilizacional, um dos principais conteúdos do periódico, foram encetados igualmente por homens e mulheres, e esses sujeitos não

necessariamente adotaram posicionamentos referidos à especialização sexual de seus organismos” (LOPES, 2005, p.512).

Observa-se, nos anúncios de obras direcionadas às mulheres, características de manuais de civilidade e etiqueta, obras que seguiam um estilo que se tornou mais direto, pois privilegiavam uma leitura rápida e objetiva, tornando mais fácil a consulta de temas específicos. De acordo com Pilla (2003), os manuais de civilidade eram divulgadores de comportamentos considerados corretos, para o estabelecimento de uma ordem e uma democracia marcada por uma intensa mobilidade social e por um crescente processo de industrialização e urbanização. Dessa forma, dedicavam-se à “ciência da civilização” e tomavam força na Europa e Américas, graças principalmente ao crescimento dos índices de alfabetização e ao crescimento editorial.

De acordo com Maria Teresa Santos Cunha (2006), esse tipo de manual foi muito editado e divulgado no Brasil do final do século XIX. A autora registra que os “manuais de civilidade eram considerados vetores de sistemas de valores, ferramentas para a consolidação das formas e dos códigos morais e sociais” (CUNHA, 2006, p. 352). Os manuais eram constituídos de conselhos, regras precisas e orientações de conduta pessoal, moral e social cujo objetivo era “transmitir e ensinar atenções e cuidados que cada indivíduo deveria dirigir a si mesmo, no espaço público e privado” (CUNHA, 2006, p. 352).

Cunha (2006) indica como mais famoso, e provavelmente mais antigo manual que circulou no Brasil, o “Código do Bom Tom”, de autoria do cônego português identificado apenas como J.I.Roquette, publicado em 1845. De acordo com a autora, o referido manual procurava normatizar os rituais do Brasil Imperial e se tornou leitura obrigatória para aqueles que almejavam ser bem sucedidos na sociedade. O “Codigo do Bom Tom” parece ter tido grande circulação no país, pois em 1900 o manual alcançava a sexta edição.

Vale destacar que o que se fazia no “mundo” e se lia no “mundo” estava presente em Pelotas. Dessa forma, Pelotas fazia parte de um circuito de leitura internacional, mostrando-se rica e poderosa, embora fosse uma cidade do interior da Província.

Percebeu-se que, além de os jornais divulgarem revistas e almanaques femininos, também era comum publicarem anúncios, recomendações e notícias de títulos de livros relacionados ao universo doméstico para a leitura das mulheres, como o exemplo do aviso sobre o livro “O médico da primeira infância”, de autoria de Dr. Antonio Ferreira Pinto, publicado pela primeira vez pela Typographia Nacional em 1859:

AVIZOS

Na Livraria Americana acha-se á venda a importante obra intitulada - O medico da primeira infancia ou o conselheiro da mulher gravida e hygiene da primeira infancia pelo Dr. Antonio Ferreira Pinto.

A livraria Allemã-Brazileira mudou-se para a S. Miguel, junto á chapellaria do Sr. Antonio Leite (CORREIO MERCANTIL, 28 set. 1879).

Ferreira Pinto era médico da corte e professor de medicina no Rio de Janeiro. No livro *História da vida privada no Brasil*, Luiz Felipe de Alencastro (1997, p. 66) faz uma crítica ao livro de Ferreira Pinto, o qual afirma que as mucamas eram vantajosas porque “entre nós, alentadas pela esperança de melhoramento de condição”. Segundo o médico, existia no império a prática de alforriar a escrava quando terminava o período de aleitamento. Para Alencastro (1997), o livro de Ferreira Pinto estimulava que senhores extorquissem da escrava um tipo especial de serviço ao seduzi-las com a esperança de se tornarem libertas, pois “‘seduzida e embalada’ por essa esperança, a mucama deixaria de lado a sua ‘cria’ para fornecer ao nhonhinho todo o carinho que ele necessitasse” (ALENCASTRO, 1997, p. 66).

Outra divulgação de livro direcionado às mulheres é de “O sonho”, de Emile Zola, que foi publicado em 1888. O livro conta a história de Angélica, que foi adotada por um casal que vivia na cidade de Beaumont, a 30 léguas de Paris. A jovem se encanta ao ler contos que tratam da vida dos santos e mártires no livro “A lenda de Ouro”, um livro medieval que narra as vidas dos santos e, especialmente, as atrocidades que eles passavam antes de tornarem-se santos. Angélica se identifica com os mártires, pois tem o mesmo sonho de que um destino glorioso iria mudar sua vida. Observa-se que o livro é direcionado especificamente às meninas.

“O sonho”- *É este o titulo do novo romance em que trabalha Emilio Zola, que destina este livro à leitura de meninas. (A PÁTRIA, 26 maio 1888.)*

Também podem ser encontrados anúncios do livro escrito na língua original, sob o título *Le Rêve*, como já mostrado na Fig. 22: “Anúncio de obras de Paulo de Kock e Livro *Le Rêve*. Onze de junho, 18 de janeiro de 1889”, reproduzida no capítulo 3.

Pelos constantes anúncios da obra tanto em língua portuguesa quanto em língua francesa, depreende-se que a mesma circulou em Pelotas. A seguir, pode-se visualizar a página de rosto da obra, disponível para consulta completa na página da Biblioteca Nacional da França.

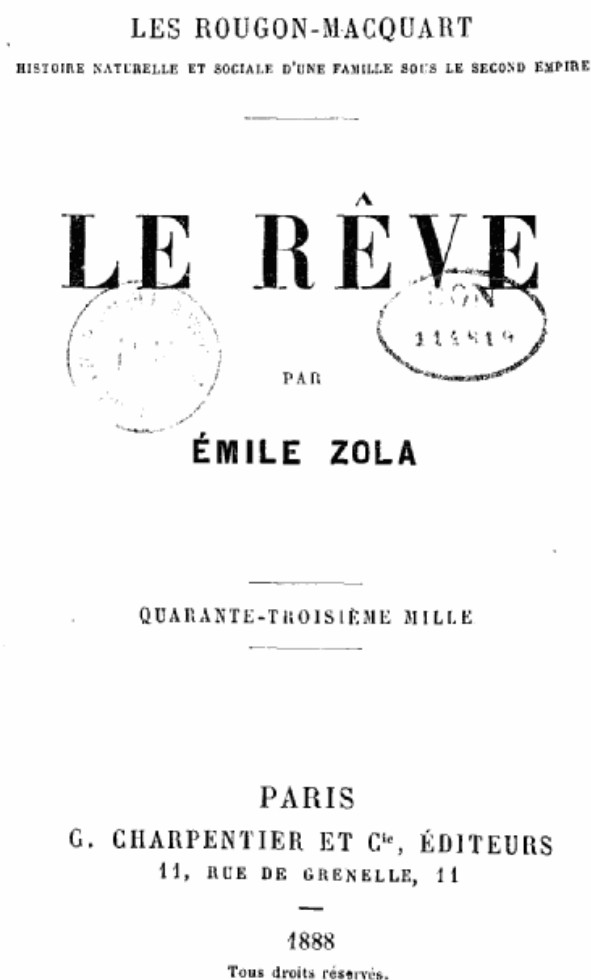


Figura 27 - Página de rosto da obra *Le Revê*. Paris: G. Charpentier, 1888.

Fonte: Biblioteca Nacional da França.

No comentário do jornal *A Pátria*, de 26 de maio de 1888, não há indicação de quem fez a tradução, de quem editou ou ainda onde a obra estaria sendo comercializada. Há apenas a divulgação de existência da obra e a indicação para leitura das meninas. Observa-se que na divulgação no jornal *Onze de Junho*, de 18 de janeiro de 1889 (Fig. 22), a 39ª edição do livro estava sendo vendida pela Livraria Americana. Sabe-se que no Brasil circularam, além das edições francesas editadas por G. Charpentier, edições portuguesas de A.M. Pereira. Também foi editado pela Laemmert no Rio de Janeiro, em 1888 (CATÁLOGO ON-LINE DA BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL, 2010).

A obra seguinte, intitulada “A mãe e o filho”, de autoria de Werderek, que foi traduzida pela autora portuguesa Branca de Carvalho e editada na cidade do Porto, por Alcino Aranha, no século XIX, sem data especificada, é anunciada pela Livraria Universal como pertencente à coleção *Bibliotheca das Mães de Família*⁹.

Pode-se observar que há maior destaque para a tradutora Branca de Carvalho do que para o autor inglês, Werdewek, como se vê na imagem do referido anúncio:

⁹ Um exemplar desta obra está armazenado no Museu do Ensino Primário, na Biblioteca Histórica de Educação em Lisboa. A referida biblioteca faz parte do Sistema Integrado de Bibliotecas do Ministério da Educação de Portugal. É importante ressaltar que não foi encontrado o registro dessa obra em outros catálogos públicos de bibliotecas, assim como em publicações que pudessem ser usadas como referência.

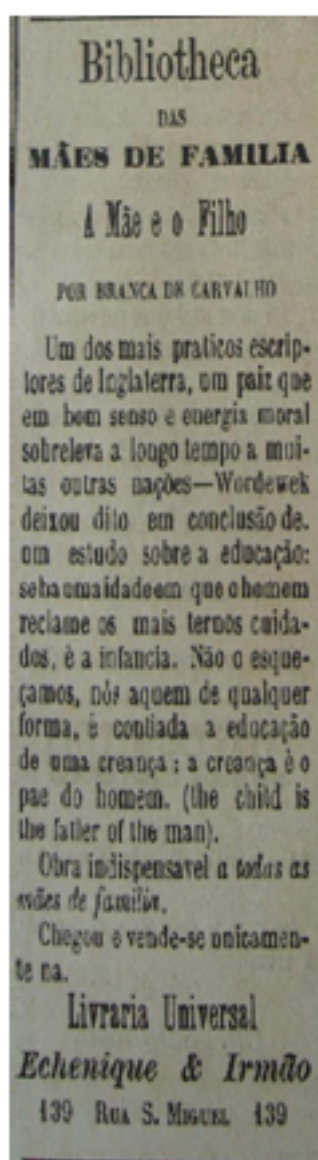


Figura 28 - Anúncio do Livro A mãe e o filho (1893).

Fonte: Onze de Junho, 25 set. 1893

Em pesquisa realizada nos acervos de bibliotecas portuguesas, verificou-se que, além da obra “A mãe e o Filho”, Branca de Carvalho traduziu “História de Paris”, cuja autoria não foi identificada, e “Trechos selectos”, de Chateaubriand, editado por Alcino Aranha & Ca, na cidade do Porto.

Branca também é autora da obra “O romance de um homem político”, editado em Lisboa, por Vero & Ca, em 1909 (CATÁLOGO BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL), cuja capa pode ser visualizada a seguir:

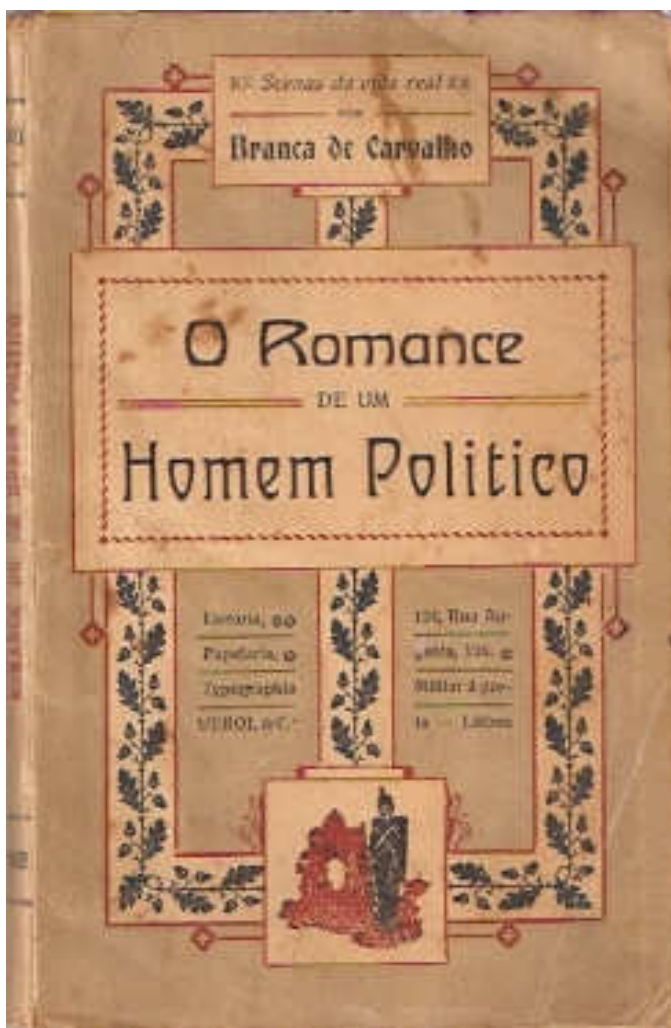


Figura 29 - Capa de "O romance de um homem político" de Branca de Carvalho (1909).

No entanto, a autora não é muito conhecida e não há muitos registros de estudos a seu respeito, como afirma OUTEIRINHO (1998):

Falar da mulher escritora em Portugal no século XIX é, desde logo, partir para a recolha de indícios de uma produção de autoria feminina grandemente disseminada por um suporte passageiro como a imprensa

periódica. Com efeito, ao tentarmos mergulhar na memória do século, com facilidade lembramos Maria Amália Vaz de Carvalho, Ana Plácido ou Maria Browne, a inevitável Marquesa de Alorna, talvez Guiomar Torrezão. Porém quantas esquecidas? Maria Peregrina de Sousa, Maria José da Silva Canuto, Amélia Janny, Henriqueta Elisa, Mariana Angélicaq de Andrade, Maria Rita Chiappe Cadet, Branca de Carvalho, Alice Moderno... e o rol poderia alongar-se (OUTEIRINHO, 1998, P. 163).

No anúncio do jornal pelotense, não há referência ao editor, depreende-se que se tratando de um original a obra teria sido editada pela Casa Editora de Alcino Aranha & Ca.

Foram localizadas no catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal 29 obras editadas por Alcino Aranha, produzidas nas décadas de 1880 e 1890. No entanto, a única obra identificada pertencente à “Coleção Bibliotheca das Mães de Família” foi “A mãe e o filho”. Também não foram encontrados estudos que tratem da referida coleção.

O anúncio a seguir, cujo título infere-se que seja “A novíssima arte de cosinha”, é destinado às boas donas de casa. A obra, segundo o anúncio, oferece “indicações facílimas”, pois foi abstraído, pelo autor desconhecido, tudo que fosse supérfluo e de difícil execução.

do DIÁRIO POPULAR.

As boas donas DE CASA

NOVISSIMA ARTE DE COSINHA

Ilustrada com numerosas gravuras, contendo as melhores receitas culinárias, ao alcance de todos, uma secção completa de doces, pudins, massas, etc., etc.; variadíssimos pratos da cozinha brasileira, o modo de servir a mesa e de trincar, por um mestre de cozinha.

As boas donas de casas encontrarão neste livro indicações facilísimas, visto que não só a leitura dos melhores autores que têm tratado da cozinha, mas também a prática de muitos annos, guiaram o autor convenientemente, levando a abstrahir tudo quanto fosse superfluo e de difficil execução; assim como os que se dedicam á arte da cozinha que tenham necessidade de aperfeiçoar-se, criando elementos novos, acharão também neste livro o que necessitarem para esse fim e que o autor buscou nas fontes mais autorizadas, quando não praticou por suas proprias mãos.

Este magnifico livro de tanta utilidade encontra-se á venda nesta cidade na

Livraria Americana

DE
CARLOS PINTO & C. SUCCS.

153 — RUA S. MIGUEL — 153

Casa nova de columnas encarnadas, com grandes estatuas em cima.

PREVENÇÃO CONTRA OS EQUIVOCOS!!

E' quasi emfrente ao Hotel Alliança
N. 55

Figura 30 - Anúncio do livro "As boas donas de casa" (1891)

Fonte: Diário Popular, 05 de janeiro de 1891

O anúncio, direcionado às boas donas de casa, inicia chamando a atenção das leitoras para a obra “ilustrada com numerosas gravuras, contendo as melhores receitas culinárias ao alcance de todos”. Afirma que “com esse livro de tanta utilidade as boas donas de casa encontrarão indicações facilísimas”. Para legitimar a autoridade do autor, a Livraria Americana informa que ele leu vários autores, buscando nas fontes mais autorizadas, além de ter prática de muitos anos.

“Mães de família”, “Boas donas de casa” parece ser o público leitor feminino indicado pelos anúncios. Cuidar da casa e da aparência são temas recorrentemente sugeridos como adequados à leitura pelas mulheres do final do século XIX, segundo os jornais pelotenses.

Contudo, também havia críticas ao direcionamento das leituras para as mulheres, como se vê no comentário publicado na seção Archivo Geral do Correio Mercantil de 28 de abril de 1878, em que se percebe a censura a uma obra escrita para ser lida pelas senhoras:

ARCHIVO GERAL

A MULHER FORTE – è este o título de um livro com que acabamos de ser obsequiados pelo infatigável livreiro editor do Rio de Janeiro, Sr. B.L. Garnier, por intermédio da Livraria Americana.

*Destoando do costume invariável de receber com palavras encomiásticas os livros que nos oferecem cootidianamente, é com pesar immenso que a este não podemos conferir as mesmas honras, porque em consciencia, as não merece em sentido algum. A mulher forte é uma colleção de sermões ou conferencias **escriptas especialmente para senhoras** pelo arcebispo de Reims, Mr. Landriot, e destinadas a desenvolver no espírito frágil da mulher – consorte ou filha – o fanatismo pela religião ultramontana e isto debaixo de uns certos preceitos de philosophia theolocal e fingida moralidade[...]*

(CORREIO MERCANTIL, 28 abr. 1876) [grifos meus].

A crítica à obra de Landriot baseava-se em um conflito religioso entre Igreja e Estado que refletia na preocupação com o que se estaria fazendo com a formação das mulheres.

De acordo com Tambara (2003, p. 5):

Emblemática deste conflito ideológico foi a famosa “Questão Religiosa”, na década de 70 do século XIX que, muito mais do que revelar a perspectiva de domínio do poder secular sobre o religioso, requerida e desejada pelo Estado brasileiro, representava efetivamente a luta entre o regalismo e o ultramontanismo dentro da própria Igreja Católica.

Conforme o autor, o poder eclesiástico tinha uma preocupação muito grande em incutir na população concepções de estrutura e orientação religiosa consentânea com a doutrina dominante, o regalismo até a década de 1870, e, posteriormente, o ultramontanismo.

De acordo com Lage (2010), o ultramontanismo passou a ser referência para os católicos dos diversos países, mesmo que significasse um distanciamento dos interesses políticos e culturais. Segundo a autora, o ultramontanismo apareceu como uma reação ao mundo moderno e como uma orientação política desenvolvida pela Igreja, marcada pelo centralismo romano. Uma forma de fechamento sobre si mesma, uma recusa do contato com o mundo moderno. Para Lage (2010), os principais documentos que expressam o pensamento centralizador do papa são as encíclicas de Gregório XVI (1831-1845), Pio IX (1846-1878), Leão XIII (1878-1903) e Pio XI (1922-1939).

Além desses documentos, Cristiane Silva do Prado (2009) destaca como documento principal para ser seguido o Syllabus, documento anexado a Encíclica Quanta Cura, no qual há oitenta proposições acerca dos erros da modernidade. Sobre o ultramontanismo na região do Rio Grande do Sul, Tambara (2006, p. 85), afirma que:

A ideologia ultramontana, baseada nos princípios emanados pelo Vaticano I, em cuja base se encontra o processo de “sacramentalização” da Igreja associado à centralização do poder canônico na figura do Papa, precisou lutar em duas frentes no sentido de implantar sua cosmovisão 1) interna contra o regalismo e 2) externa contra as tendências anticlericais, socialistas, anarquistas e liberais.

O autor salienta que os dois paradigmas se confrontavam, pois o regalismo e o ultramontanismo procuravam ocupar todos os espaços possíveis de legitimação com o objetivo de plasmar a hegemonia de suas concepções. Conforme Tambara (2006), nota-se, no período de 1830 a 1935, uma grande fecundidade na produção de textos destinados a orientar os fiéis sobre como se portarem diante dos novos fatos. Como exemplo de textos congruentes com essa prática, pode-se destacar a coleção de sermões ou conferências escritas especialmente para senhoras pelo arcebispo de Reims, Mr. Landriot.

Vale destacar que raros foram os comentários encontrados em desabono a alguma obra literária. Dessa maneira, a crítica à obra de Landriot possui grande importância, uma vez que além de destoar do comum, como o próprio jornal anunciava, realiza uma crítica ao fanatismo da igreja. Tratando-se de uma publicação escrita especialmente para senhoras, o comentário conserva a ideia de que a mulher teria o espírito frágil, havendo uma preocupação com o que essa leitura poderia causar às mulheres.

Segundo Chartier (1999, p. 109), durante muito tempo a leitura das mulheres foi submetida a um controle que justificava a mediação necessária do clero, por temor das “interpretações selvagens”. De acordo com o autor, poder-se-ia comparar esta obsessão com o medo que a igreja sentia diante da leitura da Bíblia por todos os cristãos.

Para além disso, a crítica ao livro de Landriot permite verificar as relações estabelecidas no circuito das comunicações, em que se vê ao mesmo tempo influências intelectuais e publicidade, conjuntura econômica e social e sanções políticas e legais, atuando sobre a produção e circulação, e por que não dizer, apropriação do livro.

Verificou-se no catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal a existência de um exemplar da 10ª edição francesa, traduzido por Alfredo Campos e editado pela Livraria Internacional de Porto/Braga em 1877. Ao que tudo indica, a primeira edição é de 1876 e, possivelmente, seja a edição anunciada no jornal. Pelo número de edições, depreende-se que essa obra teve grande circulação no final do século XIX.

Na Biblioteca Nacional da França, é possível localizar a 10ª edição francesa da obra completa. Na imagem que segue, pode-se visualizar a página de rosto da obra¹⁰:

¹⁰ A obra completa está disponível no endereço:

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k200943p.image.f4>.

LA
FEMME FORTE

CONFÉRENCES

DESTINÉES AUX FEMMES DU MONDE

PAR

M^{gr} LANDRIOT

ARCHEVÊQUE DE REIMS

10^e ÉDITION

PARIS

VICTOR PALMÉ, LIBRAIRE-ÉDITEUR

25, RUE GRENELLE-SAINT-GERMAIN, 25

1876

Figura 31 - Página de rosto do livro La Femme Forte

Fonte: Biblioteca Nacional da França

Outro texto encontrado no jornal e que chama a atenção pela crítica realizada a uma obra destinada à leitura pelas mulheres é o comentário da leitora Luiza Cavalcanti Filha, publicado no jornal Correio Mercantil de 29 de abril de 1886. Nesse comentário, Luiza Cavalcanti Filha critica o texto de Maria Amália Vaz de Carvalho publicado anteriormente no jornal Correio Mercantil.

Segundo Elaine Cuencas Santos (2000), a escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) publicou junto com o marido Gonçalves Crespo, em 1876, o livro “Contos para os nossos filhos”. Na época, conforme a lei, a mulher só poderia publicar seus livros com o consentimento do marido. Após a publicação do seu segundo livro – Cartas a Luiza: moral, educação e costumes – em 1886, o qual teve boa aceitação, Carvalho afirmou-se como “mentora da regeneração da condição feminina” (SANTOS, 2000, 98).

Nessa época, Maria Amália pertencia a uma vertente conservadora, que além de defender “uma educação para as mulheres que as tornariam companheiras úteis e encantadoras, rejeitava a idéia da mulher trabalhadora na esfera pública, bem como do voto feminino” (HAHNER, 1981, 93).

Ainda conforme Santos e Resende (2010), já nos últimos anos do século XIX, é reproduzido um artigo de Maria Amália, na revista A Mensageira (1897-1900), no qual ela expôs que, embora tivesse dificuldade em aceitar a ideia da emancipação política da mulher, conformou-se, “cedendo às modificações de seu tempo”:

Eu confesso que tenho pela chamada emancipação política da mulher uma repugnância invencível.

Custa-me infinitamente a compreender essa nova figura hybrida, que a civilização moderna tem produzido e vai produzir mais e mais.

Fui educada sob a influencia de idéias que já não coadunam com o momento atual. (...) Não sucede hoje assim. A gente é que tem de se modificar rapidamente para seguir as modificações do seu tempo.

(...) O século XX verá a mulher trabalhando ao lado do homem, correndo com ele em todas as carreiras liberaes (...) (CARVALHO, 1899, apud SANTOS E RESENDE, 2010).

Santos e Resende (2010) ainda informam que Maria Clara da Cunha Santos, na coluna Carta do Rio, da mesma revista, parabeniza a nova forma de pensar de Maria Amália, a qual ela considera “mais pratica e mais positiva” (SANTOS, 1899, apud SANTOS E RESENDE, 2010). Com esse exemplo de mudança de perspectiva de Maria Amália, pode-se verificar que as escritoras do final do século XIX passaram a questionar o ideal que pregava que “a mulher devia se instruir para embelezar a vida de seu companheiro de existência, do eleito de sua alma, para se tornar a flor delicada do lar” (SANTOS, 1899 apud SANTOS E RESENDE, 2010 p. 9).

Nesse momento, as autoras do final do século XIX viam a instrução como possibilidade de ter uma profissão e se inspiravam em exemplos de mulheres estrangeiras bem sucedidas profissionalmente, para conclamar outras mulheres a seguirem o mesmo exemplo.

De acordo com Belline (1999), não apenas a frequência com que aparecem textos de Maria Amália nos periódicos brasileiros do último quartel do século XIX, mas também a facilidade com que ainda se encontram seus livros em bibliotecas ou mesmo em sebos, e as numerosas edições, revelam a extensão de sua popularidade no Brasil.

Os textos de Maria Amália, publicados nos jornais pelotenses do século XIX (CORREIO MERCANTIL 05/1878, 08/1878, 10/1878, 11/1878, 09/1879, 03/1887, 06/1887, 04/1888), traziam indicações para que a mulher permanecesse no lar, fosse educada para ser uma ótima mãe, esposa e dona de casa. Dessa forma, constitui-se em aspecto relevante o posicionamento contrário ao que Maria Amália defendia e que, pelo visto, era mais recorrente nos jornais da época.

Seguem trechos do comentário da leitora Luiza Cavalcanti Filha, publicado no Jornal Correio Mercantil de 29 de abril de 1886:

Fallemos da mulher

Sectaria fervorosa do adiantamento intellectual da mulher, obscuro satellite de sua evolucao litteraria, irresistivelmente impelida pelo desejo vehemente de vê-la a ascender a esphera luminosa do pensamento, ousou delinear duas palavras sobre o trascendente assumpto, assas discutido por áureas pennas cõscia de minha incompatilidade derivada da tríplice falta: exígua intelligencia, acanhadissima instrucção e verdes annos[...]

[...] não devo portanto cohibir minhas opiniões: externo-as, embora rude e timidamente.

No alvorecer da existência, repleto de aspirações de esperanças fulgentes, o jovem Brazil almeja progredir, elevar-se a amplitude das cultas potencias européias, o que não conseguirá enquanto não compenetrar-se da absoluta necessidade de instruir a mulher, esta importante parte da dualidade humana.

Iluminar a mulher, dar-lhe ingresso no esplendido templo das sciencias – metamorphoseal-a – e arrancal-a do labyrintho de trevas em que jaz immersa, entregar-lhe o fio de ariadne – a instrucção [...]

Maria Amália Vaz de Carvalho afirma originar-se da inaptidão feminil a ruína capital da sociedade hodierna; diz a laureada e invejável escriptora lisbonense:

“Educar a mulher, eis o grande problema que resta ainda resolver.”

Quantos desvarios, quantos desenlaces dolorosos, fataes, obstrar-se-iam, se fosse a mulher devidamente educada, de infundissem-lhe a alma a noção sublime do bem?

A missão terrena da mulher é a maternidade

Que esplendida! Que augusta missão!...

E, para desempenhar cabalmente tão sagrado dever, é mister cingirna fronte a auréola esplendorosa do saber.

Estude a donzela, despreze os bailes, os vãos saraos, onde, imperceptivelmente desprende suas azas cândidas, dedique-se ao cultivo do intellecto, que a coadjugada pela soberba intuição que deu-lhe a natureza, exhibir-se-há condignamente nas scenas da vida. Felizmente na nossa dilecta província já destacam-se algumas senhoras que, quebrando a cadêa de errôneos preconceitos e falsas theorias, abraçam a senda do progresso tornando-se salientes nessa plêiade brilhante: Julieta Monteiro, Revocata de Mello, Cândida Fortes, Cândida Isolina de Abreu, Honorina Torres – almas plenas de entusiasmo e sensibilidade – Antonieta Cesar Dias – inspirada criança, que permuta as blandícias do lar pelo banco acadêmico, as magas ilusões da juventude pelo livro árduo da sciencia.[...]

*(CAVALCANTI FILHA, Luiza. Falemos da Mulher. **Correio Mercantil**, 29 abr. 1886) [grifos meus]*

A relevância desse comentário sobre o texto de Maria Amália Vaz de Carvalho se dá em virtude de, além de ser uma produção escrita por uma mulher, ser a manifestação escrita de uma leitora, o que permite que possamos entender um pouco mais sobre como as leitoras poderiam se apropriar dos textos publicados no jornal que “falavam” *para* ou *sobre* elas.

Vale lembrar que, naquele período, educação não era sinônimo de instrução e que a leitora Luiza defendia que as mulheres fossem, além de educadas, instruídas. Ela não se conforma com o que foi escrito por Maria Amália. A leitora cita um excerto do texto de Maria Amália e argumenta em oposição à renomada autora, que, segundo Luiza, incentivaria a permanência da mulher no ambiente doméstico sem dar continuidade à sua instrução. Para contrapor a argumentação de Maria Amália, a leitora cita mulheres de destaque na sociedade pelotense, como Julieta Monteiro, Revocata de Mello, Cândida Fortes, Cândida Isolina de Abreu, Honorina Torres e Antonieta Cesar Dias, que conseguiram, romper com errôneos preconceitos e falsas teorias sociais, utilizando-se de táticas para driblar as estratégias determinadas pela sociedade para que a mulher ficasse reclusa ao lar. Algumas dessas personagens, como Rita Lobato Velho Lopes e Antonieta Cesar Dias, são também citadas por Magalhães (1999, p. 50) como mulheres de destaque na sociedade pelotense da época.

O jornal revela que a discussão sobre a leitura feminina teve um papel significativo na sociedade pelotense, pois a mulher e suas práticas de leitura eram fator de preocupação entre homens e mulheres da cidade estudada no final do século XIX.

Outra atividade que se configura em decorrência da leitura é a tradução. Infere-se que se uma obra foi traduzida na cidade, então foi lida por uma leitora pelotense. Como exemplo, pode-se recorrer ao trabalho de tradução realizado pela professora Úrsula Lima:

Litteratura

N'esta secção de nossa folha de hoje, publicamos uma bellissima traducção feita da variedade franceza – A virgem de Van-Dyck, pela professora Exma. Sra. D. Ursula da Silva Lima.

Para nesse primoroso trabalho chamamos a atenção dos leitores (CORREIO MERCANTIL, 28 fev. 1886).

De acordo com Maciel (2007), e Maciel e Peres (2007), a senhora Úrsula Silva Lima apresentou-se como professora jubilada em 12 anúncios de aulas particulares que foram publicados no Jornal Onze de Junho, no período de 28/05/1883 a 10/06/1883. As aulas seriam ministradas na sua casa, na Rua General Victorino, n. 14, como se pode ver no anúncio transcrito de Maciel (2007, p. 87):

PROFESSORA PARTICULAR (anúncio)

D. Ursula da Silva Lima professora jubilada, mudou sua residencia para rua General Victorino n.14 onde continua a leccionar como professora particular as matérias já anunciadas, sendo coadjuvada nas principais pelo muito habilitado professor Emilio Schoffer (Onze de Junho, 29/05/1883).

Posteriormente, em 1890, a professora Úrsula é citada como diretora do Collegio Feminino Minerva, conforme Maciel (2007, p. 94). Verifica-se, então, a existência de uma professora em Pelotas que exercia a atividade de tradução como ofício secundário. O exercício de tal prática por uma mulher em Pelotas no ano de 1886 é revelador, tendo em vista que essa atividade não era comum às mulheres da Província, ou pelo menos não era divulgada com frequência.

De acordo com Mônica dos Santos Gomes (2010), a tradução se tornou, de certa forma, um elo entre línguas e culturas diferentes. Gomes afirma que, nesse contexto, o tradutor deixa de exercer a função de coadjuvante da obra traduzida. Observa-se no comentário extraído do jornal que a atividade de tradução de textos

era acumulada a outras atividades, nesse caso à docência, demonstrando que talvez não houvesse um reconhecimento para essa atividade, assim como havia para o editor. Ao observarmos o circuito das comunicações de Darnton, verificamos que a figura do tradutor não aparece no circuito. Possivelmente, poderia ser substituída pela figura do autor.

Ainda sobre a escrita de mulheres, Anagramma de Arminda (possivelmente um pseudônimo), em 16 de dezembro de 1877, no folhetim intitulado Colaboração Feminina, publicado no Correio Mercantil, questiona sobre o porquê da mulher não ter direito de ir à imprensa para falar dos assuntos que lhe interessam. Anagrama escreve que em alguns lugares as mulheres vêm se destacando, mas que nos jornais a maioria dos artigos é escrita por homens. O questionamento de Anagrama chama atenção por configurar-se como um enfrentamento a uma realidade comum, caracterizada pela pouca participação das mulheres na esfera pública. Essa situação reflete o que afirma Perrot (2005, p.257), ao dizer que: “como pano de fundo desta história, há, de fato, as próprias mulheres, suas aspirações e suas representações, particularmente difíceis de conhecer, pois o discurso ideológico recobre suas palavras, formata seu ser social e até mesmo suas memórias”.

Durante a análise das fontes, verificou-se que a mulher ocupava um espaço significativo nos jornais pelotenses, como assunto debatido e como público destinado para algumas leituras. No entanto, o espaço destinado à escrita das mulheres era muito reduzido, para não dizer quase inexistente.

Ainda que existisse a publicação de textos de autoras como George Sand e Maria Vaz de Carvalho, ou que ainda tenha sido constatada a colaboração de algumas mulheres na escrita de jornais literários – como é o caso de Revocata de Mello, Julieta Monteiro, Cândida Abreu, Hermília Messias da Silva e Luiza Cavalcanti Guimarães, mulheres que viveram em Pelotas e Rio Grande durante o período estudado e escreveram, por exemplo, no semanário domingueiro Progresso Litterario de 01 de julho de 1888 – observou-se que escrever nos jornais não era uma prática comum entre as mulheres:



Figura 32 - Colaboração de mulheres no jornal Progresso Litterario, 01 jul. 1888

Pode-se verificar que grande parte das mulheres que colaboravam com o referido jornal é citada no texto “Falemos da mulher”, reproduzido na página 125 desta tese, e que a autora do texto, Luiza Cavalcanti, também é uma das colaboradoras.

Para escrever no jornal, a mulher precisava se justificar, “pedir autorização”, como se pode constatar na próxima reprodução:

—**Atenção delicada.**— A interessante joven, D. Julieta Sara Taveira, usando de um procedimento nimiammente delicado, teve a amabilidade de nos dirigir as seguintes linhas em agradecimento aos conceitos que merecidamente emittimos a seu respeito, apreciando o grão de seu progresso na sublime arte musical, manifestado em a festa artistica do distincto professor Sr. Justino B. Nery.

« Illm. Sr.

Antonio da Silva Morcorvo Junior.

Proprietario e redactor do *Onze de Junho*.

Autorizada por meu Pai, tomo a liberdade de dirigir-me a V. S. agradecendo-lhe os elogios que por sua bondade me dispensou, e ao mesmo tempo pedir-lhe autorização para repartir com o meu professor parte d'essas glorias, por me querer parecer que sem os bons mestres não possa haver boas discipulas.

Sou com estima de V.

criada e obrigada.

Julieta Sara Taveira.»

Figura 33 - Carta de Julieta Sara Taveira (1882).
Fonte: Onze de junho, 14 set. 1882

No caso do agradecimento realizado por Julieta Sara Taveira, observa-se que a mesma começa a carta informando que foi “autorizada” pelo pai. A carta permite inferir que essa autorização também poderia ser uma instrução/orientação ou, quem sabe ainda, uma ordem. A carta demonstra, todavia, que não era comum a escrita feminina em um jornal, ainda que fosse para agradecer os elogios que a leitora havia recebido do periódico. Havia, portanto, “protocolos de escrita feminina”.

Os jornais reproduziam a ideia propagada na sociedade de que a leitura precisava ser tutorada, vigiada, direcionada, e que deveria ser, de preferência, relacionada ao ambiente doméstico, uma vez que outros tipos de leitura poderiam incitar pensamentos e ações indesejáveis.

Dessa forma, eram estabelecidas imposições sociais que limitavam a liberdade de ação, de invenção e de apropriação na leitura. De acordo com Cavallo e Chartier (1998), essas coerções poderiam vir, inclusive, do próprio leitor, por meio das autocensuras, conscientes ou automáticas, resultado de uma educação formalizadora. Como elementos de coerção podem ser citadas as estratégias editoriais, as censuras de estado ou instituições, direitos autorais, a própria estrutura textual, as expectativas do leitor para com o texto, as opiniões alheias sobre esse, as condições físicas de leitura e muitos outros (CAVALLO e CHARTIER, 1998, p. 37).

Esse controle, todavia, nem sempre era efetivo, uma vez que se observam as “táticas”, ou seja, “maneiras de fazer apesar de” (CERTEAU, 1994), empregadas por algumas mulheres para “subverter” esse sistema de censura da leitura, como, ocorre, por exemplo, no poema “A namoradeira”, de M. Teixeira, publicado no *Cabron*. Entende-se que, apesar da “estratégia” da sociedade de afirmar que a leitura de certos autores não era indicada para as moças, elas a faziam.

Os livros de Kock, embora tenham sido tão divulgados no Brasil e tão presentes nas livrarias de Pelotas no final do século XIX, não eram considerados como uma boa leitura para as mulheres, prova disso é a representação da leitura desse autor pelas mulheres nos versos de “A namoradeira”, publicado no *Cabron* (ano 2, n. 56):

*A namoradeira.
Inquieta, affectada, esterica e anêmica,
Falla mais do que pensa – e falla poucas vezes,
Faz os dandys por si baterem-se... em polemica,
E anda sempre vestida ao gosto dos francezes.*

*Passeia noite e dia. É louca pelas walsas!
Se ha visitas, á mesa, apenas prova a sôpa...
E o dinheiro do pai esgota em tranças falsas,
Pomadas, pó de arroz, e roupa sobre roupa.*

*Lê romance de _ Kock, e versos de _ Bocage...
Se um D. Juan da terra a offende, não reage
E nem se queixa ao pai; assim se vão os dias.*

*Quando eu vejo passar essas cabeças tontas,
Digo com meus botões: hã de afinal de contas,
Em vez de boas mais, ser ... excellentes tias!
M. Teixeira.*

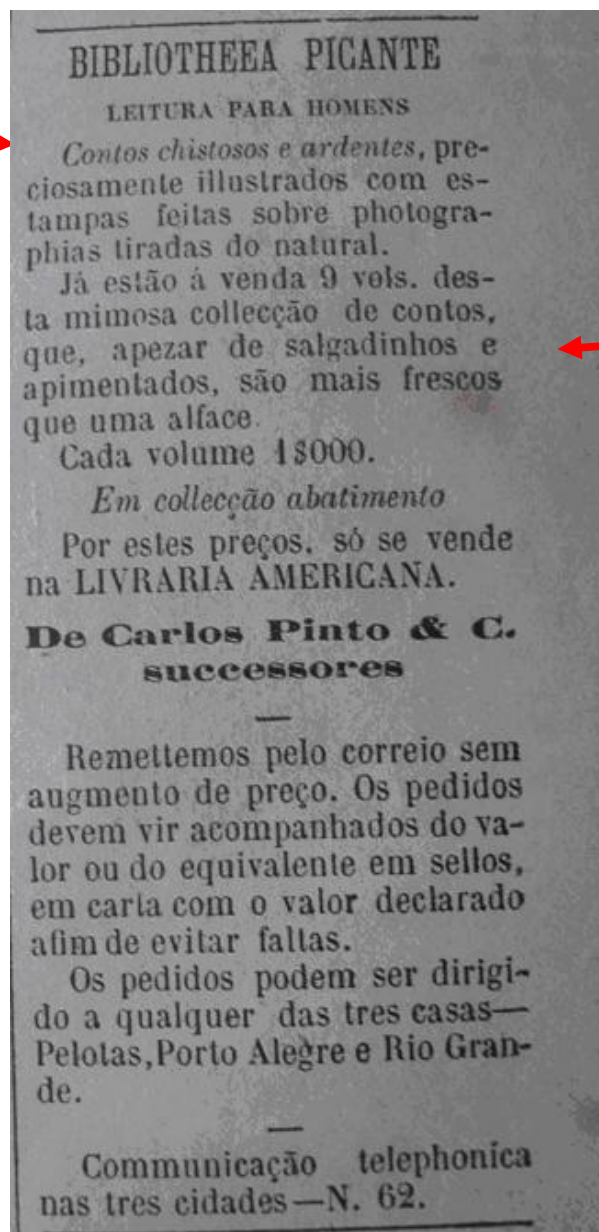
Apesar de esse autor ter sido sugerido para leitura de homens, e, por conseguinte, não ser indicado às mulheres, o mesmo era lido pelo público feminino. Essa suspeita surge a partir da leitura dos versos de Teixeira, uma vez que o autor identifica “A namoradeira” como leitora do romance de Kock, mostrando que, apesar das estratégias da imprensa e da sociedade para que os livros não fossem lidos pelas moças, algumas delas o faziam, e eram mal vistas por exercerem tal prática.

Nos versos transcritos acima, o autor evidencia claramente uma representação de que a leitora dos romances de Kock e dos versos de Bocage seria uma moça “saliente”, despreocupada e descomprometida com os preceitos morais vigentes no período e localidade estudada.

Percebe-se, contudo, que se algumas obras eram proibidas às mulheres, como as obras de Kock e Bocage, citadas no poema acima, eram indicadas aos homens, como se abordará adiante.

4.2 Leitura para homens

Os anúncios de livros para leitura dos homens aparecem com maior frequência a partir da década de 1880. No anúncio publicado em 05 de junho de 1882, no jornal Onze de Junho, constatou-se, pela primeira vez durante a pesquisa, a indicação explícita de sugestão de leitura para homens. Esse direcionamento poderia ser explícito, como no caso do anúncio dos livros que compunham a coleção da Bibliotheca Picante, ilustrado na seguinte imagem:



BIBLIOTHEEA PICANTE

LEITURA PARA HOMENS

Contos chistosos e ardentes, preciosamente illustrados com estampas feitas sobre photographias tiradas do natural.

Já estão à venda 9 vols. desta mimosa collecção de contos, que, apesar de salgadinhos e apimentados, são mais frescos que uma alface.

Cada volume 1\$000.

Em collecção abatimento

Por estes preços. só se vende na LIVRARIA AMERICANA.

De Carlos Pinto & C. sucessores

—

Remettemos pelo correio sem augmento de preço. Os pedidos devem vir acompanhados do valor ou do equivalente em sellos, em carta com o valor declarado a fim de evitar faltas.

Os pedidos podem ser dirigido a qualquer das tres casas—Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande.

—

Comunicação telephonica nas tres cidades—N. 62.

Figura 34 - Anúncio Biblioteca Picante (1882).
Fonte: Onze de Junho, 05 ago. 1882

A denominação “Picante” indica o apelo à sexualidade posta no nome da coleção, composta por livros que possuíam contos “chistosos e ardentes”. Percebe-se que era incentivada a venda das coleções completas através de abatimentos nos preços. No caso da divulgação da coleção “Biblioteca Picante”, nem sempre havia indicação do nome do autor, diferentemente do que acontecia com obras direcionadas às mulheres ou ao público em geral. Dessa forma, infere-se que esse tipo de obra vendia mais pelo assunto e gênero de escrita do que pela autoridade

dos autores. Mostra-se, assim, que poderia haver uma preferência do público por um tipo específico de texto, ou ainda o conhecimento prévio da coleção.

Nos anúncios desses livros “salgadinhos e apimentados”, além do tom engraçado com que são apresentados, observa-se a ênfase dada para as ilustrações, através de indicações como: “com gravuras”; “preciosamente ilustrados com estampas feitas sobre photographias tiradas ao natural”.

As obras poderiam ser enviadas pelo correio. Assim, depreende-se que as mesmas circulavam não só em Pelotas, mas em outras cidades da Região. Além disso, o serviço de correio aparece no anúncio como mais um elemento dentro do circuito de comunicações, estabelecendo, na realidade, uma ligação direta entre editor e leitor, eliminando distribuidores e formando uma nova forma de apresentação para o Circuito das Comunicações, de Darnton (1995).

De acordo com El Far (2004, p. 193), “muitas obras similares a estas, formadas por romances que abusavam das descrições relativas ao instinto sexual do ser humano, eram classificadas como publicações proibidas às mulheres”. De acordo com a autora, essas histórias, na visão de editores, críticos e, certamente, de incontáveis leitores, eram classificadas como pornográficas por explicitarem o contorno dos corpos, as cenas de sedução e sexo, assim como por trazerem diálogos que enfatizavam os prazeres desfrutados pelas personagens.

No próximo anúncio, o qual refere-se à Biblioteca reservada, é possível observar o destaque para um autor específico, Rabelais. Neste anúncio, o uso da palavra “só” evidencia uma restrição maior ainda ao público a que se destinam as obras, indicando que os homens deveriam ser os leitores exclusivos desse tipo de obra:

ANNUNCIOS
BIBLIOTHECA RESERVADA
Leitura só para homens
Contos em prosa por Rabelais
Na Livraria Universal
(A PÁTRIA, 14 de Mar. 1888)

O nome Rabelais¹¹ era o pseudônimo do escritor e jornalista português Alfredo Gallis (1859-1910). Gallis trabalhou para a imprensa periódica e fez fama junto aos leitores, publicando romances naturalistas e realistas preocupados em denunciar as mazelas de uma sociedade repleta de imoralidades.

Para El Far (2004), a pornografia de Rabelais e de Arsênio de Chatenay vinha filtrada pelas lentes do naturalismo e do realismo divulgados em Portugal pelos romances de Émile Zola. De acordo com a autora:

junto com as críticas de uma sociedade corrompida pela falsa moralidade e a breve explicação de teorias científicas, esses autores davam vazão a histórias galantes, sensuais, recheadas de descrições provocantes. Expunham um erotismo que, para o leitor do século XXI, muito se diferenciava das cenas de sexo romanceadas em pormenores em outras publicações, mas que por ultrapassarem as fronteiras da moral e do socialmente permitido, recebiam igualmente a classificação de “leitura só para homens”. (EL FAR, 2004, p. 247)

Infere-se, então, que as leituras para homens não se limitavam a textos e imagens de cunho pornográfico, mas também agrupavam textos que tratavam de aspectos os quais não eram permitidos social ou moralmente às mulheres, como poderia ser o caso do livro “Germinal”, de Zola, anunciado no jornal A Pátria, de 14 de março de 1888. O Germinal não é aconselhado às moças, sobretudo as “virgens ingênuas”, como se pode observar na transcrição:

GAZETILHA

O Germinal - A Livraria Universal recebeu um novo romance do notavel escriptor Emilio Zola. Esta obra versa sobre os costumes dos mineiros francezes. Em linguagem realista o distincto litterato descreve com primorosa elegancia e beleza a vida e habitos da classe social que mais soffre e mais serviços presta a humanidade, fornecendo-lhe os elementos principaes do progresso.

Não aconselhamos a leitura do Germinal as virgens ingenuas, em vista do positivismo com que Zola desenvolve todas as scenas de seus romances; porem qualquer outra pessoa pôde lêr e instruir-se, comprehendendo o enredo moral que com tanta habilidade e observação o fertil escriptor o abrilhanta. (A PÁTRIA, 14 mar. 1888)

Germinal, publicado em 1885, é o décimo terceiro romance da série Les Rougon-Macquart e, possivelmente, um dos mais famosos de Émile Zola.

¹¹ Não confundir com François Rabelais (1494-1553), autor das obras primas Pantagruel e Gargântua.

O romance *Germinal* relata a trajetória da greve dos mineiros do norte da França, ocorrida no final do século XIX, desencadeada pelas precárias relações trabalhistas e pela ideologia socialista vigente na época. Através de uma pesquisa feita nas vilas e nas minas de carvão, Zola mostra a vida dos mineiros e da burguesia local, retratando uma sociedade que vive em um momento de diversas transformações (GOMES, 2010, p. 01).

Para compor *Germinal*, o autor passou dois meses trabalhando como mineiro na extração de carvão. Viveu com os mineiros, comeu e bebeu nas mesmas tavernas para se familiarizar com o meio e acompanhou de perto a greve desses trabalhadores.

De acordo com Gomes (2010), o romance teve uma considerável repercussão no Brasil, sendo o mais traduzido dentre os de Zola. A autora realizou uma busca pela obra nas bibliotecas das seguintes instituições: Câmara Federal; Senado Federal (sistema integrado dos órgãos: AGU, Câmara, CLDF, Senado, MJ, MTE, Presidência da República, PGU, Prodasen, STJ, STM, STF, TST, TJDF e TCU); Biblioteca Demonstrativa de Brasília; Biblioteca Nacional (site); Biblioteca da UnB e em sites da Internet. Foram encontradas as traduções descritas no quadro abaixo:

Tradutores	Editoras	Ano de publicação
Bandeira Duarte	Flores e Mano	1935
	Vecchi	1943
	Vecchi	1946
Eduardo Nunes Fonseca	Hemus	1982
	Ediouro	1986
	Nova Cultural	1996
Francisco Bittencourt	Bruguera	1969
	Abril Cultural	1972, 1979 e 1981
	Martin Claret	2006
	Circulo do livro	Sem referência
Genser de Wilton Morgado ^{vii}	Melso	1961
Sem referência	Cia. Brasil	1956

Figura 35 - Traduções do Livro *Germinal* no Brasil

Fonte: GOMES (2010, p. 8)

É interessante verificar que a pesquisadora também não localizou tradução feita no século XIX. Questiona-se, então, como a Livraria Universal estaria publicando uma tradução de *Germinal* em 1888. Seria uma edição clandestina? Seria, então, essa uma das primeiras traduções? Essas são questões que o presente estudo não pode responder, mas que ficam em aberto para interessados na temática e na questão específica.

A partir da observação do anúncio do livro *Germinal*, pode-se verificar que, diferentemente da situação da mulher, ao homem era permitida uma maior possibilidade de tipos de leitura, e, inclusive, alguns títulos eram restritos ao gênero masculino. Os anúncios e comentários não apontam restrições para a leitura dos homens como aparecem para a leitura das mulheres.

Mesmo tendo sido desaconselhada a leitura do *Germinal* às moças, a produção de Zola não era de todo censurada dessa maneira pelos jornais pelotenses. Prova disso é a indicação do livro “O sonho” para as moças, explicitado em capítulo anterior. O mesmo fato parece não ter acontecido com Kock e Bocage, que tinham sua produção associada somente às leituras masculinas.

Focando a leitura masculina, como citado em capítulo anterior, um autor muito recorrente nos anúncios das livrarias, bem como nas listas de doações foi Paulo de Kock. A maioria de suas obras era classificada como leitura para homens. Na figura que segue, podemos observar o destaque às obras de leitura para homens, e abaixo, o anúncio de uma obra de Paulo de Kock.

LIVRARIA AMERICANA

Acabam de chegar as seguintes novidades litterarias de autores estrangeiros :

A Irmã de Caridade
Por Emilio Castellar, versão de Querino Chaves.

JOÃO PALOMO
Ou a expiação de um bandido, com illustrações photo-heliographica

O CALVARIO DAS MULHERES
Romance em 4 volumes. — 1ª e 2ª parte as Pecadoras, 3ª e 4ª a Reprobadas.

HISTORIA DE GABRIEL MALAGRIDA
Da companhia de Jesus. Apostolo do Brazil no seculo 18º, esgarangulado e queimado no largo do Rocio de Lisboa aos 21 de Setembro de 1761.

O CORSARIO VERMELHO
Por Fenimore Cooeper, com gravuras.

O Novo Principe
Ou o Espirito dos Governos Monarchicos.

CORTEZÁS CELEBRES
(Leitura para homens) Historia dellas de todos os tempos e de todos os paizes, com gravuras, por Paulo de Koch Filho.

Questões do Pará
Por D. A. Gomes Percheiro, a seus illudidos compatriotas *que vêem no Brazil uma nova terra de promissão.*

LEITURA PARA HOMENS
Historia dos « Coitadinhos Celebres » de todos os tempos e de todos os paizes, por Paulo de Koch Filho, com gravuras.

Figura 36 - Anúncio Livraria Americana - leitura para homens (1882).

Fonte: Onze de Junho, 25 jul 1882

Grande parte das obras de leitura indicadas para homens eram de autoria de *Paul de Kock* ou Paulo de Kock (1793-1871). Ele foi um romancista francês, mais conhecido no exterior do que na própria França, escrevia histórias sobre a vida da classe média parisiense do início do século XIX. Segundo Meyer (2005, p. 29), Kock, provavelmente foi um dos autores mais lidos no Brasil durante o século XIX, constituindo-se num “campeão popular”, como ela diz.

No acervo da Bibliotheca Pelotense, na sala intitulada “Rio Grande do Sul”, foram localizados alguns exemplares de livros desse autor, mas não se pode precisar qual é o total de títulos, tendo em vista que não há um catálogo ordenado por autor, e, muito menos, um catálogo informatizado. No catálogo on-line da Biblioteca Rio-grandense, localizou-se apenas “Amores de Narciso: um homem

atribulado” e “Romans Populaire”. No entanto, no Catálogo dos livros do Gabinete de Leitura da cidade do Rio Grande de S. Pedro do Sul, impresso pela Tipografia do Artista, de Antônio da Cunha Silveira em 1877 são identificados 65 títulos (CATÁLOGO, 1877).

Por outro lado, na página da Biblioteca Nacional da França é possível visualizar o registro de 85 títulos de livros de autoria de Paul de Kock; na Biblioteca Nacional de Portugal, foram encontrados 81 registros; e na Biblioteca Nacional do Brasil, 184 registros, dentre eles “A vereda das ameixas”, editado pela Livraria Americana de Pelotas. Há mais registros de obras de sua autoria na Biblioteca Nacional do Brasil do que na da França e na de Portugal, confirmando, talvez, sua maior popularidade em outros países do que em sua terra natal.

A imagem que segue, encontrada no acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal, é a reprodução do desenho elaborado por Alfredo Roque Gameiro (1864-1935) para a capa do livro “Obras Completas e Ilustradas de Paulo de Kock”, publicada em Lisboa no ano de 1910¹². O desenho apresenta uma mulher em um local e situação de intimidade, com as pernas expostas, o que não seria um modelo moral e socialmente aceitável de exposição feminina para a época.

¹² A imagem está disponível no endereço: <http://purl.pt/1270/1/>.

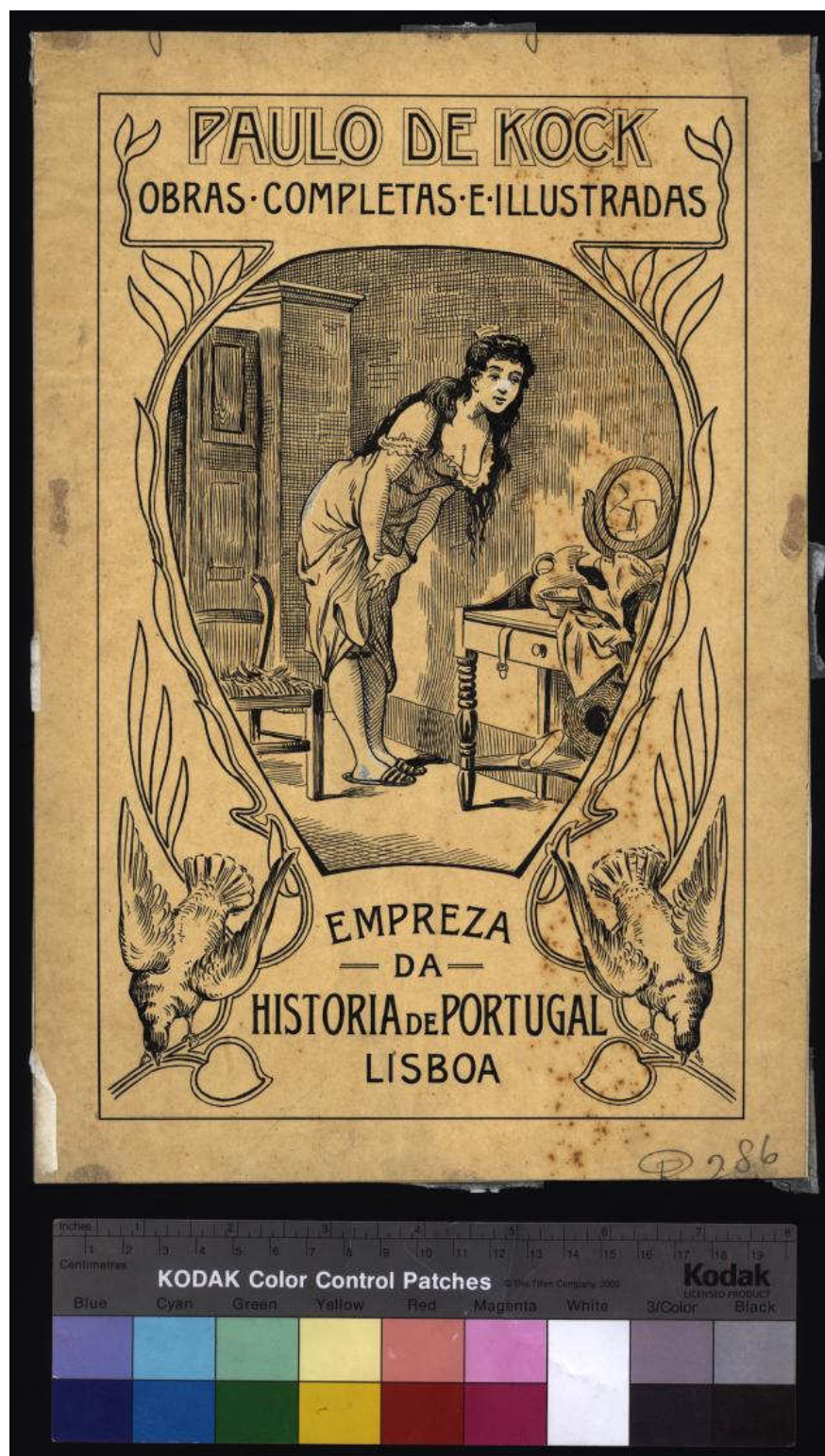


Figura 37 - Capa do Livro Paulo de Kock

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal

A partir da análise dos anúncios, depreende-se que as leituras sugeridas aos homens eram, além daquelas indicadas a ambos os gêneros, aquelas proibidas às mulheres.

Assim como às mulheres estava destinado o lugar social de donas de casa, esposas e mães de família, era aos homens, chefes de família que era dada a incumbência de prover a instrução dos menores e providenciar os seus livros, ainda que estivessem as mulheres encarregadas da educação das crianças. A análise dos anúncios de obras de cunho instrutivo e educacional permite observar que a chamada era direcionada “aos senhores chefes de família”, como se pode ver na imagem:

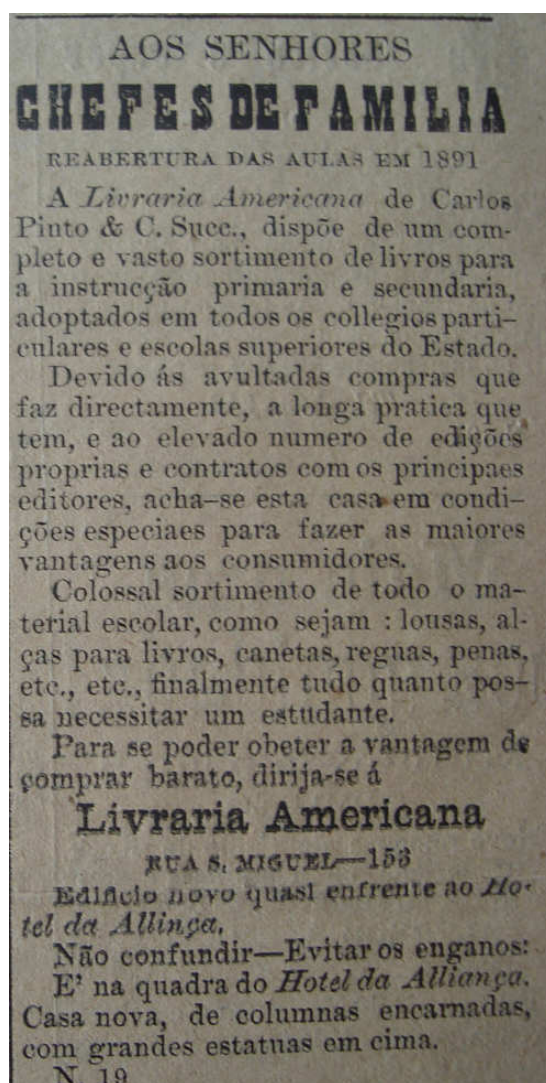


Figura 38 - Anúncio aos chefes de família (1891).

Fonte: Onze de junho, jan. 1891

Há o oferecimento de um vasto sortimento de livros para a instrução primária e secundária que, segundo a Livraria Americana, seriam “adotados em todos os colégios particulares e escolas superiores do Estado”.

É importante ressaltar a ênfase dada ao elevado número de edições próprias e aos contratos com os principais editores. Observa-se com isso que as funções e atribuições explicitadas no circuito de Darnton (1995), nessa situação, são acumuladas pela Livraria, ou seja, esta exercia o papel de Editor, Gráfico, Distribuidor e Livreiro. Dentre todos os anúncios analisados, esta é a única referência a contratos realizados pela Livraria Americana. Contudo, a Livraria deixa clara a realização dos mesmos para impressão das obras vendidas por ela.

Além das indicações de leituras para os homens e para as mulheres, outro público leitor identificado em alguns poucos anúncios publicados nos jornais são as crianças, como se pode verificar adiante.

4.3 Leitura para crianças

No Brasil, até as últimas décadas do século XIX, os livros em circulação, inclusive aqueles destinados ao ensino, constituíam-se, basicamente, de traduções e de adaptações de histórias europeias, geralmente editadas em Portugal.

A pesquisadora portuguesa Maria Angélica Alves (2008), ao estudar A infância, a leitura e o leitor, em Portugal e no Brasil, no período entre 1880 e 1920, cita alguns títulos que ilustram a variedade das publicações de periódicos infantis portugueses, nas últimas décadas do século XIX: O Amigo da Infancia (Lisboa, 1873); O Amigo da Verdade e da Infância (Lisboa, 1874); Bibliotheca do Povo e das Escolas: propaganda de instrução para portugueses e brasileiros (Lisboa, 1881); A Ciência Infantil (Porto, 1886); Correio das Escolas: revista de ensino primário (Lisboa, 1897); As Creanças: jornal de educação dedicado às mães, com a protecção de Sua Magestade a Rainha (Lisboa, 1884); Echos da infância: folha quinzenal, litteraria, noticiosa e charadistica (Soure, 1885); A Ilustração da Infancia: jornal de instrução e recreio (Lisboa, 1877).

De acordo com El FAR (2005, p. 337), salvo algumas publicações esporádicas, não havia no Brasil do século XIX uma literatura infantil propriamente dita, confirmando o que afirmaram Lajolo e Zilberman (1999, p. 183), ao comentarem que a nacionalização do livro para crianças só se torna realidade no fim do século XIX, concomitantemente ao abasileiramento dos livros didáticos.

Em todo período estudado na presente pesquisa, raríssimas foram as referências a livros literários para leitura infantil identificadas. O que se identificou foram obras portuguesas, como evidenciado no anúncio da Livraria Americana:

Imprensa- Recebemos por intermédio da bem acreditada – Livraria Americana – o número 4 da 4ª série Artes e Letras, contendo lindos desenhos e interessantes escriptos litterarios. Também recebemos o número 6 do Recreio Infantil, interessante publicação que muito recommendamos aos Srs. pais de familias. Agradecemos a offerta (DIARIO DE PELOTAS, 02 de março de 1876).

Na obra “História da imprensa periódica Portuguesa: subsídios para uma bibliografia”, de José Manuel Motta de Sousa e Lúcia Maria Mariano Veloso, editada em Coimbra pela Biblioteca Geral da Universidade em 1987, há uma referência à publicação “Recreio Infantil: periódico dedicado às crianças portuguesas e brasileiras”, a qual era editada em Lisboa, por J.H. Verde, sendo o primeiro volume publicado em 1874 (SOUSA; VELOSO, 1987).

Não foram encontradas mais referências sobre esse periódico em catálogos on-line de bibliotecas brasileiras e portuguesas, o que mostra que tal material poderia ser um objeto raro e de pouca circulação no país.

De acordo com Alves (2008), em 1903, o crítico e historiador literário José Verissimo analisou a situação de carência de leitores no Brasil, ressaltando a inexistência de material de leitura de qualidade especificamente destinado às crianças e aos jovens, de acordo com Verissimo:

Na lingua portugueza então, nunca houve, e não há ainda, litteratura infantil, e quando hoje queremos dar aos nossos filhos um livro a ler, para instrui-los, educa-los, e desenvolver nelles o gosto da leitura, temos de lh'os dar em lingua estrangeira, si elle já lê alguma, ou uma traducção, e quasi todas são pessimas, de livros estrangeiros, por via de regra francezes. (VERISSIMO, 1903 apud ALVES, 2008)

A venda do periódico Recreio Infantil pela Livraria Americana evidencia que na cidade de Pelotas do final do século XIX circulavam materiais que tinham uma

abrangência mais restrita, demonstrando a inserção da cidade em um significativo circuito de produção e circulação de materiais de leitura.

Outra indicação de leitura para crianças foi encontrada em um dos anúncios de livros à venda pela Tipografia do Jornal Correio Mercantil, de 21 de Outubro de 1879. Esse anúncio, que apresenta uma listagem de livros novos, destaca algumas obras infantis, referidas a seguir:

LEITURA PARA CRIANÇAS
O cysne dos ovos de ouro
O chá de bichana
Os meninos na floresta
A velhinha que morava dentro d'um sapato
Aventuras de 5 porquinhos
A mamã (CORREIO MERCANTIL, 21 out. 1879).

Acredita-se que esses textos sejam adaptações de contos populares traduzidos de vários países, adequados para a leitura de crianças, a exemplo do que diz Tambara (2002, p. 2), quando afirma que os textos para leitura infantil no século XIX, de um modo geral, ficaram marcados pela “vulgarização de uma série de contos, historietas, poesias, etc, muitos deles de domínio público, criados, formatados, compilados, estilizados e divulgados pelos irmãos Grimm e por Claude Andersen, no século XVIII”.

É importante destacar que também havia nos jornais pelotenses uma crítica ao modo como eram elaborados os livros para esse público, como se observa no excerto que segue:

[...] desde o mais insignificante livro de leitura, até o compêndio mais desenvolvido, a linguagem é sempre inacessível a compreensão da criança”. (MONTEIRO, Luis. A ventarola, 23 set. 1887)

Verifica-se uma preocupação com a compreensão da leitura realizada pela criança. Esse achado permite inferir que, mesmo que não existissem tantas obras destinadas à leitura dos pequenos, havia uma preocupação com a leitura desse público. Ainda que fosse com foco na instrução.

Vale ressaltar que, apesar de não ter sido encontrada indicação explícita nos anúncios e comentários, deve-se considerar que havia os livros de instrução e leitura que eram destinados aos meninos e meninas em idade escolar.

Tambara (2002, p.29) aponta que a indústria de impressão de material didático no Brasil começa a prosperar a partir da Independência. Dentre os materiais didáticos produzidos estavam os livros de leitura que eram utilizados na escola primária brasileira.

De acordo com o autor, os livros de leitura constituíam-se de seletas e coletâneas de contos e poesias, catecismos, história sagrada, entre outros e se estabeleceram como a leitura das crianças no período imperial. A constatação de Tambara (2002) confirma a apreciação de Lajolo e Zilberman (1999, p.216), as quais dizem que nesse período os alunos ficavam “expostos a seletas, antologias e manuais que nem sempre despertam gosto [pela leitura]”.

Dessa forma, ainda que os autores digam que a leitura das crianças no Brasil do final do século XIX, de uma maneira geral, se restringia a manuais escolares e contos de fadas, é possível afirmar que em Pelotas se vendiam periódicos portugueses que, a princípio, podiam ser direcionados ao divertimento das crianças. Embora com pouca frequência nos jornais pelotenses, essas notícias são significativas da circulação de material de leitura para a infância na sociedade pelotense.

A seguir, serão abordados os espaços e eventos de leitura, com o objetivo de demonstrar, além dos leitores e leitoras representados nos jornais, outra categoria identificada como os espaços institucionalizados de leitura.

5. ESPAÇOS E EVENTOS DE LEITURA EM PELOTAS NO FINAL DO SÉCULO XIX

Considerou-se como espaços e eventos de leitura aqueles institucionalizados de caráter público e privado, representados por estatutos, correspondências, regulamentos, anúncios pagos e peças publicitárias.

Neste capítulo serão abordados dois espaços/acontecimentos de destaque na história da leitura de Pelotas, são eles: a criação da Bibliotheca Pública Pelotense e as associações literárias.

5.1 A Bibliotheca Pública Pelotense

Em pesquisa realizada em 2005, Shapochnik buscou produzir indicadores e séries que visavam superar afirmações generalizantes e impressionistas sobre a circulação do livro e os lugares da leitura ao longo do século XIX no Brasil. De acordo com Shapochnik (2005, p. 230), ao longo do século XIX, houve a implementação de “novas bases institucionais da leitura de caráter público e privado, emblematizadas pelas bibliotecas e pelos gabinetes de leitura”.

De acordo com o mesmo autor, esses locais de leitura “passaram a conviver simultaneamente com os antigos hábitos de narração de causos e da leitura oralizada no interior das moradas” (SHAPOCHNIK, 2005, p. 230). Excluídas as bibliotecas eclesiais, as escolares, as de instituições de ensino superior e as corporativas, como as pertencentes à marinha, exército e museus, o pesquisador identificou 191 bibliotecas fundadas entre 1810 e 1900 em todo território brasileiro.

De acordo com Shapochnik (2005), após a instalação da Biblioteca Real (1810) no Rio de Janeiro e da Biblioteca Pública de Salvador (1811), o ritmo de implantação de instituições devotadas à leitura e ao empréstimo de livros era lento e atingiu somente quatro províncias até 1840. Contudo, foi identificado um crescimento que teve seu ápice nas décadas de 1860 e 1870.

Com base nas informações fornecidas por Shapochnik (2005), elaborou-se o seguinte quadro:

Província	Número de Bibliotecas				
	Até 1840	1841-1860	1861-1880	1880-1900	Total
Bahia	01	03	11	02	17
Rio Grande do Sul	01	02	08	04	15
Pernambuco	02	03	10	11	26
Rio de Janeiro	04	04	19	04	31
Santa Catarina	-	01	05	-	06
Sergipe	-	01	-	-	01
Maranhão	-	02	01	-	03
Minas Gerais	-	04	05	07	16
Espírito Santo	-	-	01	-	01
Goiás	-	-	01	-	01
Mato Grosso	-	-	01	-	01
Alagoas	-	-	03	02	05
Ceará	-	-	03	01	04
Rio Grande do Norte	-	-	04	-	04
Pará	-	-	08	-	08
Paraná	-	-	13	-	13
São Paulo	-	-	14	21	35
Amazonas	-	-	-	02	02
Total	08	20	108	55	191

Figura 39 - Quadro Bibliotecas públicas brasileiras fundadas no século XIX

Nota-se que o período em que ocorreram mais implantações de bibliotecas no país foi entre 1860 e 1880, quando lideraram os estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Dentro desse período, em 14 de novembro de 1875, foi fundada a Biblioteca Pública Pelotense, por iniciativa de um grupo de cidadãos liderados pelo redator do Correio Mercantil, Antônio Joaquim Dias. A biblioteca foi inaugurada com 960 volumes e funcionou de início num prédio oferecido por João Simões Lopes, o Visconde da Graça. (MAGALHAES, 1999, p. 52)

A Bibliotheca Pública Pelotense (BPP) representa um marco na história da leitura e da educação de Pelotas, pois se constitui numa representação da valorização da leitura no município de Pelotas no final do século XIX.

A criação da Bibliotheca Pública Pelotense, juntamente com a Biblioteca Real Nacional (1814), o Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro (1837), a Biblioteca do Convento de São Bento, o Gabinete de leitura da cidade do Rio Grande (1846), o Gabinete de Leitura de Pernambuco (1871), a Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1847) e a Biblioteca Pública de Porto Alegre (1871), são destaques no livro “A formação da leitura no Brasil”, de Lajolo e Zilberman (1999).

Para as autoras, o aumento do número de bibliotecas e gabinetes de leitura sugere “considerável encorpamento de malhas muito importantes no aparelho de leitura” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 182). Essa observação vai ao encontro do que diz Schapochnik (2005, p. 233), o qual afirma que “não se deve insistir no argumento denegador da existência de Bibliotecas e de clubes que favoreceram as práticas da leitura, pois os dados apresentados atestam a existência de uma rede de bibliotecas no território Brasileiro”.

Nos jornais pelotenses publicados durante todo o período estudado, há referências à biblioteca, desde o movimento pela sua criação, passando pela fundação, criação de estatutos, relatórios mensais e anuais, comemorações de aniversários até crises enfrentadas para manutenção da mesma.

Vale salientar que as publicações sobre a Bibliotheca, apesar de serem encontradas em todos os jornais, aparecem em maior frequência no jornal Correio Mercantil, o que se justifica pelo mesmo ter sido de propriedade de Antônio Joaquim Dias, um dos sócios fundadores da BPP e maior incentivador de sua criação.

Foram apresentadas várias justificativas para a criação da BPP, dentre elas, a que mais se destaca é a necessidade de instruir o povo. O artigo publicado no jornal Correio Mercantil de 10 de novembro de 1875 mostra as primeiras manifestações sobre a criação da Bibliotheca. Esse artigo, além de apresentar uma paráfrase do texto publicado no Jornal do Comércio do dia anterior, transcreve o referido artigo, como uma forma de referendar a sugestão de criação de uma biblioteca pública.

Observa-se nos dois artigos uma comparação entre Pelotas e outras cidades, como Porto Alegre e Rio Grande, em virtude de já possuírem bibliotecas e gabinetes de leitura. Essa comparação pode ser observada nos excertos:

É tempo já de Pelotas imitar o exemplo de outras cidades, e nossa pujante mocidade dar cópia incontestesvel e patente de uma illustração e intelligencia

(JORNAL DO COMMERCIO, 09 nov. 1875)

Porto Alegre, Rio Grande e quase todas as localidades do interior do sul da provincia já de há muito possuem soberba bibliothecas e florecentes sociedades que offerecem uma instrução fácil e econômica a todos quantos cultivam o espírito e acompanham o progresso da civilisação.

Só Pelotas, a mais rica cidade da provincia, não possui nem uma bibliotheca, nem uma sociedade litteraria, nem um gabinete de leitura regularmente organizado.

Esta indiferença é prejudicial aos credits e adiantamento da população.

(CORREIO MERCANTIL, 10 nov. 1875)

Os jornais mostravam a insatisfação com o fato de outras cidades já possuírem bibliotecas e Associações Literárias, enquanto em Pelotas nenhuma iniciativa parecia ter sido tomada. O apelo feito à comunidade pelotense era para que se tornasse possível a felicidade, através da instrução, do estudo e de conhecimentos sólidos. O apelo foi feito a pessoas de todos os níveis da sociedade, “sem distinção de classes”.

A falta de uma biblioteca pública era considerada uma lacuna na vida intelectual da sociedade pelotense. Diante desse descontentamento foi realizado um chamamento para que todos contribuíssem com a criação de uma biblioteca.

O Jornal Correio Mercantil, de 14 de novembro de 1875, apelava para que os leitores contribuíssem para a criação de uma biblioteca, justificando com o argumento de que todos que acompanhavam as evoluções do progresso e da atualidade e conheciam as vantagens que resultariam a criação de uma biblioteca pública deveriam contribuir.

Por conta dessa convocação à comunidade para auxílio na construção do prédio da BPP, encontraram-se dezenas de pedidos e convites semelhantes aos seguintes:

Convite

Os obreiros do progresso público, que se interessam pela instrução de todas as classes sociaes, são convidados para uma reunião que deve ter lugar no domingo próximo, 14 do corrente, às 11 horas do dia, nos salões da prestativa sociedade Terpsychore afim de tratar-se da fundação de uma bibliotheca pública nesta cidade. (CORREIO MERCANTIL, 12 nov. 1875)

Pedimos, pois, à generosa população de Pelotas, um obulo para o edifício da Bibliotheca Pública.

Ao pobre como ao rico, ao artista como ao comerciante, estendemos a mão e imploramos proteção para o espetáculo de hoje.

Não pedimos para nós, pedimos para o progresso e para a instrução. (CORREIO MERCANTIL, 4 jan. 1879)

A mocidade de Pelotas precisa e deve entregar-se aos exercícios da intelligencia. Precisa e deve criar uma sociedade litteraria anexa a uma bibliotheca pública. (CORREIO MERCANTIL, 27 Jul. 1875)

No período que SHAPOCHNIK (2005) identificou como o ápice da criação de Bibliothecas no país, em Pelotas, a criação da Bibliotheca era discutida diariamente, a instituição era considerada como o “templo dos livros” e ainda um remédio para os males. Mesmo após quase 20 anos de sua fundação, a biblioteca ainda era vista como “*um edifício que guarda o livro – antídoto poderoso contra o estado funesto da ignorância, receptáculo de civilizadores*” (CORREIO MERCANTIL, 08 maio 1894).

Schapochnik (2005) caracterizou as bibliotecas em três modalidades: bibliotecas públicas, bibliotecas associativas e bibliotecas populares. Segundo o autor, dois modelos biblioteconômicos definiam as bibliotecas públicas naquele momento criadas: o modelo anglo-saxônico, vinculado ao espírito associativo, favorecia uma rede de bibliotecas com objetivos determinados (religiosos, morais, filantrópicos); e o modelo francês, que caracterizava a biblioteca como um lugar aberto ao público de forma gratuita e com horário fixado. De acordo com o autor, tanto o horário quanto as instruções normativas desses espaços eram determinados de acordo com o público a eles destinados.

A primeira modalidade de biblioteca era de responsabilidade do estado, que atribuía a essas instituições “a função de conservação do acervo e a difusão do saber acumulado quase que exclusivamente a uma audiência constituída por eruditos e estudiosos locais” (SHAPOCHNIK, 2005, p.234).

A segunda modalidade era constituída pelos gabinetes de leitura ou bibliotecas associativas. Lugares de caráter privado e, em muitos casos, custeados por comunidades estrangeiras radicadas em terras brasileiras. Essas bibliotecas e gabinetes constituíam-se em espaços masculinos de sociabilidade. Todavia, o empréstimo de livros favorecia as práticas de leitura domésticas, às práticas de leituras femininas.

De acordo com o mesmo autor, uma terceira modalidade, implantada no Brasil a partir de 1870, foi chamada de biblioteca popular. Instituição pública, aberta a todo tipo de leitor. Entretanto, esse espaço legitimado de leitura era muitas vezes visto como moralizador e civilizador, uma vez que o acervo que o constituía estava vinculado à complementação da instrução elementar. A biblioteca popular acabava, nesse caso, reforçando "o papel delegado" à escola. Esse espaço de leitura era mantido por iniciativa de particulares (lojas maçônicas, letrados, negociantes, simpatizantes do abolicionismo, grupos políticos) com auxílios municipais e provinciais.

Segundo a classificação exposta por SHAPOCHNIK (2005), pode-se dizer que a BPP teria as mesmas características das bibliotecas que compunham a terceira modalidade de bibliotecas implantadas no Brasil a partir de 1870, denominadas de bibliotecas populares. A Bibliotheca não foi criada para ser um repositório, a exemplo de outras bibliotecas públicas que se formaram (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005), mas foi concebida para ser um "templo de luz" (PERES, 2002), com função similar ao que seria uma escola. Para os menos favorecidos, a necessidade de instrução poderia ser suprida com a criação de uma biblioteca que forneceria o "pão para o espírito" do artista e do "menino desvalido" (DIÁRIO DE PELOTAS, 04 dez. 1877).

É importante ressaltar que a criação e construção da Bibliotheca partiram da iniciativa de membros da sociedade e não do governo, e que essa criação foi fruto de intensa campanha que era publicada nos jornais.

As sociedades em Pelotas

[...] Faltarão homens competentes para fundar e sustentar uma sociedade literária, uma bibliotheca pública?

O que falta é a iniciativa, a união da mocidade, o estímulo do estudo, a dedicação ao trabalho, o amor á ilustração. (CORREIO MERCANTIL, 27 Jul. 1875)

Além das manifestações na imprensa, foram realizadas quermesses a fim de angariar fundos para a construção do prédio, assim como livros eram doados pela comunidade para a formação do acervo.

Os bazares de prendas aconteciam frequentemente, e por vezes, eram publicadas as listas de donativos com os nomes dos respectivos doadores. Para o bazar de prendas eram doados utensílios como lenços, louças, arranjos de flores etc. (Correio Mercantil, 25 maio 1878; 02 jun.1878; 14 fev.1879; 13 maio 1882; 22 out.1885)

Bazar de Prendas

A'S FAMILIAS PELOTENSES

A comissão encarregada da construcção do edificio da Bibliotheca Publica Pelotense, necessitando de recursos para continuar aquella importante já bastante adiantada obra, confiada a generosidade das illustres familias pelotenses, recorre novamente á sua valliosa protecção para um bazar de prendas que se deve realizar no Domingo 2 de Março de 1879. (CORREIO MERCANTIL, 4 de Janeiro de 1879)

Havia doações de variadas formas, como, por exemplo, a do carpinteiro Manoel Gomes da Costa Parafita, que ofereceu seis dias de seu trabalho nas obras do edifício da Bibliotheca Pública Pelotense. O jornal Correio Mercantil afirmou que esse tipo de ação foi louvável, “muito mais quando ela parte de um artista” (CORREIO MERCANTIL, 15 set.1878).

A BPP passou a funcionar em 1876 nos salões térreos de uma propriedade do Coronel João Simões Lopes, o Barão da Graça, posteriormente passou para o prédio que foi construído para abrigá-la definitivamente. Se compararmos a realidade de outras bibliotecas no país, a BPP não passou por tantas modificações de lugar, como generaliza Shapochnik (2005, p. 243) quando afirma que houve uma existência errática, pois as bibliotecas foram submetidas a excessivos deslocamentos, “ocuparam as mais distintas instalações que incluíram desde as dependências de um hospital, quartos de hotéis até residências particulares, quando não compartilharam seu edifício e seus funcionários com outras instituições”.

Na ocasião de fundação da pedra fundamental para construção do prédio da BPP, Angélica Conceição Filha realizou um discurso caracterizado por uma leitura

pública, que explicitou o significado que a criação de uma biblioteca trazia para a comunidade.

Em seu discurso, transcrito a seguir, observa-se a manifestação de um discurso positivista que atribui às bibliotecas e escolas o poder de “exterminar” com atitudes e sentimento condenados, como por exemplo, o despotismo, o crime e a intriga.

Nota-se, mais uma vez, a preocupação com o avanço intelectual dos pelotenses, reforçando a concepção de função principal da Bibliotheca, que seria de instruir a população.

Progresso, civilização, luz e instrução, eis o que symbolisa esse pedaço de granito collocado na terra de Pelotas para attestar perante a posteridade a dedicação de seus illustres habitantes pela nobilíssima causa do aperfeiçoamento da humanidade.

Grandioso exemplo de amor ao belo, ao útil e ao sublime!

Erguer monumentos ao trabalho e á instrução, ensinar as classes desprotegidas da fortuna a pensar e sentir, a comprehender seus direitos e deveres, é de certo o que de mais nobre e generoso póde emprehender a iniciativa individual e o que de mais aprazível podem almejar as sociedades modernas.

A instrução é o ideal dos espíritos avançados, a alavanca poderosa que ha de mover as aspirações dos séculos e converter em realidade as esperanças dos povos que se empenham pela liberdade de crenças e ideias perante a igualdade licita de regalias e obrigações.

Quando os altos potentados políticos e sociais comprehenderem esta verdade e se esforçarem no sentido de eleva-la á ordem das doutrinas e ciências positivas, cessarão para sempre as ambições exageradas, as lutas constantes entre a democracia e os fidalgos hereditarios, para predominar a garantia de interesse e o respeito ás posições justamente adquiridas.

Distribui em abundancia – instrução e trabalho ao povo, que depende desses dois elementos de riqueza e felicidade – a firmeza de suas crenças, a consolidação de suas alegrias, o seu amor ás instituições, a homenagem mais sincera de apreço e admiração a tudo quanto se relacione com a virtude, a honra, o patriotismo e a moralidade.

No conchego intimo da família ou nas relações sociaes, a instrução é tão necessaria ao espirito como o sol á vegetação e o ar á existencia.

Estudo e saber – eis os possantes motores da perfeição humana.

Estabeleçam-se bibliothecas e escolas por toda a parte; distribuáam-se livros e conhecimentos, que desapparecerão para sempre – o despotismo, o crime, a intriga, a inveja, o fanatismo, as paixões desordenadas e outros tantos sentimentos reprovaveis que se

alimentam á sombra da ignorancia sustentada pela especulação dos mais atilados que fazem profissão do atrazo dos povos.

Rebrilhe a luz da instrucção como phanal da actualidade, que o futuro será um hymno de glorias ao progresso, ao bem e a sciencia.

Senhoras e senhores. – protegeí a Bibliotheca Publica Pelotense – Rodeai-a de favores e benevolencias. – Concorrei para que sobre aquella pedra fundamental se erga pujante e beneficente, que tereis prestado o mais assignalado serviço de engrandecimento e aos creditos d'esta cidade.

Da instrucção e do trabalho, depende o progresso, a civilisação e a liberdade. (CORREIO MERCANTIL, 10 set. 1878)

O discurso da jovem inicia com as palavras *progresso, civilização e instrução*. A autora sustenta a necessidade dos altos potentados aderirem à “ordem das doutrinas e ciências positivas”, enfatizando que admira tudo que se relacione com a virtude, a honra, o patriotismo e a moralidade.

Recupera-se a ideia de biblioteca popular, que reforçaria a escola através do incentivo à instrução.

Outro discurso sobre a Bibliotheca foi proferido por Rita Lopes Lobato em 1881, por ocasião da inauguração do novo prédio. Nesse discurso, a jovem repete a mesma representação de leitura e de biblioteca demonstrada na manifestação de Angélica quatro anos antes, ou seja, as duas mulheres relacionam a criação da biblioteca à causa da instrução. A ideia de progresso oriunda da instrução para a coletividade.

Concerto vocal e instrumental da B.P.P.

Discurso da menina Rita Lobato Lopes

“Permiti que por ocasião de uma festa tão simpática, tão nobre e generosa ao mesmo tempo eu venha também expandir-me nesses votos que vejo e sinto aqui popular em meio de tão brilhantissimo concurso.

Diz-nos a experiência pela voz da história que um povo inculto jamais consegue levar-se, aparecer nos primeiros planos do vasto cenário da humanidade.

E se não o que vem a ser um povo a revolver-se nas pesadas sombras da ignorância? Um quase que automato, uma aglomeração de indivíduos sem vontade própria, uma tumba que só sabe obedecer, porque ignora os seus direitos, uma população finalmente, falfa, do seu mais poderoso auxiliar para desenvolver-se em todos os ramos da atividade do mundo social.

Trabalhar pela causa da instrução é, senhores e senhoras, o maior serviço, a mais inestimável riqueza, o mais fecundo manancial que possamos franquear ao nosso semelhante. Aos benefícios bafejos da

instrução tudo progride, tudo se retempera, no fervor dessas intermináveis lutas pela vida e bem estar.

[...]

Este belo edifício em cujo recinto achamo-nos agora em tão luzido concurso, aí está e aí ficará para atestar aos posterios que os pelotenses amam a instrução da mesma maneira porque se deve amar a liberdade.

Este monumento – esta Bibliotheca. conjuntamente com suas escolas, em breve, pela nunca desmentida generosidade deste povo, constituirá uma de suas maiores glórias.

Sim, a ideia desta instituição nasceu dele, por ele realizou-se e com ele se perpetuará na memória dos tempos. [...]

Concorramos pois, sem distinções de sexos, nem preconceitos de posições sociais, para multiplicar os meios da instrução popular consorciada com a ed. nacional, tem sido a base, a fonte das grandes civilizações no decorrer dos tempos.

[...] (CORREIO MERCANTIL, 23 abr. 1881)

No discurso proferido por Rita Lobato fica mais evidente o caráter de popular dado (ou esperado) à Bibliotheca. Também ficam evidentes possíveis conflitos de gênero e de classe social presentes na sociedade pelotense quando a jovem solicita: “concorramos, pois, sem restrições de sexos, nem preconceitos de posições sociais”.

A transcrição no jornal dos discursos realizados pelas mulheres demonstra a participação feminina e o reconhecimento da opinião das mulheres na esfera pública da cidade de Pelotas no final do século XIX. Esse fato merece atenção, pois enquanto se discutia o que a mulher poderia ler, que ambientes poderia frequentar, algumas mulheres pelotenses tiveram espaço para defender a construção de um local para a promoção da leitura do povo.

Verifica-se o quanto a participação das mulheres na discussão sobre a criação de uma Bibliotheca é significativa, visto que alguns anos antes, 1875, era discutido se as mulheres, juntamente com as crianças, deveriam frequentar uma biblioteca específica para senhoras, como se observa no excerto:

Quero chegar à necessidade de uma biblioteca para senhoras, onde elas possam ler alguma coisa profícua, a sua felicidade doméstica, a sublime aspiração do sexo formoso; onde possam ler o Aimé Martin, o Paul-Jeannet, o Gasparin, ou Garret e tanta coisa que autores ilustres e mulheres instruídas tem escrito sobre a educação.
(CORREIO MERCANTIL, 8 jan. 1875)

Ao que tudo indica, no princípio, a Bibliotheca atendia apenas homens e oferecia cursos noturnos para os trabalhadores da cidade. Peres (1995) apresenta detalhadamente isso na dissertação intitulada “Templo de luz: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense: 1875-1915”. Na dissertação, a pesquisadora descreve como se deu a criação da biblioteca com ênfase nos cursos noturnos oferecidos pela instituição.

Nas décadas de 1880 e 1890 verificam-se alguns indicadores de abandono pelo qual passava a biblioteca. Em relatório anual de 1885, publicado no Correio Mercantil de 11 de janeiro de 1886, pode-se visualizar que a frequência de visitantes havia sido reduzida em relação ao ano anterior, quando passou de 7.003 para 4.693 visitantes. Ao observar o relato sobre as obras consultadas, chama a atenção a descrição das obras:

Eis o numero de obras consultadas durante o anno:

Janeiro 139, fevereiro 121, março 115, abril 188, maio 113, junho 174, julho 294, agosto 219, setembro 168, outubro 152, novembro 180, dezembro 122.

Versaram essas obras sobre philosophia, linguistica, didactica, sciencias physicas e naturares, litteratura propriamente dita, novellas, romances, poesias, etc.

Lamento que não tenha sido maior o numero de obras consultadas, porquanto a nossa bibliotheca possui já avultadissimos thesouros onde a mocidade estudiosa póde adquirir grande cópia de conhecimentos, necessarios a quem se dedica á honrosa carreira das letras.

Havia aqui uma classificação das obras pelo assunto e gênero, na qual se destaca a categoria “literatura propriamente dita” em comparação com novelas, romances e poesias.

Percebe-se um lamento em relação à baixa procura pela Bibliotheca e um incentivo à visita e utilização daquele espaço, ou seja, de acordo com o relatório, o espaço previsto para a realização da leitura não estava sendo utilizado como se esperava.

Nota-se que havia picos em relação ao número de obras consultadas, sendo julho e agosto os meses em que se retiraram mais livros, meses de frio e chuva, talvez próprios para se ficar em casa fazendo leituras.

Verifica-se que os meses de dezembro, janeiro, fevereiro, março e maio foram aqueles em que houve menos consultas. Considerando a possibilidade dos livros da biblioteca serem usados para leitura de lazer e também para estudos, pressupõe-se que o número de empréstimos tenha diminuído em virtude de que os estudantes estariam em férias, ou ainda, nesses meses mais quentes, as pessoas poderiam procurar outros divertimentos ao ar livre, ao invés da leitura em casa ou na biblioteca.

Ao analisar os relatórios, notícias e comentários sobre a BPP nos jornais pelotenses, se verifica que essa biblioteca foi e continua sendo uma das principais instituições culturais da cidade de Pelotas e do país, tanto pelo acervo que guarda quanto pela sua participação na história da leitura.

Acompanhar a movimentação para a criação da Bibliotheca e sua manutenção possibilitou conhecer aspectos de uma comunidade que se preocupava com o livro e com o espaço destinado à leitura. Vê-se na criação da Bibliotheca Pelotense a materialização de uma cultura de valorização da leitura, dentro de uma sociedade que visava promover o seu desenvolvimento intelectual. Como afirma Peres (1995, p.89), a Bibliotheca Pública Pelotense “também teve um caráter de associação literária – lá aconteciam conferências públicas, defesas de “teses” sobre os mais variados temas, funcionavam clubes e sociedades literárias – de escolas –, além dos cursos noturnos”.

Contudo, a Bibliotheca Pública Pelotense não era a única iniciativa de sociedade voltada à cultura das letras, pois ela estava inserida em um movimento maior para a criação de associações literárias, como se verificará a seguir.

5.2 As Associações Literárias

Ao falar sobre a realidade francesa dos séculos XVIII e XIX, Darnton (1995) afirma que a leitura constituía uma experiência privada para o pequeno número de pessoas cultas que podiam se dar ao luxo de comprar livros. Porém, o autor afirma

que muitas dessas pessoas “faziam parte de clubes de leitura, *cabinets littéraires* ou *Lesegesellschaftien*, onde podiam ler quase tudo que quisessem numa atmosfera social, por um pequeno pagamento mensal” (DARNTON, 1995, p. 158).

No artigo “Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX”, Beatriz Ana Loner (2002) explora os divertimentos existentes na cidade e cita como clubes recreativos as entidades teatrais, as entidades musicais, as entidades carnavalescas e as entidades recreativas bailantes. A autora faz referência à realização de saraus, porém não cita as associações literárias.

Segundo Loner (2002), o maior incremento associativo da cidade de Pelotas no século XIX ocorreu nas décadas de 1880 e 1890, quando “surgiram e se diversificaram entidades e associações com as mais variadas finalidades, para atender tanto às necessidades da maioria da população quanto aquelas mais específicas de seus setores mais sofisticados e enriquecidos”.

Em Pelotas, as primeiras referências encontradas nos jornais sobre associações literárias, na realidade, tratam de uma provocação para que as mesmas fossem criadas no mesmo momento em que se discute a criação da BPP. O excerto que segue aponta um exemplo de como essa necessidade era explicitada:

As sociedades em Pelotas.

Estamos em pleno materialismo.

Semelhantes aos usuários, nós, pelotenses, trabalhamos na aglomeração de capitais, de riquezas imensas, unicamente para gozar a vangloriosa satisfação de contemplar-lhes o brilho atraente e fascinador.

Constituímo-nos capitalistas: rodeam-nos todas as comodidades da vida física e possuímos quase todas as regalias e prazeres materiais das grandes cidades.

Porém não é só isso o bastante para atender à prosperidade de um povo; - não é o suficiente para o aperfeiçoamento de uma sociedade. Falta alguma coisa, mais importante, mais útil e necessária.

Falta instrução...

Em Pelotas não existe uma sociedade literária, não há uma bibliotheca pública, nem um gabinete de leitura!

Parece impossível.

Mas, entretanto, é a cruel realidade dos fatos.

[...]

A mocidade de Pelotas precisa e deve entregar-se aos exercícios da inteligência.

Precisa e deve criar uma sociedade litterária anexa a uma bibliotheca pública.

Um estabelecimento que ao mesmo tempo reunisse essas duas tão importantes condições, seria o útil em consórcio com o agradável e um gigantesco passo para o progresso social.
(CORREIO MERCANTIL, 27 jul. 1875)

As comodidades e prazeres materiais das grandes cidades já haviam chegado a Pelotas no final do século XIX, mas aos intelectuais pelotenses esse conforto não bastava. Eles expressavam nos jornais a necessidade de aperfeiçoamento da sociedade, através da criação de bibliotecas e sociedades literárias. Dessa forma, lançavam nos jornais o desafio para a criação de sociedades literárias.

Inferese que o chamamento realizado por essas pessoas nos jornais e em outras formas de divulgação, como reuniões familiares e em clubes, surtiu efeito, pois a partir de 1876 começaram a surgir as primeiras associações literárias pelotenses.

Após a criação da BPP, diversas associações literárias foram fundadas em Pelotas, algumas tinham por objetivo “*promover o desenvolvimento intelectual de seus membros por meio de discussão de teses, elaborações de pareceres e tudo em fim que concerne a litteratura*”, como é o caso do Club Demóstenes (CLUB DEMÓSTENES. Estatutos. Pelotas: Typ. Livraria Americana, 1882).

Nos jornais diários e literários, foi possível identificar referências às seguintes associações literárias de Pelotas no século XIX: Culto às Letras (fundada em 30/11/1876)¹³; Sociedade Litteraria Iris Brazilico (fundada em 22/11/1876); Club Litterario Demóstenes (fundado em 1882); Club Termopylas (fundado em 30/11/1876); Associação Litteraria José Bonifácio (fundada em 11/11/1886); Sociedade Litteraria Grêmio Minervino (fundada em 10/09/1879); Club Litterario Apolinário Porto Alegre (fundado em 20/06/1884). Club Litterario e Beneficente Luzo-Brasileiro,(1883)¹⁴; Club X (fundado em 03/05/1888).

Verifica-se um número significativo de associações literárias em um período tão curto de tempo, fato que explicita um momento de exaltação da cultura das

¹³ ARRIADA, Eduardo. Culto às letras : uma sociedade literária de Pelotas em 1876. **Diário Popular**. 16 maio 1992.

¹⁴ Data provável.

letras. Essa movimentação, contudo, não foi plena de sucessos, e a existência de tantos nomes de associações não significa que todas existiram ao mesmo tempo, pois algumas eram criadas em substituição a outras. No jornal *Correio Mercantil* de 01 de julho de 1876, há uma crítica às primeiras atividades da Sociedade Literária Culto às Letras que, segundo o jornal, não foram bem vistas:

Na noute de ante-hontem, em os salões da sociedade bailante Terpischore, realisou-se a intallação da sociedade litteraria Culto às Letras, que deve funcionar annexa à Biblioteca Publica Pelotense. Infelizmente, o acto da instalação não correspondeu a espectativa do pequeno auditorio e menos esteve na altura de um acontecimento de tal ordem.

Da directoria da sociedade, apenas quatro pessoas tomaram parte nos trabalhos - vice-presidente, 1º secretário, um membro da comisso de philosophia e outro da de linguistica.

[...]

A concorrência de senhoras era diminuta. - Dançaram unicamente trinta pares; - mas, ainda assim, o divertimento esteve animado e prolongou-se até depois das duas horas da noute.

- Pelo que fica exposto, vê-se que a comissão installadora mui pouco se empenhou para dar ao acto a imponencia e brillantismo que reclama, ou então que uma estrella fatal acompanha os passos vacillantes d'aquella sociedade.

Isto mesmo era de prever desde que a comissão escolheu para inauguração da sociedade um dia, uma hora e um local tão improprios e empregou meios pouco regulares em taes casos para converter em realidade uma idéa tão util ao desenvolvimento da litteratura rio-grandense.

Se a instalação da sociedade se tivesse feito na Bibliotheca Publica, á qual pertence de facto e de direito, como observamos em tempo, temos certeza que a concorrência seria maior e mais esplendido o acto.

Não entenderam assim e os resultados foram desenganadores.

Saudando a instalação do Culto às Letras, fazemos votos pela sua longa duração e prosperidade (CORREIO MERCANTIL, 01 jul. 1876).

O comentário do jornal lamenta sobre os procedimentos adotados pelo grupo que tinha interesse em instalar a sociedade literária, afirmando que o dia, a hora e o local eram impróprios, e os “meios pouco regulares em taes casos para converter em realidade uma idéa tão util ao desenvolvimento da litteratura rio-grandense”. O jornal alega que se o evento tivesse ocorrido na Bibliotheca, os resultados seriam melhores. Dessa forma, verifica-se o atrelamento que se estipulava para a leitura e o espaço para realização de tal prática.

Algumas sociedades possuíam biblioteca própria, com é o caso do Club Litterario Demóstenes, cujo estatuto indicava que sua biblioteca não poderia conter

“livros imorais” (CLUB DEMÓSTENES. Estatutos. Pelotas: Typ. Livraria Americana, 1882), no entanto, não há uma descrição/explicação para o que seria imoral. Essa biblioteca se caracterizaria pelo que Shapochnik (2005) classificou como biblioteca associativa.

Através da leitura dos jornais foi possível acompanhar atas de reuniões e processos eleitorais para diretoria das sociedades literárias.

No excerto que segue, pode-se observar a notícia da reunião que aprovou os estatutos da Sociedade Culto às Letras e elegeu como presidente o Sr. Joaquim Affonso Alves. Essa sociedade era anexa à BPP, como se vê:

*– **Litteraria** – Domingo reuniram-se os sócios da Bibliotheca Publica, para assistirem a leitura e discussão dos estatutos da sociedade litteraria. Estando ausente o digno presidente ad-hoc Sr. Dr. Saturnino E. de Arruda, foi aclamado presidente também ad-hoc o illustrado Sr. Dr. Joaquim J. Affonso Alves, que acceitando convidou para secretario ad-hoc ao Sr. João Candido Ribeiro. Lida por este a acta da primeira sessão, foi aprovada.*

Em seguida o Sr. Dr. Affonso Alves relator da comissão dos estatutos, depois de um breve porém eloqüente discurso, procedeu a leitura dos estatutos. Postos em discussão foram aprovados englobadamente, e isto por estarem elles bem elaborados e tornar-se massante a discussão e approvacção de artigo por artigo.

O Sr. Arthur Lara Ulrich, proprietario e redactor do Jornal do Commercio offereceu-se para publicar os estatutos assim como se presenteava a Litteraria, com palavras de agradecimento. A sociedade Litteraria tornou o nome de Culto as Letras.

Foi marcado o próximo domingo para se proceder a eleição da directoria e das diversas commissões, que tem de reger os destinos dessa tão útil sociedade. (CORREIO MERCANTIL, 28 mar. 1876)

Nota-se que os envolvidos na criação da sociedade eram praticamente os mesmos envolvidos com a criação da BPP. Pela leitura da ata, constata-se que as reuniões nesse período eram dominicais e que a diretoria era composta por um Presidente, um secretário e por relatores de comissão.

Diversos eram os assuntos de teses defendidas nas associações literárias, dos quais, da mesma forma como acontecia nos jornais diários da época, recebeu destaque o tema mulher na sociedade, como se observa no trecho extraído da palestra realizada por Fernando Pimentel e proferida na sociedade Iris Brazílico em abril de 1877:

Discurso

Proferido na 1ª Palestra da Sociedade litteraria Íris Brazilico.

Convenho, pois, senhores, que se deve olhar com mais cuidado pela illustração da mulher; mas creio e penso que não se deve dilatar mais o âmbito das suas attribuições, porque, prosseguindo, ella, em qualquer carreira litteraria, até obter uma formatura, os misteres.

Da sua própria profissão hão de dar-lhe cuidado que a obriguem a viver mais para si e para estranhos do que para aquelles que devem fazer parte da sua existência.

E assim esta mulher, se capta a nossa administração, também merece a nossa censura, e por seu marido só pode ser tida como um traste de necessidade material.

Admitta-se, pois, a possibilidade de poder existir uma mulher tão (solicita e providente) que dispense seu disvelor e extremos, tanto sobre os entes que lhe são caros e vivem dos seus affectos, como sobre aquelles que por interesse material merecem seus cuidados. (PIMENTEL, Fernando. Discurso. Progresso Litterario, 29 de abr. de 1877)

Mais do que um espaço para troca de livros e leitura de textos literários, as sociedades literárias eram instituições de debate e construção de novas teorias, através da realização de palestras e de defesas de teses. No caso do excerto anterior, por exemplo, se verifica a discussão sobre a participação feminina na esfera pública da sociedade em que o palestrante enfatiza a necessidade da mulher dedicar-se para a família, os entes que lhe são caros e vivem dos seus afetos.

Outro exemplo de que as associações literárias funcionavam como espaço de discussão pode ser verificado no jornal Progresso Litterário de 29 de julho de 1877, quando a Sociedade Litterária Iris Brazilico apresenta o resumo das atas da 17ª sessão, que ocorreu no dia 21 de julho de 1877. Nessa reunião, presidida pelo Sr. Alfredo Bastos e secretariada por Alfredo Araújo, foi entregue o parecer sobre duas teses: “Influência do Christianismo” e “Sendo as línguas filhas de uma revelação divina, como é dado ao homem a faculdade de aperfeiçoá-las?”. A publicação da discussão sobre as defesas de teses mostra que essa prática tinha um significado para aqueles que escreviam e liam os jornais.

Também foram registradas as inscrições contra a segunda tese, feitas por Joaquim Arruda, Gustavo Brebin e Paula Pires, e uma inscrição a favor, feita pelo Sr. Pimentel. Sendo marcada a discussão para o dia 28 seguinte.

Pela leitura da ata, observa-se como se dava a rotina de realização das reuniões da associação literária. As reuniões ocorriam semanalmente no turno da noite. Era comum os intelectuais pelotenses participarem de mais de uma associação literária ao mesmo tempo, e que alguns desses personagens estavam envolvidos com a criação da Bibliotheca Pública Pelotense e com a escrita de jornais, como é o caso de Paula Pires.

A prática de defesas de teses era comum nas sociedades literárias, como se verifica novamente no jornal “A Penna”, órgão do Club Apollinário Porto Alegre, avisos e convites para discussões de teses:

AVISO

CONVOCAÇÃO DE REUNIÃO DO CLUB APOLLINARIO PORTO ALEGRE NOS SALÕES DA BIBLIOTECA, AFIM DE DISCUTIR A IMPORTANTE TESE “ONDE ESTÁ A FELICIDADE”.

Convocante: O 1º secretário Sr, Eloy Coelho (A PENNA, 20 jul. 1884).

CLUB APOLLINARIO PORTO ALEGRE

De ordem do Sr. Presidente são convidados todos os sócios deste Club a reunirem-se todos, ás 11 horas, em sessão de Assembléia Geral afim de discutirem a tese: A extinção da escravatura deve ser feita de um só golpe ou por parcelas?

O primeiro secretário Jerônimo Eloy Coelho (A PENNA, 20 jul. 1884).

A apresentação de teses nos clubes e associações literárias era uma prática institucionalizada, presente inclusive nos estatutos, assim como a emissão de pareceres. A realização das defesas de teses constituía-se em uma prática que tinha na sua centralidade a leitura oral, assim como os recitais e sauras que serão apresentados adiante.

As sociedades e clubes literários tinham por finalidade promover o culto às letras. Por conta disso, algumas também sustentavam periódicos literários, como é o caso do jornal “A Penna”, do Clube Litterário Apolinário Porto Alegre, cuja imagem está reproduzida na Fig. 9 no capítulo 2, e do jornal “A Idea”.

No acervo da BPP, encontram-se os estatutos do Clube Demóstenes e da Associação Culto às Letras. Como podemos verificar na imagem:

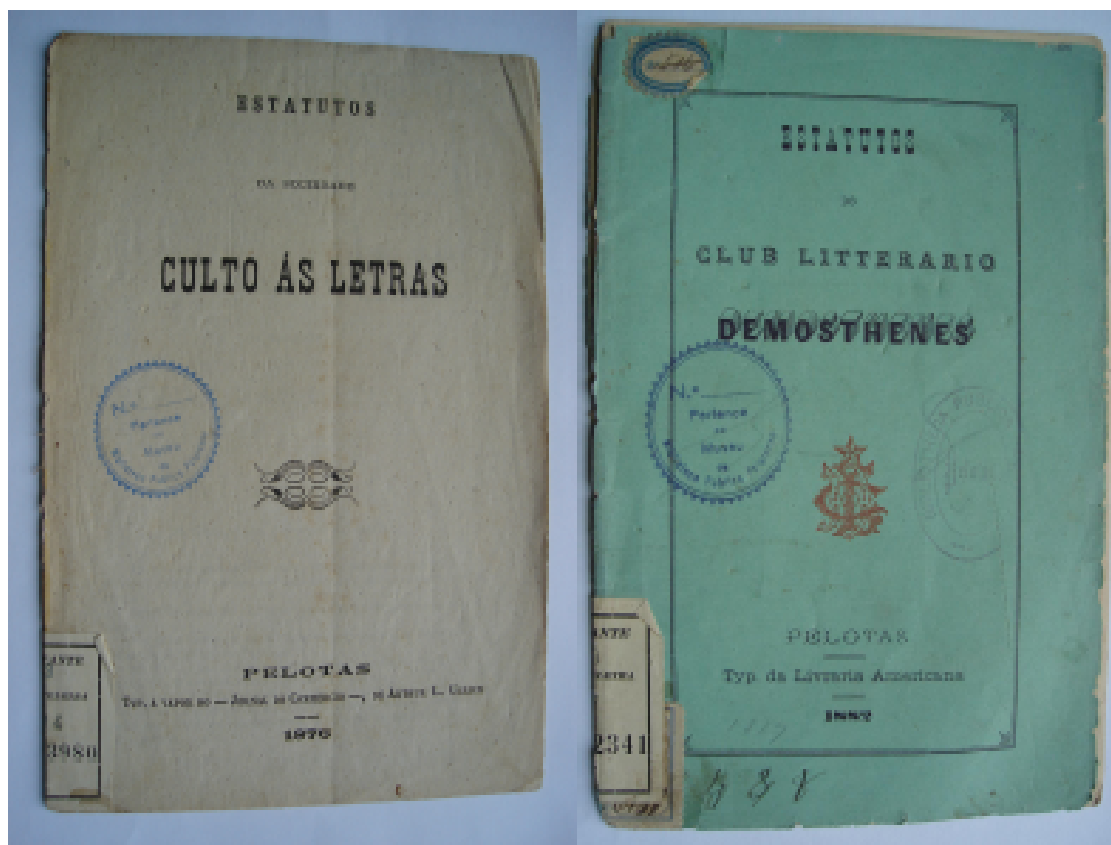


Figura 40 - Fotografia dos estatutos das Associações Literárias (1876); (1882)

Fonte: Acervo Bibliotheca Pública Pelotense

As associações tinham códigos de conduta internos e regras próprias. Essas regras eram registradas nos estatutos de cada sociedade. Os estatutos da Sociedade Litterária Culto às Letras foram impressos pela Typographya do Jornal do Comércio em 1876. Os estatutos eram compostos por 35 artigos distribuídos em 11 capítulos, conforme segue:

1. Do título, objeto e regimen da sociedade; 2. Do presidente e vice-presidente; 3. Dos secretários; 4. Dos oradores; 5. Das commissões; 6. Das sessões; 7. Das eleições; 8. Das discussões; 9. Da assembléa geral; 10. Publicidade dos trabalhos; 11. Disposições geraes.

Os estatutos apresentam uma hierarquia de sócios, com duas classes: efetivos e honorários, sendo que uma das condições para ser sócio efetivo era ser maior de 12 anos de idade. Foi estabelecido nos estatutos que para tornar-se sócio o cidadão deveria fazer uma contribuição de 2\$000 para o pagamento da joia e pagaria uma mensalidade de 1\$000. De acordo com o levantamento realizado, uma semana após a criação da Sociedade Iris Brazílica, foi criada a segunda associação literária em Pelotas, A Sociedade Culto às Letras, anexa à Bibliotheca Pública Pelotense. Como condição para associar-se à Culto às Letras, era necessário que o indivíduo fosse sócio da referida biblioteca, como está escrito no artigo 3º "...só poderão ser sócios d'esta sociedade os da Bibliotheca Publica". Percebe-se, desta forma, uma explícita relação entre as duas instituições.

Como citado anteriormente, também foram localizados na BPP os estatutos do Club Litterário Demósthene. Segundo o jornal A Discussão de 27 de junho de 1882, o Club Litterario Demosthenes era "formado na sua maioria por collegiais".

Os estatutos do Club Litterário Demósthene, impressos pela Typ. Da Livraria Americana em 1882, estão organizados em 33 artigos, distribuídos em sete capítulos: 1. Da sociedade e sua Missão; 2. Dos sócios; 3. Da administração da sociedade; 4. Das Assembléias Geraes; 5. Das theses e pareceres; 6. Da Bibliotheca; 7. Disposições Geraes.

Ao examinar os estatutos, constatou-se que não há nenhuma referência ao gênero dos sócios, no entanto, também não se encontrou nas transcrições de atas publicadas nos jornais nenhuma referência de mulheres sócias.

Há pequenas diferenças na estrutura dos estatutos das duas instituições, no entanto o que chama mais atenção é que, apesar de ser exigência para os sócios da Sociedade Culto às Letras que fossem sócios da BPP, era nos estatutos do Club Demósthene que havia um capítulo dedicado à Bibliotheca.

A partir de uma análise dos textos publicados nos jornais pelotenses do século XIX bem como dos estatutos de sociedades literárias, pode-se afirmar que nas décadas de 1870 e 1880 houve a instalação de pelo menos uma dezena de entidades com a finalidade de "cultuar as letras". Esse número é bem significativo, considerando a taxa de 34% de analfabetismo para a cidade de Pelotas no início da República, conforme aponta Loner (1998, p. 6); ou ainda, de 69,7% para o Rio

Grande do Sul em 1890, como revelou Ferraro (1996, p. 23). Além das defesas e análises de teses, proferimento de palestras, realização de bailes, os jornais pelotenses do século XIX também registraram a realização de saraus, que eram organizados em diferentes entidades, como as associações literárias, a Bibliotheca Pública Pelotense ou clubes recreativos, como se vê seguir.

5.3 Recitais e Saraus de Leitura

Estudar a história da leitura em Pelotas no final do século XIX supõe compreender espaços e práticas de leitura. A leitura oral e pública era comum em eventos sociais que aconteciam nesse período. Como eventos públicos de leitura literária identificados nos jornais, além das defesas de teses e proferimento de discursos realizados nas reuniões das associações literárias, identificou-se os recitais e saraus literários que ocorriam no Theatro Sete de Abril, na Bibliotheca, nos clubes e associações literárias, ou ainda, nas residências de alguns “ilustres pelotenses”.

Segundo Magalhães (1999, p. 58), “qualquer ocasião festiva era motivo para que os pelotenses se exercitassem, seja em torneios de rima, seja em duelos de retórica. Era só surgir uma oportunidade e os cidadãos – dos mais cultos aos menos dotados – tomavam da palavra, alinhando conhecimentos que nasciam da Grécia antiga e vinham morrer nas coxilhas do Rio Grande...”

Loner (2002, p. 38) argumenta que os saraus e reuniões familiares, com poucos convidados, “exerciam um papel fundamental em relação ao lazer da elite que, por este meio, apresentava seus filhos à sociedade, cultivava amizades e negócios num ambiente restrito e acolhedor, consolidando seus interesses e relações”. Vale salientar que esses eventos, em sua maioria, eram acompanhados de música e dança, como se pode observar na seguinte figura:



Figura 41 - Convite Sarau na Bibliotheca (1882)

Fonte: Onze de Julho, 16 de julho de 1882

O sarau, organizado pela Madame Bianca Blume, foi dedicado à Bibliotheca Pública. Houve a participação de várias mulheres, como por exemplo, Honorina Torres, Maria Francisca da Costa, Amélia Soares Noronha, Angélica Conceição,

Maria Conceição Gonçalves, Natália Braga, Senhorinha Candiota, Clara Lopes, Cândida Guerreiro, Flora Py Crespo, Carolina Amaro e Adelina da Silva. Vê-se na divulgação desse sarau a participação de mulheres no espaço público, mostrando que as atividades relacionadas à leitura e às artes eram espaços femininos permitidos de lazer e fruição.

É difícil distinguir com exatidão se em alguns saraus acontecia apenas canto e danças ou se em todos eventos acontecia a leitura e declamação de textos. Se forem considerados apenas os textos publicados no jornal que trazem a expressão ‘sarau literário’, o número de eventos desse tipo reduz significativamente. Contudo, a prática de leitura oral e de declamação de poesia ou outros gêneros literários não pode, para o caso da sociedade do século XIX, ser desconsiderada no âmbito de uma história da leitura.

Pode-se classificar a realização de saraus como uma atividade de divertimento característica da sociedade burguesa do final do século XIX. De acordo com Loner (2002, p. 40), havia bastante procura por esse tipo de atividade na cidade de Pelotas do final do século retrasado, pois, segundo a autora, eram poucas as formas de divertimento na cidade que não contemplassem uma associação em clubes, sendo o lazer ainda uma atividade coletiva e não individual.

Nesse contexto, é importante salientar o significado que as práticas de leitura tinham para essa comunidade, pois excediam o âmbito da instrução para permearem o ambiente da diversão, estabelecendo formas de sociabilidade.

Indo ao encontro dos achados de Loner (2002), constatou-se a formação de grupos que organizavam esses eventos, como o Sarau das Pérolas e o Sarau das Violetas – com participação majoritariamente feminina e que organizavam bailes em casas de família, para seu divertimento (CORREIO MERCANTIL, 10/6/1892 e 29/3/1893) – e o “Grupo Caridade” – com objetivos beneficentes, também organizando espetáculos nas residências dos sócios (A PÁTRIA, 29/9/1890).

Em relação à realização de recitais, nas colunas publicadas nos jornais, há uma ênfase para esses eventos. Na notícia publicada no jornal Diário de Pelotas, de 10 de setembro de 1884, sobre o recital de poesia, nota-se que além do comentário sobre o evento é transcrita a poesia recitada, “A Bella cidade de Pelotas” (Anexo D), escrita por Bernardo Taveira Júnior.

No que diz respeito aos saraus, encontram-se mais convites de saraus – alguns literários, outros dançantes – do que a descrição dos eventos. A partir de 1882 eles parecem se tornar mais frequentes, e geralmente eram realizados em favor de uma pessoa ou de alguma instituição, como o hospital da Santa Casa e a Bibliotheca Pelotense.

Para Chartier (2000, p.21), a leitura em voz alta tem uma “função pedagógica”. Segundo ele, “demonstrar que se é um bom leitor, lendo em voz alta, constitui um ritual de passagem obrigatório para jovens que exibem, assim, seu domínio da retórica e do falar em público”.

Nos trechos que seguem, observam-se as notícias sobre a realização de saraus. A primeira se refere ao sarau literário organizado na Bibliotheca Pública Pelotense, e a segundo anuncia a realização de um sarau organizado pela sociedade Recreio dos Artistas.

Bibliotheca Publica – Realizou-se nos salões desta um sarau litterário promovido pelo diretor do mês, Sr. Francisco de Paula Ibirapuitan Ourique. (CORREIO MERCANTIL, 26 de outubro de 1877)

OCURRENCIAS

Recreio dos Artistas - Esta sociedade bailante estreia hoje o seu novo e elegante edificio, á rua S. Miguel, com um saráo que promette estar esplendido. Amanhã, das 6 horas da tarde em diante, o novo edificio da sociedade estará fraqueado a todas as pessoas decentemente vestidas que queiram visital-lo. (A PÁTRIA, 18 de junho de 1887)

O último excerto mostra que a atividade que iniciava às seis horas da tarde exigia que seus participantes estivessem vestidos adequadamente. Assim, identifica-se outro protocolo para realização de saraus: a vestimenta adequada.

Percebe-se que a Bibliotheca, também considerada uma associação literária, se não impulsionou, pelo menos promoveu a realização dessas atividades, cujas primeiras referências encontradas no jornal são relacionadas à instituição. Vale lembrar que essas eram atividades públicas, mas que deveriam acontecer no dia-a-dia das famílias, de diferentes camadas da sociedade assim como de associações, embora apenas uma parcela da sociedade publicasse a realização dessa prática nos jornais.

Além da realização dos saraus, identificaram-se lançamento de livros e outras formas de leitura em público, como a leitura dos livros de sorte que foram apresentados em capítulo anterior.

Sobre a leitura em espaço público exterior, ou seja, na rua, ao ar livre, por exemplo, não foram localizados textos que demonstrassem a existência da leitura nesse contexto. No entanto, foi localizada uma imagem no jornal a Ventarola de 18 de março de 1888, em que aparecem vários homens lendo um exemplar de jornal. Essa imagem permite inferir que aqueles homens estariam fazendo a leitura na rua, provavelmente, em frente a um local onde os jornais estivessem expostos para consulta ou venda. Como se observa na imagem que segue:



Figura 42 - Leitura pública do jornal (1888).

Fonte: A Ventarola, 18 mar. 1888.

A ilustração trata do debate realizado entre os jornais Rio-Grandense e A Pátria sobre o programa do Lyceu de Artes e Ofícios, assunto em voga nos jornais e que todos os indivíduos representados na imagem faziam questão de acompanhar através da leitura dos jornais. A partir da observação da imagem, pode-se inferir que

era comum a leitura de diferentes títulos de periódicos pelos pelotenses, ainda que os diferentes títulos tratassem do mesmo assunto.

Ao analisar a imagem anterior, verifica-se ainda a predominância de homens como leitores do jornal e questiona-se: Por que cada uma das pessoas não está lendo seu próprio jornal? Por que todos são homens e não há presença de mulheres leitoras no espaço público?

Outro tipo de leitura realizada no espaço público identificada na pesquisa são as provas de leitura realizadas pelos colégios pelotenses.

Em pesquisa sobre os colégios femininos pelotenses do século XIX, Maciel (2007) aponta que prática de publicar os exames finais pode ser verificada principalmente através das notícias dos colégios 'Acacia', 'Mme. Jeanneret' e 'Victoria'. Para realização desses exames eram utilizados espaços públicos como, por exemplo, a Sociedade Terpsichore, uma sociedade bailante que promovia bailes e saraus na cidade.

De acordo com a autora, e pela observação das notícias publicadas nos jornais, as avaliações eram feitas por uma banca examinadora que fazia questionamentos oralmente e as alunas respondiam publicamente às perguntas sobre as matérias que prestavam exames. Eram realizadas provas de língua portuguesa, língua francesa, aritmética, geografia e noções de cosmografia. Após os questionamentos orais, as alunas apresentavam-se recitando poesias, proferindo discursos, trechos de obras literárias francesas, especialmente, cantando e tocando instrumentos musicais. A realização de tais eventos revela práticas de leitura pública corriqueiras no século XIX e que hoje não são tão comuns quanto no passado.

No excerto que segue é possível visualizar como acontecia tal prática:

COLLEGIO JEANNERET – Continuaram e concluíram hoje n'este estabelecimento de instrucção os exercicios do fim do anno escolar. Notava-se no salão da cerimonia grande reunião de Sras. e cavalhaeiros para esse fim convidados. Compunha-se a mesa dos exames os seguintes: Mme. Jeanneret, Mlle. Jeanneret, Srs. Carlos Laquintinie, e Alberto Mendonça Moreira.

Nas diversas disciplinas em que forão argüidas, responderam satisfactoriamente todas as alumnas tanto da 1º com o das outras classes. Merece, entretanto especial menção na 1º classe, em portuguez, francez, arithmetica e geographia astronomica as seguintes jovens: D.D. Idalina Calero, Antonia Chaves, Senhorinha Laquintinie, Percilia Rios, Maria Cecília Duarte, Coleta Guimarães,

Cecília Guimarães, Luiza Leivas, Leopoldina Lopes, Carolina Borges, Augusta Koeler, Christina Soares, e Adelaide Ramos.

Na 2ª classe, em portuguez, franzez, arithmetica e geographia as seguintes jovens: D.D. Umbelina Tavares, Corina Moreira, Cecília Pereira, Lucilia Souza, Michaela Ardilha, Florinda Machado, Adelaide Leite, Mathilde Kratz, Ricardina Almeida, Maria Luiza Chaves, Florinda Mendonça, Manoela Soares, Honorina Koeler, e Alice Duarte.

Na 3ª classe, em portuguez, arithmetica, as seguintes jovens: D. D. Arlinda Pereira, Elvira Gama Lobo, Ignacia Barreto, Núncia Leite, Maria Angélica Crespo, Alice Soares, Elvira Prates, Emma Brusque, Guiomar Oliveira, Izabel Garcia, Alice Koeler, Maria José Amaral.

Houve um bonito dialogo na lingua franceza entre as intelligentes jovens Maria Luiza Chaves, Lucilia Souza e Alice Duarte, o qual mereceu vivos applausos do numeroso auditórios, seguindo-se outro dialogo no mesmo idioma pelas não menos intelligentes alumnas D. D. Luiza Leivas, a Senhorinha Laquintinie.

As gentis discipulas de Mme. Jeanneret, D. D. Leopoldina Lopes, e Magdalena Tamborindeguy recitaram lindas poesias analogas ao acto, pronunciando uma bella producção poetica a cerca de Joanna d'Arc, a galante jovem Adelaide Ramos.

Pela digna directora foram distribuídos a todas as suas alumnas, como signal de lembrança, pela assiduidade e applicação aos trabalhos escolares durante o anno lectivo, lindos livros elegantemente encadernados. Felicitamos a Mme. Jeanneret pelo excellente êxito alcançado nesse certamem, devido a seus esforços como distincta preceptora da mocidade. (A Discussão, 30 nov. 1882).

As reuniões das associações, os saraus e a realização de provas orais públicas são exemplos de atividades de leitura realizadas em espaço público que foram identificadas nos jornais. Todas essas práticas têm em comum o uso da oralidade, e talvez por essa razão tenham sido mais fáceis de serem identificadas, pois são leituras que foram publicizadas a partir da leitura oral. Como afirmou Darnton (1995, p. 158), de qualquer forma, para a maioria das pessoas, ao longo de grande parte da história, os livros contavam mais com ouvintes do que com leitores. Eram mais ouvidos do que vistos, ou seja, lidos individualmente.

Contudo, também foram identificadas representações de leitura no espaço privado, as quais serão abordadas na próxima seção.

5.4 Eventos privados de leitura

Mesmo sendo a leitura em foro privado mais difícil de identificar, como afirma Belo (2002, p. 54), foram encontrados nos jornais pesquisados, ainda que em número escasso, alguns indícios da leitura nesse espaço.

Na leitura dos folhetins escritos por autores pelotenses pode-se ter ideia de algumas representações e práticas da leitura em espaço privado:

Folhetins e domingos – Sulpicio [autor]

Tenho entendido que entre o domingo e o folhetim encontra-se tanta semelhança que ou o domingo é pai do folhetim ou o folhetim é pai do domingo. Isto, dito em prosa, também tem seus ares de presença com o pensamento em verso do immortal Elmano:

Entre um frade e um asno

Há uma tal conformidade, Que ou o frade é pai do asno

Ou o asno é pai do frade

Assim parece o folhetim, dá-se perfeitamente com o gênio do domingo: pertencem a mesma condição festival e creio que mesmo que podiam contrahir matrimonio se não fossem do mesmo sexo.

Um domingo sem folhetim, é um domingo sem encantos na athmosphera litterária, sem brilho, sem ar, sem formosura no ambiente do jornal.

Um folhetim sem domingo é lua entre nuvens, estrella sem fulgores, rosa sem perfumes, romance sem amores, verso sem poesia.

Tudo está nos hábitos.

Ao domingo, o folhetim entra em ordem dos deveres sociais e religiosos.

É o sinal da cruz antes do penteado; a oração antes da missa conventual; o café antes do almoço; o Deus te abençoe à creada, e a benção ao papai que não é madrugador.

A leitora, ergue-se descuidadosamente, os cabelos em desalinho, a imaginação ainda agitada aos pensamentos da vigília, e o seu primeiro cuidado é dirigir um meigo olhar à porta da rua em busca da folha quotidiana, desdobral-a (a folha, não da porta) para ver o folhetim, com a mesma impaciência e interesse com que abriria a janella para contemplar a face do domingo. Os costumes são como os vícios e as paixões. Adquirem-se facilmente e custam sempre a deixar, quando não perduram eternamente.

Mas, acontece às vezes com os folhetins o mesmo que acontece com os domingos. Também apresentam-se carregados de eletrecidade, tormentosos, taciturnos ou ameaçadores.

Então...

Produzem no espírito da leitora o mesmo effeito que um domingo de chuva. Após a sua contemplação, se succedem-se os signaes de desagrado, precursores de um aborrecimento insuportável, sentem-se no coração as mesmas tristezas, os mesmos desgostos que occasionariam um domingo de relâmpagos, de trovões, em que as torneiras celestes despejassem água a ponto de afogar até as esperanças de vêr o futuro, (o futuro, entendem?) passar na calçada, fazer a cortezia do estylo, ou de ir apreciar as harmonias da musica

nos boulevards da cidade. Deus livre as minhas leitoras dos folhetins e domingos de inverno. A semana foi estéril em novidades. Não choveram as calamidades publicas nem houve calor nas altas regiões dos grandes acontecimentos políticos ou ecclesiasticos... (CORREIO MERCANTIL, 25 jul.1875) [grifos meus].

Observa-se no texto literário a vinculação do costume de ler o folhetim com a rotina dominical no ambiente doméstico. Para demonstrar a trivialidade da leitura do folhetim, essa leitura é comparada a práticas corriqueiras, como fazer o sinal da cruz ou tomar café antes do almoço.

No texto são evidenciadas atitudes e sentimentos observados ou esperados de serem vivenciados pelas leitoras, estabelecendo-se aí uma representação da leitura feminina à época.

Essa leitora idealizada estaria à espera da leitura matinal que poderia causar sentimentos e sensações como impaciência, desagrado, aborrecimento, tristeza e desgostos.

Há várias referências à leitora, dessa forma, fica evidente que era ao gênero feminino que esse tipo de leitura era direcionado. Além disso, o texto mostra movimentos físicos em relação à leitura e compara a leitura a um vício. Confirmando o que diz Chartier (1994, p. 16), quando afirma que a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência, mas ela é também engajamento do corpo, inscrição no espaço, relação consigo e com os outros.

Na imagem que segue, o foco não é o material de leitura, nem o espaço em que tal prática ocorre: um cenário que corresponde ao espaço interno de uma residência. Entretanto, essa imagem pode ser considerada uma representação da leitura em espaço privado, pois nota-se a figura masculina voltada à leitura do jornal, e a figura feminina envolvida com a confecção artesanal de uma peça de roupa.



Figura 43 - Caricatura leitura em casa (1888).

Fonte: A Ventarola, 30 set. 1888

Na figura, o casal conversa sobre a situação da filha, a legenda diz: “Margarida, ao que parece a nossa filha Bibiana anda com o diabo nas tripas ou... com o amor no coração.” Diferentemente das outras imagens aqui reproduzidas, o jornal tem papel secundário na figura, no entanto, fica evidente a presença do jornal como material de leitura do cotidiano das pessoas.

Outra representação do jornal como material de leitura masculina no espaço privado é demonstrada pela imagem de um homem lendo na cama. Novamente, o jornal aparece como objeto de leitura em ocasiões informais dentro do lar. No segundo caso, a leitura ocorre em um dos ambientes mais íntimos, o quarto. Vale ressaltar que em todas as imagens encontrou-se apenas a figura do homem como leitor:

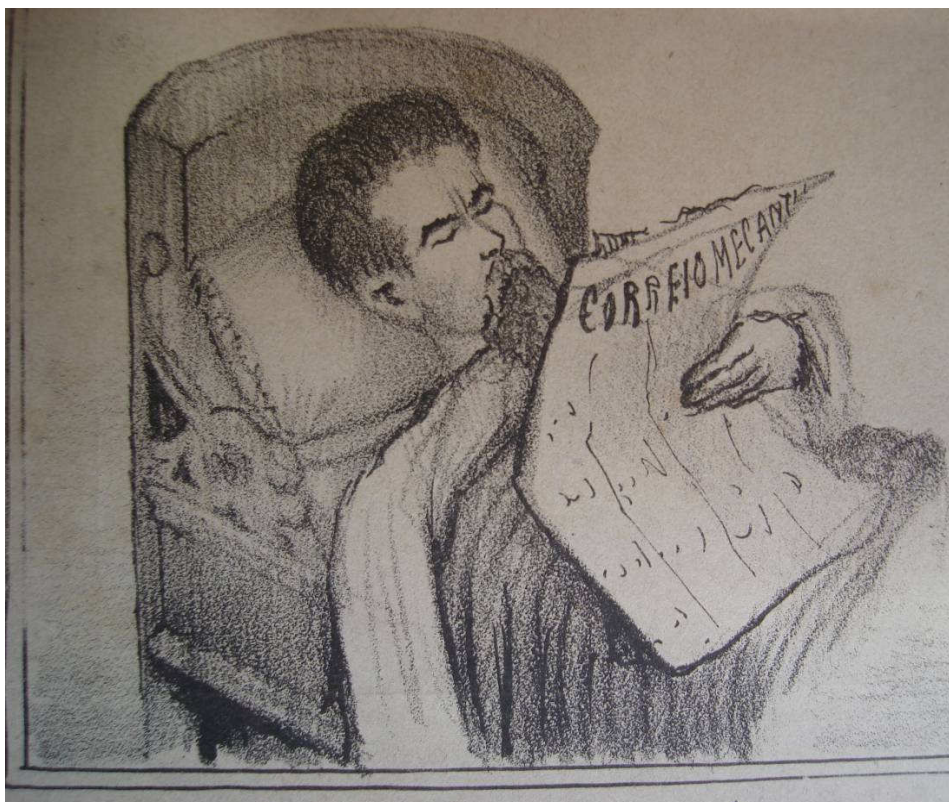


Figura 44 - Caricatura leitura na cama(1880).

Fonte: Cabrion, 02 maio 1880

Ao encerrar este capítulo, constata-se que diferentes foram os espaços e práticas de leitura representados pelos e nos jornais. A leitura, contudo, como afirma Darnton (2010, p. 214), “permanece um mistério”, pois temos dificuldade em compreendê-la hoje e maior dificuldade ainda em nos acercarmos do que era no passado. Dessa forma, de acordo com o autor, não se pode presumir que ela sempre tenha sido para os outros o que é para nós atualmente, “pois nada seria mais perigoso que um anacronismo numa história da leitura”.

Observou-se um movimento da comunidade em favor da socialização da leitura com as propostas de criação da Bibliotheca Pública Pelotense e das associações literárias a partir de meados da década de 1870. O conjunto de ações e discursos analisados neste capítulo permite perceber um movimento de construção de uma identidade de uma cidade que se pretendia “leitora”, que procurava definir espaços, normas e formas de promover e realizar a leitura. Esses espaços se materializaram em diferentes locais como bibliotecas e sociedades literárias. As formas foram institucionalizadas pelos estatutos e pela rotina de

realização das atividades, sendo registradas e referendadas pelos registros em atas, relatórios, discursos e nos próprios avisos e comentários publicados pelos jornais.

De acordo com Chartier (1999, p. 77), se tratando de história da leitura, novas atitudes sempre são inventadas e outras se extinguem ao longo do tempo. De acordo com o autor, “do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler”. E é isso que se tem visto na pesquisa até agora, pois, em um período não tão distante de hoje, Pelotas “lia o mundo” e se lia de uma maneira bem diferente de como hoje nos lemos.

Embora representações de leitura tenham perpassado todos os capítulos da presente tese – tendo em vista que é quase impossível escrever sobre leitura sem falar de livro (aqui entendido como todo material que pode ser lido, seja impresso ou manuscrito) bem como de leitor – optou-se por dedicar um capítulo especificamente para as representações sobre o ato de ler explicitadas nos jornais, conforme se verifica a seguir.

6 O LIVRO E A LEITURA REPRESENTADOS NOS JORNAIS PELOTENSES DO FINAL DO SÉCULO XIX

De acordo com Chartier (1999, p. 113), no século XIX, existiram três grandes discursos sobre a leitura: o da escola, o da Igreja e o da biblioteca. Segundo o autor, esses discursos correspondem a três corpos profissionais: os padres, os professores e os bibliotecários. O autor salienta que, embora tivessem conteúdos diferentes, a escola republicana e a Igreja romana, por exemplo, e não tivessem a mesma concepção sobre o que era bom para ler, ambas usavam os mesmos instrumentos para impor o *corpus* das obras e das práticas consideradas legítimas.

O autor aponta que os três discursos de autoridade desagregaram-se, talvez porque o mundo social tenha se distanciado das instituições que os enunciam. Conforme Chartier, “por sua complexidade, sua imprevisibilidade, pelos caminhos frequentemente encobertos que tomam, as práticas de leitura emanciparam-se frente às ordens e normas – assim como o fizeram as práticas sexuais” (CHARTIER, 1999, p. 113).

Este capítulo tem por finalidade apresentar representações sobre o ato de ler e sobre os livros encontrados nos jornais pelotenses do final do século XIX. Embora tenham sido identificados discursos emanados por diferentes corpos profissionais e correntes ideológicas ao longo de toda pesquisa, optou-se, neste momento, por trabalhar com as representações publicadas nos jornais, priorizando o que e como elas apareciam, sem enfatizar a que discurso pertencia.

Cunha (2004) afirma que, nos textos literários publicados nos jornais pelotenses no final do século XIX, escritores e críticos estavam diretamente voltados à sociedade, visando seu desenvolvimento em todos os setores. De acordo com a

autora, a imprensa escrita era tida como uma importante ferramenta, pois através dela seria possível controlar a opinião pública e os interesses da coletividade, “objetivando o esclarecimento da sociedade a partir do dogmatismo dos textos literários” (CUNHA, 2004. p.69).

Essa afirmativa vai ao encontro do que diz Vilar (2008, p.14) sobre a importância da imprensa brasileira do século XIX para o desenvolvimento da cultura letrada nacional. Ao reconhecer o espaço plural, heterogêneo e fundamental na constituição de uma cultura letrada, a autora afirma que “mesmo que questionemos a qualidade desses escritos, não podemos perder de vista esse uso prático constituído a partir da linguagem dos folhetins e periódicos da época”.

A imprensa pelotense foi a responsável pela divulgação de escritores locais que, não fosse pelos periódicos, talvez não tivessem suas publicações lidas, pois o custo do livro era muito elevado, permitindo a poucos o acesso à sua compra. Além disso, havia o problema do alto índice de analfabetismo, igualmente dificultando a venda dos livros. De acordo com Cunha (2004, p. 118), “Por essas e outras razões, a imprensa local teve grande importância; atingia a todas as camadas sociais, apresentando textos de reflexão social e ficção dogmatizante”.

Dessa forma, estimular a produção e divulgação literária era compromisso dos jornais e também exigência do “mercado”, configurando-se numa tendência. Como podemos exemplificar com o texto publicado no jornal Tribuna Litteraria de 22 de janeiro de 1882:

Hoje em dia, a, folha diaria que não reserva uma secção a assumptos litterarios, além de ser considerada retrograda, desmerece de qualquer importancia...

Convencidas d'esta verdade, todas as redacções, mais ou menos, tratam de amenisar a leitura de seus órgãos, offerecendo uma secção que verse sobre litteratura.

Para tal fim vão buscar materias nos jornaes do norte, louvando-se nos conceitos que outros tem ja externado.

Além d'isso, preferem uma macarronica traducção do francez a um original que, com mais ou menos merito litterario trate dos costumes da provincia ou do imperio.

Isto é soberanamente ridiculo e serve de attestado a uma myopia intellectual que não existe no Rio Grande do Sul.

A ter de se julgar do nosso adiantamento intellectual, quanto à provincia, pelo que deixa ver a imprensa, em suas publicações, mal iria o Rio Grande do Sul! [...]

(PAULA PIRES. TRIBUNA LITTERARIA, 22 jan. 1882).

O excerto anterior aponta uma situação contraditória, pois, ao mesmo tempo em que evidencia a importância da publicação de literatura nos jornais, chama a atenção para a má qualidade de textos publicados, alertando, inclusive, para o baixo nível das traduções realizadas. Ao que tudo indica, segundo o jornal, havia uma preferência por textos estrangeiros mesmo que de menor qualidade em detrimento dos textos de autores regionais. Assim, vê-se nesse excerto uma preocupação com a qualidade do que estaria sendo lido.

Percebe-se no conjunto de textos analisados – dos quais se destacam textos literários, críticos, anúncios e notícias, publicados nos jornais entre as décadas de 1870 e 1900 – que, quando se tratava mais diretamente do ato de ler, este estava associado às questões relativas à educação e à instrução popular.

Conforme Cunha (2004, p. 69), apesar de a crítica literária, naquele período, possuir um caráter bem mais amplo do que apresenta hoje, uma vez que a prioridade dos seus ensaios era orientar a vida social nos mais variados campos do conhecimento humano, os escritores preocupavam-se também com a elaboração de ensaios críticos direcionados à literatura como forma de desenvolvimento social.

Assim, foram identificadas diferentes representações, ou seja, formas de ver, pensar e agir sobre a leitura, as quais, neste estudo, foram agrupadas em três grandes grupos: leitura como necessidade de instrução, leitura como salvação e leitura como perigo.

6.1 Alfabetização e leitura: uma necessidade

A partir da leitura dos jornais, observou-se que, sob uma evidente influência do ideário positivista de Comte¹⁵, foi travada uma luta contra o analfabetismo e levantada uma campanha em favor da instrução pública nos jornais, na qual o mote para a discussão era a criação de uma biblioteca pública.

¹⁵ Sobre a influência do positivismo no sistema educacional do Rio Grande do Sul durante a República Velha, consultar a obra: TAMBARA, Elomar. **Positivismo e educação: a educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo**. Pelotas: Editora da UFPel, 1995. Ver também: CORSETTI, Berenice. Cultura política positivista e educação no Rio Grande do Sul/Brasil (1889/1930). **Cadernos de Educação** (UFPel), Pelotas, v.31, p. 55 - 69, jul./dez. 2008. LINS, Ivan. História do positivismo no Brasil. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1967. GRAEBIN, Cleusa Maria; LEAL, Elisabete. Revisitando o positivismo. Canoas : La Salle, 1998.

Identificou-se nesses excertos uma primeira representação da leitura: a de **necessidade**, como se observa abaixo:

“o Povo precisa ler” [...] (CORREIO MERCANTIL, 12 mar. 1875)

É um estado lastimoso. - É uma crueldade que o povo não tenha a seu alcance os livros de que precisa para instruir-se e melhorar as artes ou profissões que exerce. (CORREIO MERCANTIL, 12 mar. 1875)

O verbo “precisar” é utilizado nos dois primeiros excertos, o que explicita a necessidade de leitura enfatizada pelo jornal.

O texto se refere ao povo, demonstrando que a leitura deveria ser estendida a toda a população e não só àqueles que teriam mais recursos materiais. O texto ainda indica que seria uma crueldade o povo não ter alcance aos livros, neste ponto, a necessidade de leitura poderia ser comparada à alimentação, moradia, ou outras necessidades que melhorariam as condições de vida dos operários. Dessa forma, se reforçava a representação da leitura como instrução.

A necessidade da leitura como instrumento de aprimoramento pessoal aparece mais uma vez atrelada ao analfabetismo. A leitura, condição para instrução, era tida como uma forma de salvação. Como afirma Galvão (2006, p. 127), mesmo que a formação do leitor não estivesse diretamente associada à escola ou aos níveis de escolarização, o analfabetismo era um dos fatores de depreciação dos indivíduos. Esse fato pode ser evidenciado no trecho do texto cujo título é Educação dos Libertos¹⁶:

O analfabetismo, acompanhado dos vícios e defeitos da educação atrasada, da indole má e da liberdade absoluta, pode trazer-nos conseqüências desastradas, sérios conflitos no seio das nossas famílias.

É necessário educar, preparar o espírito novo dessa classe de homens que vai se criando no país, para os grandes cometimentos da inteligência, das artes, das indústrias e do comércio. (CORREIO MERCANTIL, 16 nov. 1883)

Há por aí muitas pessoas que anseiam por beber conhecimentos de várias matérias de instrução secundária, e outras que já se dariam por felizes em saber ler, escrever e contar. (CORREIO MERCANTIL, 14 abr. 1875)

¹⁶ Este texto é apresentado em forma extendida no Anexo C.

A inquietação com a grande quantidade de analfabetos perpassa as três décadas estudadas em quase todos os jornais, revelando um discurso político que evidenciava um grave problema a ser resolvido.

Francisco de Paula Pires¹⁷ foi bibliotecário da Bibliotheca Pública Pelotense durante 16 anos, redator de dois jornais literários e colaborador do periódico Tribuna Literária e do Arauto das Letras, obteve grande influência pelo papel que exerceu na história da literatura de Pelotas, sobretudo durante a década de 1880, incentivando o gosto pela leitura e divulgando poetas e prosadores de expressão regional.

Sob influência do ideal positivista, Francisco de Paula Pires expressou sua opinião sobre a situação precária em que se encontrava a instrução pública no Brasil, comparando com outros países. O escritor chama a atenção para a porcentagem de analfabetos existentes no Brasil.

Em todos os paizes do universo, ainda os menos adeantados, a instrucção constitue um dos mais fortes elementos de riqueza publica, e os governos fazem do ensino uma lei obrigatoria, de forma que são rarissimos os analphabetos que apparecem.

Entre nós, é motivo de grande admiração ver-se um estrangeiro que não saiba ler e escrever; no entanto, o Brazil, que é um dos maiores paizes do mundo, resente-se grandemente da falta de escolas, onde o povo possa obter luz e instrucção; pois, sem estas duas alavancas da sustentação humana, torna-se impossivel o progresso e o engrandecimento de uma nação.

Não se deve dizer só que os redimidos da lei de 13, constituem a maioria dos analphabetos no Brazil. E' infundada semelhante reflexão, pois supomos não errar, se dissermos que 40% da população brasileira, livre, não sabe ler, nem escrever, o que não é nada lisongeiro aos olhos das outras nações, onde as crianças de 12 annos têm muito mais conhecimentos, relativamente á instrucção recebida nos collegios do que muitos sexagenarios brasileiros.

Esta é a verdade. [...] Mas chegou, enfim, o dia em que os analphabetos, insinuados por homens de esclarecida intelligencia, romperam com a tyrannia dos obesos administradores do imperio e abriram francos os braços para

¹⁷ Graças a seus artigos, que combatiam a escola romântica em favor do Realismo, foi considerado por Guilhermino Cesar (1971, p. 292), um “arauto denodado do Naturalismo”. Tornou-se muito conceituado por ser um intelectual de intensa atividade como escritor, autor de novelas, contos, poesias e crônicas. Ver BORGES, Luis. Breviário da prosa romanesca em Pelotas (subsídios para uma história literária - séc XIX) Pelotas : Instituto J. S. Lopes Neto; Jc alfarrábios, 2007.

receberem o amplexo de confraternização que lhes mandaram aquelles que se poseram á testa do governo do Brazil, após a brilhante revolução de 15 de Novembro (RADICAL, 26 de janeiro de 1890).

A preocupação com o número de analfabetos é recorrente e aparece em diferentes discursos. Através, principalmente, dos jornais literários, Paula Pires evidencia sua “declaração de guerra” contra o analfabetismo e parece reforçar um discurso que repercutiria na época, pois, de acordo com Áurea Prado (1964), a instrução pública se configurou como uma das preocupações centrais dos presidentes de Província que, em seus relatórios, expunham a necessidade de serem feitas melhorias no campo da educação.

Segundo Prado (1964, p. 227), é no século XIX que vai se registrar o verdadeiro início do movimento educacional no Rio Grande do Sul. O movimento em favor da instrução pode ser identificado nos excertos que seguem:

O que se torna verdadeiramente necessario é que faça mos guerra de morte ao analphabetismo, para podermos representar mais importante papel entre os povos civilizados. (TRIBUNA LITTERARIA, 26 fev. 1882)

A instrucção, pois, ha de acabar com o clericalismo, como está acabando com as monarchias. Instrua-se o povo e a nossa causa será vencedora. O sustentaculo do estado primitivo é o analphabetismo Digamos como Goethe: Luz, muita luz! (RADICAL, 01 jun. 1890)

Como se vê, a batalha contra o analfabetismo é reforçada e a concepção de leitura se amplia, não apenas nos jornais políticos e noticiosos, como também nos jornais que objetivavam defender a causa das letras e das ciências, a exemplo do Tribuna Litteraria.

Percebe-se que as palavras “necessidade” e “precisar” novamente aparecem e que a alfabetização está fortemente atrelada a elas.

Neste ponto, pode-se identificar um registro que aponta a necessidade de que a leitura acontecesse para além da decodificação, ou seja, que se fizesse uso daquilo que se lia, “unificando dois pensamentos”.

Os analphabetos a que nós alludimos, não são única e restrictamente aquelles que desconhecem o alphabeto, são os que lêem sem consciência, aquelles cujas faculdades intellectuaes são incapazes de unificar dous pensamentos, mas que, não obstante, querem emittir opinião sobre tudo, tateando, embora, nas trevas da mais supina ignorância.

É para esses que recommendamos o estudo aproveitavel, como meio unico de não fazerem um papel menos airoso na sociedade. Estudem, pois.

Paula Pires

(TRIBUNA LITTERARIA, 26 fev. 1882) [grifos nossos]

Observa-se, nas palavras de Paula Pires, aspectos de um movimento que poderia ser aproximado ao fenômeno que 100 anos depois se discute no Brasil, denominado de letramento por Magda Soares (2003; 2004). Quando Paula Pires escreve sobre leitura sem consciência, afirmando que analfabeto não seria só aquele que desconheceria o alfabeto, vê-se uma preocupação com o uso social daquilo que estaria sendo lido. Mais uma vez, a leitura é reconhecida como fenômeno social e também como necessidade.

Em artigo publicado no jornal Diário Popular de 24 de fevereiro de 1891, cujo redator era Teodosio Menezes, são feitas afirmações que evidenciam a forte e insistente ideia de que o analfabetismo precisava ser combatido, como podemos verificar nos próximos excertos:

Geralmente, o individuo que não sabe ler, lamenta-se de sua ignorância, como exprobando aquelles que lhe deram o ser por não terem dissipando-lhe as trevas do espírito.

[...]

O homem que lê sabe pensar e reflectir; quando sente-se ofendido não ignora que tem suas tumultuosas paixões e os seus maus instintos; não empunha uma faca ou uma pistola para vingar-se traiçoeiramente, tornando-se criminoso, confia, porém, a defesa de um tribunal e à consagração da justiça.

A instrucção realça um homem a um grau de elevada dignidade; a ignorância abate-o, coloca-o no mesmo nível dos irracionais. (DIÁRIO POPULAR, 24 Fev. 1891)

Nos excertos anteriores tem-se uma representação do que seria a não leitura, ou seja, daquele que não leria, mostrando o rebaixamento a que estava subjugado o indivíduo que não lesse. A pessoa que não soubesse ler sofreria de um grande mal, teria baixa dignidade, pois não saberia pensar e refletir.

A presença da temática alfabetização ligada à leitura durante as três décadas estudadas, mostra que, apesar da exaltação à cultura pelotense no final do século XIX, a capacidade de leitura dos indivíduos era uma preocupação constante.

Estando a batalha travada, e tendo como inimigos o analfabetismo e a falta de instrução, de que forma a sociedade pelotense poderia enfrentar esse mal? Além da criação de escolas para a classe popular, representada principalmente pelos artistas (marceneiros, pedreiros, ferreiros, sapateiros, etc.), era necessária a criação de uma biblioteca, cujos serviços fossem além do fornecimento de espaço para a leitura e do empréstimo domiciliar. O enaltecimento da leitura, materializada no livro, é evidenciado nas manifestações para a criação de uma biblioteca, pois a mesma poderia “trazer” felicidade para o povo, como se observa a seguir:

*Bibliotheca Pública – À Assembléia Provincial*¹⁸

Quereis illustrar-o, desenvolver-lhe as faculdades intellectuaes, tornal-o independente na actividade e no pensamento; elevado nas aspirações, respeitoso nos deveres, commeido nos desejos?

Dai-lhes bibliotecas.

Sim, dai-lhes livros, luz ao espirito, força à inteligência, vida ao coração; dai-lhes instrução. Fecundai a terra e ella produzirá abundantes fructos.

Quereis liberdade sem illustração? Quereis progresso sem conhecimentos? Quereis felicidade, estado perfeito, na ignorancia e na obscuridade?

Impossível.

[...] - sêde generosos, bemfazejos e compadecei-vos do lamentavel estado de atraso intellectual em que vegetam bastantes das melhores localidades do interior, sem escolas, sem professores, sem livros, emfim sem meios alguns de aprender até os mais insignificantes rudimentos de leitura.

(CORREIO MERCANTIL, 12 mar.1875)

Observa-se nos excertos o poder credenciado à leitura como facilitadora do alcance à fecilidade, que, segundo o texto, seria impossível de ser alcançada na ignorância e na obscuridade. Nota-se que dessa forma esse discurso motiva a promoção da leitura e, por outro lado, reforça a discriminação contra os analfabetos.

A discussão sobre o analfabetismo perpassa diferentes gêneros literários, sendo identificada não só nas notícias, comentários e críticas, mas também na

¹⁸ Texto completo no anexo E

poesia, como é o exemplo do poema “Combatamos”, escrito por Bernardo Taveira Junior (1839-1892). De acordo com Baumgarten (1997), Taveira Junior é considerado um dos primeiros críticos do Rio Grande do Sul, lançou na cidade de Pelotas “Reflexões sobre a Literatura Rio-Grandense (1869)”. Nasceu em Rio Grande, mas foi professor em Pelotas, lecionando Latim, Inglês, Português e História. Escreveu, entre outras obras, “Poesias Americanas”, o “Anjo da Solidão” e “Coração e Dever”. Traduziu do alemão alguns livros, entre os quais Guilherme Tell de Schiller, em versos; e do francês, a primeira parte de Memórias de Garibaldi, de Alexandre Dumas, Expição e Epopéia do Leão, de Vitor Hugo, e A reconciliação, de Tieck. Defensor do abolicionismo e da república, publicou diversos artigos em jornais¹⁹.

No poema “Combatamos”, do referido autor, pode-se identificar novamente o “inimigo”, o analfabetismo, a ser combatido, e também uma representação do livro como objeto sagrado, capaz de salvar a humanidade. Na sequência, transcreve-se alguns excertos do poema:

COMBATAMOS ! ²⁰

*Quando não mais houver analphabetos
A pollular no centro das cidades,
Onde quer que respire um ente humano –
A humanidade então, erguendo hosannahs,
Entoará seu hymno de victoria!
Victoria pelo livro - pela idéa
Que confraterna os povos – dá-lhes vida
No alcáçar do trabalho e liberdade!*

-
*Quando o povo nas paginas do livro
Começar a entrever novas auras,
E, ufano descobrir em cada letra
Uma estrella fulgente, um diamante,
Um sol formoso a illuminar-lhe a fronte;
Quando elle soletrar em cada nome
Essas leis que, bem como a natureza,
Ao destino presidem dos humanos –
Elle então nunca mais será ludibrio
Da rábida oppressão dos potentados,
Rebanho de pariás – a raça impura
[...]*

¹⁹ É patrono da cadeira de número cinco da Academia Rio-Grandense de Letras.

²⁰ O poema completo pode ser lido no anexo F

*Marchemos! Combatamos a ignorancia –
Esse cancro que róe as sociedades!
Fazel-o é um dever, legar aos posteros
Um exemplo de amor inestimavel!* -

*BERNARDO TAVEIRA JUNIOR
Pelotas, 01 de junho de 1879
(DIARIO DE PELOTAS, 03 jun. 1879)*

Ao estabelecer relações entre os discursos que apontam a leitura como algo necessário, observa-se a indicação da leitura como elemento indispensável para proporcionar instrução, civilização e progresso para uma sociedade. Essa relação com a educação e com a instrução, possivelmente estivesse tão fortalecida pelo fato de que, como afirma Bresson (2001, p. 34), sendo a leitura um “fenômeno cultural”, portanto, pouco natural: não podemos prescindir de um ensino para ter acesso à leitura.

É importante destacar que essa é uma representação de uma comunidade específica, daqueles que escreveram o jornal, mas o fato dela estar registrada nas páginas do jornal já indica a existência dessa representação na sociedade pelotense, uma vez que, como afirma Barboza (2009, p. 89), os periódicos são muito importantes para a reconstituição e visibilidade da vida cultural do século XIX, visto que “eles foram constituídos historicamente, sob a influência do cotidiano, a partir de práticas históricas de leitura e de escrita”. Dessa forma, a autora diz que eles representam modos de ver e dizer uma época.

Assim, entende-se que os periódicos contribuíram para a construção e manutenção de uma representação da leitura como necessidade fortemente atrelada à alfabetização, de forma que possibilitasse uma melhora na condição de vida das pessoas.

Outra representação relacionada ao ato de ler foi a da sacralidade do livro, discutida na próxima seção.

6.2 O livro: entre o “sagrado” e o “profano”

Para Cunha (2004, p. 28), a intenção real dos intelectuais do século XIX foi aliar a literatura à imprensa, a fim de difundir ideias por meio dos textos literários. A literatura era a maneira mais direta, pois possibilitava atingir e dominar o pensamento da sociedade de uma forma mais sutil, utilizando os modelos, positivos e negativos, de comportamento social e suas respectivas consequências.

Diante disso, foi possível identificar poesias que traziam como temática o livro, a leitura e a instrução. Incentivados pelo desejo de promover a leitura e auxiliar à criação e manutenção de uma biblioteca para o povo pelotense, os escritores criavam versos de enaltecimento do ato de ler. Como se pode observar nos excertos da poesia²¹ escrita por Albino Costa e publicada no jornal Diário de Pelotas no dia 18 de março de 1881.

*Então, na lucta suprema
Brotá do livro- o poema-
N'um sorriso universal!
[...]
Um livro!- sorri no berço
A creancinha a dormir,
Sonando o rythmo do verso
[...]
O livro - barco da infancia-
Que navega p'ro porvir
Das ideaes na fragancia
Velóz, fluctua a sorrir...
[...]
Frontes perdidas pr'o chão!...
Vêr-se-ha do craneo dos povos
Saltar luz, exemplos novos
E'um livro aberto na mão!*

*Um livro - doce legado-
Que nos ensina a pensar...
Profundo azul, costellado,
Que o nauta, canta ao luar!
O livro - germen fecundo
Que entorna, lança no mundo
-As sementeiras de luz!...
[...]*

*Um livro! ah quando penso
Nos thezouros que elle encerra!*

²¹ A transcrição da poesia completa está disponível no anexo G

*-Gladio de fogo suspenso
Que nas idades se enterra!-*

*Um livro aberto na escola
E' o grande cofre da esmola
A's turbas que pedem pão!
Depois...inda os labios sedentos
Bebem mais luz, firmamentos
De um infinito- razão!
[...]*

*-Thezouros que vem dos céus-
Enchei o infante de esmolas,
Dai-lhes livros, luz, escolas,
Que aproximem de Deus!*

*Pelotas, 12 de março de 1881
Albino Costa
(DIÁRIO DE PELOTAS, 18 mar. 1881).*

Os versos do poeta Albino Costa expressam uma ideia da leitura, materializada no livro, como algo sagrado, santo, que poderia proporcionar luz, reflexão, pensamento. Chama a atenção a divinização do livro, pois neste caso ele possibilitaria a aproximação com Deus.

Uma das metáforas utilizadas mais recorrentes é a palavra “luz”, que frequentemente aparece acompanhada de “progresso” nos versos que compõem poemas e hinos.

Como se pode observar a seguir, no hino oferecido por Bernardo Taveira Júnior à Bibliotheca Pública, publicado no Diário de Pelotas, de 08 de outubro de 1887, essa metáfora continua sendo usada, de maneira que mais uma vez é demonstrada a sacralização do livro.

Como já ressaltado, Bernardo Taveira Júnior teve um número considerável de textos publicados nos jornais e como decorrência dessa prática, durante a pesquisa, foram encontrados muitos de seus textos, dos quais se destacam os que tratavam do livro e da leitura.

Segue transcrição do hino publicado no jornal:

Hymno

O nosso illustrado amigo o Sr. Bernardo Taveira Junior, offerece á Biblioteca Publica o seguinte hymno de sua lavra:

Offerecido à Biblioteca Publica.

*Entraí no grande cenaculo
Onde o pensamento é luz,
Aqui onde o sol da sciencia
Attrai, captiva e seduz.*

KHORO

*E' o livro a nova biblia
Do progresso a florear;
Fortalece, educa espiritos,
Fal-os livres caminhar.*

*Contemplam-se aqui os seculos
A brilhar que nem phanaes;
Dão-se as mãos neste convivio,
Como em horas triumphaes.*

KHORO

*E o livro a nova biblia
Do progresso a florear;
Fortalece, educa espiritos,
Como em horas triumphaes.*

*E aqui onde reune-se,
Envôlta em claro esplendôr,
A grã parada em que o genio
Revive em cada primôr.*

KHORO

*E' o livro a nova biblia
Do progresso a florear;
Fortalece, educa espiritos,
Fal-os livres caminhar.*

*Neste lucido sacrario
E' só uma a religião-
A que unge e baptisa os craneos,
Na piscina da instrucção.*

KHORO

*E' o livro a nova biblia
Do progresso a florear;
Fortalece, educa espiritos,
Fal-os livres caminhar.*

*Dos prelios da intelligencia
Ninguem se deve eximir;
Sorrir-nos em cada victoria
A linda flôr do porvir.*

KHORO

*E' o livro a nova biblia
Do progresso a florear;
Fortalece, educa espiritos,
Fal-os livres caminhar.*

Pelotas – 1887.

(DIÁRIO DE PELOTAS, 08 out. 1887)

No caso do hino escrito por Taveira Junior, a veneração é ainda mais evidente. No “khoró” do hino, observa-se uma repetição empírica (mnemônica) ao vermos as repetidas vezes que deve o leitor/ouvinte (tendo em vista que o hino foi feito, provavelmente, para ser cantado) ler/ouvir que “o livro é a nova biblia”. A sacralização do material de leitura é evidente, e se acentua quando se compara o mesmo ao Livro Sagrado. O hino é uma espécie de veneração ao livro e à leitura, e a biblioteca seria o templo de adoração.

A relação com a religiosidade, seja em forma de comparação ou de contraposição, é evidente, na medida em que se identificam expressões como “Entrai no grande cenaculo”, “Contemplam-se aqui os séculos; Neste lucido sacrário; E' só uma a religião; A que unge e baptisa os craneos”.

A representação do livro como objeto sagrado pode ser identificada também em imagens. Na ilustração realizada para anúncio do Collegio Silveira, são observados símbolos relacionados ao conhecimento e à instrução: pena e tinteiro, esquadro, globo, partituras e, é claro, muitos livros, como se vê:



Figura 45 - Anúncio do Collegio Silveira (1880).

Fonte: Cabrion, 02 maio 1880

Identifica-se ao centro da imagem um livro em chamas, possivelmente seria a representação de iluminação, de luz pelo livro. Nesse caso o conceito de luz, tão citado nos textos que tratam do livro, da leitura e da instrução, é representado pelas chamas que emanam do documento e que poderão “iluminar os espíritos” dos estudantes, conferindo um caráter de salvação pela leitura.

Contudo, as representações de leitura não se restringiam apenas à instrução e à sacralidade, pois, contraditoriamente, a leitura poderia significar algo negativo, ideia explorada a seguir.

6.3 A leitura poderia ser perigosa e improdutiva

É fato que as diferentes representações de leitura encontradas no jornal, além de refletirem o pensamento das pessoas que liam e escreviam nos jornais e o influenciarem, também possuíam um aspecto em comum: entendiam a leitura como um poder, seja ele para formar as boas almas, seja ele para destruir o caráter, quando relacionado ao ócio e à “vagabundagem”.

Dessa forma, sendo uma leitura aceita e autorizada para homens e mulheres, os jornais davam espaço à denúncia das leituras impróprias. O excerto que segue mostra que a leitura de romances não era considerada uma leitura educativa para as mulheres, visto que, em alguns casos, a leitura poderia subverter essas mulheres. Esta pesquisa identificou a reprodução de textos literários que evidenciam essa representação de perigo da leitura.

A escola do Amor

[...] eu concordo que há romances realmente prejudiciais; mas não há livros que poderiam, sem perigo, instruí-la?

Ora! Quaes? A história é um estudo inútil.

São os livros e o mundo que ensinam a mulher a ser coquette, e a pervertem (CORREIO MERCANTIL, 07 out. 1875).

Esse tipo de posicionamento reflete o pensamento da época, e vai ao encontro do que Moraes (2002) encontrou em sua pesquisa. A esse respeito, a autora cita o texto produzido pela escritora baiana D. Ana de Góes Bettencourt, colaboradora do Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, de 1885, que alertava às senhoras brasileiras e portuguesas para o perigo das leituras de conteúdo duvidoso, afirmando que “Leituras de romances exaltam a imaginação e, por isso mesmo perigosas, não devem fazer parte do repertório de leitura de uma jovem!” (BETTENCOURT, 1885 apud MORAIS, 1998).

A autora ainda expôs que deviam fazer parte do repertório de leitura das jovens obras de “conteúdo religioso e de cunho moral que preconizam o desprezo do luxo e das honras mundanas” (idem).

Segundo Paiva (1997, p. 58), inúmeros estudiosos afirmaram, ao longo da história, que a Igreja Católica sempre considerou a leitura uma prática perigosa, e que um dos desdobramentos desse pressuposto foi sua constante advertência aos

católicos quanto às poucas chances de salvação de suas almas, caso não tivessem cautela “frente às armadilhas do texto escrito”. De acordo com a mesma autora, esse estrito controle do escrito não era apenas considerado como direito da igreja, mas também como seu dever. No excerto que segue, pode-se verificar outra forma de representação negativa do ato de ler:

Daí essa companhia de parasitas domésticos que consomem o proveitoso tempo nas cadeiras de balanço a ler jornais e romances (quando lêem), a passear pelas ruas e praças, a entreterem-se nos bilhares e bodegas, onde tudo podem aprender, menos a ser cidadãos e chefes de família.

(CORREIO MERCANTIL, 11 jan. 1884)

Nesse excerto nota-se que a atividade de leitura foi relacionada ao ócio. No entanto, não praticar a leitura ainda poderia ser considerado pior. Assim, a ênfase em relação à depreciação da leitura poderia estar relacionada ao tipo de texto e material lido, nesse caso, os jornais e romances. Mais uma vez entra em cena a discussão sobre a leitura de romances e a conotação pejorativa para o exercício de tal prática.

Essa concepção provavelmente estaria vinculada à visão europeia de ser leitor, pois, segundo Abreu (2001, p. 148), “ser leitor significava ler muitos livros, principalmente os que falavam das ciências e das artes, e possuir biblioteca particular ou, ainda, estar sempre presente em bibliotecas”. Dessa forma, era considerado leitor aquele que lia os clássicos. Para a autora, “se havia práticas diferentes de leitura, é porque não havia leitura – mantém-se o discurso da ausência de leitura, como parte central da idéia de uma carência cultural brasileira” (ABREU, 2001, p. 148).

Esse posicionamento identificado nos jornais em relação à “leitura improdutiva” corrobora a crítica feita à valorização da leitura daquele momento, publicada no jornal A Pátria de 20 de fevereiro de 1888. A crítica chama a atenção dizendo que a sociedade daquele período estaria sofrendo de uma “miopia intelectual”:

O festejado autor das Auroras do Sul e da Musa Moderna, escrevendo paginas de litteratura ligeiras, amenas, bem comprehendeu o espirito da epocha atual q’ parece estar em antagonismo com a leitura de livros que obrigue o espirito a reflexões profundas e estudos sérios. (A PÁTRIA, 20 fev. 1888)

No comentário sobre as obras de João Damasceno Vieira Fernandes (Porto Alegre, 1853 — Salvador, 1910), vê-se uma crítica às literaturas consideradas amenas, como é o caso dos romances, muitas vezes, publicados em forma de folhetim. O texto indica que a leitura realmente válida seria aquela que provocaria no leitor “reflexões profundas e estudos sérios”.

Vale ressaltar que, embora na época não existisse o que hoje se entende por crítica literária, tinha-se princípios que, como afirma Baumgarten (1982, p. 87), visavam a orientar o pensamento regional em todo e qualquer campo, fosse ele político, científico ou artístico. Segundo o autor, os textos críticos da época limitavam-se a notificar a publicação de livros e as opiniões eram emitidas conforme a simpatia pessoal existente entre o crítico e o leitor.

Apesar de Pelotas viver em um período caracterizado como de “opulência”, a crise na instrução é debatida constantemente nos jornais diários e semanais, fato que se evidencia nos trechos: *“Uma coisa que entre nós anda muito descuidada é a educação”* (CORREIO MERCANTIL, 13 fev. 1886); *“De todos os ramos da publica administração, o ensino popular é o que mais profundamente preocupa na actualidade, a atenção dos governos dos paizes civilizados”* (A PÁTRIA, 07 abr. 1887).

Percebe-se que, quando escreviam sobre a leitura, os intelectuais pelotenses do final do século XIX apresentavam diferentes visões e formas de demonstrar aquela realidade, estabelecendo-se, assim, representações como necessidade, sacralidade, instrução e perigo. Representações um pouco diferentes, quem sabe desdobramentos, das descritas por Paiva (1997, p.100) que diz “duas representações que a literatura recebe da sociedade brasileira no século XIX – leitura ‘divertimento’, realizada pelas mulheres, e leitura “informação”, “estudo” realizada pelos homens”. Possivelmente as representações de leitura dos pelotenses estavam mais próximas da constatação de Darnton (1992, p. 212), o qual afirma que “homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos de seu tempo, e ainda simplesmente para se divertir”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou identificar que discursos e representações sobre a leitura foram registrados pela imprensa pelotense no final do século XIX, período caracterizado pela “opulência e cultura” (MAGALHÃES, 1993; PERES, 1995; LONER, 2002). Para tanto, foi realizada uma revisão teórica que teve como fundamentação a História Cultural, com ênfase na História da Leitura, suas múltiplas fontes e abordagens. Essa revisão possibilitou o contato com noções como “discurso”, “apropriação” e, principalmente, “representação”, as quais serviram de suporte para análise das fontes utilizadas.

Durante a pesquisa, a fim de não perder o foco, procurou-se repetir constantemente as questões iniciais, quais sejam: Quais as representações sobre a leitura registradas nos jornais pelotenses? O que era lido, quem lia e onde se lia em Pelotas no final do século XIX?

Sem seguir uma linearidade cronológica, a tese foi organizada de forma que pudesse abordar o suporte, as representações dos leitores, os espaços da leitura, e as formas de pensar sobre a leitura registradas nos jornais, procurando seguir a indicação de Chartier, que propõe que sejam analisados na História da Leitura três enfoques: o texto, o livro e a leitura.

No contato com a produção acadêmica sobre Pelotas do final do Século XIX, foram identificados trabalhos que a caracterizavam com os conceitos “riqueza, opulência, refinamento, elegância, cultura e até aristocracia” (MAGALHÃES, 1993, p.9). Esse “adiantamento”, contudo, pode ser considerado contraditório, pois, como afirmou Peres (1995, p. 44), Pelotas no final do século XIX pode ser vista como um espaço em que conviviam homens e mulheres das elites, trabalhadores/as livres, desempregados/as, negros/as livres e liberto/as, escravos/as, posteriormente ex-escravos e escravas, uma emergente classe média composta de indivíduos dos serviços públicos e privados, intelectuais com status bastante elevado.

Nesse espaço contraditório, durante os últimos 50 anos do século XIX, foram publicados 115 jornais que registraram ações e percepções do cotidiano dos pelotenses. Em relação aos últimos 25 anos do dezenove, foi possível identificar jornais que possuíam diferentes características – noticiosos, políticos, humorísticos e literários –, trazendo manifestações sobre o ato de ler, seja direta ou indiretamente.

Ao analisar o conjunto de anúncios, comentários, notícias e relatórios publicados nos jornais pelotenses do final do século XIX, entendeu-se que a produção e a circulação de materiais de leitura naquele período eram amplas e variadas, compreendendo jornais, livros, revistas e almanaques, assim como outros tipos de material como, por exemplo, a folhinha.

Pode-se afirmar que Pelotas teve uma contribuição significativa para a história do impresso brasileiro, uma vez que jornais e editoras pelotenses produziram livros que circularam nas mãos de muitos gaúchos e brasileiros. Os jornais permitiram inferir que Pelotas não ficava muito atrás do Rio de Janeiro em matéria de acesso aos lançamentos de novas obras, pois além da constante divulgação de livros editados por B.L. Garnier, por exemplo, observou-se uma conexão direta dos editores e livreiros com a Europa, visto que foram identificadas a importação de obras portuguesas e a tradução de muitos títulos franceses.

A riqueza da História da Leitura de Pelotas não se restringia aos livros que na cidade chegavam ou eram editados, mas estendia-se para a produção e circulação dos jornais e para as práticas de leitura, sobretudo a oral e coletiva, que eram promovidas e valorizadas pela sociedade pelotense da época.

O mercado livreiro em Pelotas no final do XIX foi rico, prova disso é a grande quantidade de anúncios publicados nos jornais pelas concorrentes, Livraria Americana e Livraria Universal, que, além de terem editado muitos livros, anunciavam obras isoladas e listas de novidades literárias durante anos.

A riqueza de conteúdo e forma dos materiais de leitura que em Pelotas circulavam foi evidenciada nos anúncios e comentários, que detalhavam desde o conteúdo até o tipo de encadernação empregada. Por conta dessa importância dada à leitura, as obras recebiam adjetivos como “livro útil”, “livro precioso” ou “livro utilíssimo”. Vale ressaltar que esses adjetivos não eram originários apenas dos

anúncios pagos pelas livrarias, mas, muitas vezes, eram atribuídos pelos jornalistas que comentavam o recebimento das obras.

Observou-se a circulação de livros editados em diferentes línguas, com destaque para os de língua francesa e para os autores da mesma nacionalidade. Também chamou a atenção o fato de que as edições de livros que circulavam na cidade fossem atuais, havendo um curto intervalo de tempo entre os lançamentos na Europa e as vendas e traduções em Pelotas.

Percebe-se que a localização geográfica não impediu Pelotas de tornar-se um grande “centro leitor”, como o Rio de Janeiro, visto que circulavam novos títulos mensalmente, seja em edições encadernadas seja em folhetins publicados nas páginas dos jornais.

Outro indício de livros que circulavam na cidade pôde ser verificado através da análise das listas de doações realizadas pela comunidade para compor o acervo inicial da Bibliotheca Pública Pelotense. Essas listas não confirmam a leitura das obras, mas indicam que pertenceram a pessoas, as quais compraram ou ganharam e possivelmente leram tais livros. Foram identificadas doações de livros que ocorreram em maior número no período de fundação da Bibliotheca e inauguração do prédio, em 1879. A diversidade de títulos e gêneros que compunham as listas de doações acompanhava a variedade de livros que eram postos a venda, uma vez que as listas de doações continham além de obras literárias escritas em diversas línguas, obras técnicas, de instrução e etc.

Sobre os leitores representados, foi possível visualizar uma divisão nas indicações de leitura que ora se direcionavam ao público geral, ora aos homens, ora às mulheres e raramente às crianças.

A separação por gênero dos leitores e leitoras é uma característica evidente, uma vez que se identificou livros destinados às mulheres e livros destinados aos homens. Ao que tudo indica, as mulheres eram foco de discussão nos jornais, tanto pela sua participação na sociedade quanto pelas leituras que faziam ou deveriam fazer, as quais estavam diretamente relacionadas à sua educação e instrução. De um modo geral, os anúncios e comentários mostraram que as leituras indicadas às mulheres deveriam ser mais amenas, voltadas para o lar. Ou seja, o ethos social era o de que as mulheres não recebessem a mesma instrução que os homens.

Dessa forma, tanto foram encontradas críticas a determinadas leituras que as mulheres poderiam fazer, como é o caso do livro “Germinal” de Zola, quanto indicações de textos mais suaves, como as revistas de moda ou os livros de culinária.

Autoras europeias, como Ana Maria Vaz de Carvalho e George Sand, receberam espaço para publicação dos seus textos em forma de folhetim nos jornais pelotenses. No jornal Correio Mercantil de 29 de abril de 1886, foi encontrado um comentário, feito pela leitora Luiza Cavalcanti Filha, que continha uma crítica ao texto da escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho.

A relevância desse comentário sobre o texto de Maria Amália Vaz de Carvalho se dá em virtude de, além de ser um texto escrito por uma mulher, ser o texto de uma leitora, o que permitiu conhecer um pouco sobre como as leitoras poderiam se apropriar dos textos publicados no jornal que “falavam” para ou sobre elas.

Durante a análise das fontes, verificou-se que a mulher ocupava um espaço significativo nos jornais pelotenses, como assunto debatido e como público destinado para algumas leituras. No entanto, o espaço destinado à escrita das mulheres era muito reduzido, para não dizer quase inexistente.

Ainda que tenham sido encontrados textos de autoras como George Sand e Maria Vaz de Carvalho, ou ainda tenha sido constatada a colaboração de algumas mulheres na escrita de jornais literários – como é o caso de Revocata de Mello, Julieta Monteiro, Cândida Abreu, Hermília Messias da Silva e Luiza Cavalcanti Guimarães, que escreveram no semanário domingueiro Progresso Litterário de 01 de julho de 1888 – constatou-se que escrever nos jornais não era uma prática comum para todas as mulheres. Nesse contexto, há de se considerar que o registro da participação de mulheres pelotenses em atividades relacionadas à leitura em espaço público por si só é muito significativo.

Entendeu-se que os jornais reproduziam a ideia propagada na sociedade de que a leitura feminina precisava ser tutorada, vigiada, direcionada, e que deveria ser, de preferência, relacionada ao ambiente doméstico, uma vez que outros tipos de leitura poderiam incitar pensamentos e ações “indesejáveis”.

Nesse sentido, por vezes, a leitura feminina poderia receber um caráter prescritivo, como o caso do livro “A mulher forte”, de Landriot, criticado pelo jornal Correio Mercantil de 28 de abril de 1876, ou do livro da “Bibliotheca das Mães de Família”, indicado pelo jornal Onze de Junho, de 06 de janeiro de 1889.

Todavia, esse controle nem sempre era efetivo, uma vez que se observaram as táticas empregadas por algumas mulheres para “subverter” esse sistema de censura da leitura, como evidencia o poema “A namoradeira”, de M. Teixeira, publicado no Cabrion, reproduzido e analisado também no capítulo quatro.

No que tange à leitura dos homens, anúncios de livros para leitura deste público, especificamente, aparecem com maior frequência a partir da década de 1880. Aos homens, além das leituras de negócios, também eram indicadas as leituras “picantes” e “reservadas”. Nos anúncios e comentários não aparecem restrições para a leitura dos homens, diversamente do que acontece nas indicações de leituras para mulheres.

A partir da análise do anúncio do livro “Germinal”, verificou-se que, diferentemente da situação da mulher, ao homem era permitida uma maior possibilidade de tipos de leitura, sendo alguns títulos restritos ao gênero masculino, com denominações específicas, tais como “leitura só para homens”. Alguns, inclusive, pertenciam a coleções denominadas “Bibliotheca Reservada” ou “Bibliotheca Picante”.

É importante ressaltar que essas obras eram denominadas dessa forma não por que eram de interesse só de homens, mas porque não deveriam ser lidas pelas mulheres. Assim, o leitor homem representado no jornal parece ser mais autônomo, tendo mais liberdade que a mulher na escolha do que gostaria de ler.

A leitura recreativa para crianças parece ter sido pouco explorada pelas livrarias, que intensificam suas vendas em obras adultas nas diversas modalidades, como literatura, história, política, didáticos e etc. Vale destacar que essa limitação advinha mais da ainda pequena produção de livros para este público do que do interesse das livrarias.

Em relação à leitura das crianças, foram quase inexistentes as referências a leituras para os pequenos. Entre as poucas menções, destaca-se a nota de recebimento das publicações “Recreio Infantil” e “Artes e Letras”, ambas anunciadas

no Jornal Diário de Pelotas em 1976, e uma lista de livros infantis a venda pela tipografia do Jornal Correio Mercantil em 1879.

Em 1887, no jornal A Ventarola, há evidências de uma preocupação com a compreensão da leitura realizada pela criança. Esse achado permite inferir que, mesmo que não houvesse tantas obras destinadas à leitura dos pequenos, havia uma preocupação com a leitura deste público, ainda que o foco estivesse na instrução.

Considerando o exposto até agora acerca das representações de leitura para diferentes públicos, pode-se constatar que havia um tratamento diferenciado em relação à leitura de homens, mulheres e crianças.

No que tange aos espaços de socialização da leitura, constatou-se que surgem a partir da década de 1870. Sobre os espaços públicos destinados à leitura, identificou-se a Bibliotheca Pública Pelotense e as sociedades literárias. Apesar de serem encontrados diversos nomes de associações, observou-se que nem todas funcionavam ao mesmo tempo e que algumas foram criadas em substituição às outras.

Elegeu-se, nesta pesquisa, um ícone para representar a leitura em Pelotas no final do século XIX, a Bibliotheca Pública Pelotense. A partir do momento que é idealizada e sua construção pensada, essa instituição permanece nas notícias relacionadas à leitura publicadas nos jornais durante todo o período estudado.

Foi na Bibliotheca que os pelotenses se reuniram, realizaram bailes, saraus e quermesses, a fim de promover a leitura para o povo. A Bibliotheca possibilitou a manifestação de homens e mulheres, ricos e pobres, numa espécie de biblioteca popular associativa.

Nos jornais publicados durante todo o período estudado, há referências que possibilitam acompanhar a Bibliotheca, desde o movimento pela sua criação, passando pela fundação, criação de estatutos, relatórios mensais e anuais, comemorações de aniversários até crises enfrentadas para manutenção da instituição.

Observou-se uma mobilização da comunidade para criação de uma Biblioteca Pública. Muitos dos precursores desse movimento também estavam envolvidos com as associações literárias e alguns destes escreviam nos jornais,

como Paula Pires e Bernardo Taveira Junior. Infere-se que a criação de bibliotecas e associações literárias estava, também, fortemente ligada à representação da leitura como necessidade de instrução.

Embora existam muitas referências nos anúncios a livros de romance e divertimento, a leitura citada nos textos e discursos publicados nos jornais estava mais direcionada à instrução do que ao lazer, uma vez que a temática leitura ao entrar na pauta de discussão era sempre associada à instrução, progresso e civilização, revelando diferentes representações da leitura.

Embora se afirme que a mulher nesse período ainda estava reclusa ao ambiente doméstico, com ínfima participação na vida pública, chama a atenção que em Pelotas se publicava nos jornais a participação de mulheres na organização de eventos ligados às questões da leitura, sobretudo na organização de bazares de prendas para angariar fundos para a Bibliotheca e na promoção de saraus. Ainda que não se tenha conseguido identificar a frequência dessas mulheres como usuárias da Bibliotheca.

Outro fato que mereceu atenção foi a publicação de discursos sobre a Bibliotheca elaborados por mulheres, como os de Angélica Conceição Filha, publicado no Correio Mercantil de 10 setembro de 1878, e de Rita Lobato Lopes, em 23 de abril de 1881.

Como eventos públicos de leitura pode-se destacar os recitais e saraus literários que ocorriam no Theatro Sete de Abril, na biblioteca, nos clubes e associações literárias, ou ainda nas residências de alguns “ilustres pelotenses”.

Em relação aos recitais, nas colunas publicadas nos jornais, verifica-se a ênfase dada a esses eventos. No recital de poesia noticiado no jornal Diário de Pelotas de 10 de setembro de 1884, por exemplo, além do comentário sobre o recital, é transcrita a poesia recitada, “A Bella cidade de Pelotas”, escrita por Bernardo Taveira Júnior.

Sobre a realização dos saraus, embora tenham sido encontrados mais convites de saraus –literários ou dançantes – do que propriamente a descrição dos eventos, estes revelam uma prática de leitura oral pública. A partir de 1882, eles parecem se tornar mais frequentes, sendo, geralmente, realizados em favor de alguém ou de alguma instituição.

De forma muito reduzida, também se encontram alguns indícios de como a leitura poderia acontecer em foro privado. Nos folhetins escritos por autores pelotenses, pode-se ter ideia da rotina da espera dominical das moças pelo folhetim. Também nas imagens dos jornais humorísticos foi possível identificar representações da leitura dentro de casa, em ambientes como a cozinha e o quarto.

Observou-se que há várias referências à leitora. Dessa forma, fica evidente que era a elas que esse tipo de leitura era direcionado. Além disso, alguns textos evidenciam sensações e sentimentos que as leitoras poderiam sentir em função da leitura.

Constatou-se que o discurso sobre o livro e a leitura estava firmemente relacionado às discussões sobre a instrução pública. Havia uma grande preocupação com a instrução das classes populares, com a educação dos jovens, a instrução e o preparo para o trabalho. Apesar de Pelotas viver em um período de “opulência”, a crise na instrução é debatida constantemente nos jornais diários e semanais, fato que se evidencia nas referidas publicações (CORREIO MERCANTIL, 13 fev. 1886) (A PÁTRIA, 07 abr. 1887).

Os jornais pelotenses do final do XIX, ao publicarem textos que tratavam da leitura, registraram em suas páginas uma representação de leitura como necessidade, como algo que poderia proporcionar progresso, civilização e até felicidade, sendo o livro um símbolo de salvação. Apesar desse enaltecimento da leitura, viu-se uma crítica às literaturas consideradas amenas, com é o caso dos romances, muitas vezes, publicados em forma de folhetim.

A leitura, condição para instrução formal, era tida como uma forma de salvação, uma vez que o analfabetismo era um dos fatores de depreciação dos indivíduos, como se pode observar no trecho do texto cujo título era Educação dos Libertos. O enaltecimento da leitura materializada no livro é evidenciado nas manifestações para a criação de uma Bibliotheca, pois a instituição poderia “trazer” felicidade para o povo.

A inquietação com a grande quantidade de analfabetos perpassou as três décadas estudadas em quase todos os jornais, revelando uma face do discurso que evidenciava um grave problema a ser resolvido. Como se viu, a batalha contra o analfabetismo foi reforçada e a concepção de leitura se ampliou.

Observou-se a representação do que seria a não leitura, ou seja, daquele que não lia, mostrando a sucumbência a que estava “condenado” o indivíduo que não lesse. De acordo com texto publicado no jornal, a pessoa que não soubesse ler sofreria de um grande mal, teria baixa dignidade, pois não saberia pensar e refletir.

Ao estabelecer relações entre os discursos que apontam a leitura como algo necessário, observou-se a indicação da necessidade de leitura para proporcionar instrução, civilização e progresso. Identificaram-se poesias que traziam como temática o livro, a leitura e a instrução. Incentivados pelo desejo de promover a leitura e auxiliar a criação e manutenção de uma biblioteca para o povo pelotense, os escritores criavam versos de enaltecimento do ato de ler.

A palavra “luz” frequentemente aparecia acompanhada de “progresso” nos versos que compunham poemas e hinos. A relação com a religiosidade, seja em forma de comparação seja em forma de contraposição foi evidente, na medida que se identificaram expressões como “Entrai no grande cenaculo” , “Contemplam-se aqui os seculos Neste lucido sacrario / E’ só uma a religião- / A que unge e baptisa os craneos.

É fato que as diferentes representações de leitura encontradas no jornal, além de refletirem o pensamento das pessoas e o influenciarem, também possuíam um aspecto em comum: entendiam a leitura como forma de um poder, seja ele para formar as “boas almas”, seja ele para destruir o caráter, quando relacionado ao ócio e à “vagabundagem”, possibilitando inferir que a leitura de jornais e romances não era considerada uma leitura educativa, pois poderia subverter os (as) leitores (as).

Acredita-se que tanto os dados encontrados quanto o processo de realização da pesquisa trouxeram resultados significativos.

Percebe-se que o que mais se discutia era o acesso de qualquer indivíduo à leitura, ou melhor, de todos os indivíduos à instrução. Certamente havia vários mundos em Pelotas nesse período. Um mundo de “leitores firmes” (PETRUCCI, 1999, 211) que tinham suas bibliotecas pessoais, que compravam e liam livros até em língua estrangeira, como inglesa e francesa, que participava de saraus, etc. E um mundo de possíveis leitores que almejavam poder conhecer o “mundo das letras”.

Estudar a história da leitura de Pelotas no final do século XIX permite concluir que, nesse período no Brasil, existiram diferentes leitores, leitoras e leituras, tendo em vista que na própria cidade estudada múltiplas histórias foram identificadas. Assim, a cidade de Pelotas não pode ser ignorada na história da leitura no Brasil, seja pela produção de livros, pela venda, tradução, seja pela configuração de sociedades literárias.

Cabe ressaltar que as diferentes representações sobre a leitura de modo geral, sobre os livros, os leitores e os espaços para ler, passaram por um olhar da imprensa, sendo divulgadas por ela, mas também recebendo a sua contribuição.

Não se pode dizer que apenas os textos, tanto escritos como em forma de ilustrações, publicados nos jornais refletem exatamente a história da leitura de Pelotas no final do século XIX. Mas não se pode negar que esses textos indicam discursos, que tiveram temáticas e conteúdos escolhidos e outros silenciados. Esses textos foram compostos por enunciados que constituem discursos e representações daquilo que se pretendia transmitir e que se poderia ler. Sendo assim, a imprensa não fazia uma imposição sobre o que pensar, mas ao repetir sobre um tema, sugeria sobre que temas o pelotense poderia refletir. Assim, a imprensa de Pelotas do final do XIX além de procurar informar, dialogava, interagia e instigava a reflexão sobre o ato de ler.

Vale afirmar que essa foi a leitura de uma pesquisadora e, por conseguinte, resultado de um processo de compreensão, o qual, segundo Hébrard (2004, p. 29), por ser muito complexo, coloca em jogo as competências interpretativas que supõem uma lenta acumulação de formas “linguísticas” que compreendem o léxico, a sintaxe e os discursos; “intelectuais”, que abarcam conhecimentos, mas também emoções, sensações ligadas aos diversos códigos estéticos; “textuais”, nas quais se percebem universos de referência, gêneros textuais; e ainda as “livrescas”, caracterizadas pelas formas editoriais, ilustrações, etc. Acredita-se que o trabalho atingiu o objetivo de identificar representações da leitura que foram registradas pela imprensa pelotense no final do século XIX e entende-se que esta escrita, como diz Chartier (1990, p. 61), é ela própria leitura de outra escrita. Assim, este trabalho deixa uma única certeza: a de que apesar de tudo ainda há muito que se descobrir.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceito em leitura. In: MARINHO, M. **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2001.
- ABREU, Márcia. **Os Caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras, ALB; São Paulo: Editora FAPESP, 2003.
- ABREU, Márcia. Prefácio. In: MELO, Orlinda C. **A invenção da cidade: leitura e leitores**. Goiânia: Editora UFG, 2007.
- ALENCASTRO, Luis Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: **HISTÓRIA da vida privada no Brasil: Império – a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.11-93.
- ALVES, Maria Angélica. A infância, a leitura e o leitor, em Portugal e no Brasil (1880-1920). In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS DA CRIANÇA-INFÂNCIAS POSSÍVEIS, MUNDOS REAIS, 1, Braga. **Anais...** Braga. Instituto de Estudos da Criança, 2008. Disponível em: <http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_angelica_alves_a.pdf>. Acesso em: 10 set. 2010.
- AMARAL, Giana Lange. **Gatos Pelados X Galinhas Gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 e 1960)**. 2001. Projeto de tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2001.
- ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX**. Pelotas: EDUFPEL, 2000.
- ARRIADA, Eduardo. **Pelotas: gênese e desenvolvimento urbano (1780-1835)**. Pelotas: Armazém Literário, 1994.
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga; OLIVEIRA, Marlene. A produção de conhecimentos e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.
- ASSOCIATION DES AMIS ET PASSIONNÉS DU PÈRE-LACHAISE. **Amédée Achard**. Disponível em : <http://www.ap-pl-lachaise.net/appl/article.php3?id_article=666>. Acesso em: 20 jan. 2010.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

_____. Velhos objetos, novas abordagens: o jornal como fonte para a história cultura. In: CURY, Claudia Engler; MARIANO, Serioja (Org.). **Múltiplas visões: cultura histórica no oitocentos**. João Pessoa: UFPB, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Leitura das famílias brasileiras no século XIX: o jornal das famílias (1863-1878). **Revista Portuguesa de Educação**, Braga (Portugal), v. 15, n. 2, p. 169-214. 2002.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo**. Porto Alegre: IEL; EDIPUCRS, 1997.

_____. **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868-1880**. Porto Alegre: EST, 1982.

BECKER, Gisele. **A construção da imagem da prostituição e da moralidade em Porto Alegre pelo jornal Gazetinha**: uma análise dos códigos sociais segundo a Hipótese de Agendamento (1895-1897). 2007. Tese (Doutorado em Comunicação) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

BELLINE, Ana Helena Cizotto. Júlia Lopes de Almeida e Amália Vaz de Carvalho: vozes femininas? **Via Atlântica**. São Paulo, n. 2. Abr. 1999. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via02/via02_04.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2010.

BELO, André. **História & Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BORGES, Luis. **Breviário da prosa romanesca em Pelotas (subsídios para uma história literária - séc XIX)**. Pelotas: Instituto J. S. Lopes Neto; JC Alfarrábios, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger. (Org). **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BRAGANÇA, A. A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil. In: ABREU, M. (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Fapesp, 2002. p. 451-476.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **O cotidiano em anúncios de jornais do século XIX**. 2005. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/HBrandao001.pdf>>. Acesso em: 7. jan. 2006.

BRESSON, François. A leitura e suas dificuldades. In: CHARTIER, Roger (Org). **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BITTONI, Dulcília. **Mulher de papel**. São Paulo: Loyola, 1981.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: 1929-1989**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

_____. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, Editora EDUSC, 2004.

CALIGRAFIA ENIDER. **A História da Caligrafia**. Disponível em: <http://www.caligrafaenider.com.br/hist_caligrafia.php>. Acesso em: 25 set. 2010.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 2002. v. 1

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A escrita da história**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CESAR, Guilhermino. **História da Literatura do RS (1737-1902)**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1956.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002a.

_____. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

_____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora da UnB, 1994.

_____. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Cultura Popular: revisando um conceito historiográfico. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.8, n. 16, 1995.

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org). **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. **Formas e Sentido**. Cultura Escrita: entre a distinção e a apropriação. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003. –

_____. **Leituras e leitores da França do antigo Regime**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002b.

_____. O livro dos livros. In: PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas; São Paulo: Mercado de Letras; ALB; FAPESP, 1999.

_____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 5, n. 11, 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 Jul. 2007.

CORREIA, J. D. P., e GUERREIRO, M. V. Almanques ou a Sabedoria e as Tarefas do Tempo. **Revista ICALP**, v. 6, ago./dez. 1986.

COSSON, Rildo (org). **Literatura, Jornal e Cultura: autores Pelotenses – 1851/1889**. No prelo. CD-ROM.

CUNHA, Alberto Coelho da. **Estatística Demográfica de Pelotas (1814 – 1930)**. [S. l.: s.n.], 193?.

CUNHA, Jaqueline Rosa da. **Arauto das Letras (1882-1883): uma amostra da expressão literária da região sul rio-grandense**. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) Departamento de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2004.

CUNHA, M. T. S. . Tenha Modos! Manuais de civilidade e etiqueta na escola normal (1920-1960). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/29MariaTeresaSantosCunha.pdf> Acesso em: 23. mar. 2010.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

_____. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

DAYEN, Daniel. **Pierre Leroux**. Disponível em: <<http://www.educreuse23.ac-limoges.fr/sand/leroux.htm>>. Acesso em: 02 mar. 2010.

EL FAR, Alessandra. A disseminação do livro popular nas últimas duas décadas do século XIX e a trajetória editorial de Pedro Quaresma, proprietário da Livraria do Povo. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2004.

_____. Livros para todos os bolsos e gostos. In: ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). **Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2005.

_____. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A tradução como negócio: Rui Barbosa, tradutor do livro “Lições de coisas”, de N.A. Calkins. In: ABREU, M. (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Fapesp, 2002.

FERRARO, Alceu R. Alfabetização e escolarização de crianças e adolescentes no Rio Grande do Sul. **Cadernos de Educação** (UFPel), v. 6, n. 1, p. 21-40, 1996.

FERREIRA, Norma. **A pesquisa sobre leitura no Brasil: 1980-1995**. Campinas: Arte Escrita & Komedie, 2001.

FLORES, Diego do Nascimento Rodrigues. Pastiches, paródias, paráfrases: Machado e a tradução de literatura no século XIX. **Revista Críterio**. 2009. Disponível em: <<http://www.revista.criterio.nom.br/artigo-pastiches-parodias-parafrases-machado-assis-traducao-literatura-seculo-xix-diego-nascimento-rodrigues-flores.htm>>. Acesso em: 02. mar. 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

GALVÃO, Ana Maria. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GEORGE SAND (1804-1876). PSEUDONYM OF AMANDINE-AUORE-LUCILE DUPIN. Disponível em: <<http://www.kirjasto.sci.fi/gsand.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2005.

GOMES, Ana Claudia. **O Almanach das Senhoras e um projeto político de acesso à cultura letrada**. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

GOMES, Mônica dos Santos. Germinal e o Naturalismo no Brasil: Relações entre tradução e formação do sistema literário em país periférico. In-Traduções - **Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da UFSC** v. 1, n.1, 2010. Disponível em: <<http://www.pget.ufsc.br/in-traducoes/>>. Acesso em: 15 maio 2010.

GONÇALVES, Renata Braz ; MIRANDA, Angélica Conceição Dias. Memória virtual da Feira do Livro: a história do evento em meio digital. In: Alves, Francisco da Neves(Org.). **Feira do Livro da FURG: 30 edições a serviço da cultura**. Rio Grande: Editora da FURG, 2003. p. 127-134.

GONÇALVES, Renata Braz. **A inexistência de políticas públicas de formação de leitores versus a iniciativa das escolas da rede pública municipal de ensino de pelotas: 1987 – 2003**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.

HAHNER, June Edith. **A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

HÉBRARD, Jean. Pode-se fazer uma história das práticas populares de leitura na Época Moderna? Os “novos leitores” revisitados. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE O LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa; Universidade Federal Fluminense, 2004. Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/Herbrad4.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve certo por linhas tortas**: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

KÖPKE Maria Lygia Köpke. Entre louças, pianos, livros e impressos: a Casa Livro Azul. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE O LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa; Universidade Federal Fluminense, 2004. Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/Herbrad4.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

LACERDA, Lilian Maria de. **Álbum de leitura**: memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo: UNESP, 2003.

LAGE, Cristina. **Ultramontanismo**. In: Glossário HISTEDBR. 2010. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_ultramontanismo.htm>. Acesso em: ago. 2010.

LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin**: tradução e melancolia. São Paulo: EDUSP, 2002.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **O preço da leitura**: leis e números por detrás das letras. São Paulo: Ática, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira**: história & histórias. São Paulo: Ática, 1987.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEÓN, Zênia de. **Pelotas, casarões contam tua história**. 2.ed. Pelotas: Ed. do Autor, 1993.

_____. **Pelotas, sua história e sua gente**. Pelotas: Editora da UFPEL, 1996.

LONER, Beatriz Ana. Jornais pelotenses diários na República Velha. **Ecos Revista**, Pelotas, v. 2, n.1. abr. 1998.

LONER, Beatriz. Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX. **História em Revista**, Pelotas, v. 8. 2002.

LOPES, Eliane M. T. Tendências Teórico-Metodológicas da Pesquisa em História da Educação. In: **Seminário História da Educação Brasileira: a Ótica dos Pesquisadores**. 1994. (Série Documental: Eventos, n. 5)

LOPES, Eliane M.T.; GALVÃO, Ana Maria. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

LOPES, Ana Maria Costa. **Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos**: percursos de modernidade. Lisboa: Quimera, 2005.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. Representações da Escravidão e da Abolição nas caricaturas da imprensa ilustrada e humorística pelotense do século XIX. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 2., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://www.labhstc.ufsc.br/poa2005/09.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2008.

LOPES, José Sérgio Leite. A história Hoje: dúvidas desafios, propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 97-113, 1994.

LOURO, Guacira L. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 6, p. 53-75, 1992.

LYONS, Martin. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999b.

LYONS, Martin; LEAHY, Cyana. **A palavra impressa**: histórias da leitura no século XIX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999a.

MACIEL, Patrícia Daniela. **O ensino privado feminino em Pelotas no século XIX através dos anúncios dos jornais pelotenses (1875-1890)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.

MACIEL, Patrícia Daniela; Peres, Eliane. O ensino feminino privado em Pelotas no Rio Grande do Sul (século XIX). **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 28, n. 14, p. 42-65, jan./jun. 2007.

MAGALHÃES, Mario Osório. Americana e Universal. **Diário Popular**, Pelotas, 31 mar. 2003. Disponível em: <http://srvnet.diariopopular.com.br/31_08_03/mario_osorio_magalhaes.html>. Acesso em: 04 fev. 2009.

MAGALHÃES, M. O. **Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel** - Universidade Federal de Pelotas. 2. ed. Pelotas: Ed. UFPel, 1996.

_____. **História e Tradições da Cidade de Pelotas**. 3.ed. Pelotas: Armazém Literário, 1999.

_____. **Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Editora UFPel, Livraria Mundial, 1993.

MELO, Orlinda C. **A invenção da cidade**: leitura e leitores. Goiânia: Editora UFG, 2007.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MORAES, M.L.Q. Cidadania no feminino. In: Pinsky, Jaime. ; Pinsky, Carla (Orgs). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. A leitura de romances no século XIX. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 45, Jul. 1998 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 out. 2009. doi: 10.1590/S0101-32621998000200005.

_____. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

OUTEIRINHO, Fátima. **Guiomar Torrezão ou memória de uma mulher de letras oitocentista**. Porto : Intercambio, 1998. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5922.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2009

PAIVA, Aparecida. **A voz do veto**: a censura católica à leitura de romances. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

PARK, Margareth. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

PERES, Eliane. **Templo de luz**: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense: 1875-1915. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1995.

_____. **Templo de Luz**: os cursos noturnos masculinos de Instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1925). Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

PERROT, Michele. **As mulheres e os silêncios da História**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53, Jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 jun. 2009. doi: 10.1590/S0102-01882007000100002.

_____. **História & História Cultural**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **O imaginário da cidade:** visões literárias do Urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p. 39.

PETER, Glenda Dimuro. Influência francesa no patrimônio cultural e construção da identidade brasileira: o caso de Pelotas. **Arquitextos**. São Paulo, v. 08, ago 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/222>>. Acesso em: 01 fev. 2009.

PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. CAVALLLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 2002. v. 1

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. Manuais de civilidade, modelos de civilização. **História em Revista**, Pelotas, v. 09, Dez. 2003. Disponível em: <http://www.ufpel.tche.br/ich/ndh/downloads/historia_em_revista_09_maria_pilla.pdf>. Acesso em: 05 set. 2010.

PINA, Patrícia. K. C. O Jornal e a Leitura no Oitocentos Brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. **Os romances de Enrique Perez Escrich: cotidiano de leituras na Biblioteca Provincial do Ceará**. 2009. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/.../romances_enrique.doc>. Acesso em: 15 maio 2010.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PONCIONI, Claudia. **Émile Zola em português:** um estudo das traduções de *Germinal* no Brasil e em Portugal. São Paulo: Annablume, 1999.

PRADO, Áurea. A formação do professor primário no Rio Grande do Sul. In: PRADO, Áurea et.al. **Rio Grande do Sul:** terra e povo. Porto Alegre: Globo, 1964.

PRADO, Cristiane Silva do. Questão Religiosa no Segundo Reinado: Ultramontanismo da Igreja contra o Liberalismo do Império. CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA UNESP, 21., 2009, Marília. **Anais...** Marília: UNESP, 2009. Disponível em: http://prope.unesp.br/xxi_cic/27_33814224809.pdf Acesso em 10 jul. 2010.

ROCHE, Daniel. As práticas de escrita nas cidades francesas do século XVIII. In: CHARTIER, Roger (Org). **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

ROSALDO, Michelle. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 1, p. 11-36, 1995.

SANTOS, Elaine Cuencas. **Mulheres e literatura na revista:** A Mensageira. 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SANTOS, Maria Lygia Cardoso Köpke. Casa Livro Azul: os livros, os impressos e os papéis. **Revista Língua Escrita**, Belo Horizonte, n. 6, jan./jun. de 2009.

SANTOS, Mirian Cristina dos; RESENDE, Maria Ângela de Araújo. Moralistas criteriosos e glorificadores da mulher: conselhos literários de Elisa Lemos. SIMPÓSIO INTERNACIONAL LITERATURA, CRÍTICA, CULTURA, 3, 2010, São Paulo, 2010. **Anais...** São Paulo: PUCSP:, 2010..

SCHAPOCHNIK, Nelson. A leitura no espaço e o espaço na leitura. In: ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). **Cultura letrada no Brasil**: objetos e práticas. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP: Fapesp, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99. Jul./dez., 1995.

SILVA, Maria Regina Tavares da. **Mulheres portuguesas**: vidas e obras celebradas – vidas e obras ignoradas. Lisboa: Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres, [2006].

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUSA, José Manuel Motta de; VELOSO, Lúcia Maria Mariano. **História da imprensa periódica Portuguesa**: subsídios para uma bibliografia. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1987.

TAMBARA, Elomar. A formação ideológica do trabalhador da Diocese de Pelotas – RS: a consolidação do Ultramontanismo (1910-20). **Cadernos de Educação** (UFPEl), Pelotas, v. 6, n. 1, p. 83-130, 1996.

_____. O Estado, Igreja e Educação no Brasil - do Regalismo ao ultramontanismo (1870/1935). **Linguagem, Educação e Sociedade** (UFPI), v. 11, p. 24-36, 2006.

_____. **Positivismo e educação**. Pelotas: UFPEL, 1995.

_____. Textos de leitura nas escolas de ensino elementar no século XIX no Brasil In: PERES, Eliane ; TAMBARA, Elomar (orgs). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX e XX)**. Pelotas: Seiva Publicações, 2003.

_____. Trajetórias e Natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. **História da Educação**, Pelotas, n.11 p. 25- 51. Pelotas, abril, 2002.

VILAR, Socorro de Fátima Pacífico. Modos de ler e de escrever nos jornais e periódicos brasileiros da primeira metade do dezenove. **Sociopoética**. v.1. n.1. Disponível em: <<http://www.uepb.edu.br/eduep/sociopoetica/publicacoes/>>

v1n1pdf/15%20Socorro%20de%20F+%EDtima%20Pac+%A1fico%20Vilar%20.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2008.

VÓVIO, Cláudia Lemos. **Entre discursos: sentidos, práticas e identidades leitoras de alfabetizadores de jovens e adultos**. 2007. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2007.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. **Práticas de leitura na escola**. 2001. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis**: uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ZILBERMANN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura: por que a interdisciplinaridade? In: ZILBERMANN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

Anexos

ANEXOS

ANEXO A

A cidade de Pelotas

Destinamos este ligeiro artigo á apreciação dos homens que não possuem outro conhecimento da cidade de Pelotas além do que pôdem encontrar no mappa geographico da provincia do Rio Grande do Sul.

Aos interesses das praças da Europa, como o progresso d'esta localidade, entendemos prestar um bom serviço tornando conhecidos no estrangeiro os recursos materiaes de que dispomos e as vantagens que offerecemos ao commercio e ás industrias de além do atlantico.

A cidade de Pelotas, acha-se collocada na encosta da serra dos Taipés, sobre uma extensa planicie, abrangendo uma área superior a cinco leguas em circunferencia, habitada por mais de 25,000 almas e distante dez leguas apenas, ou quatro horas de viagem, por água, da entrada da barra principal d'esta provincia.

Ponto objectivo de uma campanha de 200,000 habitantes, aqui affluem anualmente todos os productos d'essa campanha, que consistem em couros vaccuns seccos, lan e cabelo, tudo destinado á exportação e representando um valor nunca menor de 1,000,000 de libras esterlinas.

Além d'essa importação de campanha, todos os annos affluem ao mercado d'esta cidade para mais de 400,000 rezes, (bois, novilhos e vaccas) são beneficiadas em 34 estabelecimentos industriaes e exportadas para o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e outras provincias do norte, onde o genero, denominado carne secca ou xarque, é vendido facilmente, como acontece tambem, nos mercados estrangeiros, com os demais productos do gado – o couro salgado, as gorduras, os chifres e os ossos.

Só esta industria representa annualmente a quantia aproximada a 16,000 contos de réis.

Relativamente a commercio, basta dizer que os 200,000 habitantes da campanha aqui procuram de preferencia os generos de consumo em troca dos que conduzem ao mercado.

Actualmente, existem casas importantissimas como as de Conceição e C^a. Theodosio Fernandes da Rocha, Alsina Borges e C^a. Bernardo José da Nova, Warneck e Dorken, Rech e C^a. Miguel Pinto Rego, José Francisco Vieira, Costa Leite e Irmão, Carlos Frederico Natusch e muitissimas outras que seria longo enumerar, que recebem directamente da Europa e dos Estados Unidos os artigos de seu ramo de commercio.

D'aqui em diante, porém, o movimento commercial tende a augmentar consideravelmente em consequencia de ter o governo geral cedido uma alfandega a esta cidade, do que resulta a importação directa de todos os generos estrangeiros e consequentemente em preços para o consumidor da campanha, isto em vista das relações que o nosso mercado entretêm com a Europa e dos avultados capitães de que dispõe para suas transacções.

Quanto ás artes, aos costumes, ás riquezas e aos melhoramentos locaes, pôde-se asseverar que marchamos na vanguarda do progresso.

Temos quatro jornaes diarios de regular formato e tres semanaes, telegraphos terrestres para todo o imperio com communicação com a Europa e republicas do Prata, officinas bem montadas que fabricam differentes artigos de primeira necessidade, uma Bibliotheca Publica com 2.200 volumes e edificio proprio em construção, encanamento de gaz e agoas correntes, companhia de Bondes, as ruas quasi todas empedradas e uma infinidade de outros melhoramentos que parece ocioso mencionar.

A cidade conta 3.000 predios, entre elles alguns de muito valor, 41 ruas e 5 praças e é margeada pelo rio S. Gonçalo e arroios Pelotas e Santa Barbara, o primeiro navegavel por grandes embarcações e os ultimos por pequenas.

No arroio Pelotas e o rio S. Gonçalo, acham-se situados todos os estabelecimentos industriais (xarquadas), de maneira que os navios de longo curso vão ali carregar facilmente livre e franca desde a entrada da barra da provincia até o porto d'esta cidade. – Não existe o menor impedimento para as embarcações até 15 palmos de calado, nem nenhum inconveniente lhes póde prejudicar a viagem e os interesses.

Accresce ainda que sendo este o principal mercado de exportação da provincia, aqui se encontram, principalmente nos tempos de safra, que sempre se prolonga de Novembro a Julho, carregamentos de productos bovinos para a Europa, America do Norte e provincias do norte do Brasil onde a carne secca é consumida e se manda para esta cidade o assucar, a caxaça, cale outros generos. Eis ahi, em rapido bosquejo, o que é realmente a riquissima e florescente cidade de Pelotas, até ao presente desconhecida no estrangeiro por falta da alfandega que agora possuimos e dos seguros meios de communicação fluvial que hoje existem felizmente. Eis também os recursos, as vantagens, as garantias que offerecemos a todos aquelles que comnosco queiram entreter relações mutuas de commercio e amizade. (Correio Mercantil – 05/12/1878)

ANEXO B

Lista de Jornais Publicados em Pelotas no século XIX

N.º	Nome do Jornal	Período de Circulação
1.	A Arcadia	1869/1870
2.	A Castalia	1869
3.	A Coruja	1890/1891
4.	A Democracia	1890/1891
5.	A Discussão	1881/1888
6.	A Escola	1877
7.	A Estrella	1863
8.	A Idéa	1878/1879
9.	A Lanterna	1876
10.	A Moralidade	1889
11.	A Nação	1882/1885
12.	A Opinião Pública	1896/1914
13.	A Patria	1887/1887
14.	A Penna	1884
15.	A Ventarola	1887/1890
16.	A Voz do Escravo	1881
17.	Abelha	1878/1879
18.	Album Litterario	1874/1875
19.	Album Pelotense	1861/1862
20.	Alvorada	1889/1890
21.	Amolador	1890
22.	Arauto	1887/19?
23.	Arena Litteraria	1880
24.	Atalaia	1892
25.	Atalaia	1889
26.	Binoculo	1890
27.	Cabrion	1879/1889
28.	Caixeiro Viajante	1900/19?
29.	Correio do Século	1875
30.	Correio Mercantil	1875
31.	Cruzeiro do Sul	1872
32.	Democracia Social	1893
33.	Dezesseis de Outubro	1884
34.	Diario de Pelotas	1868-1889
35.	Diario de Pelotas	1860-1862
36.	Diario de Pelotas	1859

37.	Diario Popular	1890/1891
38.	Ensaio Litterarios	1892/1893
39.	Ferula	1881/1882
40.	Futuro	1893/1894
41.	Futuro	1885
42.	Gargalhada	1895
43.	Gazeta da Manhã	1890/1891
44.	Gazeta da Tarde	1891/1892
45.	Gazeta de Annuncios	1887
46.	Gazetinha	1889
47.	Il Ventì Settembri	1883
48.	Immigração	1885
49.	Independencia do Brazil	1887
50.	Indiscreto	1889
51.	Investigador	1889
52.	Jornal das Familias	1890/1891
53.	Jornal de Pelotas	1861
54.	Jornal do Commercio	1870/1882
55.	Kaleidoscópio	1898
56.	Mandarim	1888
57.	Mercantil	1862
58.	Micui	1885
59.	Nacional	1889/1892
60.	Neue Presse	1879/1880
61.	O Arealense	1893
62.	O Artista	1888
63.	O Beijo	1898
64.	O Bilontra	1888
65.	O Boato	1897
66.	O Bouquet	1892
67.	O Brado do Sul	1855/1861
68.	O Caixeiro	1890
69.	O Cometa	1857
70.	O Commercial	1886/1887
71.	O Commercio	1862/1865
72.	O Democrata	1886/1888
73.	O Estudante	1897
74.	O Ethyopico	1886
75.	O Farrapo	1889
76.	O Filhote	1898/19?

77.	O Grátis	1854
78.	O Grátis de Pelotas	1859
79.	O Invesível	1887/1889
80.	O Jasmim	1897
81.	O Livre Pensador	1879
82.	O Mosaico	1862/1863
83.	O Noticiador	1854/1868
84.	O Operário	1892
85.	O Paiz	1876/1877
86.	O Pelotense	1851/1855
87.	O Pervigil	1882-1883
88.	O Positivo	1889
89.	O Progresso Litterario	1865
90.	O Protesto	1893
91.	O Psiu!...	1888
92.	O Pygmeu	1876
93.	O Raio	1897
94.	O Raio	1889-1890
95.	O Rebate	1897
96.	O Republicano	1888
97.	O Sertanejo	1890
98.	O Sul do Brazil	1887/1888
99.	O Trovador	1896/19?
100.	O Trovador	1876
101.	Onze de Junho	1868/1889
102.	Polyanthéa	1900
103.	Quinze de Novembro	1890
104.	Radical	1890
105.	Rebate	1890
106.	Revista Agrícola	1897
107.	Revista Popular	1888
108.	Rio Grandense	1885/1888
109.	Sport Rio Grandense	1889/1892
110.	Tiradentes	1890
111.	Tribuna Litteraria	1882
112.	União Caixeiral	1896/1897
113.	Vida Pelotense	1892
114.	Violeta	1889
115.	Zé Povinho	1883

Fonte: MELO, Alferes Tancredo de. O Pensamento. 07/11/1901

ANEXO C

Correio Mercantil, 16 de outubro de 1883 -
Educação dos libertos.
(...)

O analfabetismo, acompanhado dos vícios e defeitos da educação atrasada, da indole má e da liberdade absoluta, pode trazer-nos conseqüências desastradas, sérios conflitos no seio das nossas famílias.

É necessário educar, preparar o espírito novo dessa classe de homens que vai se criando no país, para os grandes cometimentos da inteligência, das artes, das indústrias e do comércio.

Os que acabam de ser escravos, de livrar-se do jugo a que se viram forçados por muitos aos, entram na vida pública, no seio da nossa população, completamente atrasados, alheios a todas as formas de existência social, sem profissão determinada, sem princípio de vida livre, e, por conseqüência, arriscados a se desmandarem completamente do caminho reto da ordem, do dever e da moral.

Ao saírem do cativeiro(...) devem ser aceitos pela sociedade, como entes desamparados dando-se-lhes, desde logo, não só a educação que os faça compreender os seus deveres, como também o trabalho que os lance na comunhão ativa de todos os cooperadores do progresso.

Abram-se escolas por toda parte; convidem-se os libertos a virem tomar assento nos bancos do estudo e do saber, dê-se-lhes a doutrina moral, o conhecimento necessário dos seus deveres de homem perante a sociedade em que vivem; mostrem-se-lhes as vantagens do trabalho, da ocupação séria e honesta em uma palavra, habilite-se-os a economia social, a aplicação das suas forças ativas, afim de que à liberdade se sigam imediatamente a paz, a ordem e a felicidade desejáveis.

Olhemos, portanto para as necessidades da nossa província, e dentre as que mais avultam, não vemos outra que deva merecer de preferência o nosso cuidado a não ser a de derramar a instrução por todas as classes sociais principalmente por essa que se esta construindo de libertos desvalidos, sem arte e sem profissão.

O argumento mais poderosos que apresentam hoje os escravocratas, contra essa tendência irresistível do abolicionismo, é o estado deplorável em que ficará o país, ante a deslocação do trabalho; porque asseveram eles, o escravo, uma vez liberto, não quererá dedicar-se a agricultura e as indústrias.

Sem educação e sem ofício, constituir-se-a um elemento de desordem, ao passo que o país sofrerá necessariamente pela falta de braços apropriados à sua grande lavoura.

(...)

Se cada província tomar a si esse desideratum, se todos os homens sérios e bem intencionados se empenharem na propaganda moral e na criação do trabalho, se as autoridades publicarem leis repressivas de vadiagem e compeliem os libertos ao cumprimento dos seus deveres, estamos certos de que, ao invés do descalabro que se espera na economia social, tudo prosperará em nosso país, porque o trabalho livre é o verdadeiro trabalho do homem, o único que pode concorrer para o progresso e a felicidade da nação.

ANEXO D

Recital de poesia – 20 de abril de 1887

A Bella cidade de Pelotas

Cidade que assim procede
Porvir immenso annuncia...
Briosa apaga essa nódoa
Que de há muito lhe doia;
Abre campo á liberdade,
Nabilita a humanidade,
Canta um hymno colossal!
Cidade que assim floreia
Do porvir não se arreceia,
Livre marcha triumphal!

Salve, mimosa ultana!
Muito já te deve o escravo,
Tu reparas esse aggravo
Das ferreas leis do passado!
Resuscitas para a vida
Essa presa envilecida
Sob um regimen atroz!..
Avante, ó linda cidade,
Tens no peito a dignidade
Que não tinham teus avós.

Bernardo Taveira Junior
Pelotas - 1884
(Diario de Pelotas, 10 de Setembro de 1884)

ANEXO E

Correio Mercantil, 12 de março de 1875

Biblioteca Pública – À Assembléia Provincial

Quereis educar o povo, moralizando-o, ensinar-lhe a civilização, incutir-lhe no espírito a propensão ao trabalho, no braço a dedicação ao progresso, no coração o amor à liberdade, na consciência aos poderes constituídos?

Dai-lhes escolas.

Queres ilustra-los, desenvolver-lhe as faculdades intelectuais, torna-lo independente na atividade e no pensamento; elevado nas aspirações, respeitoso nos deveres, comedido nos desejos?

Dai-lhes bibliotecas.

Sim, dai-lhes livros, luz ao espírito, força à inteligência, vida ao coração; dai-lhes instrução. Fecundai a terra e ela produzirá abundantes frutos.

Quereis liberdade sem ilustração? Quereis progresso sem conhecimentos? Quereis felicidade, estado perfeito, na ignorância e na obscuridade? Impossível.

Perguntai aos Estados Unidos porque alcançaram nos certames da indústria...

Perguntai à França porque conquistou as glórias de primeira, em civilização e em letras entre as cultas nações da Europa...

Foi necessariamente pela instrução que distribuíram ao povo; ao povo que precisa ler, compreender e saber para exercer seus direitos e conhecer as obrigações que lhe assistem e tem contraindo perante a sociedade.

Que desenvolvimento, que atividade e que ideias aproveitáveis se podem encontrar no homem que apenas aprendeu a manejar a enchada ou a picareta, a alavanca ou o machado?

Como e com que elementos há de contribuir esse homem para o aperfeiçoamento da sociedade, e como há de preparar seus filhos afim de se consagrem à prosperidade comum e acompanhar os grandes movimentos civilizadores a que tende a humanidade em geral?

Que pretendeis fazer da instrução, um monopólio? Dos conhecimentos úteis um patrimônio? Ser, pela usurpação desses bens, os dominadores de todas as situações, de todos os espíritos, dos destinos das classes democráticas?

Se, vos apossais, pela força das circunstâncias, da instrução e do saber, se não quereis desprender-vos desses elementos de vitalidade espiritual; se não os quereis repartir por vossos irmãos; - sois uns usurários, uns egoístas, uns ambiciosos como esse muitos que ao seu bem estar e grandeza, sacrificam as nobres aspirações e o futuro das gerações que os contemplam.

Porém a verdadeira ilustração não sofre dos prejuízos da vaidade, do exclusivismo e da ostentação. -A inteligência rebrilha ao sol da inteligência e é aí precisamente que se torna mais esplendorosa e sublime;

Instrução e egoísmo, são dois princípios diametralmente opostos, que se detestam e repelem simultaneamente.

Pois bem, representantes do povo, quais quer que sejam vossas designações – camaristas ou deputados -, se tem tendes consciência do que sois e do que valeis; se a vossa missão é de progresso e civilização; se quereis a igualdade na lei e na justiça, instrui aqueles que vos entregaram suas esperanças e suas vontades para converter em realidades; proporcionai-lhes meios de aprender; - sede generosos, bemfazejos e compadeceivos do lamentável estado de atraso intelectual em que vegetam bastantes das melhores localidades do interior, sem escolas, sem professores, sem livros, enfim sem meios alguns de aprender até os mais insignificantes rudimentos de leitura.

Lançai, por exemplo, vossas misericordiosas vistas para a importante e populosa cidade de Pelotas; reparaí em seu adiantamento material, no aumento de sua indústria e de seu comércio, e lembrai-vos, oh lembrai-vos, por Deus que aqui onde o espírito de associação está tão desenvolvido, onde se observa uma disposição natural para tudo quanto é engrandecimento público, não existe um Gabinete de Leitura, uma biblioteca popular, um núcleo de conhecimentos, onde seja possível aprender, estudar e consultar; onde o artista como comerciante, o operário como capitalista, possam encontrara meios de exercitar o espírito ou adiantar-se na classe de vida a que cada qual se dedica. É um estado lastimoso. - É uma crueldade que o povo não tenha a seu alcance os livros de que precisa para instruir-se e melhorar as artes ou profissões que exerce. Invocamos o patriotismo dos ilustres deputados da assembléia provincial. Em nome do povo pedimos-lhes um auxílio qualquer, insignificante que seja, muito insignificante, mesmo para a fundação de uma biblioteca pública nesta cidade. A iniciativa municipal, a proteção dos representantes do povo, e eis tudo. Eis atendidas as nossas reclamações, satisfeita uma das mais legítimas aspirações da população, preenchida uma das mais palpitantes necessidades públicas e sanadas as dificuldades que atualmente existem para estudar e aprender. Confiamos na generosidade e na dedicação dos dignos deputados provinciais aos interesses e engrandecimento desta cidade.

ANEXO F

FOLHETIM

COMBATAMOS !

OFFERTA A' BIBLIOTHECA PUBLICA PELOTENSE PELO AUTOR

Combatamos! A vida é uma luta
 Constante, enorme e rica d' episódios!
 Combatamos no posto que a fortuna
 Nos deu na sociedade...Combatamos!
 Mas não com essas armas destruidoras
 Que com brilho sinistro, ou rebombando,
 Affugentam a paz, a morte espalham,
 Tingem de sangue a palma da victoria!...
 Oh! como esses trophéos alevantados
 A custa de milhares de cadaveres
 Devem, extincta a febre do delirio,
 Pungir, envergonhar a humanidade!

-

Pois não é triste ver essas corôas
 Que na ponta de lanças e d' espadas
 O genio do exterminio altivo arroja
 Ao povo que venceu – mas fraticida?...
 Enquanto a multidão febril applaude,
 Sem remorso, os laureis de seus guerreiros,
 Prantêa a viuvez, chora a orphandade.
 Passado o enthusiamo – o sentimento,
 Pomposos funeraes em honra aos bravos
 Que, por frequente imperial capricho,
 Morrem-mais por amôr á disciplina ,
 Do que pelo principio que defendem!
 Chega a vez do bom senso e, á luz dos cirios,
 Comsigo a soluçar murmura a patria:
 “Quanta esp'erança desfeita ao sol da vida!
 Essa fonte de bens inexhaurivel,
 Que aos povos e ás nações dá lustre e gloria!...
 Longe esses triumphos alcançados
 E ungidos pelo sangue nas batalhas!
 Possam meus filhos em fraterno amplexo
 Nunca mais, d' ora avante, encher de luto
 O grande coração d' essa a quem elles –
 PATRIA! com tanto amor invocam!”

-

Realmente! As victorias pela força,
 Pelo ferro que destróe e assassina,
 Devem á luz do seculo em que vivemos
 Perder de todo o barbaro prestigio
 Combatamos! mas não como sedentos

Cains a destruir-nos uns aos outros
 Lutemos com esforço, mas com armas
 Ante as quaes a injustiça, a força ignara,
 Recuem da razão aos sãos dictames.

-

Pelo amor, pela crença e liberdade,
 Em fraternal amplexo bem unidas,
 E pela idéa a illuminar os craneos,
 E'que somente a humanidade, ovante,
 Poderá destruir os obstaculos
 Que de continuo, em hórrido consorcio,
 Suscitam-lhe a injustiça, o vicio e o crime,
 E mais que todos elles- a ignorancia.

-

Formem s corações – e a familia
 Manancial será de bellos fructos;
 E'd'ella que depende esse futuro
 Por nós tão cobiçado, e que mais longe
 Esteve já de nós...Mas caminhemos!
 Caminhar é do progresso a lei eterna;
 Sem essa lei potente, a humanidade,
 D'evoluções privada, fôra a imagem
 De vastissimo oceano cujas agoas,
 Por falta de marés, de movimento,
 Se houvesse transformado em charco immundo!...
 Tudo marcha, caminha e obedece
 A'lei da evolução; não entendel-a
 E'nescio desdenhar da natureza,
 Qu'incessante em seus quadros d'harmonias
 Progride activa a descerrar thesouros!
 Imite-se a lei physica, e sigâmos
 Sem parar n'essa rota immensuravel
 Em que, bem como o sol. a idéa, esplendida,
 Fecunda o campos e arroteia as terras,
 Melhora as condições, liberta escravos,
 Esmaga a tyrannia e, sacodindo
 Seu facho redemptor, pôvoa espaços,
 Novos mundos produz e, finalmente,
 Do abysmo da ignorancia arranca o homem!

-

A idéa é um grande sol itinerario,
 Que por onde caminha deixa um traço,
 Um iris d'esplendor!...A sua historia
 E'de origem remota; ha começado
 No raio que primeiro em craneo d'homem
 Brilhou diamantino e triumphante.
 Foi ella qu'em seu giro incalculavel

Prometheus inspirou á humanidade
 Fez Sócrates pensar, ungiu a Christo!
 Foi ella que a sorrir disse a Colombo:
 “Existe além um mundo – vai buscal-o!”
 A Galileu : “A terra é que se move”
 Quem a Kepler abriu, ao grande Newton,
 O seio dos planetas, explicou-lhes
 As grandes leis que regem esses mundos
 A gravitar no espaço equilibrados!
 Foi ella a inspiradora de Luthéro;
 Voltaire, Oitenta e nove!... de mil craneos,
 Fontes d’amor, de crença e liberdade,
 D’industria e artes, lettras e sciencias!

-

Mas para que ella – a idéa – a intelligencia –
 Não domirte infecunda, ou cause incendio,
 E’mister educal-a na verdade,
 Instruil-a no livro – o missionario
 Da santa luz que varre a ignorancia!...
 Quando elle houver corrido o mundo inteiro,
 Semeando a instrucção – resgate immenso!-
 Quando não mais houver analphabetos
 A pollular no centro das cidades,
 Onde quer ue respire um ente humano –
 A humanidade então, erguendo hosannahs,
 Entoará seu hymno de victoria!
 Victoria pelo livro - pela idéa
 Que confraterna os povos – dá-lhes vida
 No alcáçar do trabalho e liberdade!

-

Quando o povo nas paginas do livro
 Começar a entrever novas auroras,
 E, ufano descobrir em cada lettra
 Uma estrella fulgente, um diamante,
 Um sol formoso a illuminar-lhe a fronte;
 Quando elle soletrar em cada nome
 Essas leis que, bem como a natureza,
 Ao destino presidem dos humanos –
 Elle então nunca mais será ludibrio
 Da rábida oppressão dos potentados,
 Rebanho de parías – a raça impura
 Da servidão jungida ao negro poste!...
 A sua Marseillaise ha de ser outra –
 A do trabalho a retumbar activo
 No campo e na cidade, em toda parte
 Onde os braços houver, intelligencias!
 A esse hymno fraternal a ociosidade,
 O vicio, a malvadez, hão de contrictos

Associar-se á lei, á lei dos mundos –
A do trabalho, universal, eterno!

-

E n'essa grande lei palpita a synthese
Do ideal a que tende a humanidade...
Havemos de alcançal-o. Mas coragem!
Se é longo o itinerario e mil escolhos
Se erriçam no caminho do progresso,
Ao vel-os não se curva a intelligencia,
Ante a qual dia a dia os impossiveis
Naufragam, s'escaevem como as nevoas
Pelos raios do sol absorvidas!...

-

Marchemos! Combatamos a ignorancia –
Esse cancro que róe as sociedades!
Fazel-o é um dever, legar aos posteros
Um exemplo de amor inestimavel!

-

Eterna saudação aos que concorrem
Para arrancar aos olhos da ignorancia
A espessa catarata que os opprime!
Brilhem seus nomes com fulgor infindo,
Porque remir das trevas e ignorante
E'combater o vicoi, o crime e a mentira –
E'vencer co'a razão – matar a guerra!

BERNARDO TAVEIRA JUNIOR
Pelotas, 01 de junho de 1789
(Diario de Pelotas, 03 de junho de 1879)

ANEXO G

POESIA ALBINO COSTA

Por ocasião da inauguração do novo prédio da Biblioteca Pública Pelotense, foi oferecido áquelle estabelecimento de instrucção a bonita poesia que damos em seguida, e de que é o autor o intelligente joven Albino Costa:

Quando essas tranças desatas,
 -Visão dos olhos azues-
 Despenham-se as cataractas
 Sobre um diluvio de luz...
 O lavrador pelo escombro
 Vai lento, de enxada ao hombro,
 O grão na terra lançar!
 Da luz no influxo titânico
 A ideia rompe do craneo
 As algas rompem do mar!...

Instrucção!...quando na mesa
 De tua casta opulancia
 Sentar-se inteira a pobreza
 Pedindo luz à sciencia...
 Verei correr pelo mundo
 Um grande espasmo, profundo,
 Uma oblação fraternal!
 Então, na lucta suprema
 Brota do livro- o poema-
 N'um sorriso universal!

Um livro!- sorri no berço
 A creancinha a dormir,
 Sonando o rythmo do verso
 Para emballar o provir!
 Um livro! scismava Homero
 Accendendo a facho austero
 Da Grecia n'alva penumbra...
 Athleta que o grão semeia,
 A'flôr do mundo tacteia,
 A'flôr das vagas reçumbra!

Como um vendaval, na frente
 A ideia recresce e medra
 Burillada sobre o monte
 Em duas taboas de pedra!
 Dos idos no que trouxeste
 Oiço a trova enorme, agreste,
 Dos pescadores de Ophir;
 Cantando: tu que semeias,
 Dá luz...luz a mãos cheias
 A'infancia que te a pedir

Ai quantos labios sedentos
 Não pedem luz, muita luz!
 Ao azul dos firmamentos
 Aos firmamentos azues!..
 Como róla a catadupa,
 Que ras quebradas se agrupa
 Banhando choça e solar...
 Assim a idéa suprema
 Faz rebentar o poema
 Que a todos brada: marchar!

O livro - barco da infancia-
 Que navega p'ro porvir
 Das ideaes na fragancia
 Velóz, fluctua a sorrir...
 Ah! quando o vento da glória
 Erguer aos erros da historia
 Frontes perdidas pr'o chão!..
 Vêr-se-ha do craneo dos povos
 Saltar luz, exemplos novos
 E'um livro aberto na mão!

Um livro - doce legado-
 Que nos ensina a pensar...
 Profundo azul, costellado,
 Que o nauta, canta ao luar!
 O livro - germen fecundo
 Que entorna, lança no mundo
 -As sementeiras de luz!..
 Navega, marcha c'os ventos,
 -Esquife dos pensamentos
 Dos sec'ulos á branca flux.

Um dia eu vi Guttemberg
 Rôto, cahido no chão...
 Gigante que a história inda ergue
 C'o livro eterno na mão!
 Quando elle na lucta immensa
 Soltou a águia da imprensa,
 Ao côro das multidões...
 Logo a flux da enorme idéa,
 Na grande náu da epopéa
 Soltou Filinto e Camões!...

Um livro! ah quando penso
 Nos thezouros que elle encerra!
 -Gladio de fogo suspenso
 Que nas idades se enterra!-
 Um livro aberto na escola
 E' o grande cofre da esmola

A's turbas que pedem pão!
Depois...inda os labios sedentos
Bebem mais luz, firmamentos
De um infinito- razão!

Quando a infancia do almo somno
Despertar, loira, louçã,
Como o crepusc'ulo do outomno
Como as rozas da manhã;
Erguendo os debeis bracinhos
Pedir-vos luz, luz, carinhos
-Estrelas a esvoaçar-
Mostra-lhe as rosas singellas,
Do céu nas brancas capellas,
Ensina-as pensar!...

A pensar sim! quem semeia
Na seara da razão
Tem sempre, sempre a mão cheia,
Sempre alegre o coração!...
Dai pois, apost'los da infancia,
Alma, vida, luz, fragrancia,
-Thezouros que vem dos céus-
Enchei o infante de esmolos,
Dai-lhes livros, luz, escolas,
Que approximem de Deus!

Pelotas, 12 de março de 1881
Albino Costa
(DIÁRIO DE PELOTAS, 18 de março de 1881)

ANEXO H
 GRÊMIO TIPOGRÁFICO
 Eil-o A alvorada mal nasce
 Dá o- bom dia-à família
 E sobre, levando na face
 Os sulcos d´a uma vigília.

O seu andar errabundo
 Lembra os aspectos aéreos;
 As alusões do outro mundo
 Na lenda dos cemitérios
 Bate a porta, entra e concita
 A grande escola do bello,
 Onde inda e chama crepito
 D'um bico pregado ao prélo.

Já na gloriosa colmêa
 O movimento se espalha;
 E nasce a luz,- broto a idéia,
 Nas mãos da santa canalha!

Lá fora, o mundo que passa
 Do egoísmo no vil proscênio,
 Vai nas vagas da desgraça,
 Mas, rindo sempre do gênio!

E quando fito indiferente
 Aquele centro obscuro,
 Mal se apercebe, nem sente,
 Que ali-se gera o futuro;

E que, do operário os dedos
 Soletram, trêmulos, vários,
 Os insondáveis segredos
 De mundos imaginários!

Assim é, que o que batalha
 Nas campanhas do ideal,
 Se tomba, tem por mortalha
 Sua bandeira - o jornal.

A sombra desse paládio,
 Como a cruz, grande, pujante,
 Cada florão- forma um gladio,
 Cada operário- um gigante!

Pois n'essas lutas sagradas
 D'aquelas novos Lysiplos,
 O que não fazem as espadas
 -faz um punhado de typos.

Ah! Não motejem do artista
 Que noite e dia labóra
 Para encarcerar na vista
 Os vivos raios da aurora

Que sacerdócio mais nobre!
 Que mais sublime missão?!
 Sair dos antros do pobre
 O oiro da tradição!

Assim a abelha sublime
 Fábrica os favos de mel;
 Tal-o o tipógrafo imprime
 O- porvir-sobre o papel...

O' paladinos das crenças
 Comprenetrai- vos irmãos,
 Que das conquistas imensas
 Tendes as chaves nas mãos

De um orbe a outro quem manda
 Nas asas doídas do vento
 O grito da propaganda
 O lume do perseverante?!

Quem, senão vós, ressussito,
 Dos povos a turva da glória
 Gravando a palavra escrito
 No grande livro da história!

A pátria de vos caréce.
 Pois, se um novo jornal sahi,
 E' mais um sol que amanhece,
 Mais uma noite que vai!

Lobo da Costa

(ONZE DE JUNHO, 24 de Maio de 1882).